

UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
DECANATO DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
INSTITUTO DE AGRONOMIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
AGRÍCOLA

Maria de Fátima Lucimara Santos Nóbrega

narrativas sobre o tempo da experiência
docente ao final de ciclo de vida
profissional no if goiano:
o que viver quando a porta da sala de
aula fechar?

Seropédica/RJ
2024

UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
DECANATO DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
INSTITUTO DE AGRONOMIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
AGRÍCOLA

Maria de Fátima Lucimara Santos Nóbrega

sob a orientação da
prof.^a. dr.^a.
adriana alves fernandes costa

Dissertação submetida como
requisito parcial para obtenção do
grau de **Mestre em Educação**, no
curso de Pós-Graduação em
Educação Agrícola, Área de
Concentração em Educação Agrícola.

Seropédica/RJ
2024



1) risco no tecido, feito manualmente

fonte:

<https://artesanat.org.br/conteudos/visualizar/Teses>

<https://g1.globo.com/rn/rio-grande-do-norte/noticia/2021/12/08/mostra-bordados-de-calco-rn-entra-em-exposicao-no-rio-de-janeiro.ghtml>

<https://embarquenavilagem.com/2021/12/07/os-bordados-de-calco-em-exposicao-gratuita-no-crab/>

<https://alavouira.com.br/colunas/indicacao-geografica/bordados-de-calco-trabalho-valioso-de-bordadeiras-no-rio-grande-do-norte/>



2) bordado manualmente na máquina



3) recortar manualmente matame



4) após lavar e engomar, segue para venda em lojas



com respeito e carinho:

Às bordadeiras de Caicó/RN, que subversivamente tecem, na beleza e dureza do seu trabalho, um lugar, emancipatório.

a minha mãe, Francisquinha, bordadeira de Caicó
minha eterna saudade!

Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Biblioteca Central / Seção de Processamento Técnico

Ficha catalográfica elaborada
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

N754n Nóbrega, Maria de Fátima Lucimara Santos, 1974-
Narrativas sobre o tempo da experiência docente ao
final do ciclo de vida profissional: o que viver
quando a porta da sala de aula fechar? / Maria de
Fátima Lucimara Santos Nóbrega. - Seropédica, 2024.
172 f.: il.

Orientadora: Adriana Alves Fernandes Costa.
Dissertação (Mestrado). -- Universidade Federal Rural
do Rio de Janeiro, Programa de Pós-Graduação em Educação
Agrícola, 2024.

1. Narrativa. 2. Tempo. 3. Experiência. 4.
Programa de Preparação para Aposentadoria. 5. Formação
Docente. I. Costa, Adriana Alves Fernandes, --,
orient. II Universidade Federal Rural do Rio de
Janeiro. Programa de Pós-Graduação em Educação Agrícola
III. Título.

"O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001 "This study was financed in part by the Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) - Finance Code 001"

UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO DE AGRONOMIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO AGRÍCOLA

MARIA DE FÁTIMA LUCIMARA SANTOS NÓBREGA

Dissertação submetida como requisito parcial para obtenção do grau de **Mestre em Educação**, no Programa de Pós-Graduação em Educação Agrícola, Área de Concentração em Educação Agrícola.

DISSERTAÇÃO APROVADA EM 06/03/2024

Adriana Alves Fernandes Costa, Dra. UFRRJ (Orientadora)

Bruno Cardoso de Menezes Bahia, Dr. UFRRJ

Juaciara Barrozo Gomes, Dra. UFRRJ

Luiza de oliveira Alves, Dra. UFRRJ

Guilherme do Val Toledo Prado, Dr. UNICAMP



HOMOLOGAÇÃO DE DISSERTAÇÃO DE MESTRADO Nº 16/2024 - DeptTPE (12.28.01.00.00.00.24)

(Nº do Protocolo: NÃO PROTOCOLADO)

(Assinado digitalmente em 11/03/2024 20:48)

ADRIANA ALVES FERNANDES COSTA

PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR

DeptTPE (12.28.01.00.00.00.24)

Matricula: 00006097

(Assinado digitalmente em 11/03/2024 21:09)

BRUNO CARDOSO DE MENEZES BAÍTA

PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR

PPGEA (11.39.49)

Matricula: 00028697

(Assinado digitalmente em 12/03/2024 10:38)

JUACIARA BARROZO GOMES

PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR

CoordCGPed (12.28.01.00.00.00.67)

Matricula: 00048002

(Assinado digitalmente em 11/03/2024 22:41)

LUÍZA ALVES DE OLIVEIRA

PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR

DeptTPE (12.28.01.00.00.00.24)

Matricula: 00027904

(Assinado digitalmente em 12/03/2024 09:11)

GUILHERME DO VAL TOLEDO PRADO

ASSINANTE EXTERNO

CPF: 000 000 608-00

Visualize o documento original em <https://sipac.ufrrj.br/documentos/> informando seu número: **16**, ano: **2024**, tipo: **HOMOLOGAÇÃO DE DISSERTAÇÃO DE MESTRADO**, data de emissão: **11/03/2024** e o código de verificação: **b4054a912a**

*O trabalho em uma boa prosa tem três graus:
um musical, em que ela é composta, um arquitetônico em que ela é construída, e, enfim, um
têxtil, em que ela é tecida.*

Walter Benjamin, *Rua de Mão Única*

PELO CAMINHO, UMA CARTA DE AGRADECIMENTOS

Plano terrestre, verão de 2023

Benção mainha! Como a senhora está? Tudo bem por aí?

Por aqui é dezembro e venho compartilhar a poética de fios entrelaçados, que contam histórias silenciosas: o meu bordado!

Engraçado que eu não aprendi a bordar por suas mãos, não deu tempo, né? Mas reconheço os fazeres de várias mãos dessa arte tão linda que a senhora foi professora. Bordei por mãos outras, que pegaram na minha mão como a senhora pegaria e me ajudaram a tecer teorias, palavras, saberes, escolhas, caminhos, sabores e cores. Ao olhar para o final, pegar no tecido das palavras, vejo que, de fato, o bordado é feito a muitas mãos. Muita gente esteve comigo bordando segredos em cada ponto. Mesmo sozinha, em casa, varando a madrugada, eu estava em companhia de inúmeras bordadeiras e ajudantes. **Pelo caminho**, por todas as mãos estendidas e apertadas, eu quero agradecer:

Histórias entrelaçadas em cada dobra do tecido.

À minha amiga Cérida e seu esposo, professor Gilson, que me deram os fios desse bordado e me incentivaram a concorrer na seleção do mestrado. A generosidade é uma qualidade nata de algumas pessoas e vocês têm isso na veia. Acreditaram em mim e não deixaram que eu desistisse da seleção. Eu agradeço por ter cruzado o caminho de vocês.

Às amigas Rose Anne e Adriana, que estiveram comigo durante todo o percurso, estudando, viajando, compartilhando e tecendo memórias no linho. Obrigada pelos dias que tudo era confuso e vocês me ouviam e me acolhiam.

Aos demais colegas de turma pelos laços de afeto e carinho que criamos, pelas viagens de campo, pela partilha de momentos bons que levarei para o resto da vida. Vocês foram lágrimas e risos costurados na trama da vida.

A paciência da agulha revela o tempo entranhado no pano.

À minha orientadora, professora Dra. Adriana Alves Fernandes Costa, que me ajudou, no risco, no rabisco, no tom, na cor. Sem você, eu não teria encontrado a linha e o linho da experiência. Professora Adriana, você foi um presente para mim. Muito obrigada pela paciência e pelo carinho!

Às professoras Dras. Luiza Alves e Juaciara Barroso, juntamente com Adriana, que foram guias fundamentais no meu percurso pela pesquisa narrativa através do GRUPES. Vocês me conduziram por um novo território a ser explorado e contribuíram significativamente para

minha formação. Suas explicações ampliavam os horizontes da compreensão ainda turva em mim, clareando as dúvidas, as incertezas e os conflitos. Através de vocês, encontrei a tonalidade certa, na variação da intensidade ou na profundidade de uma cor específica, para bordar flores para além do campo da certeza, da verdade e da estimativa de erro. E sou eternamente grata pela generosidade que compartilharam e que vibraram por mim em todo o percurso. Amo vocês!

Ao professor Dr. Bruno Bahia, que contribuiu valorosamente para o risco desse bordado, mostrando que o tempo e a experiência fariam o contorno perfeito para a pesquisa. Além de todo carinho, leveza, sabedoria, alegria e amor com que ele ensina, vive e trata seus alunos. Obrigada, professor!

O sussurro das mãos na linguagem dos tecidos.

Na solidão da escrita, eu encontrei sussurros poéticos que me ajudavam na linguagem ora tecida. Eram meus colegas de trabalho que todos os dias ouviam minhas angústias, liam trechos da escrita, viam o bordado, me ajudavam na criticidade que a pesquisa requer e me enchiam de palavras de carinho e cafés. Quentinhos! Vou citar alguns e me perdoem se esquecer de alguém: Professor Eduardo Vasconcelos, Professor Zé Antônio, Professora Débora, Professor José Akashi, Keitiany, Dani, Rose Anne, Roseli e Júlio. Obrigada pela escuta, pelas sugestões e pelos conselhos.

Aos colegas do GRUPES que igualmente sussurraram fios, cores e tramas. No coletivo, juntamos pétalas que (re)floreeceram e agora perfumam as bibliotecas acadêmicas: o livro *A Pesquisa (que) conta: sentidos e significados construídos em um grupo de estudos*, fruto dos nossos estudos sobre pesquisa narrativa. Vocês me ajudaram a capturar a beleza, a complexidade e os significados que um simples bordado carrega. E isso me formou e (trans)formou enquanto pesquisadora. Obrigada!

Agradeço ao IF Goiano Campus Cristalina, pela concessão da Bolsa de apoio financeiro através do Programa de Incentivo à Qualificação, além do transporte para meu deslocamento nas semanas de aula presencial.

Às editoras do IF Goiano e da UFRRJ por publicarem nosso livro e possibilitarem a democratização de saberes esparramando a pesquisa narrativa nas bibliotecas de suas instituições.

À CAPES e ao PPGEA/UFRRJ por continuarem presentes ajudando pesquisadoras e pesquisadores a produzirem conhecimento para a ciência.

Fios dançantes na trama do silêncio.

Às professoras que fizeram parte dessa pesquisa e gentilmente se dispuseram a narrar suas experiências formativas e deixaram que suas falas dessem cor a este estudo. Sem vocês, isso não seria possível. Muito obrigada!

A teoria em um bordado, trançando destinos em cada ponto.

Às autoras e autores presentes nesse caminho. Foi um maravilhoso encontro que me constituiu como pessoa e como pesquisadora. Assumo os limites do meu conhecimento e peço humildes desculpas se não as (os) alcancei na dimensão de seus postulados. Limitei-me ao tom que precisava bordar para conceituar o risco. Mas asseguro que me comprometi com cada palavra citada para que o bordado, ao final, fosse apreciado. Perdoe-me também se não segui as regras convencionais de citação. Para mim, antes do sobrenome e ano, vocês eram pessoas em fotos, nomes, sobrenomes e origens, e me permiti descrevê-las (los) assim. Obrigada!

À banca examinadora, pela leitura e pela apreciação do meu trabalho, pelo acolhimento desta escrita e pelo entendimento da tridimensionalidade que me constituiu no momento narrado: ora mulher-mãe, ora pesquisadora-trabalhadora, ora trabalhadora-mulher. Era a história viva, pulsante, acontecendo e sendo inventariada em signos, que deixo aqui recortados e bordados como rastros de um momento único, de uma trajetória singular, de lembranças. Espero ter sido compreendida. Obrigada!

O bordado como janela do passado, em que o apreciador se torna um viajante do tempo.

Às leitoras e leitores que, por ventura, se interessem pela pesquisa narrativa e encontrem meu bordado como fonte de investigação, eu aconselho que peguem um café, apreciem, façam uma leitura cuidadosa, desamarrem qualquer linha que prenda seus pensamentos em lógicas e caixas. Esvaziem-se em si. Corram os olhos, peguem o tecido, vejam as cores, o tom, o som, os sabores, as culturas, as pessoas. Após isso, fico no aguardo que um dia esse bordado possa contribuir para ornar a mesa de outras pesquisas, outras academias, outras escolas, outras possibilidades, que hoje não tenho a dimensão do que possa ajudar. Mas me coloco à disposição para esse café. Obrigada!

Mãos que dançam sobre o tecido contando histórias sem palavras.

À painho, um professor da vida, por tecer em mim fios de amor ao próximo, bondade, honestidade, resiliência e respeito para com todos que cruzassem meu caminho. Esses fios são guias para minha vida e para vida dos meus filhos, porque agora teço neles. Obrigada pelos ensinamentos. Te amo, painho!

Às minhas irmãs, suas filhas, mainha, que mesmo de longe procuraram fotos, riscaram e bordaram esse texto, recobrando minha memória, rindo e chorando comigo nos parágrafos que eu escrevia e pedia opinião. A senhora sabe do nosso amor maternal umas com as outras e esse é um legado deixado pela senhora, de união e amor entre nós. Lucicleide, Neidinha e Kekea, eu amo vocês e agradeço por serem compreensivas e me apoiarem nesse momento de reclusão para me dedicar a essa escrita. Amo vocês!

Aos meus sobrinhos-filhos Neneto, Pedro e Dan, e à minha sobrinha amada Bárbara, que presente vocês são para mim. Tenho orgulho dos adultos que vocês estão se formando. Amo vocês e agradeço a Deus por fazer, nessa vida, parte da vida de vocês.

Meu jardim de beleza têxtil.

Ao meu companheiro de vida Eduardo, por cuidar de mim, me apoiar, me ajudar a arrumar as linhas e organizar as cores me cercando de carinho, compreensão, bom humor, alegria, cantoria e café todos os dias. Você me foi e é necessário, sem você o meu caminho teria sido turbulento. Te amo!

Aos meus filhos, Madu e Luiz, que pacientemente me ouviram e entenderam as ausências em reuniões da escola no mesmo dia e horário das reuniões do GRUPES. As também ausências nas tardes dos domingos em que costumávamos ver filmes juntos, e por todas as lacunas físicas necessárias para que eu conseguisse vencer o tempo e o bordado. Eu amo vocês e agradeço por me contarem o final dos filmes que não terminei de assistir e o resultado das reuniões que perdi. Eu venci por vocês e os amo até o infinito. Ida e volta!

As mãos. À mãe: um poema bordado com amor.

Não posso terminar essa carta sem te agradecer, mainha. A senhora, mesmo distante, me acompanhou em todas as horas. Me inspirou, me ajudou a recomeçar, quando eu achei que a linha desbotou ou que o tecido era frágil demais para aguentar. Sinto muito a sua falta, mas sinto também sua presença. Te amo muito e dedico esse meu pequeno feitiço de minha dissertação totalmente à senhora.

Ah, por fim, já que está pertinho de Deus, por favor, seja porta voz da minha gratidão eterna a Ele. É Nele, por Ele e com Ele que estou de pé. Obrigada Deus!

Me despeço, com carinho, saudades e querendo saber:

O que achou do bordado?

Um beijo, um abraço e sua benção, mainha!

NÓBREGA, Maria de Fátima Lucimara Santos. **Narrativas sobre o tempo da experiência docente ao final de ciclo de vida profissional no IF Goiano: o que viver quando a porta da sala de aula se fecha?** 172p. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Educação Agrícola, UFRRJ, Rio de Janeiro, 2024.

RESUMO

Esta pesquisa tem como tema as narrativas sobre o tempo da experiência docente. Meu objetivo principal foi conhecer e analisar as narrativas sobre o tempo da experiência de professoras de licenciatura, acima de 55 anos, do Instituto Federal de Ciência e Tecnologia Goiano (IF-Goiano). Escolhi a abordagem qualitativa, com entrevista semiestruturada, de cunho biográfico e autobiográfico, audiogravadas e transcritas, realizadas com três professoras do Instituto Federal de Ciência e Tecnologia Goiano, com recortes de idade e área de formação. Os achados foram agrupados em núcleos de significação, propondo-se a identificar os diversos sentidos construídos pelas docentes durante o processo de investigação. Os sentidos e significados extraídos das narrativas apontaram para 04 (quatro) núcleos e 05 (cinco) subnúcleos, considerando as reflexões sobre tempo, experiência e formação. Os resultados indicaram para a importância de considerar as trajetórias de vida e formação como moldes para as abordagens dos programas de preparação para aposentadoria, levando em consideração as complexidades individuais e coletivas de cada um; bem como a necessidade de encarar a transição para a aposentadoria como uma prática constante, não apenas como formalidade legal, e sim um cuidado social que deve ser abordado e reforçado de maneira contínua. Como uma educação para a aposentadoria ao longo de toda vida funcional da docente e não só de forma emergente, como no período que antecede o aposento.

Palavras-chave: Narrativas; Tempo; Experiências; Programa de Preparação para Aposentadoria; Formação Docente.

NÓBREGA, Maria de Fátima Lucimara Santos. **Narratives about the time of teaching experience at the end of the professional life cycle at IF Goiano: what to experience when the classroom door closes?** 172p. Dissertation (Master's). Graduate Program in Agricultural Education, UFRRJ, Rio de Janeiro, 2024.

ABSTRACT

This research explores narratives about the experience of time in teaching. The main objective was to understand and analyze the narratives about the experience of female teachers, aged over 55, at the Goiano Federal Institute of Science and Technology (IF-Goiano). A qualitative approach was chosen, utilizing semi-structured interviews with a biographical and autobiographical focus. These interviews were audio-recorded, transcribed, and conducted with three teachers from IF-Goiano, representing different age groups and fields of study. Findings were grouped into cores of significance, aiming to identify the various meanings constructed by the teachers during the research process. The senses and meanings extracted from the narratives pointed to four cores and five sub-cores, considering reflections on time, experience, and education. Results indicated the importance of considering life trajectories and education as molds for retirement preparation programs, taking into account individual and collective complexities; as well as the need to view retirement transition as a constant practice, not just a legal formality, but a continuous social care that should be addressed and reinforced. This suggests an education for retirement throughout the teacher's entire professional life, rather than just as an emergent issue preceding retirement.

Keywords: Narratives; Time; Experiences; Retirement Preparation Program; Teacher Education.

NÓBREGA, Maria de Fátima Lucimara Santos. **Narrativas sobre el tiempo de la experiencia docente al final del ciclo de vida profesional en el IF Goiano: ¿qué vivir cuando se cierra la puerta del aula?** 172p. Tesis (Maestría). Programa de Posgrado en Educación Agrícola, UFRRJ, Río de Janeiro, 2024.

RESUMEN

Esta investigación explora las narrativas sobre la experiencia del tiempo en la enseñanza. El objetivo principal fue comprender y analizar las narrativas sobre la experiencia de las profesoras, mayores de 55 años, en el Instituto Federal de Ciencia y Tecnología Goiano (IF-Goiano). Se eligió un enfoque cualitativo, utilizando entrevistas semiestructuradas con un enfoque biográfico y autobiográfico. Estas entrevistas fueron grabadas en audio, transcritas y realizadas con tres profesoras de IF-Goiano, representando diferentes grupos de edad y áreas de estudio. Los hallazgos se agruparon en núcleos de significado, con el objetivo de identificar los diversos significados construidos por las profesoras durante el proceso de investigación. Los sentidos y significados extraídos de las narrativas apuntaron a cuatro núcleos y cinco subnúcleos, considerando reflexiones sobre el tiempo, la experiencia y la formación. Los resultados indicaron la importancia de considerar las trayectorias de vida y la formación como moldes para los programas de preparación para la jubilación, teniendo en cuenta las complejidades individuales y colectivas; así como la necesidad de ver la transición a la jubilación como una práctica constante, no solo como una formalidad legal, sino como un cuidado social continuo que debe ser abordado y reforzado. Esto sugiere una educación para la jubilación a lo largo de toda la vida profesional del docente, en lugar de ser solo un tema emergente antes de la jubilación.

Palabras clave: Narrativas; Tiempo; Experiencias; Programa de Preparación para la Jubilación; Educación Docente.

LISTA DE ABREVIACÕES, SIGLAS OU SÍMBOLOS

EBTT	Ensino Básico, Técnico e Tecnológico
ENEM	Exame Nacional do Ensino Médio
GRUPES	Grupo de Estudo Espaço de Saberes
GT	Grupo de Trabalho
IA	Inteligência Artificial
IF Goiano	Instituto Federal Goiano
IFG	Instituto Federal de Goiás
PPA	Programa de Preparação para Aposentadoria
SIAPE	Sistema Integrado de Administração de Recursos Humanos
SIASS	Sistema Integrado Atenção Saúde do Servidor
SUAP	Sistema Unificado de Administração Pública
UFRRJ	Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
UFU	Universidade Federal de Uberlândia

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Poema “Aninha e suas pedras” de Cora Coralina

Fonte: <https://campusvirtual.fiocruz.br/portal/?q=noticia/61860>. Acesso em 12 jun. 2023.

Figura 2 – Poema “Quem é você?” De Cora Coralina

Fonte: Meu livro de cordel, p 66. Global Editora e Distribuidora Ltda, 2015.

Figura 3 – Música “Disparada” de Geraldo Vandré

Fonte: bordado pela autora – detalhes de xilogravura de Cordel.

Figura 04 – Caderno de Pesquisa Narrativa, que virou o Livro – A pesquisa (que) conta: sentidos e significados construídos em um grupo de estudos, publicado pela Editora do IF Goiano em coedição com a Editora da UFRRJ. Fonte: Bordado pela autora.

Figura 05 – Reuniões festivas na calçada (até 2021 conservávamos essa fachada).

Fonte: bordado pela autora.

Figura 06 – Música “Eu me criei” de Petrúcio Amorim

Fonte: disponível em <https://genius.com/Flavio-jose-tareco-e-mariola-lyrics>. Acesso em 01 mai. 2023. Bordado pela autora em xilogravura, usado em livros de cordel.

Figura 07 – Duas capas de revistas

Fonte: <https://ecologiahumana.wordpress.com/2018/01/24/fome-no-brasil/>. Acesso em 18 jun. 2023.

Figura 08 – Mesmo vestido de formatura usado por nós, em memória à mainha.

Fonte: arquivo da autora.

Figura 09 – Vestidos bordados - Eu e minhas irmã na infância

Fonte: arquivo da autora.

Figura 10 – Capa da revista Caras com as loiras referências de beleza na época para todo adolescente.

Fonte: disponíveis no endereço: <https://extra.globo.com/famosos/eliana-revela-que-mantem-amizade-com-angelica-xuxa-nos-falamos-pelo-zap-23031400.html>. Acesso em 26 abr. 2023.

Figura 11 – Quadro de Desigualdades Sociais por Cor ou Raça no Brasil – 2021

Fonte: demais informações sobre o estudo encontram-se disponíveis no portal do IBGE na Internet, no endereço: <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/populacao/25844-desigualdades-sociais-por-cor-ou-raca.html>. Acesso em 26 abr. 2023.

Figura 12 – Modelo negra internacional Naomi Campbell com mudança

Fonte: <https://revistaquem.globo.com/Beleza/noticia/2019/01/naomi-campbell-muda-o-visual-e-adota-corte-curto-cacheado.html>. Acesso em 01 mai. 2023.

Figura 13 – Baile de debutantes de Caicó, ano de 1991, com a presença do ator da Rede Globo Paulo Castelli. O vestido da direita era o da missa e foi o da minha irmã no ano anterior.

Fonte: bordado pela autora.

Figura 14 – Poema “Lucros e Perda” de Cora Coralina.

Fonte: Meu livro de cordel, p 82, VI. Global Editora e Distribuidora Ltda, 2015.

Figura 15 – Convite de 70 anos do meu pai – desenho retratado por um artista local da cidade de Caicó/RN, Adonai, mostra a fase de estudos de painho com livro na mão, sendo apoiado por nós, as filhas.

Fonte: acervo de família da autora.

Figura 16 – Placa da Turma do EJA. Homenagem ao meu pai ELIAS NORBERTO DOS SANTOS.

Fonte: bordado pela autora.

Figura 17 – Notas da autora. 04/10/2022. **Pelo Caminho:** as flores da primavera renovam minhas esperanças.

Fonte: bordado pela autora.

Figura 18 – Poema “Ainda não” Cora Coralina.

Fonte: Meu livro de cordel, p. 79, I. Global Editora e Distribuidora Ltda, 2015.

Figura 19 – Norbert Elias

Fonte: <https://universidadelivredoalvito.xyz/leituras-de-sociologia-001-parte-1-norbert-elias-biografia/>. Acesso em 11 nov. 2022.

Figura 20 – Notas da autora. 23/10/2022. **Pelo Caminho:** memórias e saudades.

Fonte: bordado pela autora.

Figura 21 – Notas da autora. 02/11/2022. **Pelo Caminho:** eu já escuto os teus sinais.

Fonte: pespontado pela autora.

Figura 22 – Modelo síntese elaborado por Michael Huberman

Fonte: Vidas de Professores (Nóvoa, 1995, p. 47).

Figura 23 – Percurso mais harmonioso, elaborado pelo autor Huberman.

Fonte: Vidas de Professores (1995, p 48).

Figura 24 – Notas da autora. 17/02/2023. **Pelo Caminho:** o Brasil toma posse de si mesmo.

Fonte: pespontado pela autora.

Figura 25 – Grupos de Trabalho do Programa Interinstitucional Bem Viver

Fonte: <http://ifg.edu.br/component/content/article/23511>. Acesso em 17 jun. 2023.

Figura 26 – Oficinas do PPA realizadas em 2021.

Fonte: <http://ifg.edu.br/component/content/article/23511>. Acessado em 17/06/2023.
e Instagram: @bemviver_ifgoiano.ifg.siaass. Acesso em 17 jun. 2023.

Figura 27 – Oficinas do PPA realizadas em 2022.

Fonte: <http://ifg.edu.br/component/content/article/23511>. Acesso em 17 jun. 2023.
e Instagram: @bemviver_ifgoiano.ifg.siaass. Acesso em 17 jun. 2023.

Figura 28 – Notas da autora. 29/03/2023. **Pelo caminho:** Aniversário de mainha.
Fonte: pespontado pela autora.

Figura 29 – Poema “Ainda não” de Cora Coralina.
Fonte: Meu livro de cordel, p 79, III. Global Editora e Distribuidora Ltda, 2015.

Figura 30 – Recorte dos sujeitos da pesquisa.
Fonte: pespontado pela autora.

Figura 31 – Notas da autora. 06/04/2023. **Pelo Caminho:** semana santa e sonhos em andamento.
Fonte: pespontado pela autora.

Figura 32 – Filósofo Alemão Walter Benjamin.
Fonte da imagem: <https://cursoenemgratuito.com.br/walter-benjamin/>. Acesso em 12 jun. 2023.

Figura 33 – Notas da autora. 08/05/2023. **Pelo Caminho:** Rita Lee.
Fonte: pespontado pela autora.

Figura 34 – Notas da autora. 01/07/2023. **Pelo Caminho:** os achados.
Fonte: pespontado pela autora.

Figura 35 – Núcleos e seus significados
Fonte: pespontado pela autora.

Figura 36 – Notas da autora. 28/09/2023. **Pelo Caminho:** registro de um bordado.
Fonte: pespontado pela autora

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Pesquisa sobre os temas período entre 2018 a 2022

Fonte: Plataformas Scielo, CAPES e Google Acadêmico.

Te convido a conhecer o meu bordado...

O mais importante do bordado
É o avesso, é o avesso
O mais importante em mim
É o que eu não conheço
O que eu não conheço
O que de mim aparece
É o que dentro de mim Deus tece
Quando te espero chegar
Eu me enfeito, eu me enfeito
Jogo perfume no ar
Enfeito os meus pensamentos
Às vezes quando te encontro
Eu mesmo não me conheço
Descubro novos limites, eu perco o endereço
É o segredo do ponto, é o rendado do tempo
É como me foi passado o ensinamento

O Que Eu Não Conheço
Canção de Jorge Vercillo



Lista de Vocábulo "Nordestinês"



extraído da internet e a partir de vivência pessoal

ABESTALHAR - Pasma; embasbacar(-se)

AMUEI - Enfadei; zanguei

AVEXEXADO - Significa pressa, urgência, desejo de conseguir alguma coisa rapidamente, impaciência

AVIA - Apressar-se

DESENXAVIDO - Sem graça ou sem animação; monótono

DISGRAMADO - Variante de desgraçado

ENCABULADO - Desconfiado, com vergonha

ENFADADO - Cansado

FUÇAR - Remexer (as coisas) à procura de algo

GASGUITO - Pessoa que fala muito alto ou grita

ISTRUIR - Desperdiçar

SABIDO QUE SÓ - Conhecido por sua inteligência

SIMBORA - Expressão usada para indicar que a pessoa que fala, juntamente com outra(s).

SUSTANÇA - Alimento forte: "Rapadura tem sustância"

TAMBORETE - Banco de madeira bem pequeno e baixo

VIXE - Virgem Maria



O Bordado

1 O risco

introdução

1

2 Agulha e fio

14

2.1 meu tempo

2.2 o tempo do começo

2.3 o meio de mim - infância

2.4 o meio de mim - adolescência

2.5 meu pai, um aposentado que inspira

3 O bastidor

48

o tempo, a experiência e a formação

4 O ponto

78

o tempo da pesquisa e das narrativas

5 O matame

93

o tempo de parar:

o que viver quando a porta da sala de aula fechar?

6 O linho

113

referências

1) Introdução

o risco: no riscado se imprime o que será bordado



pelo amor que tenho a todas as estórias e poesias de cordel, que este livro assim o seja, assim o quero numa ligação profunda e obstinada com todos os anônimos menestrelis nordestinos, povo da minha costa, meus irmãos do nordeste rude, de onde um dia veio meu pai para que eu nascesse e tivesse vida.



cora coralina
meu livro de cordel, 2012.



INTRODUÇÃO – **RISCO: NO RISCO SE IMPRIME O QUE SERÁ BORDADO**

Bordo¹, na voz da poetisa goiana Cora Coralina, uma reflexão sobre o tempo. O tempo de lembranças, de (re)lembranças, o tempo das experiências, o tempo da sala de aula, o tempo do fim, o tempo que passa, o tempo que cobra, o tempo que tenho ou o que não tenho. O tempo constitui nossos caminhos, nossos dias, nossos janeiros e dezembros. Ininterrupto e constante, ele não pausa, não adianta e nem atrasa. É nele, no tempo, que traço o caminhar desta pesquisa.

Como filha de bordadeira, ao longo dessa escrita, usei pedaços de pano bordados em uma estética autoral, em homenagem às bordadeiras do meu sertão do Nordeste brasileiro. São mulheres *arretadas*, como minha mãe, que, por falta de oportunidade, viram uma maneira de se organizar coletiva e financeiramente no bordado. E assim se constituíram como empreendedoras e donas dos seus negócios e, de quebra, elas ainda tomam consciência de que geram emprego e renda para outras mulheres nessa cadeia de fazeres de um bordado, como bem abordado por Allucci (2019): “Os bordados são um campo de estudos fértil a uma análise de *design* com perspectiva feminista. O processo produtivo dos bordados é fortemente marcado pela ancestralidade, oralidade, feminilidade, domesticidade e precariedade” (*apud*, Ávila e Maynardes, 2019, p. 356).

É uma subversão às regras do jogo. Nascidas no sistema patriarcal que impunha, desde cedo, ao fardo da lida de casa, de mãe e de esposa como uma via de mão única, o bordado vai na contramão do sistema e, pelas mãos, essas mulheres expressam cultura, resistência, amor e dedicação, compondo a (con)tradição e emancipação social.

Seu local de trabalho é sua própria casa, sendo esta uma oficina que abriga e dilui o trabalho doméstico, novamente condicionado à subalternação da mulher e, apesar de lhes proporcionar um ganho monetário, ele será para sua subsistência e de sua família. Fora a beleza, o bordado revela a dureza da cadeia de fazeres os quais essas mulheres têm em casa, contribuindo para a sobrecarga de trabalho. Segundo Thais Fernanda Salves de Brito (2011), que fez sua tese de doutoramento sobre o bordado de Caicó/RN, o bordado narra muitas histórias riscadas no linho, e a casa, a família, e o contexto social vem junto com as cores, as linhas, o bastidor e o pedal da máquina. E essa teia cultural do trabalho manual, protagonizado

¹ Bordar é uma ornamentação nos tecidos a partir de linhas que trazem volumetria e cor, cujos riscos partem de um repertório amplo e criativo de técnicas e de usos que narram histórias, memórias, conhecimentos. (<https://journals.openedition.org/etnografica/11564>).

por essas mulheres, projetam a sua inserção social e, traçando em paralelo com a linguagem benjaminiana, podemos afirmar que o bordado é narrativa e a bordadeira é o narrador.

Em uma brincadeira com as palavras, eu me revelo **sertaneja**, vinda de um **sertão**, **tão** cheio de cultura e de valores incutidos em cada **ser** seu, aqui traduzidos nos diálogos bordados, nas experiências formadoras da minha construção identitária e registrados em narrativas, músicas, poesias, referências sociais e culturais que me constituem. Falar de **sertão** é não perder de vista João Guimarães Rosa, mesmo que não fale do meu sertão nordestino, mas cabe a afeição: “O senhor sabe: **sertão** é onde manda quem é forte, com as astúcias. Deus mesmo, quando vier, que venha armado! E bala é um pedacinhozinho de metal...” (Rosa, 2006, pag. 19).

Sobre esse trabalho, eu lhes digo que escrevo esse texto em pós-pandemia, pós isolamento social. O ano é 2022 e nós estamos acordando de um pesadelo em que um governo que ria de seus mortos, esnobava da ciência e saudava torturador em público, era o mesmo que era aplaudido. Sim, por metade do país. Escrevo esse texto longe de casa e com muitas saudades do meu povo *avexado* do Nordeste. **Pelo caminho**, na solidão da escrita, no entalo de um dia cheio de *fake news*, eu tecia trechos bordados, que chamei de “Notas da autora”, para situar quem me lia sobre as tensões que me cercavam no momento da minha escrita. Foram catarses, às vezes pessoal, às vezes social, às vezes política. Elas foram minhas doses de alívio em um confessionário íntimo de curadoria com *mainha*. Gregária que sou, eu dividia com ela meu caminho e meu caminhar, e isso me restaurava como uma vacina. Ao ler, eu te convido a tomar sua dose, sem pôr em xeque sua eficácia, e assim espero que minha escrita seja melhor entendida e acolhida.

Para me dar suporte sobre registrar meu texto de campo “**Pelo caminho**”, narrando minhas tensões com a pesquisa e o contexto pessoal que me afetava, a Clandinin e o Connelly (2015) trouxeram *Cartas como textos de campo* (2015) e me deram a acuidade necessária como validação do trabalho:

Cartas são escritas para alguém com a expectativa de uma resposta. Em cartas, tentamos fazer um relato de nós mesmos, fazendo sentido das nossas experiências, e tentando estabelecer e manter relacionamentos entre nós mesmos, as nossas experiências, e as experiências dos outros. Na Pesquisa Narrativa, as cartas como textos de campo podem ser utilizadas entre os participantes, entre os colaboradores da pesquisa, ou entre os pesquisadores e participantes. Em cada caso, um dos méritos das cartas é a relação de igualdade estabelecida, o ir e vir da conversa (Clandinin; Connelly, 2015, p.149).

Os autores enfatizam sobre o papel das cartas na comunicação e na Pesquisa Narrativa. Destacam que as cartas são escritas com a expectativa de receber uma resposta. Elas servem como uma forma de relatar experiências, tentar compreender a si mesmo e aos outros, além de estabelecer e manter relacionamentos. Naquele momento, escrevendo cartas para minha mãe, eu revelava minhas experiências formativas durante o mestrado.

Na feitura de escrever, de contar a mim mesma essa história e também as histórias de outras, de me fazer entender pelas leitoras e pelos leitores acerca do contexto social vivido, eu me *agoniava*. Como posso me colocar nessa escrita sem fazer uso do meu linguajar “nordestinês”? *Repare*, se vou falar de minhas referências, do lugar de onde vim e cresci, como posso deixar de lado meu regionalismo? Para Clandinin e Connelly (2015, p.195-197), seria minha “voz”, minha “assinatura” e minha “audiência”.

Apois bem! Mesmo correndo o risco do olhar crítico da academia, de dizer que “não cabe nesse espaço tal feito”, eu não *amuei* e nem me *encabulei*. São as minhas narrativas com o palavreado que nasci ouvindo lá de cima, do Nordeste, que me veste e me anima. Entendo que trazer a oralidade de minha região potencializa o fazer das bordadeiras que trago e teço nessa escrita. Por essa razão eu assumi o risco e me expesso a partir de duas linguagens. No capítulo introdutório e no segundo capítulo, na escrita que me define, aqui e acolá, entre um conto, um canto e um ponto, vou *trupicar* nesse feitio. E você leitora, leitor, talvez tenha que *fuçar* a lista de vocábulo.

Nos demais capítulos, contive-me por receio de levar *carão*. Preferi seguir o rito acadêmico, que me pareceu mais conveniente e autorizado, mas deixo aqui carimbado que essas duas linguagens escritas e bordadas por mim foram “do meu olho para a minha voz” (Andruetto, 2012, p. 99), representando-me na pluralidade da pesquisadora que ora me constitui.

Então, sem *arrodeio*, eu deixo os rastros de minhas experiências formadoras. Despi-me do terninho preto e da proficiência, necessários para uma apresentação acadêmica, para me apresentar nesta escrita como sou. De chinelo, eu revirei minhas memórias. Várias inspirações me trouxeram e me encorajaram a dissertar trazendo o meu regionalismo, o bordado, as fotos e poesias tão presentes junto à escrita. Um deles foi a tese de doutoramento de Fernanda Ferreira de Oliveira (2022), na qual ela escreve como os desenhos das crianças das quais ela ensinava durante a pandemia revelavam os seus sentimentos. Fernanda fez sua tese dividida em catálogos. Inusitado, diferente, contudo, desbravadora de um novo fazer escrever, despida da formalidade acadêmica.

Outra inspiração para mim foi a possibilidade da escrita regionalista, que encontrei no artigo, *Piso e repiso*, de Marline Araújo Santos (2021). Marline, assim como eu, é uma nordestina que estudou sobre as cantadeiras de roda do município de Quixabeira, e também trouxe a oralidade regional em sua escrita.

Elas me desvelaram os limites do desejo da liberdade da produção acadêmica, que já *aperreava meu juízo* para quebrar a neutralidade e a distância dos textos lineares, encaixados em regras. Eu sempre pensei nesse modelo epistemológico em que fosse permitido à leitora e ao leitor se deleitar em uma escrita de forma simples, dando pausa, folheando, como se pudesse sentar para ler enquanto toma um café, olhando em volta das letras, retomando as notas de rodapés, refletindo sobre uma música, uma poesia ou se transportando de uma foto para um tempo vivido. Uma escrita que transborde os axiomas empacotados. Como a vida é. Como a vida deve ser: “modificando a tarde, botando uma chuva nela”² ao modo manoeлиста de escrever.

Nesse caminho, muito me animo com o compasso da carta de Glória Anzaldúa (2000), uma escritora norte-americana que estudou o feminismo e a cultura chicana, escreveu em *Uma carta para as mulheres escritoras do terceiro mundo*. É um chamado para que as pessoas se reconectem com sua própria essência, sua voz autêntica e resistam à pressão de se moldar de acordo com padrões externos, enfatizando a importância da expressão verdadeira e não adulterada:

[...] Joguem fora a abstração e o aprendizado acadêmico, as regras, o mapa e o compasso. Sintam seu caminho sem anteparos. Para alcançar mais pessoas, deve-se evocar as realidades pessoais e sociais — não através da retórica, mas com sangue, pus e suor. Escrevam com seus olhos como pintoras, com seus ouvidos como músicas, com seus pés como dançarinas. Vocês são as profetisas com penas e tochas. Escrevam com suas línguas de fogo. Não deixem que a caneta lhes afugente de vocês mesmas. Não deixem a tinta coagular em suas canetas. Não deixem o censor apagar as centelhas, nem mordanças abafar suas vozes. Ponham suas tripas no papel. Não estamos reconciliadas com o opressor que afia seu grito em nosso pesar. Não estamos reconciliadas. Encontrem a musa dentro de vocês. Desenterrem a voz que está soterrada em vocês. Não a falsifiquem, não tentem vendê-la por alguns aplausos ou para terem seus nomes impressos (Anzaldúa, 2000, p. 235).

Vinte e três anos depois dessa carta, eu diria a Anzaldúa que não deixei a caneta me afugentar de mim, que estou a lutar por mim e por outras, numa escrita de mim, que possa servir de inspiração para outras. Também estou a lutar contra o progresso dos tempos de Inteligência

² BARROS, Manoel de. O Menino que Carregava Água na Peneira. Disponível em: <http://www.poesiagalvaneana.com.br/2013/05/o-menino-que-carregava-agua-na-peneira.html#.VYDdlvIVikp>. Acesso em 24 de março de 2024.

Artificial (IA) que estamos vivendo, o qual promete substituir o ser humano na capacidade de pensar e fazer, ainda nos encurralando por um acesso rápido e tecnológico de informação *desenxavida* de conteúdos “algoritmados”, comandados por robôs que nos seguem o dia inteiro com o “*arrasta para cima*”, “*saiba mais*”, “*acesse aqui*” – grifados propositalmente – em que nada acontece, ou acontece num ticar de dedos, emudecendo o viver da experiência e o sentido real da existência.

Walter Benjamin (1987) é um autor que nutre e vai dar *sustância* a essa escrita, foi um homem *arretado* e *sabido que só*, já dizia, desde o início do século passado, que a lógica acelerada do capitalismo iria nos automatizar, provocando o esfacelamento de nossas memórias, do sentir, do dizer e do pensar. Dizia também que o ato de contar histórias a partir das experiências vividas, produziria sabedoria e memória para as próximas gerações.

Apresentar um trabalho valorizando as narrativas, a oralidade, o regionalismo em voz, em costumes, permitindo expressar sentimentos, é também um ato de protesto para que nosso vivido não seja apagado, silenciado e emudecido por tecnologias e tempos esvaídos dessa experiência. Narrativas contadas e tecidas por suas histórias de vida, perfazem uma compreensão entre o contexto e a formação social que nos *arrodeiam*.

A socióloga e antropóloga, doutora em Ciências da Educação, professora da Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade de Genebra, Marie-Christine Josso (2004), põe luz sobre a narrativa de vida como experiência transformadora do sujeito ao intercalar passado, presente e futuro em um projeto de si. A autora destaca a importância de elaborar e separar os materiais que compõem essa narrativa, compreendendo o que contribuiu para a formação da pessoa. Isso implica trabalhar na organização e atribuição de sentido a esses materiais com o intuito de construir uma história própria, a história do indivíduo:

Elaborar a sua narrativa de vida e a partir daí, separar os materiais, compreendendo o que foi a formação para, em seguida, trabalhar na organização do sentido desses materiais ao construir uma história, a sua história, constitui uma prática de encenação do sujeito que torna-se autor ao pensar a sua vida na sua globalidade temporal, nas suas linhas de força, nos seus saberes adquiridos ou nas marcas do passado, assim como na perspectivação dos desafios do presente entre a memória revisitada e o futuro já atualizado, porque induzido por essa perspectiva temporal. Numa palavra, é entrar em cena um sujeito que se torna autor ao pensar na sua existencialidade. Porque o processo auto reflexivo, que obriga a um olhar retrospectivo e prospectivo, tem de ser compreendido como uma atividade de auto interpretação crítica e de tomada de consciência da relatividade social, histórica e cultura! Dos referenciais interiorizados pelo sujeito e, por isso mesmo, constitutivos da dimensão cognitiva da sua subjetividade (Josso, 2004, p. 60).

Agora sim, separados os materiais, fotos, músicas, reportagens, mostro-me aqui presente. Então *avia, simbora*, que eu vou começar a contar o que eu vim fazer.

A minha pesquisa volta o olhar para o tempo final da formação docente, como aquele depois que o sino bate, aquele em que a turma pouco se interessa pelo que a incansável professora escreve e fala, e corre contra o *disgramado* tempo que nunca alcança. É sobre o tempo da aposentadoria.

Ao longo desse trabalho, eu optei por usar a palavra “aposentadoria” por ser este o termo utilizado no mundo do trabalho para significar o tempo de parar sua atividade laboral, e também por estar ligado ao programa do qual participo, Preparação para Aposentadoria. Nossas formações profissionais têm o tempo de entrar, o tempo de ficar e o tempo de parar. E quando parar, o que viver? Esse período pode representar a perda do papel social, a incerteza decorrente da queda no status, do ambiente de trabalho, do convívio com colegas e até mesmo do prazer em realizar certas atividades ligadas à função desempenhada. Isso pode estar relacionado com a dificuldade de ser produtivo e o medo de viver à margem da discriminação baseada na idade (chamada *ageísmo* ou *etarismo*); como também à redução do valor financeiro, ansiedade e falta de autonomia frente às constantes mudanças na legislação e reformas administrativas.

Fazendo uma outra brincadeira com as palavras, o verbo “**aposentar**” tem significados etimológicos de pousar, repousar, descansar, jubilar e ainda “**reformatar**”. **Formar** e **(re)formar** seria a nossa principal propositura como pesquisa pois esse tempo, essa experiência social e pessoal vivida pela³ docente em sala de aula, precisa dar espaço para uma nova experiência de vida como um direito inalienável ao descanso. Esse direito abrange uma esfera de parada que pode ou não significar a retirada do campo social e exclusão de atividades de ensino, que foi o lugar em que ela se constituiu, criou vínculos afetivos, por isso, pode e tem o direito a continuar no desfrute dessa vivência.

A docente, por vezes, é levada a uma rotina de pressões sufocantes para além daquelas que lhe foram apresentadas na matriz da profissão. As constantes reformas no sistema educativo, o lançamento de novos programas, currículos e novas formas de avaliações do aluno introduzem tensões e um esforço de adaptação na vida pessoal e profissional de cada um (Nóvoa, 1995). Poucas vezes ela, a docente, é instruída a (re)conhecer seus direitos como servidora pública e planejar, de forma segura, consciente e voluntária, o seu tempo de parar e

³ Nesta pesquisa escolhi tratar minha escrita com o gênero feminino por “elas” serem os sujeitos e as vozes dessa escrita.

encerrar sua profissão, iniciando a adaptação para um recomeço com qualidade de vida e bem-estar.

Em *Aninha e suas pedras*, Cora Coralina (2015) traz as palavras de se reconstruir e recomeçar:

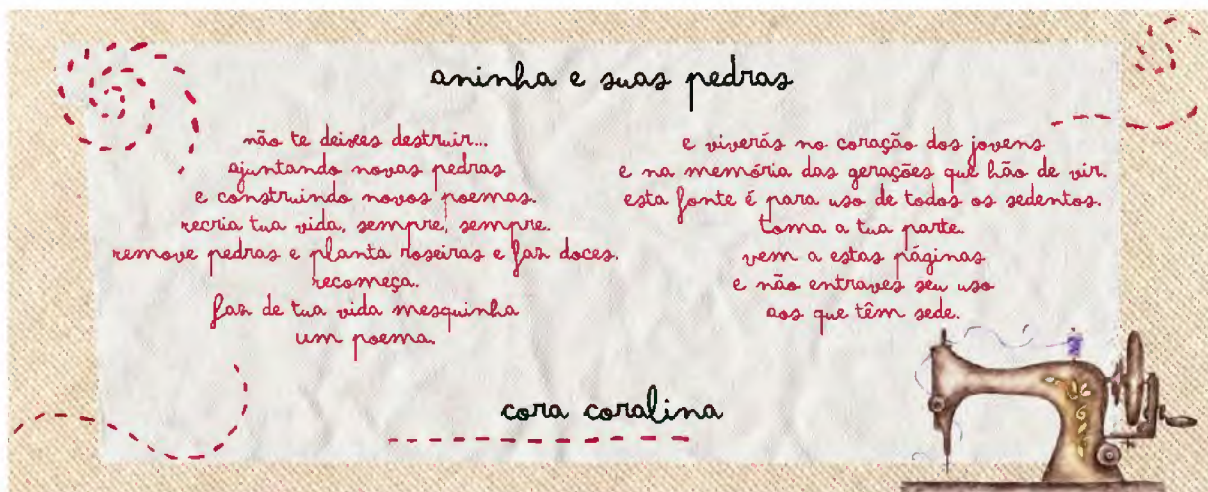


Figura 1 – Poema “Aninha e suas pedras” de Cora Coralina.

Fonte: <https://campusvirtual.fiocruz.br/portal/?q=noticia/61860>. Acesso em 12 jun. 2023.

É sobre recriar a vida sempre e sempre, assim como a Cora, doceira, que começa a se fazer poetisa aos 14 anos, mas se afastou da escrita para acompanhar esposo, ser mãe e dona de casa. Ana Lins dos Guimarães Peixoto, aos 15 anos, virou Cora (derivada de coração). Coralina surgiu mais tarde como uma soma de sons e traduções literárias. Ela retoma sua escrita somente aos 52 anos, já viúva, entre um doce e outro, começa a escrever e se torna um ícone da nossa literatura⁴, chegando a receber o Título de Doutora Honoris Causas pela Universidade Federal do Goiás.

Os versos e poemas de Cora não se encaixavam em nenhum gênero literário. Sem métrica, sem rima, ela persistiu sua escrita. Para mim, que moro em Goiás, mas que venho de um outro lugar distante, de mulheres nordestinas fortes e trabalhadoras, não haveria inspiração melhor para esta escrita. Então, se *avexe*, puxe um *tamborete*, sente aqui para ouvir as “Coras”, professoras do IF Goiano, narrarem e contarem suas histórias para que tais falas façam história nessa pesquisa, enquanto isso, eu bordo e passo um café para você.

⁴ Cora teve seu primeiro livro publicado aos 76 anos e aos 95 foi eleita Símbolo da Mulher Trabalhadora Rural pela Organização das Nações Unidas para a Agricultura e Alimentação (FAO). Mais informações disponíveis em: <https://grupoeditorialglobal.com.br/autores/lista-de-autores/biografia/?id=2077> e https://www.ebiografia.com/cora_coralina/. Acesso em: 24 mar. 2024.

1.1 Aproximação com o tema e possibilidade de pesquisa

Aqui quero contar do meu interesse pelo tema. Sou servidora pública federal, técnica administrativa em Educação há quase vinte anos e, nesse percurso, sempre estive na área de Gestão de Pessoas, parte na Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN) e parte no Instituto Federal de Ciência e Tecnologia Goiano Campus Cristalina (IF Goiano Campus Cristalina).

Despertei para esse tema do momento pré-aposentadoria, de cuidar das pessoas no seu final de carreira, durante a pandemia do COVID-19, que marcou o ano de 2020. Ao participar dos encontros coletivos como coordenadora do Programa de Preparação para Aposentadoria (PPA), perguntava-me a todo momento se o que estávamos fazendo era suficiente para atendermos a legislação vigente do tema e os anseios dessa servidora que se prepara para “fechar a porta da sala de aula” e viver uma nova vida de aposentada.

A área de Gestão de Pessoas tem o dever de cuidar em sua rotina. Cuidar das pessoas, das carreiras, da saúde, dos salários, das leis de amparo ao servidor, das normas. *Vixe*, e isso é coisa demais. A nós, Gestão de Pessoas, é conferido um papel instrutivo de orientação diária sobre o que será agregado à sua formação, assim como em sua vida e a de seus dependentes. É um lugar de aconchego, de amparo e de aconselhamento que me agrada. É um lugar de narrativas, minhas e delas (as servidoras). Ouço e vivencio muitas narrativas no meu dia. Algumas com sabor de “vitória”, como as progressões por ter concluído um mestrado ou doutorado, ou de uma licença maternidade pela chegada de um filho(a). Outras com sabores “amargos”, como os afastamentos para tratar da saúde, ausência por falecimentos ou até mesmo o registro no assentamento funcional, de alguma penalidade administrativa.

Nessas “vitórias e amargos” há o entremeio, as franjas da rotina das professoras no chão dos diferentes espaços educativos que as constituem como mulheres e professoras. *Sostô*, como posso pensar no final da carreira docente sem ouvir a *peleja* que foi se tornar docente. A *peleja* que foi estudar para um concurso. A *peleja* que foi ser professora Dedicação Exclusiva (DE) e ser mais. Ser **DE**, de mãe. **DE**, de filha. **DE**, de esposa. **DE**, de trabalho. E **DE**, de pesquisadora.

Aqui ancoro a minha pesquisa: quais as narrativas das professoras do IF Goiano no final do ciclo profissional docente? Para isso, tracei a vertente metodológica em narrativas de cunho biográfico e autobiográfico. Não era a minha primeira intenção sobre o método. Mas, à medida que fui me apurando dessa possibilidade de pesquisa, em que se imprime as questões identitárias e heterogêneas de forma original, articulando seu lugar de formação com todas as

suas vivências, passadas, presentes e futuras, em um movimento com suas indagações e percepções, foi que decidi que era sob essa abordagem, tão genuína e plural – nunca antes me apresentada –, que eu ampliei meu olhar para o tempo final de formação dessas mulheres docentes do IF Goiano.

Acerca dessa perspectiva, Josso (2004) nos fala que a reflexão sobre nossa formação, seja no aspecto pessoal, cultural, social, ou ainda no âmbito profissional, ajuda-nos a acalmar as nossas inquietudes questionadoras de nossa própria vida. A reflexão a partir da narrativa da própria formação (pensamentos, sensações, imaginação, emoções, apreciação, amor) permite avaliar as mudanças sociais e culturais nas vidas individuais e relacioná-las à evolução dos contextos sociais e profissionais:

O trabalho de pesquisa a partir da narração das histórias de vida ou, melhor dizendo, de histórias centradas na formação, efetuado na perspectiva de evidenciar e questionar as heranças, a continuidade e a ruptura, os projetos de vida, os múltiplos recursos ligados às aquisições de experiência, etc., esse trabalho de reflexão a partir da narrativa da formação de si (pensando, sensibilizando-se, imaginando, emocionando-se, apreciando, amando) permite estabelecer a medida das mudanças sociais e culturais nas vidas singulares e relacioná-las com a evolução dos contextos de vida profissional e social. As subjetividades expressas são confrontadas à sua frequente inadequação a uma compreensão liberadora de criatividade em nossos contextos em mutação. O trabalho sobre essa subjetividade **singular e plural** torna-se uma das prioridades da formação em geral e do trabalho de narração das histórias de vida em particular. (Josso, 2004, p. 414, grifo meu).

Sobre esse “singular e plural” de Josso, a subjetividade torna-se uma das prioridades na formação em geral e especificamente no trabalho que se baseia na narração das histórias de vida. Dito isso, retomo no tempo, no marco zero da formação. Vejo o quão prestigiado é o início no serviço público. Há uma valorização de boas-vindas, necessária para quem está chegando. É o tempo do novo. Desde a cerimônia de posse, entrada em exercício, acompanhamento no estágio probatório, progressões funcionais e avaliações de desempenho, que nos levam a referendar primeiro a produção e depois o desempenho para obtenção da progressão funcional no ciclo de vida profissional. Sempre acompanhado, elogiado e demarcado por notas avaliativas pelo bom desempenho.

E quando o tempo de parar chega? Bom, nesse momento, no muito que se faz e tenho visto, ao publicar a portaria de aposentadoria, oferece-se um café para uma despedida intimista na copa da escola para proferirmos um adeus à colega que trabalhou por 20/30 anos naquele lugar, onde viveu sua formação profissional e formou a vida de muitos que passaram por ela, nem que fossem apenas por 50 minutos de sua aula.

1.2 Problematização

Esse assunto que me é tão caro e me coloca no tão sonhado mestrado, norteia-me com a seguinte questão: quais são as narrativas do tempo da experiência das docentes de Licenciatura do IF Goiano ao final do ciclo profissional docente? Meu critério de escolha das participantes são três mulheres, professoras, com idade acima 55 anos, da área de Licenciatura. A elas eu dei os nomes fictícios de **Cora Alice**, **Cora Berenice** e **Cora Coralice**.

A escolha de mulheres foi feita para ouvir as lutas diárias delas em relação ao seu lugar de desigualdade em comparação aos homens. Isso inclui a desigualdade salarial, a desigualdade no reconhecimento profissional e a desigualdade na expressão de suas vozes. São elas que desempenham múltiplos papéis sociais de mães, filhas, esposas, provedoras, professoras e, grandiosamente e insurgentes, pesquisadoras.

Já a área de licenciatura foi selecionada por ser o campo que está diretamente relacionado à formação do “ser” docente, na sua transitividade de dirimir as tensões em sala de aula que atravessam diariamente as dimensões pessoais e profissionais.

Para a produção dos achados da pesquisa, utilizei de entrevistas semiestruturadas, de cunho biográfico e autobiográfico, que foram vídeo-gravadas para um melhor aproveitamento do conteúdo e das narrativas. Elas ajudaram a compreender seu enredo, num desvelamento sequenciado pessoal e cultural, e diante deles teci considerações em várias dimensões críticas, contudo, sem perder o rigor metodológico. O instrumento de análise dos achados foi o Núcleo de Significação. Como a pesquisa envolve seres humanos, o projeto foi submetido e aprovado⁵ pelo Comitê de Ética e Pesquisa com seres humanos CEP/CONEP por meio da Plataforma Brasil (<http://plataformabrasil.saude.gov.br/login.jsf>).

1.3 Objetivos

A partir desse meu encontro com o Programa de Preparação para Aposentadoria e por saber que enquanto instituição pública temos o dever social e legal de ofertar um PPA para nossos(as) servidores(as), vieram-me os objetivos que seguem.

⁵ Essa pesquisa foi submetida e aprovada junto ao Comitê de Ética via Plataforma Brasil, tendo aprovação estabelecida no parecer nº 5.767.502 com o Certificado de Apresentação para Apreciação Ética (CAAE) nº 63641022.0.0000.8082.

1.3.1 Objetivo Geral

O objetivo principal da investigação será conhecer e analisar as narrativas sobre o tempo da experiência de professoras acima de 55 anos de licenciatura do IF Goiano.

1.3.2 Objetivos Específicos

Identificar e interpretar os elementos que compõem as narrativas do tempo da experiência contadas pelas participantes da pesquisa.

Produzir conhecimentos que possam colaborar com o entendimento dos trajetos de formação docente da carreira da Educação Básica Técnico e Tecnológica (EBTT) no IF Goiano.

Refletir e colaborar com indicativos que contribuirão para um possível planejamento da Gestão do IF Goiano no cumprimento de uma educação para aposentadoria.

Diante disso, tentei organizar essa escrita percorrendo o caminho trilhado por mim para o entendimento teórico-metodológico vivido, narrado, experienciado e bordado.

Assim o meu bordado está organizado em 05 (cinco) capítulos escritos sob a referência do “tempo”:

No capítulo introdutório, risquei o desenho da pesquisa, imprimi o meu interesse pelo tema, minha experiência e familiaridade com o assunto, os objetivos traçados e a escolha método.

O meu tempo foi o segundo capítulo, com agulha e fio eu narrei minha vida pessoal e profissional e, principalmente, escavei os lugares da minha formação que me conduziram a esse tema. Não poderia pensar em fazer uma pesquisa de narrativas sem me colocar dentro da pesquisa. Para Benjamin (1987) é digno e justo que o sujeito conte a sua narrativa de vida por inteira. É a matéria prima da minha experiência na forma mais honesta, em que vou me encontrando com meu eu. São as minhas narrativas de tempo de vida que me levam ao meu caminho formativo e reflexivo do “eu” pesquisadora.

No terceiro capítulo, estiquei no bastidor a história do tempo, da formação e do trabalho. Para conceituar o tempo eu trouxe o filósofo e sociólogo Norbert Elias (1998) e o sociólogo e autor Ailton Krenak (2019). Para formação, foram bordados, os conceitos sobre o ciclo de vida profissional dos professores, sob a ótica teórica de António Nóvoa (1995) e Michael Huberman (1995): a entrada na carreira, a fase de estabilização, a fase de diversificação, a serenidade e conservadorismo e, por último, o desinvestimento.

No quarto capítulo, pesponteiei sobre o tempo da pesquisa e das narrativas. Puxei os fios do método, sujeitos e locais, utilizando dos conceitos de Severino (2013) e Flick (2009, 2013). Para a obtenção dos sentidos e significados da análise dos achados, eu segui o dispositivo descrito por Aguiar, Soares e Machado (2015) e Aguiar e Ozella (2006, 2013). E para finalizar e entender esse caminho tortuoso da pesquisa diante dos achados a professora Marli André (2013) foi uma luz no meu caos. Para as narrativas, foram meus guias o filósofo e sociólogo Walter Benjamin (1987; 1995; 2022), dialogando com Josso (2004), Passeggi (2014) e Clandinin e Connelly (2015). Para experiência, trouxe Jonh Dewey (2010; 2023), Larrosa (2002), Santos (2000), hooks (2017) e novamente Krenak (2019).

Com o matame, eu fiz o acabamento do quinto capítulo sobre o tempo de parar. Foram as narrativas em voz e cós da lida professoral feminina. Do campo aos textos de campo, recortei as transcrições das narrativas das professoras de Licenciatura, com idade acima de 55 anos, do IF Goiano. E, por fim, antes de fechar a porta da sala de aula, trouxe as considerações (não) finais das narrativas ditas, ouvidas e transcritas ao longo dessa pesquisa.

2) Meu tempo

agulha e fio: de ponto em ponto
é feito o bordado

amigo

vamos conversar
como dois velhos que se encontram
no fim da caminhada.
foi o mesmo nosso marco de partida.
palmilhamos juntos a mesma estrada

cora coralina

(meu livro de cordel, 2012, pág 64.)



2 MEU TEMPO – AGULHA E FIO LIGAM OS PONTOS DO BORDADO

2.1 Meu tempo

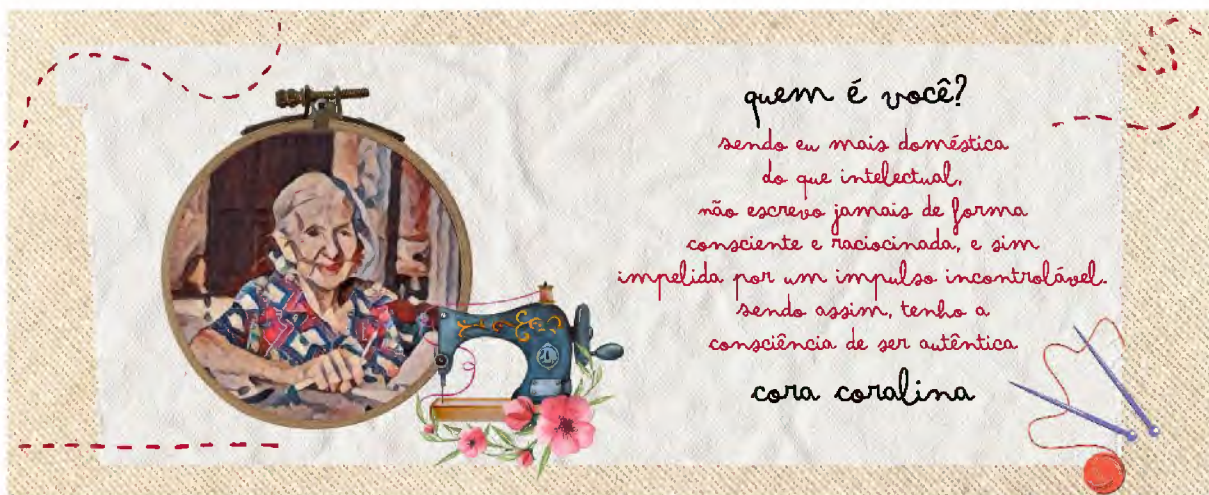


Figura 2 – Poema “Quem é você?” de Cora Coralina.
Fonte: Meu livro de cordel, p.66, 2015.

Mais doméstica do que intelectual, como citado por Cora Coralina, eu me apresento neste segundo capítulo para contar o que consigo extrair do meu tempo, da minha memória, minha essência, minha formação, e aqui tecer para o leitor e leitora, minha afinidade com o assunto pesquisado em uma amostra da minha identidade sob a perspectiva existencial.

Aqui também eu começo a experimentar as tensões de partir de um lugar que eu conhecia, ou pelo menos tinha a ideia, das bases de pesquisas quantitativas dominantes e tradicionais, para uma nova, inédita para mim, no campo da pesquisa qualitativa chamada de pesquisa narrativa.

O plano estava bem traçado. Escolheria o grupo, o *lôcus*, geraria um questionário, reduziria as respostas em números e apresentaria o censo em gráficos e tabelas. Não estou aqui minimizando o trabalho científico da pesquisa quantitativa, apenas tentando dizer que era um percurso mais familiar para mim. Mas onde entrariam as experiências de vida? E as pessoas? E o caminho? E o tempo de sala de aula? Esses poderiam até serem generalizados em uma lógica e seguiria o que Clandinin e Connelly (1995, p.22) ressaltaram: “frequentemente, a pesquisa em educação resultava de intenções gerenciáveis do interesse público sobre o privado”. A autora marca em tópico no seu livro a seguinte pergunta: por que a virada para a Narrativa? A resposta vem logo em seguida com a palavra-chave: experiência.

[...] começamos a refletir sobre o todo das ciências sociais com suas preocupações sobre a experiência humana. Para cientistas sociais, e consequentemente para nós, experiência é uma palavra-chave. Educação e estudos em Educação são formas de experiência. Para nós, narrativa é o melhor modo de representar e entender a experiência. Experiência é o que estudamos, e estudamos a experiência de forma narrativa porque o pensamento narrativo é uma forma-chave de experiência e um modo-chave de escrever e pensar sobre ela. Cabe dizer que o método narrativo é uma parte ou aspecto do fenômeno narrativo. Assim, dizemos que o método narrativo é o fenômeno e também o método das ciências sociais (Clandinin; Connelly, 1995, p.48).

Tive sorte. Muita sorte. O plano mudou. Não porque naquele primeiro ensaio eu tivesse essa dimensão crítica sobre como as experiências docentes entrariam na minha pesquisa inicial. Ele mudou por proposta da minha orientadora Professora Adriana Alves Fernandes Costa. Uma pesquisadora consciente de sua formação docente, de seu papel na constituição de saberes a partir das escutas e experiências que lhes acontecem e, acima de tudo, uma pesquisadora generosa, calma e paciente, que acreditou que eu seria capaz de desenvolver uma pesquisa narrativa, com o foco nas pessoas e nas suas histórias de vida. E de quebra, permitiu-me bordar as palavras, os poemas e as músicas que me constituem, colocando-me nesta pesquisa de forma holística, quebrando a hegemonia do rigor da escrita acadêmica padronizante/padronizada.

Claro que inicialmente fiquei atordoada com o novo modo de pesquisar. É possível fazer pesquisa narrando? Essa pergunta ficou na minha cabeça por muito tempo, pois vinha de uma escola (época do Trabalho de Conclusão de Curso, na graduação) que não podíamos nos colocar na pesquisa, tínhamos que nos posicionar distantes. Naquele momento, eu levantava uma certeza: ela não era convencional. Não é convencional. Não existe uma prática habitual na academia para o uso desse modo de fazer pesquisa.

Com isso definido, partimos, com prazo para entrega, para a parte mais difícil para mim, que foi meu construto do Memorial de Formação. O que o meu memorial iria contribuir para minha pesquisa? Essa era uma das perguntas que mais me *agoniava*. Não demora e logo consigo achar a resposta ao conhecer e participar do Grupo de Estudos Espaço de Saberes, o GRUPES, por convite da Professora Adriana. Lá eu entendi, o quão honesta é a narrativa autobiográfica na pesquisa narrativa, ou de narrativa. Ao narrar, o narrador participa do processo e se questiona, indaga e critica para um melhor entendimento das experiências vivenciadas dele, o narrador, e das histórias narradas. Eu entendi também a importância daquele grupo para apoiar minha matriz de dúvidas e as tensões que me cercavam ao escrever. Sobre esse prisma, Clandinin e Connelly (2015) destacam:

Estudantes de narrativa - especialmente alunos de pós-graduação que frequentemente aprendem sua prática de pesquisa em comunidades de estudos que dão suporte e

conforto a eles - rapidamente aprendem a se defender e a argumentar seus trabalhos em termos de fora da estrutura de suas narrativas de referência. Este aprendizado de pensar narrativamente nas fronteiras entre a narrativa e outras formas de pesquisa é, talvez, a única e mais importante característica do pensamento narrativo bem-sucedido (Clandinin; Connelly, 2015, p.57).

Eu, nesse momento, rememorando meu passado, encontrei significado nas palavras da professora Maria da Conceição Passeggi (2014) quando ela diz que é na autobiografia que se desenvolve a capacidade reflexiva e crítica sobre a trajetória de vida, sobre o conhecimento que está sempre em transformação e como nos apropriamos dos nossos processos formadores. Para a autora:

[...] A prática da escrita de si é aqui apresentada como uma nova epistemologia da formação, ela se adequa melhor à ideia de que já não se trata de promover a aquisição de conhecimentos duradouros, definitivos, mas de ajudar o adulto a desenvolver uma reflexividade crítica face a saberes em evolução permanente (Passeggi, 2014, p.11).

É no meu Memorial de Formação que garimpo e *fuço* o fio condutor para esse lugar. É aqui que tento historicizar minha vida pessoal e profissional para encontrar o tom, a voz e a tessitura da minha pesquisa, e ainda refletir sobre o que me constitui como pessoa hoje. Clandinin e Connelly (1995, p.106) também me autorizaram, nessa escrita do “eu”, a destacar a importância da centralidade da experiência do pesquisador – o ato de viver, contar, recontar e reviver essas experiências. Um dos pontos cruciais na pesquisa narrativa é a própria narrativa das experiências do pesquisador, sua autobiografia. A tarefa de compor nossas próprias narrativas de experiências é essencial para esse método. A partir disso, afirma-se que é viável criar narrativas introdutórias à medida que o pesquisador inicia seu trabalho.

Não será apenas minha escrita, será uma experiência, um enriquecimento, uma nova versão de recortes que consigo extrair da memória. Parafraseando a expressão usada por Josso (2004), será o meu “caminhar para si”, ou seja, aprendendo e me formando continuamente a partir das experiências transformadoras vividas.

Walter Benjamin (1987) destaca, em seu conhecido texto *O Narrador*, a importância da narrativa como forma de dar continuidade à história narrada, pois ao narrar partilharmos as experiências e formamos saberes coletivos. Então, eu chego até aqui com as tensões do “pensamento narrativo”⁶ e fazendo um *backup* das minhas memórias.

⁶ Clandinin e Connelly (2000, p. 67) abordam as tensões do pensamento narrativo confrontados com a narrativa dominante.

Da memória para o papel foi um caminho difícil. Durante esse caminho, dei pausas. Era preciso parar o tempo. Era preciso questionar, voltar, apagar, percorrer novos caminhos e lugares em que às vezes eu me perdia e me achava. O que extrair? O que contar? Durante o andamento da escrita, percebia que, nas pausas, eu me autoconhecia e isso me ajudava a (re)visitar, (re)memorar e encontrar os sujeitos e os lugares que, de forma direta ou não, colocavam-me frente a frente com/para meu objeto de pesquisa. Assim, fui encaixando as peças do meu *puzzle*⁷ e me entendendo, e tentando entender a experiência, e me formando. Num vai-e-vem *continuum*⁸ e tridimensional de Dewey, no ritmo do tempo, do espaço e da vida social.

A professora Dra. Adriana Alves (2012, p.17) pontua: “[...] pesquisa se constrói com o diálogo investigativo do vivido.”. Ela descreve na sua tese a postura adotada na pesquisa, ressaltando a abordagem dialógica com o objetivo de gerar conhecimento, levando em consideração as diversas vozes que contribuem para sua composição: leituras, imagens, vozes da pesquisadora, dos participantes da pesquisa e dos vários leitores que se debruçaram sobre sua análise. A autora defende que se trata de uma abordagem capaz de refletir tanto na forma, quanto no conteúdo do texto, demonstrando um movimento de enunciados que se caracterizam pela análise; reconhece que a pesquisa se desenvolve por meio do diálogo investigativo com as experiências vividas. Esse diálogo do vivido levou-me a rever minha trajetória profissional como servidora pública e agora como pesquisadora. Vamos ao começo!

⁷ Para Clandinin e Connelly (2000, p. 74), o *puzzle*, cuja tradução seria “quebra-cabeça”, é uma metáfora relacionada entre a autobiografia do pesquisador e o seu problema de pesquisa. Seria o fio condutor que leva o pesquisador ao seu problema de pesquisa. (Interpretação minha).

⁸ Dewey fala que experiência é temporal e contínua. A experiência acontece a partir de outras experiências e essa continuidade (tempo) e interação (contexto) promovem tensões relativas a pessoas, ações e certeza (Clandinin e Connelly, p. 53).

2.2 O tempo do começo



Figura 3 – Música “Disparada” de Geraldo Vandré
Bordado pela autora – detalhes de xilogravura de Cordel⁹

“Eu venho lá do Sertão e posso não lhe agradar...”. Com esse verso de Geraldo Vandré, início meu tempo. Tenho vários começos. Mas vou começar pelo começo da pesquisadora.

O começo do meu “eu pesquisadora” foi fundamental e formador nesse processo de escrita. Participando de um coletivo de estudos desde o início do mestrado, fui escalonando saberes e autores, além de um conjunto de histórias e experiências sobre a narrativa, pesquisa narrativa e seus pressupostos metodológicos. Atentava-me para cada livro citado e cada autor referendado naquele ambiente virtual. Antes mesmo da nossa aula acabar, eu já estava esquentando o café e pesquisando tudo que foi estudado, seguindo noite adentro em busca dos livros e autores que me fossem norteadores dentro da minha pesquisa.

O GRUPES é coordenado pelas professoras da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ): Adriana Alves Fernandes Costa, Juaciara Barrozo Gomes e Luiza Alves. Nossos encontros são virtuais com frequência quinzenal; por vezes, cansadas da rotina da sala de aula e do trânsito da cidade grande onde residem, mas nunca, nunca, desmotivadas. Elas, nossas professoras coordenadoras, mostravam as fontes em que “saciaríamos” nossas dúvidas e impulsionariam nossa pesquisa. Autores ilustres foram paginados em nossos encontros, como

⁹ Do Grego “xilon” e “grafo”, que significam madeira e escrever (ou gravar). Essa arte sai da madeira e ganha os papéis com registro de cenas para ilustrar os cordéis de poesias nordestinas. A maioria dos xilógrafos mais importantes estão no Nordeste, como Abraão Batista, José Costa Leite, Amaro Francisco, José Lourenço, Gilvan Samico e o pernambucano J. Borges, lá do município de Bezerros, agreste de Pernambuco. Fonte: <https://pt.scribd.com/document/630367598/CADERNO-LINGUAGENS-EJA-1> . Acesso em 18 set. 2023.

Walter Benjamin, Jorge Larrosa, bell hooks, John Dewey, Josso, Jean Clandinin, Michael Connelly e tantos outros que também estarão presentes nesta escrita.

No GRUPES, eu aprendi coletivamente. E aprender coletivamente é um caminho de resistência, que foge da competitividade solo narcísica. Buscamos apoio umas nas outras, nas falas e nos outros textos narrados a partir de cada vivência individual e contexto social de aprendizagens, de dúvidas, de experiências e de força. Certa noite, escutei no coletivo “ninguém solta a mão de ninguém”. Isso me deu a certeza de que nesse lugar eu superaria as dificuldades que viria a encontrar no meio do caminho do mestrado, resistindo ao cansaço, ao desencantamento e ao anestesiamento, que algumas vezes me *exfadavam* durante o percurso, e influíam nas relações ali trocadas, vividas e experienciadas. Eu me livrava dessas amarras.

Nesse caminho, eu também aprendi. Por exemplo, ao apresentar o capítulo seis (6) “Do campo para os textos de campo: estando no lugar das histórias”, do livro *Pesquisa Narrativa: experiência e história em pesquisa qualitativa*, de Clandinin e Connelly (2015), em uma noite cheia de experiência estética, social, cultural e teórica-metodológica, aprendi que não podemos ser “alienígenas” da história. Contar nossas histórias refazendo o passado sob a nossa perspectiva é essencial para o crescimento pessoal e social. Seria isso a “reconstrução da experiência” citada por Dewey? (Clandinin, Connelly, 2015, p.125). São perguntas como essa que fazemos em nossos encontros. São encontros de saberes, leituras, experiências, memórias e vidas coletivas. E eu, iniciante em pesquisa, com ânsia de conhecer cada autor e autora daquela forma expressiva de pesquisar. Me *abestalhei*.

A dinâmica do grupo era registrar cada encontro com uma narrativa de um participante. Não uma ata. Mas sim uma narrativa de suas percepções sobre o conteúdo estudado, sobre o encontro do dia, sobre a apresentação do conteúdo feito por outros colegas. Ao narrar e refletir criticamente, nós íamos produzindo e partilhando conhecimento sob a perspectiva da produção científica narrativa. Em vozes, que ecoavam de vários lugares do Brasil, íamos nos formando coletivamente, aderindo ao que o progresso trás de bom: a conexão entre lugares virtuais, geográficos, afetivos e acadêmicos, compondo uma tessitura de saberes (Bragança, Mota e Neto, 2023).

Comecei a guardar aqueles encontros. Precisava guardar, na transitividade do verbo de conservar, manter em bom estado. Para que minha memória não *estruísse* todo conhecimento que era partilhado. Nascia o nosso “Caderno de Pesquisa Narrativa” – assim o chamei inicialmente –, que virou nosso livro *A pesquisa que conta: sentidos e significados construídos em um grupo de estudos*. São memórias. São experiências. São trocas. Nele, eu apoio minhas

dúvidas e o revisito para encontrar respostas. Por vezes, eu até me emociono ao rever as discussões realizadas quando nos foi apresentada Clandinin. O “Caderno” que virou livro - recortes no Anexo A-, me rememora sentimentos de um tempo bom. Como em um álbum de recordações da sua melhor viagem. Está tudo lá. Capítulo por capítulo, cada encontro é registrado, em foto, em escrita, em estética, em narrativa.

A noite dos encontros do GRUPES começa com a “experiência estética”, que pode ser um livro, uma música, uma poesia, apresentada por algum estudante participante do grupo. Na sequência, seguimos para a leitura do relato do encontro anterior, também narrado por alguma ou algum voluntário (a). Em seguida, damos início ao capítulo da obra em estudo. Ali, sem que vejamos o tempo passar, nos deleitamos nas escritas, relatos e explicações das professoras coordenadoras. Ao final, registramos com uma foto.

Como aluna, ao construir o caderno, eu fui me reconstruindo em um processo emancipatório pessoal e, acima de tudo, educacional. Para que não fosse nada perdido e nem esquecido, fiz a paisagem das nossas narrativas. Com recortes, fotos, fala, poemas, datas e horários. Ao passo que o construía, sentia a própria maturação do objeto e aportes teóricos no meu “eu pesquisadora”.

Sobre o nosso coletivo de estudos, somos 15 participantes, quase unanimemente mulheres. Cada uma com suas histórias, suas experiências, suas profissões, suas narrativas, suas emoções e suas potencialidades. Todas estão recortadas e coladas no “caderno”, seus rostos e suas vozes como uma obra de arte em construção. Assim é o GRUPES. Assim somos nós.



Figura 04 – Caderno de Pesquisa Narrativa, que virou o livro (recortes no Anexo A): *A pesquisa (que) conta: sentidos e significados construídos em um grupo de estudos*, publicado pela Editora do IF Goiano em coedição com a Editora da UFRRJ. Fonte: Bordado pela autora

Paralelo ao GRUPES, eu ainda participo do coletivo Orientandos, mais voltado para o estudo focado nos autores de narrativas como o Walter Benjamin. O coletivo é, também, coordenado pela Professora Adriana Alves Fernandes Costa. Dele, participam todos os estudantes da graduação e pós-graduação que ela orienta. Acontece também de forma on-line, e ultimamente temos nos reunido semanalmente. São experiências formativas entre o campo teórico e empírico que tecem de forma mais clara nosso objeto pesquisado, com seus autores e obras.

Bom, agora estou eu com o desafio de narrar e, a partir de minhas lembranças, construir e desconstruir as experiências que me levaram ao que sou hoje, aos meus pensamentos formativos de educação. Pela linguagem benjaminiana vou tentar deixar minha marca na “argila” dessas linhas. Começo a narrar sem roteiro. E já garanto que a minha história não é *hollywoodiana* com final feliz, mas ela tem muitos começos e recomeços.

Permita-me que me apresente melhor. Meu nome é Maria de Fátima Lucimara Santos Nóbrega, tenho 49 anos, sou nordestina, natural do Caicó/RN. A quarta filha de seis, de Elias Norberto dos Santos, 84 anos, aposentado como vendedor autônomo, e de Francisca Altiva dos Santos, esposa, mãe e bordadeira, que hoje já habita o céu e nossas memórias. Sou também irmã de mais cinco: quatro mulheres e um homem/menino/criança (Luquinhas).

Para falar um pouco sobre o contexto em que nasci e vivi, começo pela infância em Caicó. Nossa casa era uma casa simples e pertencia a minha avó paterna. Tinha três quartos, piso de cimento vermelho, um teto de telha de barro, paredes com salitre e um único banheiro, que ficava fora da casa. Não havia chuveiro. Havia um tanque de cimento abastecido com água das chuvas, que vinha de outro reservatório grande, construído no quintal, com essa finalidade de armazenar águas tão escassas no Nordeste. No final de cada ano, antes das festas natalinas, painho reservava um pequeno ganho das vendas para fazer reparos nela, como pintar com cal as paredes desgastadas pelo salitre.

A memória mais marcada em minha mente tem o cheiro do nosso quarto projetado com quatro redes e uma cama de solteiro. Tem a marca na parede do pé que impulsionava o balanço antes da benção de boa noite, facilmente ouvido pela meia parede que dividia nosso quarto do quarto dos nossos pais:

Benção painho? – Deus te abençoe!

Benção mainha? – Deus te faça feliz!

Tem também as conversas pós festas. Sapato para um lado, roupa para o outro, muitas risadas e um ventilador de ferro laranja em cima de um *tamborete*, que girava sua cabeça da

primeira a *derradeira* rede, soprando e fazendo *zoada*, ajudando a apurar a *fôfoca* da noite e abafar o som das nossas falas madrugada adentro. Às vezes, ainda levávamos alguma amiga para dormir conosco. *Aí, minha amiga e meu amigo, num tinha parêa não...as gaitadas se estendiam até o sol raiá.*

Na fachada da nossa casa, uma meia parede de tijolinhos vermelhos dava tom ao pano de fundo para momentos inesquecíveis de nossas histórias. Era lá, *na boca da noite*, logo depois do jantar, que as famílias se encontravam nas calçadas. *Vixe*, era bom que *só*. A gente, criança *medonha* que éramos, ficava de *butuca* ouvindo o *converseiro* dos vizinhos esperando esfriar a *quentura* do calor do dia, jogando queimada na rua com as outras crianças.

E aproveitando esse momento, ali era um lugar de troca de narrativas do vivido dos adultos. Eles contavam histórias do presente e do passado. Relembravam os “causos”, compartilhavam experiências, arriscavam profetizar com base no céu estrelado e, no dia de chuva em dia de São José, se aquele ano seria um ano bom de inverno. Nessa mesma calçada nos reunimos todos os natais para confraternizar com familiares e amigos.



Figura 05: Reuniões festivas na calçada (até 2021 conservávamos essa fachada)
Fonte: Bordado pela autora

Isso me faz rever como o nordestino é subvertido e controverso. Vivendo numa região estigmatizada pelas sequelas de longos períodos sem chuva, ele trava lutas diárias contra a fome, a miséria, a mortalidade, a seca e suas consequências; as barbáries da política da seca que mantém no poder, por décadas, as mesmas famílias politiqueiras que os manipula como massa de manobra, perpetuando as desigualdades sociais e se apropriando da miséria social para desviar verbas que seriam usadas como auxílio à população empobrecida.

No entanto, basta cair um sereno no seu roçado que ele se contravém. Esquece as mazelas das desigualdades ora orquestradas, renova as esperanças e se alegra com a família. Naquele momento, ele só quer festejar a colheita de uma saca de feijão, a vinga da macaxeira, ou até a parida de seu bezerro. E assim, entre estações e promessas, segue tirando “leite de pedra” para criar sua prole. O compositor Petrúcio Amorim trouxe, em sua música *Eu me criei*, versos marcados por sabores e dissabores do nordestino.

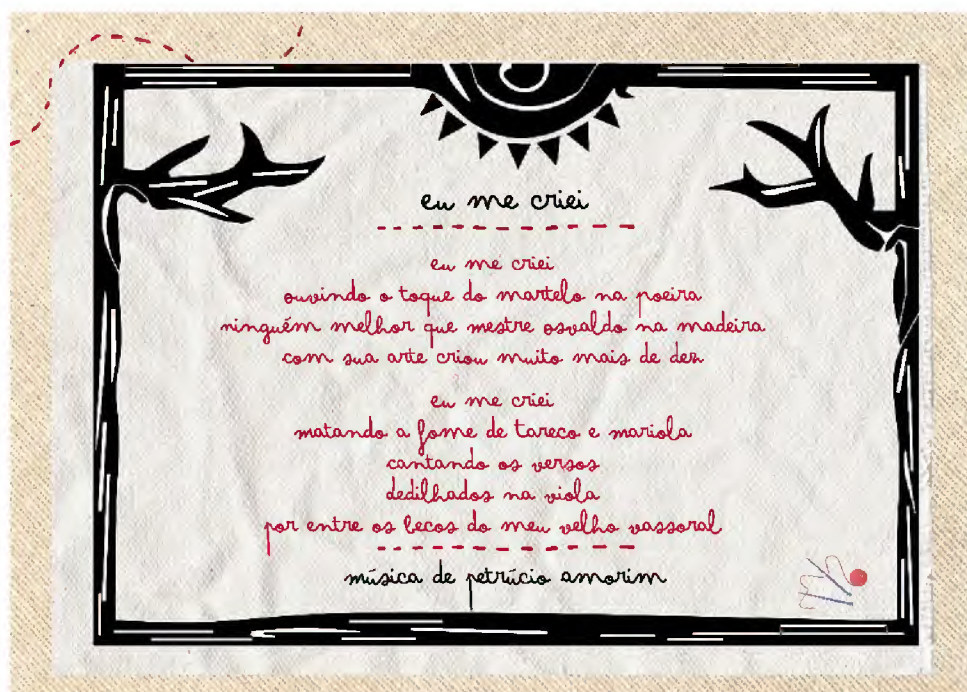


Figura 06 – Música “Eu me criei” de Petrúcio Amorim

Fonte: disponível em <https://genius.com/Flavio-jose-tareco-e-mariola-lyrics>, acessado em 01 de maio de 2023. Bordado pela autora em xilogravura, usado em livros de cordel.

Meu pai não foi diferente. Tirou muito “leite de pedra”, como retratado na música. Com a casa cheia de filhos e bocas que precisavam ser alimentadas, vendeu tecido na feira livre por anos. Mainha contava que levava as duas filhas mais velhas para a feira ainda bebês e

acomodava-as embaixo da banca de tecido, dentro de uma caixa de papelão, pois não tinha com quem deixá-las e precisava ajudar painho nas vendas.

Painho tinha pouco letramento, mas era bom de *prosa* no sentido argumentativo da palavra, então, com sua habilidade nata para vendas, pôde comprar um carrinho. O modelo era Corcel II, de cor amarela. Movido a bujão de gás e a bravura de um pai de família, esse Corcel acompanhava seu dono em viagens semanais para vender coisas. Desde canetas e cadernos, até bacias, louças, toalhas, brinquedos; um tipo de caixeiro-viajante. Enchia o carro de mercadoria e viajava por uma semana nas cidades circunvizinhas a Caicó, oferecendo os produtos e colhendo os pedidos dos fregueses.

Trabalhador que sempre foi, sua história com a aposentadoria aconteceu de forma automática e sem planejamento. Ele contribuiu para a previdência privada como autônomo por 35 anos e aposentou-se com 60 anos de idade, em 1999. Não planejou esse momento. Só foi orientado sobre a importância dessa contribuição¹⁰ para seu futuro. Não exatamente como planejamento de vida, mas talvez como uma obrigação¹¹.

Nesse lar de pouco dinheiro e muita gente, não faltou nada. Sobrou cobrança para que todas nós tivéssemos em mente que a única opção para nossa emancipação social era a educação. Nesse ponto, meu pai foi exaustivo. Não havia um dia em que ele não cobrasse isso de nós. Cobrava disciplina, educação, respeito para com as pessoas, para com os mais velhos, com as autoridades, com a religião, com Deus. Essa era a tônica da nossa criação.

Sob a égide dos vencidos de Benjamin, eu narro o contexto de uma família com poucos recursos financeiros, muitos filhos para criar e um país que passava pela ditadura militar, década de 1980. Sofria com um rastro de hiperinflação, mudanças de planos econômicos (Plano cruzado, Plano Bresser, Plano Verão, Plano Collor, confisco de dinheiro guardado nas cadernetas de poupança das trabalhadoras e trabalhadores) e, às margens desse cenário, figura a fome no Brasil, – como diria Carolina de Jesus – “amarelando” os lares e o sertão nordestino.

Para situar os que me leem, relembro que somente em 2014 o Brasil saiu do mapa da fome, sob a presidência da presidenta Dilma Rousseff. A implantação de programas sociais contribuiu significativamente para reverter esse quadro assolador: Bolsa família; Farmácia

¹⁰ Valor pago ao INSS por mês (com nome de contribuição), durante toda sua vida de trabalhador, para assim ter direito a receber como aposentado. (Explicação minha).

¹¹ Aqui abro a reflexão para situar que a partir da década de 70, a lei de amparo ao trabalhador aposentado, Lei Eloy Chaves de 1923, até então exclusiva dos ferroviários, migrou para todas as categorias, incluindo os autônomos. Explicações acessíveis no site: <https://www.gov.br/inss/pt-br/acesso-a-informacao/institucional/breve-historico>. Acesso em 19/10/2022.

popular; Minha casa, minha vida; Projeto Cisternas; Luz para Todos, Transposição do Rio São Francisco, Mais Médicos e tantos outros.

Realizei uma rápida investigação sobre os relatos da fome no Nordeste (1990/1991) e deparei-me com duas imagens extraídas de uma revista de grande alcance nacional. Apesar de a publicação possuir uma orientação política historicamente conservadora e adotar posicionamentos que não se alinham com minhas convicções cidadãs em formação, nas referidas edições, o veículo retratou fielmente a realidade da fome conforme ela se manifestava.



Figura 07 – Duas capas da revista Veja.

Fonte: <https://ecologiahumana.wordpress.com/2018/01/24/fome-no-brasil/>. Acesso em 18 jun. 2023.

Além de sair do mapa da fome¹², o Brasil começa também a abrir os espaços para os filhos de famílias como a minha, oriundos de escola pública e pertencentes a um núcleo familiar de baixa renda *per capita*, ocuparem as vagas nos bancos das universidades públicas, antes um lugar habitado pela elite e seus filhos detentores de renda. O pobre concluía seus estudos no Ensino Médio e logo tinha que ir para o mundo do trabalho. No caso de Caicó, as oportunidades eram: ser assalariado ou balconista no comércio local. A lei de cotas nas universidades¹³ e outros programas voltados para minimizar as desigualdades sociais como o Fies, Pronatec,

¹² O Brasil voltou ao mapa da fome em 2015 e a situação foi agravada na pandemia do COVID-19 que deixou como uma das sequelas o desemprego e a fome de mais 33 milhões de brasileiros sem ter o que comer. Fonte: <https://www12.senado.leg.br/noticias/infomaterias/2022/10/retorno-do-brasil-ao-mapa-da-fome-da-onu-preocupa-senadores-e-estudiosos>. Acesso em 31, out, 2023.

¹³ Lei 12.711/12, sancionada em agosto deste ano, garante a reserva de 50% das matrículas por curso e turno nas 59 universidades federais e 38 institutos federais de educação, ciência e tecnologia a alunos oriundos integralmente do ensino médio público, em cursos regulares ou da educação de jovens e adultos. Os demais 50% das vagas permanecem para ampla concorrência. Fonte: <http://portal.mec.gov.br/cotas/perguntas-frequentes.html>. Acessado em 22, out, 2023.

Prouni e Ciências sem Fronteiras derrubaram esse muro e possibilitaram que pobres ocupassem também essas cadeiras destinadas aos ricos.

Com a renda financeira vinculada somente aos resultados das vendas do meu pai, o que não garantia uma certeza fixa ao final do mês, assim, mainha começou a bordar. Mainha nos vestia e calçava com seus bordados. Não dava lucro suficiente para vestir cinco filhas, mas ela, habilidosa, transgredia as regras do capitalismo e administrava o rodízio, dividindo o pouco entre muitos. As roupas novas eram feitas para as duas filhas mais velhas e, à medida que cresciam, passavam as roupas e sapatos para as mais novas. E eu, sendo uma das mais novas, sempre usava as roupas já gastas pelas minhas irmãs mais velhas. Falo isso de uma memória afetiva amorosa. Nunca me constrangeu e até hoje nós fazemos muito isso entre as irmãs. Propositamente, nosso vestido de formatura da graduação foi o mesmo, cada uma usou em anos diferentes, para que mantivéssemos vivos os desejos e a sabedoria de mainha, que já não estava presente fisicamente e não participou de nenhuma das solenidades.



Figura 08 – Mesmo vestido de formatura usado por nós, em memória à mainha.
Fonte: Arquivo da autora.

Sobre o bordado e outras culturais de Caicó, eu destaco que Caicó é uma cidade culturalmente conhecida por seus bordados; e também por sua culinária rica e desenvolvida a partir dos produtos regionais e da produção rural local, como: manteiga da terra, queijo de qualho e queijo de manteiga, paçoca de carne de sol, arroz de leite. Produtos artesanais e

manuais que geram emprego e renda para várias famílias. Esses produtos giram na cidade e em outros estados do Brasil projetando o nome “Caicó” como referência de qualidade em tudo que faz. O famoso “picolé de Caicó”, tão agenciado nas praias nordestinas, leva esse nome por ser comercialmente mais vendável. Muitos deles não são fabricados em Caicó, mas o nome faz a marca valer o preço e garantir a qualidade.

Agora, a respeito da educação dos meus pais, começo por falar que meu pai ficou órfão de pai logo cedo e assumiu, junto com seus seis irmãos, três homens e três mulheres, a responsabilidade de trabalhar para ajudar no sustento da família, que era constituída de oito pessoas, a mãe e sete filhos. A escola não era uma opção para sobrevivência e comida na mesa. Estudou até a 4ª Série Primária, hoje, o 4º ano do Ensino Fundamental. Estou falando de 1951, quando morria um agricultor e sua família ficava totalmente desamparada. Minha avó, viúva, com sete (7) filhos para criar, não recebia nenhum benefício governamental. Então, a opção era trabalhar, e meu pai, um dos mais velhos, assumiu essa missão sem reservas.

Data de 1963 a inclusão do trabalhador rural no sistema de previdência no Brasil, com o Fundo de Assistência ao Trabalhador Rural (FUNRURAL).

Do meu lado materno, o acesso à educação foi mais presente. Dos seis filhos dos meus avós, três terminaram o ensino médio e até tentaram uma vaga na universidade, no concorrido vestibular, mas logo sucumbiram à dificuldade imposta pelo sistema antes da Lei de Cotas, e foram trabalhar no comércio local de Caicó.

Apesar de todas as dificuldades de ter uma família grande que só tinha meu pai como provedor, praticamente, não me lembro que nos tenha faltado algo relacionado à alimentação. Era básica, mas ela era. Em nossa rua, havia a bodega¹⁴ de Seu Caboquim, onde mainha comprava fiado¹⁵ e ele anotava em um caderno, que painho pagava quando recebia a comissão por suas vendas. Essa confiança era adquirida pela conduta singular dos que tinham o privilégio de ter seu nome anotado no caderno. Nós tínhamos esse crédito em vários locais do comércio de Caicó. Painho sempre honrou seus compromissos financeiros. Então, lembro-me que mainha anotava o que era para pegar na bodega de Seu Caboquim e eu ia, satisfeita, buscar as compras. Como peraltice de criança, incluía um pirulito zorro, de caramelo, de recompensa.

Na nossa mesa, saboreávamos as delícias do Nordeste. Café da manhã com cuscuz, tapioca, bolo de mandioca, bolo de grude (mainha fazia um sem igual). Para as demais refeições,

¹⁴ Pequena venda comum em cidade do interior onde se vende artigos de primeira necessidade e tem como fregueses seus vizinhos. (Explicação minha)

¹⁵ Fiado era a venda a crédito, geralmente com caráter de confiança. Nesse caso, não havia fiança, onde existe um fiador que pode arcar com a dívida.

seguiram o feijão de corda, arroz de leite, paçoca de carne, buchada de bode, carneiro. Eram os mais tradicionais.

Estudamos em escola pública do ginásio à academia. Sempre lutamos por um lugar através do livro e da caneta. A assistência médica também era pública. Naqueles anos, precisamente em 1977, nascia o Instituto Nacional de Assistência Médica (INAMPS), que cuidava exclusivamente dos assuntos relativos à assistência médica. O INAMPS fazia parte do Sistema Nacional de Previdência e Assistência Social (SINPAS), criado pela Lei 6.439, que desenhava um sistema de saúde segmentado e voltado principalmente para a prestação de serviços médico-hospitalares, durou 16 anos até sua extinção, em 1993, pela Lei 8.689, que deu lugar ao Sistema Único de Saúde (SUS).

Resumindo brevemente, pode parecer que tudo foi fácil. Mas não foi. Existem partes, perdas e rupturas desta história que eu preciso abordar para que, mais tarde, possamos compreender a importância e o significado de cada evento em minha jornada educacional e meu desejo de estudar; entender as narrativas próximas à ruptura. Nesse fim eu pergunto: quais sentimentos rodeiam o “apagar das luzes” de professoras que estão próximas de encerrar seus ciclos em sala de aula? E os impactos financeiros, emocionais e sociais desse aposento?



Figura 09 – Vestidos bordados. Eu e minhas irmã na infância
Fonte: Arquivo da autora.

2.3 O Meio de Mim. Formação Básica e adolescência.

Iniciei meus estudos na pré-escola aos seis (6) anos, ano de 1980, em uma escola privada chamada Externato Santo Antônio. Tenho poucas lembranças dessa época. Recordo-me que a escola era um lugar estranho, pouco acolhedor e de muito medo. Não era um espaço onde eu me sentia segura e fazia amigos. Era uma escola simples, a diretora e dona era uma professora aposentada, que se organizava com coragem na gestão escolar. Era uma escola de baixo custo e por isso meus pais conseguiam pagar.

A pré-escola naquelas décadas de 70 e 80 – hoje, uma etapa da educação infantil –, por nome, já se deduz do que se tratava. Era uma etapa do processo educativo que antecedia a educação primária. As características da educação pré-escolar dependem de cada sistema educativo. Em geral, trata-se de uma etapa não obrigatória: os pais podem decidir se mandam os seus filhos para esses estabelecimentos de ensino ou não. Hoje faz parte da Educação Básica e é ofertada na rede pública. A partir da década de 70, a Lei 5692/71 o ensino tornou-se obrigatório dos 7 aos 14 anos - Ensino Fundamental.

Tinha praticamente o intuito de alfabetizar e assim, ao iniciarmos a primeira série, já teríamos que saber ler. Fiquei no Externato Santo Antônio somente para cumprir a tabela de ler antes de iniciar na primeira série. No Brasil, segundo a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, Lei 9394/96, crianças de zero (0) a três (3) anos são atendidas pelas chamadas “creches”, enquanto as crianças de quatro (4) a seis (6) anos são recebidas pela educação infantil, antes pré-escola.

Depois, fui para a Escola Estadual Monsenhor Walfredo Gurgel (EEMWG), onde fiquei todo o Ensino Fundamental. As escolas eram nos moldes de educação “bancária”, sabiamente nominada por Paulo Freire (1982), em que o conhecimento era “depositado”, impossibilitando a aprendizagem por discussão ou qualquer questionamento. “Sua tônica reside fundamentalmente em ceifar, nos educandos, qualquer curiosidade, qualquer espírito investigador, qualquer criatividade. Sua ‘disciplina’ é a disciplina para a ingenuidade em face do texto, não para a indispensável criticidade” (Freire, 1982, p. 09).

Seguimos anos e anos recebendo o conteúdo, decorando respostas e fórmulas. Egressa dessa pedagogia, encontrei razão para expressar ou questionar nos números. Livros literários tinham alto custo, meus pais não tinham dinheiro para adquiri-los. O acesso à leitura era difícil

e, sem ela, ao subjetivismo, às entrelinhas, ao pensamento crítico, restou vazio. Numa linguagem benjaminiana, restaram os documentos de barbárie (Benjamin, 2022) apresentados como verdade, velados sob o olhar do Estado, que escolhia o que contar e como contar. A favor dos números, lembro a figura do professor que ensinava matemática com muita paciência e dedicação, professor Otoni. Ensinava em escolas públicas e particulares, assumia muitas turmas e turnos, trilhando o duro exercício da profissão docente, com seu salário equacionado pela quantidade de aula e turmas.

A EEMWG era uma escola muito grande em seu espaço físico, tinha muitas árvores, uma quadra descoberta e uma igreja ao lado. Há passagens da Walfredo Gurgel que me são reavivadas sempre. Uma delas é o ritual de entrada. Nós seguíamos diariamente um ritual de respeito ao patriotismo e à religião católica. Quase como em um quartel, as crianças formavam filas antes de entrar em sala de aula, cantavam o hino, e somente depois iniciavam os conteúdos de sala. Não era uma opção, era obrigatório cumprir esse ritual. Esse tempo foi a década de 80, final da ditadura militar, e a imposição cívica e cristã davam o tom do momento histórico que o país atravessava. Não havia questionamentos. A gente cumpria. Cantava e rezava antes de estudar.

Por falar em cantar, a gente não cantava só o hino nacional. Em minha trilha sonora da adolescência, a voz era o grito contido de uma vontade de mudar o mundo pós-ditadura. Nessa trilha sonora, achei por bem abusar das citações, que são a forma mais honesta de dar o devido valor aos que disseram o que gostaríamos de ter dito, de maneira melhor do que conseguiríamos naquele momento político-social do Brasil. Eu falo dos anos de 1985 a 1990, quando nasce um Brasil que sonhávamos, mas ainda se mostrava conservador e moralista. Cazuza, Legião Urbana e Chico Buarque traziam nossas falas em canções.

Meu partido
É um coração partido
E as ilusões estão todas perdidas
Os meus sonhos foram todos vendidos
Tão barato que eu nem acredito
Eu nem acredito ah
Que aquele garoto que ia mudar o mundo
Mudar o mundo
Frequenta agora as festas do "Grand Monde"
Meus heróis morreram de overdose
Eh, meus inimigos estão no poder
Ideologia
Eu quero uma pra viver
(CAZUZA, 1988).

Foi bem nessa época em que queríamos mudar o mundo, quando o roteiro da história da minha vida e da minha família mudou. E como outrora avisei, não é roteiro *hollywoodiano*. Tende a ser mais um roteiro almodovariano. Não com melodrama, mas com o drama e a marca principal do cineasta espanhol, a força da mulher.

Nossa história é cercada por mortes. Morrer é fácil. Em um minuto você está, no outro não. O minuto seguinte é tão incerto quanto o dia de amanhã. E morrer cedo é apagar a história da formatura tão sonhada das filhas, da festa de casamento, do nascimento dos netos. A vida de quem fica é tão devastada que não parece real. Você dorme para ter certeza de que vai acordar e nada daquilo aconteceu. Quando você acorda, entende que terá que (re)começar tudo. (Re)nascer no mesmo lugar sem aquela pessoa. E ela, a morte, esteve devastadoramente nos pajeando por anos em nossas vidas.

Eu não consigo me abster de narrar essas passagens dolorosas. Seria apagar o que ainda lateja em mim. São as feridas e cicatrizes que tenho na alma. Nesses anos de Ensino Fundamental, perdi minha irmã mais velha em um acidente de carro. Imprudência, negligência, juventude sem limite. Ela era a filha preferida. A filha que todo pai queria ter. Lucivânia era inspiração. Passou no primeiro vestibular para Ciências Contábeis na UFRN aos 17 anos e trabalhava em um Banco do Estado. A primogênita da família, estudiosa, inteligente, meiga, obediente, alegre, simpática e cheia de amigos, querida por todos; foi arrebatada de nossas vidas e saiu de cena, aos 17 anos e 20 dias, em 25 de outubro de 1987.

A morte de Lucivânia comoveu a cidade, os amigos e a família. Eu tinha treze anos e lembro do velório na sala de casa, e também dos meses seguintes de muito luto e muita tristeza em nossa família. Era um luto de vestimenta e de comportamento. Por meses, nós vivemos um luto de usar somente roupa branca com uma fita preta para indicar que era morte. Meu pai não fazia a barba e visitava o cemitério diariamente, como se pudesse arrancar Lucivânia daquele lugar. Éramos marcados na cidade, na escola, no comércio, porque estávamos de luto. Luto de sorriso, de alegria. Não frequentávamos festas e nem tínhamos vontade e ânimo para isso.

Eu não perdia só minha irmã, mas também, minha professora. Ela, como filha exemplar, assumia o papel de mainha no acompanhamento escolar das irmãs mais novas. Sentava comigo nas vésperas de provas e me tirava todas as dúvidas. Era boa em tudo. Português, geografia, história, gráficos e ângulos da trigonometria. Tinha um capricho em tudo. Na matemática, não era diferente. Ensinava-me que o sinal da igualdade deveria ficar entre o traço da divisão. Era detalhista. Perfeccionista. Tinha uma letra linda e me inspirava na grafia. Não bordava como mainha, mas desenvolveu uma habilidade com a pintura e ganhava um “trocado” pintando

dúzias de panos-de-prato (panos de copa, que servem para enxugar a louça). Ela era muito boa também com os números, motivo de orgulho de Professor Otoni, que não perdia a oportunidade de falar o quanto Lucivânia era inteligente e resolvia suas equações em segundos.

Bom, no vazio de nosso lar a gente sabia que, de alguma forma, a vida teria que continuar sem Lucivânia. Só não sabíamos como. Aí entra na nossa história um outro “anjo”, Lucas. Ou Luquinhas, como nós o chamávamos. Ele foi deixado na porta de nossa casa em uma madrugada de agosto de 1988, com algumas poucas roupinhas e uma missão: trazer vida para aquela casa e aquela família destruída. E trouxe. Nós o adotamos e Lucas mudou tudo. Como todo bebê muda a rotina de uma casa, ele cumpriu direitinho esse papel. Luquinhas trouxe para o nosso lar a alegria de poder viver um “novo”, uma nova rotina, uma nova chance de termos alegria. Ele era o menino das meninas, o menino das “Lucis”. O menino de Seu Elias.

Mainha ganhou ânimo para viver. A família inteira *caducava*. Minhas tias e tios se revezavam todos os dias lá em casa. A casa, que antes era só tristeza, voltava a ter outros assuntos. Já caiu o umbigo? Que leite ele está tomando? Teve cólica? Marcou pediatra? E aos poucos nossa casa e nossas vidas iam tomando novas rotinas, menos vazias. Dando morada à alegria, que há tempos não nos visitava.

Com o passar dos meses, já com nossas rotinas bem menos tristes, com menos choro e mais esperanças, descobrimos que Lucas tinha nascido com hidrocefalia (doença que acumula água no cérebro). Foi um novo baque para nós. Iniciou-se uma luta de toda a família para conseguir, via SUS, atendimento com neurologista na capital em Natal, para entender a gravidade da situação. E foi pelo SUS que conseguimos todos os atendimentos com especialistas que a doença necessitava. Lucas foi submetido a várias cirurgias e viveu por 10 anos e cinco meses como um bebê, sem andar e sem falar. Mas cumpriu sua missão com louvor. Trouxe alegria para um lar destruído.

2.4 O Meio de Mim – Ensino Médio e Superior

Terminei meu segundo grau em uma escola particular, como estudante bolsista. Já que tínhamos boas notas e meus pais tinham cinco (5) filhos, fomos enquadrados nos critérios de bolsa, que era sustentada por uma associação de ex-alunos da referida escola. Assim, comecei e terminei meu Ensino Médio no Colégio Diocesano Seridoense (CDS).

O Colégio era dirigido por Padre Tércio, pároco muito respeitado na Cidade de Caicó. Era um colégio grande e que dividia o espaço com a EEMWG. Seu interior ainda era ligado à

Igreja Católica São José. Havia um pátio com muitas árvores, uma quadra descoberta onde fazíamos atividades de educação física. As salas de aula funcionavam no andar de cima, junto com a secretaria acadêmica e diretoria.

A escola tinha ótimos professores e eu me agarrei a essa oportunidade para não desperdiçar os conteúdos de estudo em uma boa escola. Desse tempo, lembro-me da aposentadoria repentina de um professor. Tivemos aula com ele no primeiro tempo e teríamos de novo após o intervalo. Na volta, a coordenadora nos informou que sua aposentadoria foi publicada e o professor havia ido embora. Sem despedida. Sem planejamento escolar. Sem explicação. Outra ruptura. Outro fim. Outro começo. E depois ficamos sabendo que ele tinha deixado um bilhete na sala de professores escrito: “Eu sabia que esse dia ia chegar. Fui!”. Ficamos uma semana sem aula daquela matéria até que fosse contratado um novo professor. Isso era comum acontecer. O(a) professor(a) dava entrada no pedido e ficava esperando o fato efetivar. Vejo que ele estava ansioso por aquele momento, por aquele direito ao descanso, ao seu aposento.

Apesar dessa fase de ensino médio coincidir com a fase da plena adolescência e turbulência, nada me desfocou dos estudos. Minhas amigas namoravam, se apegavam às paixões e eu me apegava aos livros. Tinha minha beleza. Mas ela não era encaixada aos padrões da época, pois naquela sociedade branca ou embranquecida, arraigada de conceitos coloniais, quem tinha pele mais escura não despertava interesse afetivo. Aquela era a época da Xuxa e suas paquitas¹⁶, todas loiras, de olhos azuis. Na concorrência, vinha Angélica e Eliana, também no mesmo padrão colonial.

¹⁶ Dançarinas e ajudantes de palco que apareciam no programa da Xuxa, nos anos 90.



Figura 10 – Capa da revista Caras com as loiras referências de beleza para todo adolescente da época.

Fonte: disponível em <https://extra.globo.com/famosos/eliana-revela-que-mantem-amizade-com-angelica-xuxa-nos-falamos-pelo-zap-23031400.html>. Acesso em 26 abr. 2023.

Daquele tempo pra cá, vejo que o mundo não mudou. Mas a tomada de consciência de que era preciso mudar já nos causa esperança. Sonho com uma virada de chave. Sonho com um mundo em que meus filhos sejam inseridos e educados dentro de uma sociedade que preze, acima de tudo, pelo respeito às diferenças e ao próximo. Utópica? Talvez. Mas algo já acontece.

A indústria cosmética já reconheceu que há um forte nicho no Brasil, como temos nossa ancestralidade em raízes africanas, hoje é possível ver uma gama de produtos para todos os tipos de cabelo, e maquiagens para todos os tipos de pele, nas prateleiras de qualquer comércio.

A moda também fez esse reconhecimento. Ainda que em números irrisórios, se comparados ao tamanho do Brasil e de sua população negra (56,1% dos brasileiros são negros, segundo dados do IBGE), mas vemos atrizes, modelos, jornalistas, com seus lindos cabelos naturais, cacheados, encrespados, trançados, como referência de beleza nas páginas de revistas, nos blogs de moda, nas telas da TV. São poucos ainda, mas são bastante representativos para outros jovens, como meus filhos, se enxergarem e se inspirarem em pessoas públicas e personalidades negras.

Infelizmente ou felizmente, trouxe somente um recorte do contexto da invisibilidade estética em que eu estive inserida. Mas a situação recente do negro no Brasil está longe de ser resolvida. A população negra é a que mais sofre com vulnerabilidade socioeconômica, como mostra esse quadro do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). São afetados por

problemas de moradia, violência, distribuição de renda, educação, e até participação na gestão pública, que nitidamente revela o quanto precisamos avançar no quesito desigualdade racial.

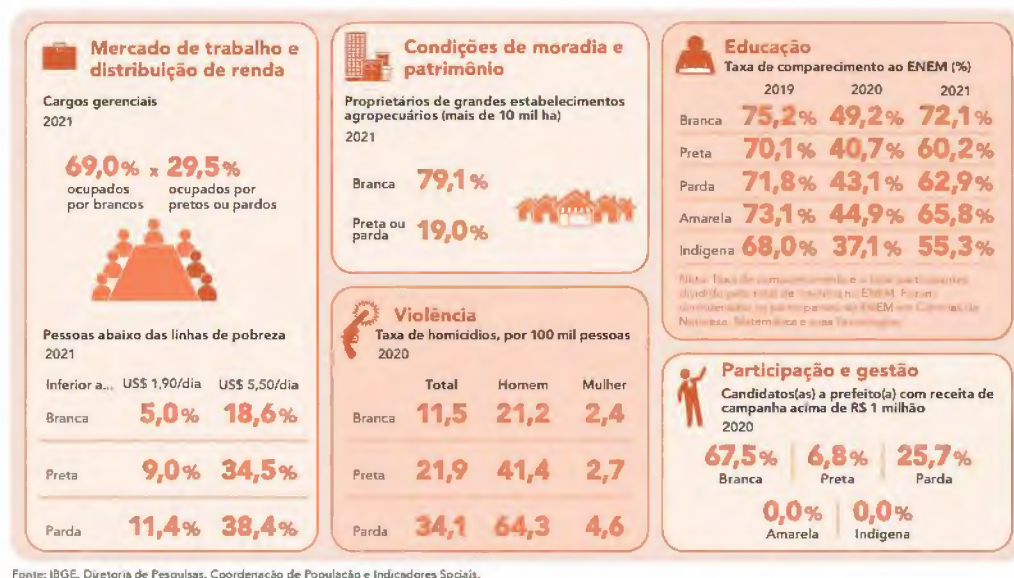


Figura 11 – Quadro de Desigualdades Sociais por Cor ou Raça no Brasil. 2021.

Fonte: demais informações sobre o estudo encontram-se disponíveis no portal do IBGE na Internet, no endereço: <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/populacao/25844-desigualdades-sociais-por-cor-ou-raca.html>. Acesso em 26 abr. 2023.0

Na conta da culpa, estamos todos nós, envolvidos e educados pelo pensamento colonial civilizatório. As escolas e as universidades passavam adiante um saber com base nos pressupostos de nossos colonizadores, homens brancos, cristãos, heteroformativos e eurocêntricos. Pouco ou nada se discutia sobre as desigualdades raciais. A respeito da questão da estética, excluía-se do rol a beleza da mulher preta. Gloria Jean Watkins, professora norte-americana, teórica feminista, mais conhecida como bell hooks (2017), explica que a supremacia do sexíssimo e do racismo entranhada nas salas de aula se esconde na subjetividade do discurso do homem branco, a estrutura dominante:

É fato que muitos alunos brancos, homens, trouxeram à minha sala de aula uma insistência na autoridade da experiência, que lhes permite sentir que vale a pena ouvir tudo que eles têm a dizer, ou mesmo que suas ideias e suas experiências devem ser o foco central da discussão. A política da raça e do sexo, no patriarcado da supremacia branca, lhes dá essa autoridade (hooks, 2017, p.111).

Lembro bem que, naquele tempo, entre 1989 e 1991, os padrões midiáticos da moda e as referências de beleza da época eram loiras de cabelo liso. Destaques nas revistas, eu lembro de Xuxa e Angélica (ambas loiras). Quando surgiu uma preta nas passarelas do mundo da moda,

sua imagem era vista como “exótica” e destacava-se pelos olhos claros e cabelos lisos (referências coloniais), era a modelo internacional Naomi Campbell.

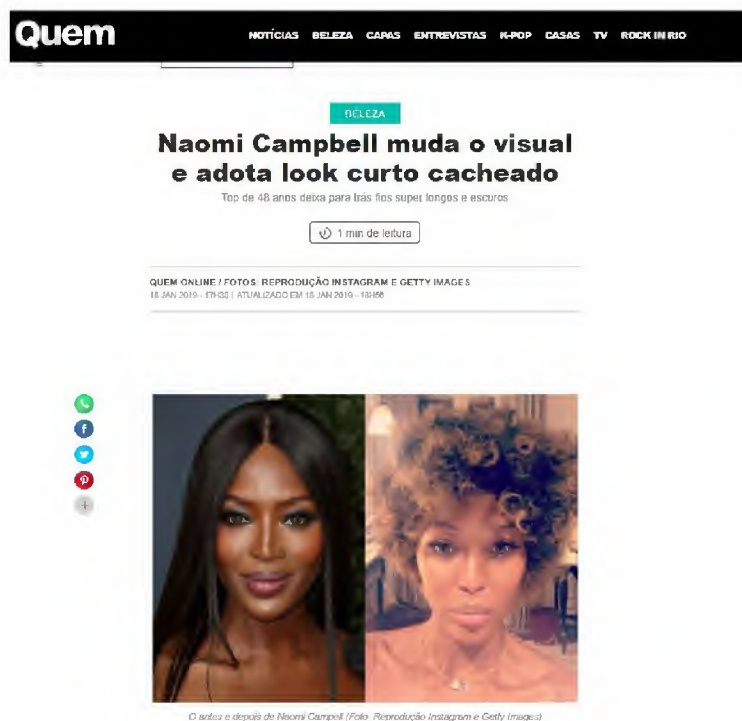


Figura 12 – Modelo internacional Naomi Campbell e sua mudança no visual, em 2019, quando optou pelos cabelos encrespados.

Fonte: <https://revistaquem.globo.com/Beleza/noticia/2019/01/naomi-campbell-muda-o-visual-e-adota-corte-curto-cacheado.html>. Acesso em 01 mai. 2023.

Hoje, muito mais conscientes de nosso papel como educadores no sentido amplo da formação de um cidadão e da sociedade, precisamos combater e falar sobre isso diariamente. Nesse sentido, hooks (2017, p. 120) afirma: “A política de identidade nasce da luta de grupos oprimidos ou explorados para assumir uma posição a partir da qual possam criticar as estruturas dominantes, uma posição que dê objetivo e significado a luta. ”

A virada de chave que falei há pouco vem da educação. Acredito que o advento das cotas¹⁷ para negros ajudou a acalorar a pauta. Assim, trazendo aos bancos acadêmicos sujeitos que, de igual para igual, tomam consciência de que merecem respeito, e para isso lutam, brigam, escrevem, debatem, estudam, reviram e estremecem a classe dominante e seus padrões.

Essa sinergia vai-se propagando e nos dando a possibilidade de experimentar outra visão formativa, a que chamam de pensamento pós-colonial, descolonial ou apenas decolonial. Não

¹⁷ A Lei nº 12.711/2012, também conhecida como Lei de Cotas, determina que metade das vagas de instituições públicas de ensino superior devem ser destinadas a candidatos que estudaram os três anos do ensino médio na rede pública.

procurei, nesse momento, estudar a diferença dos termos. Mas o mais animador é saber que estudiosos estão produzindo conhecimento sobre esse processo de transgressão e rompimento das marcas de opressão que a colonialidade causou. Dessa forma, derrotando a cultura do silenciamento.

Sobre a *escrevivência*¹⁸ da mulher preta, Conceição Evaristo e bell hooks canalizam suas vozes e protestos a esse passado de discriminação racial e de gênero, ainda tão necessário de ser falado. Dialogando com bell hooks (2017, p. 119-120), lembramos que a memória é um ponto de vista importante para trazer um “modo experimental de conhecimento”: “[...] que as narrativas de experiência da mulher negra não são encontradas em livros ou em observações distanciadas de uma realidade. Elas revelam sentimentos e sofrimento, profundamente inscritos pela ‘paixão da experiência’.” (idem, p.124).

Ao nosso favor ou desfavor, vieram a internet e os meios eletrônicos de comunicação, que rápida e instantaneamente denunciam os agressores. Por se tornarem mais visíveis, exige-se punição, posicionamento da alta elite empresarial, debates constantes nos meios de comunicação em massa, como em canais abertos de televisão, em jornais, nas universidades, nas mídias sociais e, ainda, força os poderes Executivo, Legislativo e Judiciário a criarem leis que punam os agressores.

A nós, molas do processo formativo, temos à disposição cartilhas e campanhas para propagar o letramento racial, educarmo-nos, compreender e agir contra esse repertório racista que ainda existe em múltiplos lugares. Em desfavor, a mesma rede de navegação que ajuda, é usada de forma escrachada para praticar crime de racismo, incitar o ódio, propagar *fake news* e ameaçar a democracia do Brasil. O Ministro do Supremo Tribunal Federal (STF), Alexandre de Moraes, declarou¹⁹:

[...] O modus operandi dessas agressões instrumentalizadas, divulgadas pelas redes sociais em relação às escolas, é exatamente idêntico ao utilizado contra as urnas eletrônicas, contra a democracia, instrumentalizado para o 8 de janeiro. Não há

¹⁸ Criado por Conceição Evaristo, o termo “*escrevivência*” traz a junção das palavras “escrever e vivência”, mas a força de sua ideia não está somente nessa aglutinação; ela está na genealogia da ideia, como e onde ela nasce e a que experiências étnica e de gênero ela está ligada, explicou a escritora e educadora. “A *escrevivência* não é a escrita de si, porque esta se esgota no próprio sujeito. Ela carrega a vivência da coletividade.” Fonte: <http://www.ica.usp.br/noticias/a-escrevivencia-carrega-a-escrita-da-coletividade-afirma-conceicao-evaristo#:~:text=Criado%20por%20Concei%C3%A7%C3%A3o%20Evaristo%2C%20o,explicou%20a%20escritora%20e%20educadora>. Acesso em 01 mai. 2023.

¹⁹ Transcrição de um trecho da fala do Ministro do Supremo Tribunal Federal, Alexandre de Moraes, em reunião com prefeitos e governadores para discutir a elaboração de política pública de proteção aos ambientes escolares. Fonte: <https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2023/04/moraes-diz-que-modus-operandi-de-ataques-as-escolas-e-identico-ao-de-8-de-janeiro.shtml>. Acesso em 26 abr. 2023.

nenhuma diferença, é exatamente idêntico. As redes sociais ainda se sentem terra de ninguém, uma terra sem lei [...].
[...] Porque não estender a inteligência artificial e a equipe humana que lida com o residual para discursos nazistas, racistas, fascistas, homofóbicos e contra a democracia? (Morais, 2023).

Retomando minha adolescência e revisitando os álbuns de família, encontrei o registro de uma cultura da época em Caicó, o Baile de Debutantes, herança colonizadora de tradição europeia, que colocava a mulher em uma vitrine para que os dotes fossem pagos. Tão nova e tão inocente. Mas para nós era vendido que o baile representava um rito de passagem da infância para a vida adulta, em que a família apresentava para a sociedade sua filha, que agora se tornou uma moça de 15 anos.

Era também um rito de consumo pois a família pagava um valor, parcelado ao longo do ano anterior à festa, e o clube contratava um ator de relevância da Rede Globo para dançar com as debutantes. Hoje vejo que, por trás desse espaço social-cultural, havia o agenciamento velado do selo cultural do bordado de Caicó, pois todas as meninas vestiam vestidos bordados. E mainha, mãe de cinco (5) filhas, fazia questão de nossa participação. Para mainha, que vivia naquela sociedade tão impregnada de valores sociais controversos, acho que o maior sentido era mostrar que nós também poderíamos estar naquele lugar. Aproveitava que usaria de sua arte e nos lançava junto aos grã-finos presentes, com nossos mais lindos vestidos, bordados e rebordados por suas mãos, como um protesto de dignidade, busca e desejo por quebra de valores de desigualdade social. Era uma estratégia de posicionamento social



Figura 13 – Baile de debutantes de Caicó, ano de 1991, com a presença do ator da Rede Globo Paulo Castelli. O vestido da direita era o da missa e foi o da minha irmã no ano anterior.

Fonte: bordado pela autora.

Foquei nos estudos. Tinha um boletim exemplar. Esforçava-me muito nas matérias e sempre conseguia ficar com notas boas. O que era bom para eu manter a bolsa de estudos no CDS. Em 1993, terminando o Ensino Médio, prestei vestibular para Comunicação Social na Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), na cidade de Campina Grande, Estado da Paraíba, e passei. Lembro da felicidade da minha mãe. Era uma conquista para ela ver uma de suas filhas na universidade. Minhas outras irmãs já estavam cursando na Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), em Caicó.

Aqui eu faço uma pausa. Fui uma ensaísta de jornalista e agora posso refletir: acho que minha contação de histórias e narrativas teve seu primeiro broto plantado naqueles anos.

Mas entre passar no vestibular e ir estudar em outra cidade existia um enorme abismo financeiro. Manter uma filha em outra cidade era quase impossível, pois a renda de painho nos supria do básico de alimentação e vestuário, além dos cuidados e remédios que tínhamos com Luquinhas.

Painho foi categórico ao afirmar que ele não tinha condições financeiras de pagar um aluguel para mim. Mas mainha insistia e o convenceu de que eu poderia morar na casa dos meus

padrinhos de batismo, que moravam naquela cidade. E a insistência deu certo. Em fevereiro de 1994, fui estudar Jornalismo em Campina Grande/PB.

Nesse tempo, era comum as figuras parentais abrigarem estudantes em suas casas para terem oportunidade de estudar em outra cidade, assim como abrigavam também famílias que saíam dos interiores para consultas médicas em cidades maiores. A falta de políticas de assistência estudantil promovia esse abismo entre passar na faculdade e conseguir não só estudar, mas se manter na faculdade. Estudar era caro. Só existiam livros físicos, que poderiam ser encontrados na biblioteca do campus (colocávamos o nome na fila de espera) ou nas prateleiras das livrarias, mas geralmente muito além do que painho podia pagar. Restava a opção de cópia, que também saía muito caro. Esse era apenas um dos entraves de um aluno pobre. Sem falar no transporte e alimentação. Muitos desistiam no primeiro semestre.

A casa dos meus padrinhos era uma casa simples, mas tinha o mesmo amor e aconchego que eu tinha em casa. E o melhor, parecia uma república de estudantes. Eu e os netos deles fazíamos faculdade em Campina Grande, então nos apertávamos nos quartos e, entre estudos e festas de calourada, recebíamos de bônus o carinho e zelo diário que nos aqueciam na grande Campina Grande.

Campina Grande é uma cidade da Paraíba conhecida pela tradicional Festa de São João. Outra cultura que o Nordeste valoriza, festeja e atrai o turismo para as mais diversas cidades que incentivam as festividades juninas. Nessas festas, montadas em praças públicas, pátios de igrejas e escolas, promove-se a valorização do seu povo, de suas raízes étnicas, de suas comidas típicas, de suas danças, e da fé do agricultor. Pois geralmente no mês em que se comemora São João já tem caído água do céu e brotado milho para alimentar sua família. Estudar em Campina Grande era participar da grande festa de São João no Parque do povo.

Das memórias afetivas, que mais guardo daquele tempo, na casa de minha madrinha, estão as tardes de bolo quentinho saindo do forno. Meu padrinho tinha uma facilidade de cozinhar os mais deliciosos bolos. Desde o preparo até a mesa, ele seguia um roteiro de mestre. Os bolos eram os mais difíceis da culinária, mas eram também os mais tradicionais do Nordeste. Bolo de “grude”, bolo da “moça”, bolo de macaxeira, bolo de batata com castanha de caju. Que delícia era tudo aquilo. O cheiro de bolo assando no forno até hoje me desperta as melhores emoções afetivas de família. Um misto de saudade de um tempo que eu gostaria de viver novamente.

Da faculdade, eu lembro de meu primeiro dia de aula, tímida e com muita saudade de casa. No intervalo de uma aula e outra, comprei um cartão para usar o telefone público (famoso

orelhão) e falar com mainha. Não podia ouvir sua voz que chorava. Eu dizia que não ia aguentar ficar longe de casa. A gente ainda sofria muito com a morte de Lucivânia. Aquele luto do qual falei ainda estava lá. Eu estar longe de casa era como mais uma perda para mainha. Para mim, era perder tudo. Ficar longe era um laço solto demais. Ela me incentivava a continuar, dizia que logo chegaria algum feriado para que eu pudesse voltar e passar uns dias em casa. E assim eu seguia, aguardando o domingo chegar para nos falarmos por telefone. Ela perguntava como estavam os estudos, como foi a semana, avisava que tinha mandado algum mantimento pelo transporte rodoviário, que saía de Caicó para Campina Grande. Eu perguntava como estava Luquinhas, minhas irmãs e painho. E finalizávamos a ligação emocionadas: “Benção, mainha!”, “Deus te faça feliz, minha filha!”.

Sempre com a voz embargada, as despedidas pareciam ser para sempre. E foram. Minhas últimas palavras com mainha foram no dia 09 de junho de 2004. Por telefone, ela me anunciava o destino: “Minha filha, já estou em Natal para fazer a cirurgia. Vá para Caicó cuidar de Luquinhas.”

Um erro médico durante a cirurgia de hérnia de disco me fez perder de vista minha mãe, aos 48 anos de vida. Renascia mais uma vez o desespero, a solidão agonizante, a tristeza e a saudade inconsolável. Nesse momento eu perdia de vista mainha e o curso de Comunicação Social. Voltei para casa em Caicó para cuidarmos umas das outras e juntas cuidarmos de Luquinhas. Parafraseando Cora, era tempo de “juntar as pedras e refazer caminhos”.

Outra pausa para situar aqueles que me leem. Em junho de 1994 o Brasil passava pela transição de moeda, do Cruzado para o Real. Nós nos endividamos para pagar essa cirurgia de mainha, que todo dia era um preço diferente por ser atualizada pela Unidade Real de Valor (URV). Naquela madrugada de 10 de junho de 1994, painho pagou uma cirurgia que deu errado, dirigiu por 280km, de Natal para Caicó, com mainha no caixão dentro de seu Corcel II. Não usou nenhum carro de funerária e nem tinha dinheiro para isso. Fez questão de levá-la de volta para casa.

Sempre que vejo imagens devastadoras de furacões pelo mundo eu me vejo nelas. Após o baque, fica o caos. Você não sabe por onde recomeçar. A gente se agacha em posição fetal, fecha os olhos e tenta esperar a tempestade passar para ver o que restou. Nunca vivi o furacão da natureza. Mas posso descrever claramente o furacão que a morte traz. Abrir os olhos, acolher um, outro, abraçar, chorar, pensar, reorganizar. O fato de já conhecer a devastação deixada por um furacão, não ameniza o medo agonizante de uma nova experiência. Se a morte de Lucivânia havia sido muito difícil de superarmos, agora, sem mainha, toda dor dessa ausência, que

conhecíamos muito bem, retomara com uma força maior. Sem chão, nós nos agarrávamos umas às outras, e juntas ombreávamos painho.

A partir desse ponto os personagens são um pai, quatro filhas, um filho especial. Minha irmã Lucicleide, sendo agora a mais velha, assumiu sem reservas o posto de nossa mãe. Sobrevivente do acidente que vitimou Lucivânia pegou com a mão o prumo de nossas vidas. Tinha apenas 25 anos quando tangenciou tudo isso. Solteira, morando sozinha em Natal, guiou nosso caminho e nunca mais soltou. Cuidou de todos os irmãos e de painho. Cuida até hoje. Custeou nossos estudos nos melhores cursinhos até passarmos em um concurso público (eu, Kekéa e Neidinha). “Até passar”, esse era o lema. Nós três passamos, e ela, sem espaço para estudar como nós, galgou trilha nas empresas privadas, setor que trabalha até hoje.

Algumas vezes, arriscamos trabalhar em comércio, lojas de departamento, boutique de roupas, mas acontecia sem o aval dela. Ela sabia que a condição de assalariada em balcão de comércio não nos daria estabilidade financeira. No primeiro lampejo de insatisfação, ela retomava o prumo das nossas escolhas e, no dia seguinte, já estávamos inscritas em algum concurso, com apostila na mão e matrícula no cursinho. Ela segue assim. Além de mãe de todas nós, agora ela é mãe dos nossos filhos, primos, tios e todos que cruzam o seu caminho. Sempre firme, nos acolhe, nos ajuda, se preocupa com todo mundo e é nosso pilar de sustentação na fé, no carinho, no amor e no cuidado. Esse é o maior legado que ficou de nosso lar: a união que temos umas com as outras. Nos falamos todos os dias e sabemos de todos os segredos umas das outras.

Após a morte de mainha, eu (com 20 anos) e minha irmã mais nova, Lucicléa (Kekéa, com 15 anos) reversávamos nos cuidados de Luquinhas, que tinha apenas 6 anos. Por sua saúde frágil, ele tinha uma rotina de medicação para minimizar as crises convulsivas e isso exigia atenção, cuidado, carinho e muita dedicação, que nunca lhe faltaram. Luquinhas sempre foi um anjo para nós; uma criança linda, que nunca falou e nem andou, mas chegou mudando nossas vidas e trouxe alegria de viver. Quatro anos após a partida de mainha, Luquinhas nos deixou de forma não menos traumática. Fez sua passagem aos 10 anos e 5 meses, como um bebê chegou e como um bebê partiu. E assim, pela terceira vez, o piso de cimento vermelho encerado da sala de nossa casa ficou embaçado pelos pés dos visitantes do velório e pelos pingos das velas que caíam derretidas como lágrimas no chão.

Nesse novo (re)começo eu consegui, por Edital de Transferência Externa, ingressar na UFRN, no campus de Caicó, cursando Ciências Contábeis. Nas ciências contábeis, tive minha

primeira experiência com o ciclo de vida profissional das pessoas. Lá, era possível entender a admissão e a demissão. Início e fim. Oportunidade e descarte. Patrão e empregado.

As narrativas predominantes no grupo social patronal, que observei nos escritórios de contabilidade durante meu estágio, destacavam o homem sendo avaliado por sua produtividade. Eram reflexo das relações de classe entre dominantes e proletariado, ecoando os conceitos marxistas encontrados em meus livros. Agora, essas ideias estavam diante de mim de maneira tão implacável. Marcavam o começo e o fim de carreiras, impactando a vida daqueles que não estavam preparados para deixar seus postos de trabalho.

Ao revisitar o passado hoje, percebo claramente os pontos que ligam meu desejo de investigar o tempo final da carreira docente. A aposentadoria representa não apenas uma quebra na rotina, mas uma transição profunda de espaço e atividade. Nesse contexto de mudança, traz consigo a sensação de um vazio temporal que precisa ser preenchido com novos projetos e um cuidado dedicado ao envelhecimento. É o encerramento de um ciclo, muitas vezes anunciado de forma fria e inesperada, por meio de uma portaria que declara no seu cabeçalho: "Resolve: APOSENTAR [...]."

Nesses anos de faculdade, eu comecei a romper também aquela tristeza sem fim que o luto me causava. A vida começava a ter outras cores, novas matizes. Reencontrei um amor antigo de adolescência. Estudamos juntos na mesma escola, na mesma sala. Natural também de Caicó, nossas famílias se conheciam. Casamos em 2000, o ano em que o mundo ia acabar, o meu coloriu. Eduardo é meu companheiro e está na minha vida por quase metade dela. Corro o mundo ao seu lado, e ele, abraça o meu. Temos dois filhos, Maria (16 anos) e Luiz (15 anos), que dão sentido ao todo, ao núcleo. Eles são minha vida fora de mim. Não me completam, acrescentam-me diariamente como ser humano. Inexplicável e inenarrável é esse amor que chamam de “amor de mãe”. Ser mãe é (trans)formador.

Como contadora por formação, antes de terminar essa parte, quero deixar um balanço da vida contada noutro poema da Cora:

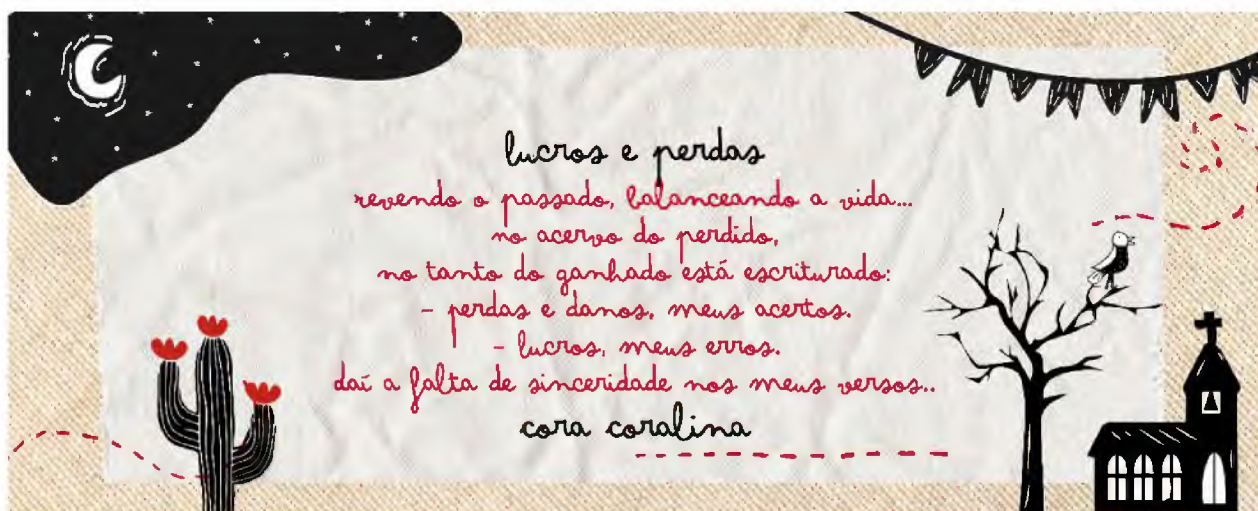


Figura 14 – Poema “Lucros e Perda” de Cora Coralina.

Fonte: Meu livro de cordel, p. 82, VI. Global Editora e Distribuidora Ltda, 2015.

2.5. Meu pai, um aposentado que inspira.



Figura 15: Convite de 70 anos do meu pai – desenho retratado por um artista local da cidade de Caicó/RN, Adonai, mostra a fase de estudos de painho com livro na mão, sendo apoiado por nós, as filhas.

Fonte: acervo de família da autora.

Com uma força espiritual imensurável, ele se reinventou a cada novo arrebatamento que a vida lhe dava. E não posso falar de minha formação sem falar do meu pai. Painho, com seis filhos para criar, sempre acreditou que o caminho para nossa independência econômica e ascensão social era a educação. Nunca exigiu que trabalhássemos em desfavor do estudo. Mesmo diante de todas as dificuldades financeiras e desafios de colocar comida na mesa, ele nos desviou do destino imposto a ele. Fazia pregação diária sentado à mesa, durante o café, almoço ou jantar, a conversa conosco era sempre no mesmo sentido: “Estudem! Não percam tempo e nem oportunidade. A única herança que vou deixar é a educação.”. E deixou. Nós estudamos e formamos como ele sempre sonhou e pregou.

Impetrou o direito dele de estudar, que lhes foi furtado na infância. Depois de trabalhar por quarenta anos como vendedor autônomo, se aposentou pelo INSS (Instituto Nacional do Seguro Social) e, aos 73 anos, viúvo, surpreendeu a todos nós dizendo: “Vou estudar! Matriculei-me no EJA!” (Educação de Jovens e Adultos).

Ficamos nós, as quatro filhas, pensando como iríamos conduzir essa decisão tão afirmativa dele. Tínhamos muito medo dos alunos que estudavam nas escolas públicas noturnas em Caicó, pois era uma cidade violenta. E a violência traz o medo. A verdade é que a morte traz medo. Depois de perder mainha, Lucivânia e Luquinhas, painho era e é nosso maior tesouro. Quanta aflição tivemos. Tentamos convencê-lo a não frequentar, mas em vão.

Ele foi, estudou, terminou o ensino fundamental e médio em dois anos e meio. Aos 75 anos, lá estava Seu Elias fazendo prova para o Enem. Que orgulho nosso. Quanto exemplo ele deu para uma turma inteira. Era comum os professores daquela escola nos abordarem e comentarem: “Seu Elias transformou a escola. Ele exigia aulas, demandava conteúdo e permanecia na escola até as 22h30 nas sextas-feiras, algo que há anos não conseguíamos manter nesse horário, especialmente no fim de semana.”

Ele também representava o exemplo daqueles alunos que, estando fora da faixa etária adequada, haviam abandonado a escola em algum momento. Esses mesmos alunos, que inicialmente temíamos que pudessem causar algum mal a ele, frequentemente apareciam na porta de nossa casa, tocando a campainha em busca de meu pai para realizar trabalhos em grupo. Ele se tornou amigo de todos eles. Todos os dias, ele levava consigo uma garrafa térmica de 5 litros com água gelada para compartilhar com os colegas. Um dia, eu perguntei: “Painho, o senhor toma toda essa água na escola?”, e ele disse: “Não, minha filha. Sabe o que é? É que o bebedouro da escola está quebrado e a água é quente. Então, eu levo água geladinha para quem quiser tomar.”.

Assim ele ia. De uniforme da escola, mochila nas costas e garrafa térmica na mão. Do mesmo modo que iam nossos filhos, na infância, meu pai ia para sua escola. Lá estava ele, retomando seus sonhos após a aposentadoria. Sonhos interrompidos pela sua história de vida, mas que, com ânimo e vontade, não poderiam deixar de serem concretizados. Meu pai terminou a EJA, foi o homenageado da turma e ainda hoje é lembrado por todos que estiveram naquela escola nos mesmos anos que ele.

Hoje, eu vejo como painho foi buscar seus sonhos esquecidos, mesmo sem planejar sua vida após a aposentadoria. Foi em busca do que lhe foi tirado em certo momento da vida, ou até mesmo não lhe foi dado: seu lugar de aprendizagem.



Figura 16 – Placa da Turma do EJA – Homenagem ao meu pai Elias Norberto Dos Santos.
Fonte: Bordado pela autora

Após a história resumida de minha vida, nua e crua, eu convido vocês a entenderem comigo as narrativas das docentes de licenciatura do IF Goiano, no final do ciclo de uma vida profissional: o que viver quando a porta da sala de aula fechar? Vamos ao meu terceiro capítulo, em que falarei sobre o tempo da experiência, da formação e do trabalho.

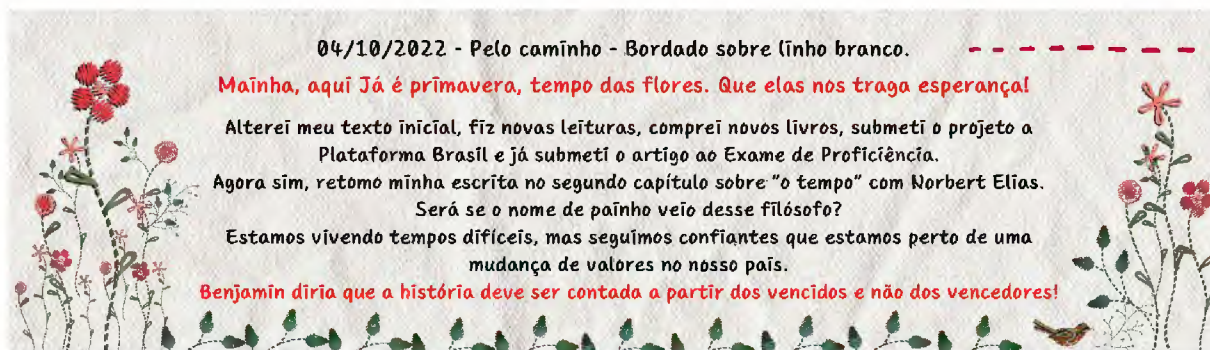


Figura 17 – Notas da autora. 04/10/2022. Pelo Caminho: as flores da primavera renovam minhas esperanças.

Fonte: Bordado pela autora.

3)

O tempo, a experiência e a formação
o bastidor: far o suporte para o tecido

das pedras

ajuntei todas as pedras
que vieram sobre mim.
levantei uma escada muito alta
e no alto subi.
teci um tapete floreado
e no sonho me perdi

cora coralina

(meu livro de cordel, 2012, pág 6.)



3 O TEMPO, A EXPERIÊNCIA E A FORMAÇÃO – O BASTIDOR: FAZ O SUPORTE AO TECIDO



Figura 18 – Poema “Ainda não” Cora Coralina.

Fonte: Meu livro de cordel, p. 79, I. Global Editora e Distribuidora Ltda, 2015.

A minha pesquisa está diretamente ligada ao tempo.

O tempo da vida.

O tempo do trabalho.

O tempo da pesquisa.

O tempo de começar.

O tempo de parar.

O tempo de continuar.

A narrativa da minha experiência hoje pode ser contada amanhã ou em qualquer outro tempo. Então, após o longo caminho de quase um ano – desde que fiz o projeto inicial para concorrer à vaga no mestrado, em outubro de 2021, até a entrada no GRUPES, em março de 2022, as reuniões de orientação quase mensais, a aprovação na qualificação, em agosto de 2022 – eu sinto o tempo me atravessando e me mostrando o quanto ainda tenho para aprender nesse caminhar.

Tudo é novo, empolgante e desafiador, pelo menos para mim, mãe, esposa, servidora pública; e agora, depois desse percurso de vida fora da academia, tornar-me, de forma alfabetizante, pesquisadora. É novo conciliar o trabalho e o mestrado. Tempo e livro. Tempo e família. Tempo e trabalho. Tempo e pesquisa. Tempo e estágio.

Após a apresentação do capítulo introdutório e do segundo capítulo, em que transcorri com vocês o “meu tempo”, adiante tenho a missão de fazer dessa escrita uma leitura fluida e coesa para embasar e sustentar as narrativas de vida que aqui estão. Desta forma, quero te convidar para vir comigo nos próximos capítulos que seguem.

Para meu terceiro capítulo, que fala sobre “o tempo, a experiência e a formação”, eu apresentei as teorias do tempo de Norbert Elias (1998) e Ailton Krenak (2019, 2020), dialogando com Thompson (1998) e Bahia (2016). Para a experiência, trouxe Larrosa (2002), Dewey (2010, 2023), Santos (2000), hooks (2017), Benjamin (1987) e Krenak (2019). Para formação e trabalho, dei luz ao que diz Antônio Nóvoa (1995) e Michael Huberman (1995). Ainda, ao final desse capítulo, apresentei alguns autores que falam sobre o tema aposentadoria, como Zanelli (2012), Antunes, Soares e Silva (2015), França (2002) e França e Soares (2009).

Nesse meu caminhar de pesquisadora em construção, a busca pela metáfora também me constrói. Neste sentido, Ricoeur (1985), admitia: “um indivíduo reconhece-se na história que conta a si próprio sobre si próprio” (Nóvoa, 1995, p. 24). Para Clandinin e Connelly (2000, p. 24), a pesquisa narrativa se caracteriza também pela busca de linguagens para expressar o processo de construção do conhecimento, e uma forma de possibilitar isso é metaforizar o texto.

Então aqui vou, como filha de nordestina, bordadeira, homenageando mainha, bordando palavra por palavra, autor por autor e desenhando meu texto. Poderia chamá-lo de “diário de campo”, como citado por Araújo et al (2013):

[...] o diário tem sido empregado como modo de apresentação, descrição e ordenação das vivências e narrativas dos sujeitos do estudo e como um esforço para compreendê-las. [...]. O diário também é utilizado para retratar os procedimentos de análise do material empírico, as reflexões dos pesquisadores e as decisões na condução da pesquisa; portanto ele evidencia os acontecimentos em pesquisa do delineamento inicial de cada estudo ao seu término (Araújo et al., 2013, p. 54).

Esse movimento de narrar enquanto pesquisava não foi linear, como um passo a passo do campo para os textos de campo. Havia sempre uma negociação do que poderia compor o enredo, que era continuamente revisitado à medida que eu escrevia, para dar importância ao assunto na história do cenário social, pessoal ou cultura. Desempenhando as tarefas de Coordenação de Gabinete e Recursos Humanos, substituta da Assessoria de Comunicação, trabalhando oito horas por dia enquanto estudava, eu me equilibrava na corda da eficiência moderna. Os acontecimentos diários no meu trabalho e em minha vida pessoal ligavam os pontos às leituras já realizadas dos autores, artigos e textos. Era um desabafo animador sobre o desenvolvimento de um projeto de pesquisa que me ligava à Huberman (1995) e seus Maxiciclos da profissão professor; um diário de classe de uma professora, cheio de anotações sobre os acontecimentos em sala de aula, à Nóvoa e seu livro *Vida de Professores* (1992); a publicação de um Edital de Extensão voltado para mulheres em vulnerabilidade social à bell hooks (2017); as anotações, marcações e parágrafos destacados nos livros com marcador de texto à Clandinin e Connelly

(2000); o café na copa da escola, com assuntos de épocas passadas e lembranças de colegas que carregam em suas histórias as culturas de outras regiões do Brasil, à Benjamin (1987). Entre um café e um e-mail, eu compartilhava autores com meus colegas de trabalho fazendo o elo entre teoria e prática. Numa perspectiva larroseana, acredito que era a experiência da pesquisa me tocando e me transformando.

Nesse turbilhão de pensamentos, leituras, discussões, acontecimentos e falta de tempo, perdia-me no percurso para casa, elucidava sobre as possibilidades de escrita com o professor Zé Antônio, rastreava, nos correios, o livro que não chegava, esquecia o fogão aceso e me enchia de multas na biblioteca. Foi assim, consumida por ele, o tempo, imersa em uma experiência profunda em mim mesma, lutando com as palavras e estruturas convencionais e previsíveis de uma pesquisa, eu começo o próximo capítulo. Vamos ao tempo!

3.1 O tempo



O tempo é relativo e não pode ser medido exatamente do mesmo modo e por toda a parte.
Albert Einstein

Para entendermos um pouco sobre esse atravessamento do tempo na vida pessoal, social e profissional, eu subdividi o tempo em três momentos: o da experiência, o da formação e o do trabalho. O objetivo desse tópico é fazer uma reflexão sobre como as sociedades se organizaram usando o tempo de forma capitalista e exploratória. E como ele perpassa várias áreas das ciências com bases conceituais diferentes. Para tratar sobre o tempo, trarei conceitos do sociólogo alemão Norbert Elias (1998).

Quero pontuar que os filósofos Norbert Elias e Walter Benjamin foram os primeiros textos de estudo, com os quais tive contato, para dar corpo às ideias centrais da minha pesquisa. Estudar o que pensavam e interpretar suas teorias parecia, para mim, outrora, montar um quebra-cabeça de difícil encaixe. A disciplina de filosofia não me foi dada como opção de

estudo em minha formação básica, portanto, havia uma enorme lacuna sobre os pensamentos e a clareza social desses autores. Foi necessário, naquele momento, conhecer suas histórias, ler suas biografias e concordar com Ferreira (2013, p. 248), que diz: “Refletir sobre as histórias de vida, sobre as culturas com as quais teve contato, permite-nos entender sua visão de mundo e como chegou até ela.”.

Só assim, após entender o contexto social e a visão de mundo da época vivida por eles, eu consegui seguir com a teoria e assentar suas ideias. Por essa razão, de modo breve, eu apresento aspectos biográficos desses autores, pois eles ajudam na interlocução com meu texto. De forma respeitosa, quero deixar registrado que eu gostaria, igualmente, de discorrer as biografias das (dos) demais autoras e autores aqui referenciadas e referenciados, mas devido ao pouco tempo do mestrado, tive que me ater somente aos dois filósofos.



Atravessei minha vida feito o cavaleiro do Lago de Constanz, sem temer que o gelo cedesse.

Norbert Elias

Figura 19: Norbert Elias

Fonte: <https://universidadelivredoalvito.xyz/leituras-de-sociologia-001-parte-1-norbert-elias-biografia/>. Acesso em 11 de nov. 2022.

Dadas as vivências dessa pesquisa e em respeito ao não apagamento das histórias de vidas dos autores e de suas obras, eu trago um pouco da história e vida de Norbert Elias. Filho único de judeus alemães, Elias nasceu em Breslau, na Polônia, em 1897. À época, Breslau fazia parte da Alemanha, hoje pertence à Polônia. Seu pai era um empresário do ramo têxtil, veio a falecer durante a segunda guerra mundial, em virtude da perseguição nazista aos judeus. Sua

mãe, também judia, morreu um ano depois, muito provavelmente no campo de concentração em Auschwitz.

Sua história é contada em sete entrevistas que ele concedeu em 1984, aos 87 anos, juntas elas somam mais de 20 horas de gravação, que resultou no livro *Norbert Elias por ele mesmo* (2001). É um livro que nos transporta para o lugar das entrevistas, no frio do seu apartamento, na parte sul de Amsterdã.

A atmosfera do apartamento, descrita no livro, era de muitos papéis, livros, revistas, jornais, anotações, e uma rotina de citações, leituras e correções, a qual ele vivia com seu assistente (um estudante do doutorado) por horas a fio. As interrupções eram somente para o jantar ou para uma breve caminhada no pátio do seu prédio, que ficava anexo à Universidade, localizada na periferia de Bielefeld e nos arredores da floresta de Teutoburg.

Antes da conversão para a sociologia, estudou medicina e filosofia nas universidades de Breslau e Heidelberg. Lecionou na Inglaterra por quase 20 anos, mas teve como “base” a universidade de Amsterdã, onde lecionou por mais de 30 anos.

Participou das duas guerras e lutou como soldado alemão, mas nunca se sentiu patriotamente um alemão. Quando perguntado sobre qual era a sensação de pós-guerra de uma Alemanha derrotada, ele respondeu:

Não, essa jamais foi minha guerra. Jamais. Aquilo sempre foi para mim uma coisa que me foi imposta; e, bizarramente, tenho a impressão de que esse sentimento era amplamente partilhado na unidade de transmissões a que eu pertenci. Que me lembre, eram todos oriundos de camadas trabalhadoras. Sim, só consigo exprimir sob a forma de balance: enfim, o nascimento de uma nova Alemanha era mais importante do que a derrota da antiga (Elias, 2001, p. 37).

Elias tem vasto estudo sobre as relações dos indivíduos em sociedade, dentre eles, o tempo. Em sua obra *Sobre o Tempo*, (1998) ele mostra como a sociedade começou a problematizar as questões pessoais e sociais quando passou a medir o tempo. Ele é invisível, mas passível de ser captado à medida que sabemos quanto dura um dia de trabalho.

Ele esclarece que “[...] os relógios exercem na sociedade a mesma função que os fenômenos naturais – a de meios de orientação para homens inseridos numa sucessão de processos sociais e físicos.” (Elias, 1998, p. 08).

De fato, o simples nascer do sol anunciando um novo dia que começa, exatamente depois que outro termina, mostra-nos diariamente que tudo se reinicia. E que amanhã haverá outras atividades, outros compromissos, outras tarefas. É sempre um início, um meio e um fim que nos levam a ter uma visão cíclica e espiralada do tempo em nossos dias. O instrumento de

medição que apoiamos em nosso braço conta, passa e gira seus ponteiros num tique-taque contínuo e circular.

Elias (1998, p. 08)) mostra que, nos primórdios, as organizações das sociedades sentiram a necessidade de avaliar a duração de processo do devir, que muitas vezes eram processos extensos. Para isso, utilizavam-se dos fenômenos da natureza, como o ritmo das marés, os batimentos cardíacos ou o nascer do sol ou da lua. Posteriormente, adaptamos essa medição aos símbolos dos números que carregamos no pulso, chamada relógio.

Na antiguidade, o tempo já foi medido pela posição dos astros, que servia de orientação para o tempo do plantio e da colheita. Para os indígenas, era medido pelo som das florestas, o cantar dos gafanhotos anunciava que já era anoitecer. Os Guaranis tinham também a visão cíclica do tempo: nascer/morrer; plantar/colher; dia/noite.

Novamente, faço uma pausa para pensarmos que esse tempo não parece justo e igual para as mulheres. Elas têm um ritmo de trabalho descompassado do ritmo normal do relógio ou do trabalho, que se mantém por séculos, como dupla ou tripla jornada de trabalho. Segundo Thompson (1998), ao final do dia, ao regressar para casa, as mulheres ainda têm as tarefas domésticas e maternais, um pesar indissociável da figura feminina e da mãe. Como segue nesse relato de uma mulher, datado por volta do século XVII, como mãe e trabalhadora da indústria, apresentado no livro de Thompson.

[...] E quando chegamos em casa,
Ai de nós! Vemos que nosso trabalho mal começou;
Tantas coisas exigem a nossa atenção.
Tivéssemos dez mãos, nós as usaríamos todas.
Depois de pôr as crianças na cama, com o maior carinho
Preparamos tudo para a volta dos homens ao lar:
Eles jantam e vão para a cama sem demora.
E descansam bem até o dia seguinte:
Enquanto nós, ai! só podemos ter um pouco de sono
Porque os filhos teimosos choram e gritam [...]
Em todo trabalho (nós) temos nossa devida parte:
E desde o tempo em que a colheita se inicia
Até o trigo ser cortado e armazenado.
Nossa labuta é todos os dias tão extrema
Que quase nunca há tempo para sonhar
(Thompson, 1998, p. 287-288.)

Desse relato do século XVII para os dias atuais, o “relógio” do fazer da mulher nunca encontrou o mesmo passo do “relógio” do fazer do homem. Principalmente nas obrigações domésticas e paternais. Há sempre uma desigualdade de responsabilidades. E quando se reivindica ajuda, corre-se o risco de ser abandonada para trás, com filhos e tudo mais, por

reclamar demais. Isso não é enredo de novela. É real e vejo com mais frequência do que gostaria nas relações afetivas de pessoas com que convivo.

Nesse contexto civilizatório, o tempo foi tomando várias dimensões e pressionando a vida capitalista contemporânea. Tudo em nossa volta é medido, é dividido, é marcado, é agendado. Posso dizer que faltam 15 anos para me aposentar. Parece longe, parece nunca. Eu não posso ver e nem pegar, nesse momento, que chamamos de futuro, mas claramente as legislações se valem para regular a vida do trabalhador, de forma cada vez mais exploratória. Quando esse tempo que falta para a aposentadoria é abreviado por algum acidente o qual declare o indivíduo inapto para desenvolver suas atividades, ele é aposentado proporcionalmente ao tempo, de novo, demarcado pelo trabalho, pelo quanto ele contribuiu e/ou trabalhou. E ele, o tempo, também molda, reparte e impacta a vida da professora e a atividade docente, como mostra Bahia (2016):

A medição, ou setorização do tempo escolar, principalmente a partir da determinação de tempos distintos para cada disciplina no Ensino Médio constrói uma hierarquia impactando não somente o desenvolvimento do objeto da educação, mas também em seu movimento, a atividade docente, as aulas preparadas e dadas e, por conseguinte, a vida do professor inserido neste sistema (Bahia, 2016, p. 90).

Essa organização do tempo apontada por Bahia (2016) cria uma hierarquia que afeta não apenas o progresso do processo educacional, mas também a dinâmica do trabalho das professoras, incluindo a preparação e realização das aulas, e, por consequência, a vida pessoal inserida nesse sistema. Elias (1998, p. 11) aponta que “De um lado temos uma estrutura social, capitalista, dotada de uma teia de determinações temporais e tempestivas, de outro estão as pessoas, dotadas de uma consciência irrevogável do tempo e submetidas as pressões dos relógios”. Eu interpreto essa reflexão de Elias como a tensão entre as demandas da sociedade capitalista e a experiência individual do tempo, destacando a influência dos relógios como símbolos das pressões temporais que afetam as pessoas em seu cotidiano.

Nas escolas e academias, o tempo é abordado em várias ou quase todas as disciplinas que estudamos. Como solução, como posição, como localização e, às vezes, também problema. Na física, é dimensionado, dilatado e serve para entendermos como os fenômenos ocorrem. Na história, é dividido em antigo, moderno, contemporâneo e demarca escolas do pensamento histórico. Na linguagem, ele aparece como forma verbal de localizarmos os acontecimentos e como adjunto de outras composições de palavras como: agora, nunca, antes, depois, instante, passado, presente, futuro, imediato, cedo, tarde. Na religião, ele aparece para dividir os escritos

bíblicos em antigo e novo testamento, e ainda em antes e depois de Cristo. Na arte, ele também divide as escolas em cinco períodos: pré-história, antiga, média, moderna e contemporânea.

Para Norbert Elias (1998), os relógios são instrumentos que foram adaptados para medir algo impalpável, invisível, mas foram padronizados para regular nossas vidas. O autor questiona a natureza da medição do tempo. Os físicos são mencionados por vezes a medirem o tempo, usando fórmulas matemáticas em que o tempo é tratado como uma entidade específica, um quantum. Mas o tempo não é palpável, o tempo, em si, não é algo que pode ser percebido pelos sentidos humanos – não pode ser visto, tocado, ouvido, saboreado ou cheirado, como um odor:

Os físicos às vezes dizem medir o tempo. Servem-se de fórmulas matemáticas nas quais o tempo desempenha o papel de um quantum específico. Mas o tempo não se deixa ver, tocar, ouvir, saborear nem respirar como um odor. Há uma pergunta que continua à espera de resposta: como medir uma coisa que não se pode perceber pelos sentidos? Uma "hora" é algo de invisível. Os relógios não medem o tempo? Se eles permitem medir alguma coisa, não é o tempo invisível, mas algo perfeitamente passível de ser captado, como a duração de um dia de trabalho ou de um eclipse lunar, ou a velocidade de um corredor na prova dos cem metros. Os relógios são processos físicos que a sociedade padronizou, decompondo-os em sequências-modelo de recorrência regular, como as horas ou os minutos (Elias, 1998, p. 07).

A reflexão destaca a diferença entre o conceito abstrato e invisível do tempo e a medição concreta e mensurável de eventos e durações específicas, que são contabilizadas e organizadas pelo homem através de instrumentos como os relógios. É um questionamento sobre a natureza da percepção do tempo e a forma como ele é estruturado e compreendido pela sociedade.

Ainda nesse sentido, Norbert Elias (1998) destaca como o desenvolvimento de estruturas políticas e sociais mais complexas, assim como o crescimento das atividades comerciais e industriais, exigiram a implementação de sistemas de medição temporal unificados para regular e padronizar as transações e atividades em um contexto jurídico. Isso mostra como a organização e padronização do tempo se tornaram essenciais para a regulação e ordem nos âmbitos político, comercial e legal:

Naturalmente a necessidade de uma ordem cronológica unitária e ordenada foi sendo validada à medida que cresciam as unidades políticas, sociais, e se expandiam o comércio e a indústria. As instituições jurídicas dos Estados exigiam sistemas unificados de mensuração do tempo, adaptados à diversidade e à complexidade dos negócios que eles tinham que regular (Elias, 1998, p. 46).

Ele ainda afirma que, ao passo que a indústria e o comércio necessitavam cada vez mais do trabalhador, mais necessário se fez um “medidor” de atividades. O autor destaca como a autoridade central, seja ela religiosa ou governamental, desempenhava um papel crucial na

organização do tempo, garantindo a regularidade das transações comerciais, obrigações contratuais, atividades financeiras e períodos de descanso. Isso demonstra como a estruturação do tempo passou a ser vital para estabelecer um arranjo de referências temporais, uma espécie de quadro de referência regular:

Com os avanços da urbanização e a expansão do comércio, fez-se sentir com intensidade cada vez maior a necessidade de sincronizar o número crescente das atividades humanas, e de dispor de uma rede de referências temporais cuja extensão regular pudesse servir de quadro de referência. Construir essa rede e fazê-la funcionar era uma das tarefas da autoridade central — clerical ou leiga. Dela dependiam o pagamento regular e periódico dos impostos, dos juros e dos salários, bem como a execução de inúmeros contratos e diversos compromissos; o mesmo acontecia com os numerosos feriados em que as pessoas repousavam de seu trabalho (Elias, 1998, p. 46).

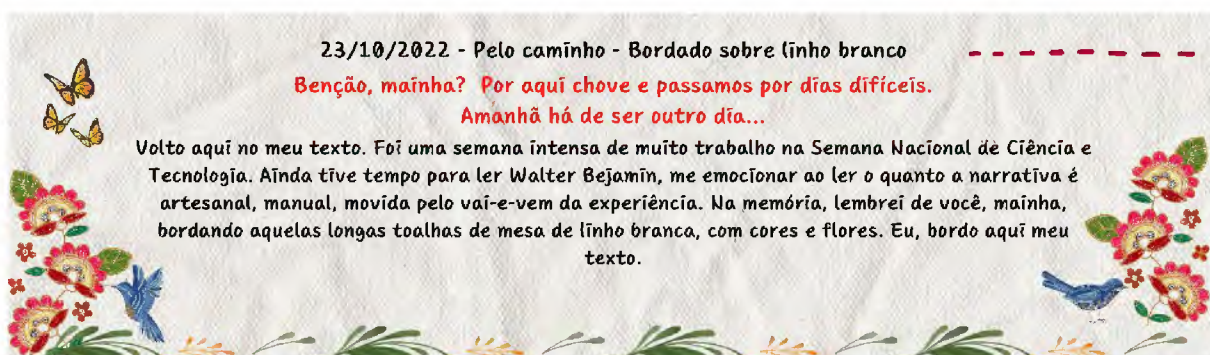


Figura 20 – Notas da autora. 23/10/2022. Pelo Caminho: memórias e saudades.
Fonte: Bordado pela autora.

Mas, de uma forma ou de outra, a questão que Elias traz em seu livro *Sobre o Tempo* é como nós fomos nos civilizando enquanto sociedade ao longo do tempo. A existência do tempo é objetiva, seja no fluxo contínuo do relógio ou na duração dos acontecimentos, a verdade é que ele foi se capitalizando como moeda de valor, assim, ele nos escraviza e nos pressiona nas relações interpessoais e sociais. A hora que devo ir, seja ao trabalho ou a algum evento, implica em outros acontecimentos que estão ligados a outras pessoas e fatos.

Nesse processo civilizador, Elias (1998) e Krenak (2020) têm abordagens distintas em relação ao tempo e sua relação com a sociedade. Ailton Krenak é um filósofo contemporâneo brasileiro, eleito professor *honoris causa* pela Universidade Federal de Juiz de Fora e uma das principais lideranças indígenas e ambientalistas no Brasil, com experiências profundamente enraizadas na perspectiva indígena, na defesa dos direitos dos povos originários e na preocupação com a preservação do meio ambiente. Ele faz uma reflexão crítica sobre a relação entre a sociedade contemporânea e a natureza, enfatizando a importância de repensar nosso

modo de viver, levando em consideração a sustentabilidade e o respeito à Terra. Em seu livro *A vida não é útil* (2020), ele defende a ideia que o tempo compõe a natureza, compõe a vida na sua inteireza e oferece uma compreensão do tempo em sua totalidade, que valoriza a interdependência entre os seres humanos e o meio ambiente, defendendo a importância de viver em harmonia com a natureza ao invés de tentar dominá-la:

Fomos, durante muito tempo, embalados com a história de que somos a humanidade e nos alienamos desse organismo de que somos parte, a Terra, passando a pensar que ele é uma coisa e nós, outra: a Terra e a humanidade. Eu não percebo que exista algo que não seja natureza. Tudo é natureza. O cosmos é natureza. Tudo em que eu consigo pensar é natureza (Krenak, 2020, p. 47).

Incluir Krenak na discussão sobre o tempo é ampliar nosso pensamento para uma forma holística da natureza do tempo e a experiência coletiva que vivemos. Ele destaca a ideia de que o ritmo atual não segue as mesmas cadências do passado, referindo-se à sensação de uma realidade em constante mudança e instabilidade. O autor expressa a percepção de um momento de suspensão, em que não há uma continuidade previsível, provocando incertezas sobre o que o futuro reserva. Ele traz a metáfora de “um anzol nos puxando para consciência” sobre o que passamos durante o isolamento social causado pela pandemia do COVID-19, forçando-nos a refletir sobre nós mesmos e sobre as coisas que são realmente significativas:

O ritmo de hoje não é o da semana passada nem o do ano-novo, do verão, de janeiro ou fevereiro. O mundo está agora numa suspensão. E não sei se vamos sair dessa experiência da mesma maneira que entramos. É como um anzol nos puxando para a consciência. Um tranco para olharmos para o que realmente importa (Krenak, 2020, p. 50).

Olhando para os dois autores, percebo que a diferença fundamental entre Krenak (2020) e Elias (1998), na discussão sobre o tempo, reside em suas perspectivas. Elias (1998) considera o tempo de maneira mais cronológica, como um processo de mudança social por períodos muito extensos, enfatizando a evolução das estruturas sociais ao longo de décadas e séculos. Krenak (2020) critica como utilizamos o tempo de forma capitalista e exploratória, e a falta de consciência e ação diante dos problemas ambientais, bem como a necessidade de reflexão sobre o tempo da natureza e os desafios de sobrevivência do planeta Terra.

Fico a imaginar o que Krenak diria a Elias se o encontrasse hoje. Convidaria para uma reunião em alguma sala de universidade, para deixar o convidado mais academicamente acomodado para a discussão, e talvez dissesse para Norbert Elias que todo o processo civilizatório teve consequências para o nosso planeta. Talvez ele dissesse que “não se come

dinheiro”; sugerisse “ideias para adiar o fim do mundo”; diria que existem “máquinas de fazer coisas”; por fim, diria: “Meu caro Elias, sinto dizer-lhe, mas ‘o amanhã não está à venda’”. (Krenak, 2020).

Acredito que Elias também contribuiria para as argumentações de Krenak. Imagino que Elias concordaria com Krenak quanto à necessidade de repensar a relação entre sociedade e natureza. Sugeriria, talvez, que a modernização não devesse necessariamente ser incompatível com a preservação ambiental, indicando a importância de buscar soluções que integrem o progresso social e tecnológico com a conservação do planeta. Reconheceria a interdependência entre o desenvolvimento humano e a preservação do meio ambiente para o bem-estar a longo prazo da sociedade e, por fim, agradeceria o cocar que ganhou de presente, servindo-lhe um café.

E se eu tivesse a oportunidade de me encaixar neste *set* de cena, eu diria que a aceleração da produção em diversas áreas resultou no afastamento da experiência humana. Essa intensificação do ritmo produtivo, das metrópoles, do cotidiano, afasta-nos do contato e da apreciação das experiências vividas, concentrando-se apenas na eficiência e na produtividade, o que pode prejudicar a qualidade de vida e a riqueza das interações humanas.

Diria também ao estimado professor Elias que as leis trabalhistas regulam nossos direitos ao tempo de produção. São oito horas diárias, com intervalo para descanso de até três horas, por 30 anos. E ainda que, para os homens que fazem as leis, os congressistas, esse tempo pode ser dilatado à medida que se vai comprovando a vida útil do homem. Diria que a atividade de ensino para uma professora é mensurada em horas (60 minutos); que seu tempo de parar está condicionado ao tempo que contribuiu financeiramente para o Estado e o seu suposto tempo restante de vida. Que somos equacionados como objetos de produção *versus* tempo e que essa produção acelerada de tudo nos distancia da experiência. Por último, diria que estou pensando em adquirir uma bicicleta. Acredito que seria uma reunião reflexiva e produtiva, e que os dois me apoiariam na aquisição.

Nessa tridimensionalidade entre passado, presente e futuro, termino esse tópico acerca do tempo para dar espaço às experiências.

3.2 A experiência

No campo da educação, a experiência toma uma nova paisagem e deixa de ser um mero acumulador de vivências. Ela orna e faz acabamento com a formação de professores a partir da

experiência vivida durante o processo formativo e nos ajuda a entender a multiplicidade e a riqueza do conceito. Vamos ver alguns desses conceitos abordados por diferentes autores, cada uma e cada um apresentando o viés contextual da importância da experiência para que possamos nos inteirar sobre essa riqueza.

Somos consumidores de notícias, de vivências instantâneas, pontuais e urgentes, mas nada nos acontece porque não temos tempo. Incansavelmente, vamo-nos alimentando dessa rapidez, transformando-nos em sujeitos fabricados desse aparato de informação, que nos anula como sujeitos capazes de viver a experiência.

Nesse sentido, Larrosa (2002) traz uma reflexão profunda sobre a importância da experiência genuína e sobre como é desafiador alcançá-la nos tempos atuais. Ele destaca que vivenciar algo verdadeiramente e permitir que algo nos afete demanda uma ação que raramente é possível nessa agitação do presente: pensar de forma mais pausada, observar com mais atenção e ouvir com mais cuidado. Significa também permitir-se sentir com mais calma, prestar atenção aos detalhes, suspender o julgamento, a opinião, a vontade e a ação automática. Isso envolve cultivar a atenção, a delicadeza, estar aberto ao que acontece e aprender a desacelerar. Além disso, envolve escutar os outros, cultivar a arte do encontro, silenciar para ouvir mais, ter paciência e conceder a si mesmo tempo e espaço:

A experiência, a possibilidade de que algo nos aconteça ou nos toque, requer um gesto de interrupção, um gesto que é quase impossível nos tempos que correm: requer parar para pensar, parar para olhar, parar para escutar, pensar mais devagar, olhar mais devagar, e escutar mais devagar; parar para sentir, sentir mais devagar, demorar-se nos detalhes, suspender a opinião, suspender o juízo, suspender a vontade, suspender o automatismo da ação, cultivar a atenção e a delicadeza, abrir os olhos e os ouvidos, falar sobre o que nos acontece, aprender a lentidão, escutar aos outros, cultivar a arte do encontro, calar muito, ter paciência e dar-se tempo e espaço (Larrosa, 2002, p. 24).

No texto de Larrosa (2002), *Notas sobre a experiência e a experiência do saber*, a argumentação vem do estilo de vida que temos hoje, carregado de informação pronta e urgente, que nos torna incapazes de oportunizar o que a experiência proporciona. É o tempo nos consumindo pela vivência acelerada e instantânea, fragmentando nossa possibilidade de experiência.

Walter Benjamin (1987) escreveu em seu texto, *Experiência e Pobreza*, que a experiência autêntica é fundamental para a compreensão e a apreciação do mundo ao nosso redor. O autor discute a importância e o valor da experiência autêntica em contraposição à perda de sentido e significado na vida moderna. Benjamin destaca como a modernidade, com seu

avanço tecnológico e rápida evolução, tem fragmentado e empobrecido a verdadeira experiência humana:

A natureza e a técnica, o primitivismo e o conforto se unificam completamente, e aos olhos das pessoas, fatigadas com as complicações infinitas da vida diária e que vêem o objetivo da vida apenas como o mais remoto ponto de fuga numa interminável perspectiva de meios, surge uma existência que se basta a si mesma, em cada episódio, do modo mais simples e mais cômodo, e na qual um automóvel não pesa mais que um chapéu de palha, e uma fruta na árvore se arredonda como a gôndola de um balão. Podemos agora tomar distância para avaliar o conjunto. Ficamos pobres. Abandonamos uma depois da outra todas as peças do patrimônio humano, tivemos que empenhá-las muitas vezes a um centésimo do seu valor para recebermos em troca a moeda miúda do “atual” (Benjamin, 1987, p. 118-119).

Benjamin destaca como a aceleração da vida moderna, o avanço tecnológico e a comercialização generalizada das experiências contribuem para uma superficialização das vivências, resultando em uma pobreza de experiência. Isso priva as pessoas da conexão com o passado, da reflexão sobre as tradições e da compreensão plena do presente.

Sob o prisma da teoria do princípio da continuidade de John Dewey (2010), filósofo norte-americano, essa conexão é essencial, pois toda e qualquer experiência absorve algo da experiência passada e modifica as experiências subsequentes. A falta de experiência é a limitação do pensar, da formação de opinião, do encadeamento de ideias. Ele destaca como é essencial que, a cada momento, as pessoas se esforcem para preservar e sintetizar o que aconteceu anteriormente, não como eventos isolados, mas como uma totalidade. Isso é fundamental para criar referências sólidas em direção ao que está por vir:

A cada momento, têm de preservar e resumir o que se deu antes como um todo e com referência a um todo que virá. Caso contrário, não há coerência nem segurança em seus atos sucessivos. [...] As vivências experimentadas são os elementos correspondentes no ritmo e proporcionam, protegem o trabalho de uma falta de propósito de uma mera sucessão de excitações (Dewey, 2010, p. 140).

A ideia central é que, se alguém não conseguir preservar e compreender o que ocorreu no passado como uma totalidade e referência para o futuro, ações futuras podem carecer de coerência e segurança. Ou seja, a continuidade e a compreensão do passado ajudam a dar sentido e direção aos passos subsequentes.

Ainda sobre a aceleração da rotina, Boaventura de Sousa Santos (2000), sociólogo português, remete nossa discussão para outro polo: o desperdício da experiência movido pela aceleração da rotina, que estagna e bloqueia os projetos de vida. Para o autor, as descontinuidades tornam-se rotinas e estas tornam-se caóticas, favorecendo ao desperdício da

experiência. Ele defende a tese de que o desassossego provocado por essa rotina contínua não está ligado aos acontecimentos do calendário e sim à “razão indolente”, também chamada de “razão preguiçosa” (Santos, 2000, p. 42) de pensar a qual, se não fizermos nada, a vida continuará de um jeito ou de outro, desistindo da capacidade de pensar perante os acontecimentos:

O desassossego que experienciamos nada tem a ver com lógicas de calendário. Não é o calendário que nos empurra para a orla do tempo, e sim a desorientação dos mapas cognitivos, interacionais e sociais em que agora temos confiado. Os mapas que nos são familiares, deixaram de ser confiáveis. Os novos mapas são, por agora, linhas tênues, pouco menos que indecifráveis. Nesta dupla desfamiliarização está a origem do nosso desassossego (Santos, 2000, p. 41).

O autor descreve e critica o tipo de razão que se encontra em um estado inerte e resulta em uma razão preguiçosa, que se acomoda e não se esforça para se aprimorar. A experiência dessa razão indolente é, assim como ela própria, bastante limitada. Ela se limita a compreender e experienciar o mundo somente a partir do paradigma estabelecido. Isso resulta em um desperdício da experiência, pois ela fica restrita aos limites estreitos do paradigma dominante, não explorando outras perspectivas ou possibilidades.

A razão indolente abordada por Sousa (2000) talvez não tenha conexão com a inércia a qual Ailton Krenak (2019) traz em seu livro *Ideias para adiar o fim do mundo*. A provocação apresentada por Krenak (2019) é adiar o fim do mundo por meio da continuidade das narrativas, da capacidade de contar mais histórias. Ao persistir em contar histórias, em expressar a vitalidade e a riqueza da experiência humana, estaremos postergando o fim. Isso sugere a importância de preservar a capacidade de compartilhar histórias, de expressar a vivacidade e a riqueza da existência, em oposição à ideia de um mundo que propaga desânimo e desistência.

Nosso tempo é especialista em criar ausências: do sentido de viver em sociedade, do próprio sentido da experiência da vida. Isso gera uma intolerância muito grande com relação a quem ainda é capaz de experimentar o prazer de estar vivo, de dançar, de cantar. E está cheio de pequenas constelações de gente espalhada pelo mundo que dança, canta, faz chover. O tipo de humanidade zumbi que estamos sendo convocados a integrar não tolera tanto prazer, tanta fruição de vida. Então, pregam o fim do mundo como uma possibilidade de fazer a gente desistir dos nossos próprios sonhos. E a minha provocação sobre adiar o fim do mundo é exatamente sempre poder contar mais uma história. Se pudermos fazer isso, estaremos adiando o fim (Krenak, 2019 p. 26-27).

Neste trecho, o autor aborda questões relacionadas à perda de sentido na sociedade contemporânea; à intolerância com a alegria e a importância de resistir a forças que buscam

desencorajar os sonhos individuais. Trazendo a discussão para a aprendizagem, Dewey (2023), volta a essa escrita, pois ele destaca a experiência como um processo ativo de investigação e reflexão, no qual os indivíduos interagem com o ambiente e aprendem através dessa interação:

Os conceitos de situação e interação são inseparáveis um do outro. Uma experiência é sempre o que é por causa de uma transação acontecendo entre um indivíduo e o que, no momento constitui seu ambiente. Se esse ambiente consiste em pessoas com as quais ele esteja conversando sobre algum tópico ou acontecimento, o assunto da conversa também faz parte da situação (Dewey, 2023, p. 54-55).

Essa noção enfatiza que a experiência de alguém não é isolada, mas é constituída e moldada pela interação dinâmica que acontece entre o indivíduo e seu ambiente imediato. A compreensão da experiência de alguém é, portanto, inseparável das trocas que ocorrem entre a pessoa e os elementos que constituem o ambiente no qual ela está inserida naquele momento específico.

Em algum ponto, entre a experiência subjetiva de hooks (2017) é possível encontrar um elo com a experiência de Dewey (2023), especialmente no contexto da vivência das mulheres e das minorias, ressalta a importância de reconhecer as experiências pessoais, de gênero e raciais. Também aponta para como essas experiências moldam as percepções individuais e sociais. Ela traz consonância com Dewey (2023) na ideia de que a educação deve ser uma experiência prática e interativa. Contudo, a autora enfatiza a importância de reconhecer e valorizar as diversas experiências, visões de mundo e realidades sociais presentes na sala de aula para enriquecer o processo educativo, especialmente daqueles que são historicamente marginalizados, como é o caso de mulheres negras, que muitas vezes são silenciadas.

Sobre a experiência em sala de aula, hooks (2017), mulher, negra e professora, destaca que é preciso ficar atento aos mecanismos de controle subjetivo presentes nas estruturas dominantes. A autora argumenta que a experiência das mulheres é central para entender as dinâmicas de poder e opressão. Ainda afirma que o mais importante não é “[...] somente que as estudiosas e ativistas feministas confrontassem questões de raça e o gênero.” (hooks, 2017, p. 105), mas também que o fizessem de maneira a não endossar as hierarquias opressivas convencionais:

É fato que muitos alunos brancos, homens, trouxeram à minha sala de aula, uma insistência na autoridade da experiência, que lhes permite sentir que vale a pena ouvir tudo o que eles têm a dizer, ou mesmo que suas ideias e suas experiências devem ser o foco central da discussão em sala de aula. A política da raça e do sexo no patriarcado da supremacia branca lhes dá essa “autoridade” sem que eles tenham de dar nome ao desejo que têm dela (Hooks, 2017, p. 111).

A autora sugere que essa confiança e sensação de legitimidade nas experiências e opiniões se originam de um sistema de poder que valoriza e reforça a autoridade dos homens brancos na sociedade. Esse sistema – que ela descreve como moldado pela política de raça e gênero, no contexto de um sistema patriarcal e de supremacia branca – concede a esses alunos uma autoridade sem que eles precisem justificar ou explicar a origem desse privilégio.

Termino esse tópico fazendo um balanço ao pontuar que cada autor e autora traz uma perspectiva única sobre a experiência, desde a ênfase na subjetividade e diversidade, até a conexão com o conhecimento prático, a percepção social e a valorização das raízes culturais e da relação com o ambiente e a natureza. A comparação entre essas visões destaca a multiplicidade e a riqueza do conceito de experiência na teoria e na prática, evidenciando a complexidade e a importância dessa noção em diferentes contextos e abordagens. Para mim o que consigo capturar desses conceitos é que a experiência é crucial para a compreensão do conhecimento, da realidade e da existência humana, pois é através dela que percebemos e interpretamos o mundo ao nosso redor.

Passamos agora para o próximo tópico da discussão, que é a formação. Para isso, vamos buscar entender sobre o ciclo de vida profissional e a preparação para aposentadoria nessa fase. De que forma isso impacta na vida financeira, social e emocional? E quando chega a hora de fechar a porta da sala de aula e deixar suas experiências passadas saírem para que as novas experiências lhes aconteçam? Vamos ver o que Nóvoa (1995) fala sobre isso?

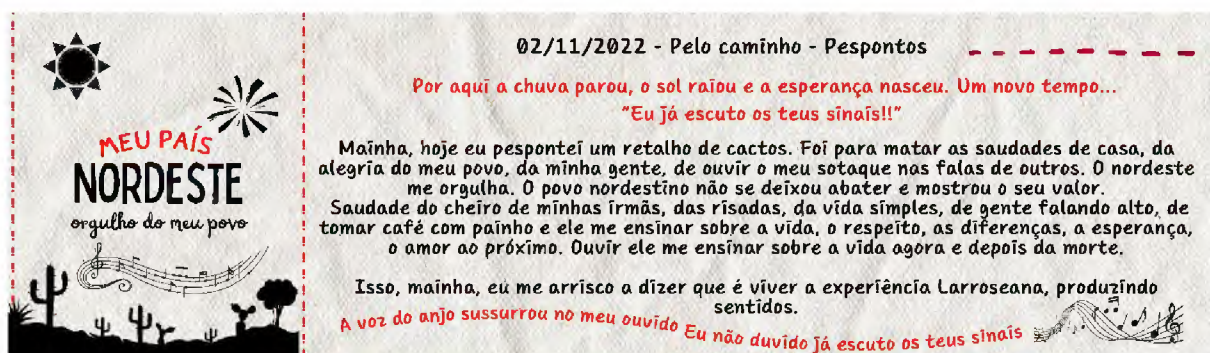


Figura 21 – Notas da autora. 02/11/2022. Pelo Caminho: eu já escuto os teus sinais.

Fonte: pespontado pela autora.

3.3 A formação

O objetivo desse tópico é abordar a forma clássica do ciclo de vida profissional docente, sob a ótica dos estudos e teses de Michael Huberman (1995) e António Nóvoa (1995), como

também o que diz a legislação vigente sobre o momento da preparação para aposentadoria e como tem sido abordado o PPA no IF Goiano.

Diante das incertezas e questionamentos sobre o final do ciclo profissional docente, a complexidade da vida, da experiência e da formação de saberes durante a carreira, as discussões acerca das subjetividades identitárias têm surgido como hipótese a ser aceita para esse plenário de discussão. No livro *Vidas de professores*, de Nóvoa (1995), os pesquisadores confrontam essas complexidades pessoais e sociais com os processos de formação: “A compreensão desta complexidade, mesmo que feita por aproximações, é uma tarefa que se impõe, de forma paradoxal, na medida em que a formação é uma realidade que ‘escapa’ de certa maneira aos formadores, porque é fundamentalmente indeterminada” (Moita, 1995, p. 113, grifo do autor).

No cerne dessa discussão, podemos dizer que o processo de formação não se limitou ao título e às disciplinas cursadas na universidade. Nóvoa (1995) amplia a questão essencial e coloca em foco a reflexão sobre as origens e os motivos que levaram cada pessoa a se tornar professor, indagando sobre os elementos que moldaram sua identidade profissional. No trecho: “O professor é a pessoa; e uma parte importante da pessoa é o professor” (Nóvoa, 1995, p. 15), o autor busca reflexão para compreendermos como a história pessoal e profissional de um educador molda suas perspectivas, abordagens e interações no contexto pedagógico:

A crise de identidade dos professores, objeto de inúmeros debates ao longo dos últimos vinte anos, não é alheia a esta evolução que foi impondo uma separação entre o eu pessoal e o eu profissional. A transposição desta atitude do plano científico para o plano institucional contribui para intensificar o controle sobre os professores, favorecendo o seu processo de desprofissionalização (Nóvoa, 1995, p. 15).

Isso implica que a tentativa de separação entre o lado pessoal e o lado profissional dos educadores resulta em uma perda de autonomia profissional e na diminuição do reconhecimento da expertise e da experiência docente. O autor destaca o conceito de identidade, abordando que a identidade não é algo estático ou adquirido, nem uma propriedade ou produto definitivo. Pelo contrário, a identidade é apresentada como um campo em que há constantes lutas e conflitos, um espaço no qual as maneiras de ser e se posicionar na profissão são construídas:

A identidade não é um dado adquirido, não é uma propriedade, não é um produto. A identidade é um lugar de lutas e de conflitos, é um espaço de construção de maneiras de ser e estar na profissão. Por isso, é mais adequado falar em processo identitário, realçando a mescla dinâmica que caracteriza a maneira como cada um se sente e se diz professor. A construção de identidades passa sempre por um processo complexo graças ao qual cada um se apropria do sentido da sua história pessoal e profissional

(Diamond, 1991). É um processo que necessita de tempo. Um tempo para refazer identidades, para acomodar inovações, para assimilar mudanças (Nóvoa, 1995, p. 16).

Nesse ponto da construção identitária e subjetividade, Huberman (1995) destaca, no livro *Vidas de Professores*, que a carreira docente passa por ciclos vivenciais, os quais ele chama de “maxiciclos”. Também afirma que esses ciclos podem ou não serem vividos e seguirem a mesma ordem para todos, dependendo de fatores como idade, vida pessoal e percurso anterior à carreira que irão refletir nela como pessoa. Os ciclos iniciam-se com a entrada na profissão, passando pelos saberes adquiridos, seguindo pela diversificação e questionamentos. Como último estágio, depois dos 25 anos de carreira, ele encerra com o ciclo chamado de desinvestimento sereno ou amargo:

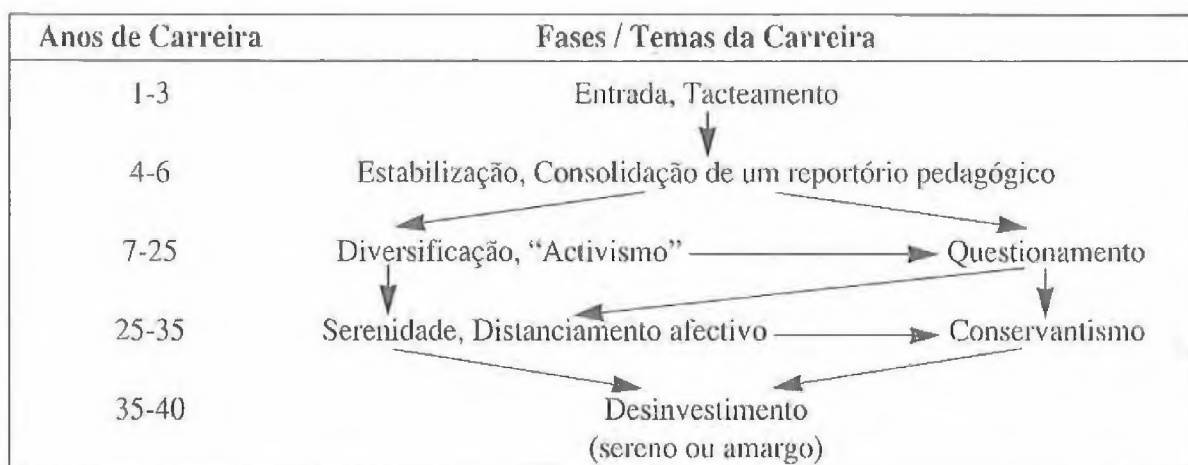


Figura 22 – Modelo síntese elaborado por Michael Huberman.
Fonte: *Vidas de Professores* (Nóvoa, 1995, p. 47).

De acordo com o autor, existem diversas maneiras de estruturar as fases do ciclo de vida profissional docente. Estudar esse ciclo, separando-o em um modelo pré-determinado de fases ou sequências vividas por indivíduos, é desafiador, pois cada professor possui suas próprias histórias de vida e experiências que se entrelaçam com as distintas etapas de sua carreira. Por essa razão, no modelo apresentado, o autor destacou as características marcantes e comuns da carreira, as quais ocorrem de maneira geral para aqueles que a vivenciam.

O modelo apresenta as seguintes fases: entrada na carreira; estabilização; diversificação; serenidade; e, por último, a fase de desinvestimento. Dessa forma, na perspectiva dele, dependendo de como foram as etapas vividas entre o início e a chegada ao fim, a fase chamada de desinvestimento, que ocorre depois de 35 a 40 anos de carreira, pode ser calma ou insegura, serena ou amarga. Vamos entender o que fala o autor sobre cada uma dessas fases.

Entrada na Carreira: estudos mostram que os primeiros anos da carreira docente são um tanto homogêneos, apesar da escolha por essa carreira ter tido motivos diversos. Os estudos que balizam essas fases como sequências chamam de um estágio de “sobrevivência” e de “descoberta” (Huberman, 1995, p. 39).

É na fase de “sobrevivência” em que ancora a pergunta: vou dar conta desse ambiente de sala de aula? O cotidiano; o ideal do real; a transmissão do conhecimento; o choque do real; do pedagógico para o prático; o controle dos alunos em sala; dificuldades com material pedagógico usado na escola. Nesse mesmo turbilhão de inseguranças, também se faz presente a fase da “descoberta”, que é empolgante e entusiasmante. Fazer parte de um determinado corpo docente, ter sua sala de aula, seus alunos, pôr em prática seus projetos.

Existem indicadores de que, nesse início de carreira, o medo e a insegurança andam junto com o entusiasmo, sendo que o último sustenta o primeiro.

Há também estudos que indicam uma só fase como dominante. Ou a “sobrevivência” ou a “descoberta”. Outras características também são encontradas e relatadas, como a frustração (aqueles que pesam se vai valer a pena ou não continuar); a indiferença (aqueles que escolherem a profissão provisoriamente); e a serenidade (daqueles que já exerciam a profissão antes) (Huberman, 1995, p. 39). O autor trata do processo de desenvolvimento pessoal e profissional, enfatizando que, para algumas pessoas, esse processo pode parecer linear e progressivo, mas para outras, pode ser apresentado por estágios diferentes, retrocessos, situações difíceis e momentos de reinício, intermediários ou descontinuidades:

Para alguns, este processo pode parecer linear, mas, para outros há patamares, regressões, becos sem saída, momentos de arranque, descontinuidade. O fato de encontrarmos sequências-tipo não impede que muitas pessoas nunca deixem de praticar a exploração, ou nunca estabilizem, ou que desestabilizem por razões de ordem psicológicas (tomada de consciência, mudança de interesses ou de valores) ou exteriores (acidentes, alterações políticas, crise econômica) (Huberman, 1995, p. 38).

Ele aponta que, embora existam certos padrões comuns no percurso de vida de algumas pessoas, outros fatores de ordem pessoal ou externos podem acontecer impedindo o avanço de maneira constante, afetando o desenvolvimento e a estabilidade pessoal e profissional.

Estabilização: segundo Huberman (1995), a fase de estabilização da carreira é caracterizada por uma maior estabilidade e segurança no trabalho, uma vez que os professores já passaram pelas etapas iniciais da carreira e se tornaram mais experientes e proficientes em suas atividades.

Durante uma fase de estabilização, os professores tendem a se envolver em atividades de desenvolvimento profissional mais específicas e orientadas para a sua área de especialização, e buscar aprimorar suas habilidades e conhecimentos pedagógicos e disciplinares. Eles também podem se envolver em atividades de liderança, como mentoria de professores iniciantes ou coordenação de projetos e atividades escolares.

No entanto, Huberman (1995) também destaca que uma fase de estabilização pode trazer desafios, como o desgaste emocional causado pela rotina e a pressão constante de cumprir com as expectativas e demandas escolares.

A **exploração** consiste em fazer uma opção provisória, em proceder a uma investigação dos contornos da profissão, experimentando um ou mais papéis. Se esta fase for globalmente positiva, passa-se a uma fase de **estabilização**, ou de compromisso, na qual as pessoas centram a sua atenção no domínio das diversas características do trabalho é opcional, tentativa de explorar vários setores e responsabilidades, de maior importância ou prestígio, ou mais lucrativas (Huberman, 1995, p. 37, grifo meu).

Para o autor, durante a fase de estabilização, as pessoas buscam consolidar e comprometerem-se com aspectos específicos da profissão, explorando setores ou responsabilidades que possam ser mais relevantes, prestigiosas ou lucrativas. Essa fase implica em uma tentativa de explorar diferentes âmbitos ou funções, envolvendo uma compreensão mais sólida e uma especialização possível na área de atuação escolhida.

Diversificação: a fase de “diversificação” ocorre após uma fase de estabilização e é caracterizada pela busca de novos desafios e oportunidades de aprendizagem. Nesta fase, os professores buscam ampliar seus horizontes e explorar novas possibilidades de atuação, muitas vezes fora de sua área de especialização:

As pessoas lançam-se, então, numa pequena série de experiências pessoais, diversificando o material didático, os modos de avaliação, a forma de agrupar os alunos, as sequências do programa, etc. Antes da estabilização, as incertezas, as consequências e o insucesso geral tendiam de preferências a restringir qualquer tentativa de diversificar a gestão das aulas e a instaurar uma certa rigidez pedagógica (Huberman, 1995, p. 41).

É nessa fase a qual Huberman (1995) aponta que os professores podem se envolver em atividades como pesquisa, desenvolvimento de currículo, liderança escolar, trabalhos comunitários e políticas educacionais. Isso resulta na implementação de uma certa complexidade na abordagem pedagógica, ao invés de permitir uma maior flexibilidade e inovação na condução das aulas.

Serenidade e distanciamento afetivo: após aproximadamente entre 25 e 35 anos de carreira docente, já é possível se sentir serena quanto às tribulações diárias, já consegue lidar com os problemas sem culpa ou perda de sono. Simultaneamente também acontece um distanciamento afetivo de seus alunos. “Apresentam-se menos sensíveis ou menos vulneráveis a avaliação dos outros, quer se trate do diretor, dos colegas ou dos alunos” (Huberman, 1995, p. 44):

Em grande parte, esse distanciamento é criado pelos alunos, que tratam precisamente os professores muito como irmãos ou irmãs mais velhos(as) e que, subtilmente, recusam esse estatuto aos professores com idade dos seus próprios pais (Huberman e Schapira, 1979, p. 37).

O autor fala que, com a experiência e o tempo de atuação na profissão, o professor desenvolve uma maior resiliência e capacidade de lidar com os desafios diários, mantendo uma postura mais tranquila, porém, há uma sugestão de que, por outro lado, esse distanciamento pode gerar uma certa diminuição na relação afetiva com os alunos.

Conservadorismo e Lamentações: em um estudo feito por Huberman (1995) mostra que professores do ensino secundário entre 50 e 60 anos de idade apresentam mais lamentações. Nessa fase, após os 35/40 anos de profissão, há uma relação com a idade vivida e a idade profissional, como reflexo de muitos anos já vividos em sala de aula. As lamentações apresentadas dos respondentes do estudo circundam o comportamento dos alunos (menos disciplinados e menos motivados); descontentamento com a política educacional (confusa, sem orientação); e relacionamento com os colegas de trabalho mais jovens (menos empenhados). O autor menciona ainda que, estudos clássicos destacam que nessa fase da carreira há uma “[...] tendência, com a idade, para uma maior rigidez acentuada e uma resistência a inovação” (Huberman, 1995, p. 45):

As investigações psicológicas clássicas sublinham a tendência, com a idade, para uma maior rigidez e dogmatismo, para uma prudência acentuada, para uma resistência mais firme às inovações, para uma nostalgia do passado, para uma mudança de óptica geral face ao futuro, etc. Essa evolução seria progressiva, mas acelerar-se-ia com os 50 anos. Pode-se ver, assim, o paralelismo entre os estudos gerais do ciclo de vida e os que se reportam especificamente aos professores, marcados por uma característica comum: reportam-se a tendências centrais de um perfil que engloba um grande número de pessoas, por vezes mesmo a maior parte dessas pessoas, mas nunca a totalidade de um conjunto.

Nessa observação, o autor sugere que, embora haja padrões gerais associados ao envelhecimento e às características profissionais, estas tendências não são universais, afetam a

maioria, mas não todas as pessoas, evidenciando a diversidade e individualidade de como cada indivíduo envelhece e se desenvolve ao longo da vida.

Desinvestimento/preparação para aposentadoria: a última fase dos maxiciclos abordados por Huberman (1995). O desinvestimento é a fase em que a docente já tem completos 35/40 anos de docência e que é o momento em que se faz um balanço do que foi toda a sua carreira. Há um desinvestimento emocional e material, há um progressivo abandono das responsabilidades na escola. A tese principal apresentada por Huberman (1995) é que há um recuo e uma “interiorização”.

Quando esse balanço interior emocional é positivo, as pessoas veem esse momento como uma libertação, sem lamentações sobre o tempo investido no trabalho, e com serenidade começam a planejar seu momento de aposentadoria, seus planos pessoais, seu afastamento social do trabalho, da rotina e dos alunos. Quando elas se dispõem a fazer uma reflexão sobre o tempo que falta para sua transição, há uma mudança de valores e construção de consciência junguiana.

Em contraponto a essa serenidade na fase de desinvestimento, Huberman também observa a fase de amargura.

Diversificação → Serenidade → Desinvestimento sereno.

Os percursos mais “problemáticos” seriam:

a) Questionamento → Desinvestimento amargo.

b) Questionamento → Conservantismo → Desinvestimento amargo.

Figura 23: Percurso mais harmonioso, elaborado pelo autor Huberman.
Fonte: Vidas de Professores (1995, p 48).

Para Huberman (1995), essa fase se refere à diminuição gradual do investimento emocional, cognitivo e material que os professores recebem ao longo de sua carreira. Os professores muitas vezes começam suas carreiras com grande entusiasmo, energia e dedicação, mas ao longo do tempo, devido a uma série de fatores, esse entusiasmo e compromisso podem diminuir gradualmente.

Entre alguns dos fatores que desencadearam para o desinvestimento amargo no ciclo de vida profissional docente, é possível incluir a falta de reconhecimento e valorização por parte dos empregadores e da sociedade em geral, baixos salários e más condições de trabalho, falta de apoio e formação contínua, excesso de exigência e falta de autonomia, como também desafios com alunos indisciplinados e dificuldades de aprendizagem.

Observo, em minhas experiências diárias como coordenadora de gestão de pessoas, que, após alcançarem o último nível de progressão na carreira e se enquadrarem nas legislações de aposentadoria, muitos manifestam preocupação com as perdas financeiras em seus contracheques e lamentam a falta do convívio social com os alunos em sala de aula.

A pergunta que me aguça é também meu problema de pesquisa. Como será que a docente, que teve percursos diferentes, vividos em diferentes contextos sociais, econômicos, culturais, vai narrar esse final de carreira? Com amargor ou serenidade?

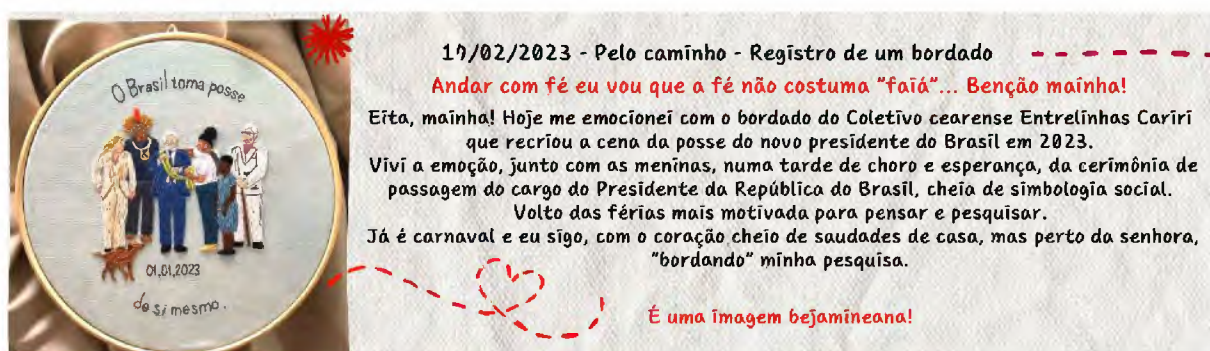


Figura 24: Notas da autora – 17/02/2023 – Pelo Caminho: o Brasil toma posse de si mesmo.
Fonte: Pespontado pela autora

É aqui, nessa fase de amargor ou serenidade, que busco as narrativas de minha pesquisa.

A Preparação para Aposentadoria no Brasil foi prevista pela primeira vez na Política Nacional do Idoso, especificamente no art. 10, inciso IV, que trata da área de trabalho e previdência social, alínea “c”, salientando que é competência dos órgãos públicos “[...] estimular a manutenção de programas de preparação para aposentadoria nos setores público e privado com antecedência mínima de dois anos antes do afastamento” (Brasil, 1994).

Posteriormente, o Estatuto do Idoso, instituído pela Lei 10.741 de 2003, estabeleceu, em seu art. 28, que a preparação para a aposentadoria deve ser realizada “[...] com antecedência mínima de 1 (um) ano, por meio de estímulo a novos projetos sociais, conforme seus interesses, e de esclarecimento sobre os direitos sociais e de cidadania”, sendo de responsabilidade do Poder Público (Brasil, 2003).

No contexto dos órgãos públicos, merece destaque a Política de Atenção à Saúde e Segurança do Trabalho do Servidor Público Federal (PASS), que foi construída de forma colaborativa, criando o Subsistema Integrado de Atenção à Saúde do Servidor (SIASS) com o propósito de coordenar os recursos disponíveis e propor medidas para a execução das iniciativas do PASS (Brasil, 2009).

Dentro desse subsistema, foi promulgada a Portaria/SRH/Nº 1.261/2010, a qual elenca Princípios, Diretrizes e Ações em Saúde Mental com o propósito de fornecer orientações aos órgãos e entidades do Sistema de Pessoal Civil da Administração Pública Federal (SIPEC) acerca da saúde mental dos servidores. Entre as ações de saúde a serem rompidas, encontra-se a inclusão do Programa de Preparação para a Aposentadoria (Brasil, 2010).

Da mesma forma, a Portaria Normativa/SEGEF/Nº 3/2013, que instituiu as diretrizes gerais de promoção da saúde do servidor público federal, que visam orientar os órgãos e entidades do SIPEC, salientou, no art. 11: “[...] no intuito de viabilizar o cuidado em saúde e aumentar o impacto dos programas e ações de promoção da saúde” fossem priorizados alguns temas, dentre eles, no inciso IV, o envelhecimento ativo, educação e preparação para a aposentadoria (Brasil, 2013).

Recentemente, foi publicada a Portaria/SGP/Nº 12/2018, que instituiu as diretrizes gerais para promoção da educação para aposentadoria do servidor público federal dos órgãos e entidades do SIPEC (Brasil, 2018). O art. 2º, da referida Portaria/SGP/Nº 12/2018, destaca que o objetivo geral das diretrizes é: “[...] promover a educação para aposentadoria do servidor público federal desde o ingresso, durante o exercício das atividades profissionais, na transição e ao longo da aposentadoria.”.

Diante desta vasta legislação que vem há mais de 20 anos mostrando o compromisso social para e com o idoso é que vejo que devemos encarar o planejamento para a aposentadoria como uma etapa de reflexões coletivas, em diferentes dimensões multidisciplinares, a fim de minimizar os riscos econômicos-sociais e garantir o bem-estar dos servidores nessa fase.

Procurei em Zanelli (2012), professor que tem estudado muito sobre a Preparação para Aposentadoria no Brasil, algumas referências. Segundo este autor, o período que abrange, desde o momento imediatamente anterior ao encerramento de uma carreira forma até o momento posterior, é conhecido como a fase de transição para a aposentadoria. É possível facilitar essa etapa por meio da promoção de atividades de compreensão e experiências antecipatórias, ou geralmente através de programas de preparação ou orientação.

Para Zanelli (2000), essa etapa de preparação pode ser experimentada de forma positiva ou limitante, variando de acordo com a capacidade de adaptação de cada pessoa e de um ambiente que proporcione condições para seu crescimento. O autor sugere que a aposentadoria pode ser uma fase a qual oferece oportunidades para o desenvolvimento pessoal, incluindo a descoberta de potenciais, fontes de prazer, maturidade e crescimento:

Pode oferecer oportunidades para o desenvolvimento pessoal, quando se descobrem potencialidades, fontes de prazer, maturidade e crescimento, ou pode constituir-se em um ciclo de desequilíbrios e infortúnios. Assumir a condição de aposentado de forma brusca, sem uma reflexão e preparação prévia, potencializa a ocorrência de problemas no reposicionamento, na estrutura social e consequentes implicações no plano pessoal (Zanelli, 2000, p. 159).

Devemos, portanto, atentar para outra questão também trazida por Zanelli (2000): o infortúnio que pode acontecer na vida profissional de qualquer pessoa, a aposentadoria por invalidez, em que a trabalhadora assume uma condição de aposentadoria de maneira abrupta, sem reflexão e preparação prévia. Isso pode aumentar as chances de problemas de adaptação ao novo contexto social e implicações no plano pessoal. Portanto, ele enfatiza a importância de uma abordagem cuidadosa e consciente ao lidar com a transição para a aposentadoria, visando maximizar as oportunidades de crescimento pessoal e minimizar possíveis desafios. Baseadas nisso, Antunes, Soares e Silva (2015) alertam que as instituições não podem silenciar o tema e destacam que a ausência de preparação adequada para a aposentadoria, constitui um desafio significativo para a área de gestão de pessoas:

Os autores questionam “o silêncio institucional” frente à proximidade de aposentadoria desse indivíduo, cujo envolvimento e dedicação ao trabalho eram intensos e, mesmo assim, não haviam políticas de recursos humanos que atendessem às suas demandas. Esse caso chama a atenção, sobretudo, para a necessidade de preparação em relação à aposentadoria, constituindo-se um desafio para a área de gestão de pessoas, especialmente nas práticas que visam o bem-estar dos trabalhadores (Antunes, Soares e Silva, 2015, p. 254).

Fazendo uma pesquisa, em fevereiro de 2022, com o termo “Preparação para aposentadoria”, tomei como base de dados o catálogo CAPES de Dissertações e Teses, o Google Acadêmico e a plataforma Scielo, filtrando publicações dos períodos de 2018 a 2022, obtive os seguintes resultados:

Ano	Título	Tipo
2018	Macedo, Paula Leite Antunes De. Percepção E Práticas De Lazer De Servidores Públicos Federais Aposentados	Dissertação Mestrado em Gerontologia Instituição de Ensino: Universidade Católica De Brasília, Brasília Biblioteca Depositária: Biblioteca Central da UCB
2018	Silva, Anne Cristine Cavalcanti Da. Múltiplos Olhares Sobre Um Programa De Preparação Para Aposentadoria: Um Estudo De Caso Em Uma Organização Pública Do Estado De Pernambuco	Dissertação Mestrado Profissional em Gestão Empresarial Instituição de Ensino: Centro Universitário FBV WYDEN, Recife
2018	Santos, Maria dos Remédios Gonçalves dos. Programa de preparo para aposentadoria para servidores do Tribunal de Justiça do Estado da Paraíba	Dissertação https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/123456789/19739

2019	Fonseca, Adilce as Graças. Programas de Preparação para Aposentadoria: instrumentos efetivos de responsabilidade social nas universidades públicas federais de ensino superior.	Dissertação http://repositorio.utfpr.edu.br/jspui/handle/1/4129
2020	Carvalho, Luciane Santos Machado de. Aposentadoria sob a perspectiva de trabalhadores do setor privado,	Dissertação Mestrado Profissional em Gestão e Desenvolvimento Regional Instituição de Ensino: Universidade de Taubaté, Taubaté Biblioteca Depositária: SIBI/UNITAU
2020	Cantarelli, Adriane Scheffer. Aposentadoria de Militares: construindo novas perspectivas,	Dissertação Mestrado em Gerontologia Instituição de Ensino: Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria Biblioteca Depositária: Biblioteca Central da UFSM
2020	Prado, Lisia Pereira Goncalves. Percepções Sobre o Preparo Psicológico para a fase Pré-Aposentadoria.	Dissertação Mestrado Profissional em Gestão de Negócios Instituição de Ensino: Faculdade Fia ae Administração E Negócios, São Paulo
2020	Garcia, Thaysa Maria Ribeiro. Programa de Preparação Para Aposentadoria: Planejamento, Execução e Avaliação.	Mestrado em Psicologia Instituição de Ensino: Universidade Salgado de Oliveira, Niterói
2021	Lima, Myrtes Jane Paschoal De. Programa de Preparação para Aposentadoria do Tribunal de Justiça de Pernambuco: uma proposta de inovação utilizando a abordagem do design de serviço.	Dissertação Mestrado Profissional em Design Instituição de Ensino: Centro De Estudos E Sistemas Avançados Do Recife (PE), Recife.
2022	Girelli, Dereck Bruno. Contribuições para o Planejamento de Aposentadoria de Servidores Públicos em uma Instituição Federal de Ensino.	Dissertação Mestrado Profissional em Gestão Pública Instituição de Ensino: Universidade Federal do Espírito Santo.

Quadro 1 – Pesquisa sobre os temas período entre 2018 a 2022.

Fonte: Plataformas Scielo, CAPES e Google Acadêmico.

Das pesquisas feitas com os trabalhos de dissertações sobre o tema, eu chamo atenção para o trabalho de Fonseca (2019), que realizou um estudo em sessenta e três universidades públicas brasileiras, com o intuito de identificar quantas abordam o tema PPA no seu Plano de Desenvolvimento Institucional (PDI). O PDI é um instrumento obrigatório para as Instituições de Ensino Superior e tem o objetivo de informar seu planejamento para um prazo de 5 anos. O estudo mostrou que, 61 (sessenta e um) dos PDIs de universidades federais no Brasil, disponibilizados nos portais institucionais, apenas vinte instituições abarcam em seus planejamentos ações e propostas de práticas de responsabilidade social interna que visam à preparação para aposentadoria.

No PDI em execução do IF Goiano (2019-2023), o PPA não foi tratado no documento. Contudo, apesar de não citar em seu PDI, o IF Goiano tem mostrado preocupação com o tema desde 2013 e, com apoio do SIASS, tem ministrado palestras e rodas de conversas que versam

sobre a temática para seus servidores. Hoje, ele é executado de forma conjunta com o IFG e o SIASS, com turmas virtuais, com atenção aos servidores e servidoras acima de 55 anos de idade, mas com adesão voluntária para quem quiser se inscrever.

Foi durante a pandemia do COVID-19 que comecei a participar ativamente do PPA no IF Goiano. Naquele momento, os Pró-Reitores de Gestão de Pessoas do Instituto Federal Goiano (IF Goiano) e o Instituto Federal Goiás (IFG), com a ajuda e parceria da gestão do Subsistema Integrado de Atenção à Saúde do Servidor (SIASS), idealizaram o Programa Bem Viver. O Bem Viver atua em oito Grupos de Trabalho (GTs), são eles: Saúde Mental; Diagnóstico de Qualidade de Vida no Trabalho; Exames Periódicos; Cultural; Interação entre as Instituições; Prevenção e Redução de Danos: Drogas; Segurança do Trabalho e **Preparando para Aposentadoria (PPA)** – grifo meu. Cada GT é formado por servidores das instituições partícipes, tendo um coordenador responsável pelo grupo e pelas ações planejadas por esse grupo.²⁰



Figura 25 – Grupos de Trabalho do Programa Interinstitucional Bem Viver.

Fonte: <http://ifg.edu.br/component/content/article/23511>. Acessado em 17/06/2023.

E é exatamente agora que entro nesse assunto ao ser nomeada pela Portaria Interinstitucional IF Goiano/IFG nº 03, de 16 de agosto de 2021, para coordenar o GT Preparando para Aposentadoria, o PPA.

²⁰ O Programa Bem viver tem feito suas ações de forma virtual e para isso usa os recursos de redes sociais para divulgação e execução de suas ações. Instagram: https://www.instagram.com/bemviver_ifgoiano.ifg.siass/ e facebook: <https://www.facebook.com/programabemviver.ifgoiano.ifg.siass> e YouTube: Programa Bem Viver do IF Goiano, IFG e SIASS.

O desenvolvimento do PPA no IF Goiano tem sido nos moldes didáticos de oferta de palestras e oficinas, com profissionais dos dois institutos, com especialidades das áreas jurídicas, financeiras, saúde e psicossocial. No Programa Bem Viver, essas oficinas e encontros acontecem de forma virtual, específica para o público alvo, mas também aberta a quem se interessar pelo assunto.

Antes, porém, todos os programas eram realizados de forma presencial, com reuniões em Goiânia, na reitoria. O ponto negativo era a distância geográfica dos vários *campi* espalhados no estado, o que dificultava a participação dos servidores lotados nos *campi* do interior, e isso tornava o programa cada vez mais evasivo.



Figura 26 – Oficinas do PPA realizadas em 2021.

Fonte: <http://ifg.edu.br/component/content/article/23511>. Acesso em 17 jun. 2023.



Figura 27 – Oficinas do PPA realizadas em 2022.

Fonte: <http://ifg.edu.br/component/content/article/23511>. Acesso em 17 jun. 2023.

Eu, inserida na gestão de pessoas, vejo a relevância social do tema para a sociedade e também vejo o quanto precisamos urgentemente ter/implantar/propor uma “educação para aposentadoria” de forma contínua, como defendido por França e Soares (2009, p. 742), que afirmam: “A chave para esse desafio está na educação ao longo da vida (*lifelong learning*)²¹ – processo que prevê a educação tanto para a continuidade quanto para a saída do mercado de trabalho.”. França (2002) defendia essa percepção muito antes do que foi editado na última portaria sobre o tema pelo poder público, em 2018, no que se diz respeito à implantação dessa educação para aposentadoria:

O PPA deverá ser pautado numa ponte dinâmica de discussão e de avaliação à luz dos fatos, dos riscos e das expectativas que os participantes queiram atingir no futuro.

²¹ Peter Alheit e Bettina Dausien: Processo de formação e aprendizagens ao longo da vida, Revista Educação e Pesquisa, 2006.

Sendo assim, a preparação deve ser organizada como um processo educativo, contínuo e relacionado a um planejamento de vida (França, 2002, p. 30).

Sobre os modelos de PPAs, França (2002) sugere que sejam desenvolvidos modelos com módulos, modelos informativos (ligados aos aspectos legais, investimento, saúde, relacionamento familiar, social, cultural e lazer) e de formação (relacionados à rede de serviços para aposentados; diálogo sobre questões de sentido; realinhamento profissional ou uma segunda carreira). Sugere ainda que o programa deve conter a etapa de avaliação, fundamental para verificar se os objetivos foram atingidos, além de servir para redirecionar futuros programas.

Nesse sentido, para França e Soares (2009), a avaliação do programa representa um elemento crucial para o seu bom desempenho. Outro ponto destacado pelas autoras é o de que a preparação para a aposentadoria não termina com o desligamento da empresa, sendo necessária uma avaliação periódica continuada, por período que pode atingir até 5 anos após sua saída.

A tomada de consciência da relevância social do tema PPA para a instituição e para a sociedade é que me trouxe para essa pesquisa. Na visão benjaminiana, é preciso “escavar com as mãos e revirar a terra” para trazer um olhar dialético, e assim poderemos (re)direcionar os programas futuros a partir de uma escuta das docentes que estão em processos de pré-aposentadoria.

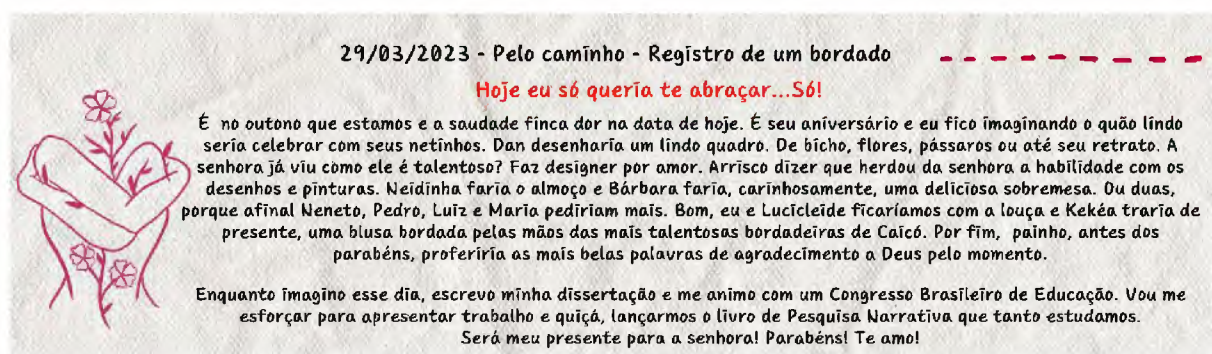


Figura 28 – Notas da autora. 29/03/2023. Pelo caminho: Aniversário de mainha.
Fonte: Pespontado pela autora.

4) O tempo da pesquisa e das narrativas

o ponto: define a técnica do bordado

errados rumos

o tardio encontro...

passado o tempo

de semear o vale

de colher o fruto.

o desencontro.

da que veio cedo e do que veio tarde.

cora coralina

(meu livro de cordel, 2012, pág. 62.)



4. TEMPO DA NARRATIVA E DA PESQUISA - O PONTO DEFINE A TÉCNICA DO BORDADO

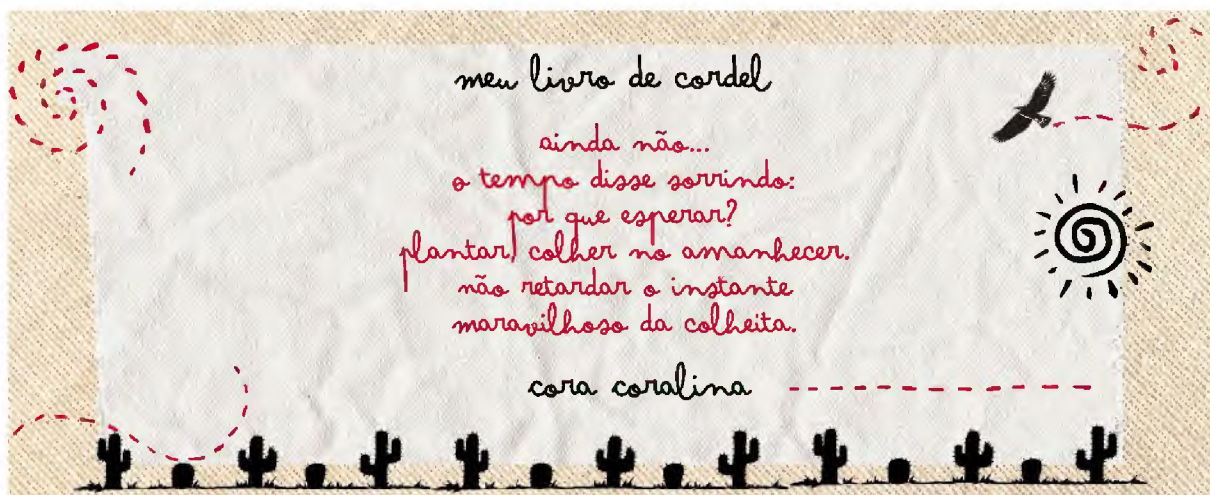


Figura 29 – Poema “Ainda não” de Cora Coralina.
Fonte: Meu livro de cordel, p. 79. Global Editora e Distribuidora Ltda, 2015.

No tempo “maravilhoso” da colheita de Cora, trago o objetivo deste capítulo, que é “bordar” e abordar o método da minha investigação. Esta é uma pesquisa qualitativa de cunho biográfico e autobiográfico, e tem a intensão de trazer o protagonismo da professora e a sua trajetória de formação. Quão caro foi o compromisso assumi neste caminho. Eu, com a responsabilidade de (d)escrever a história de outrem, de outras vidas, de outros caminhos e ainda deixar um legado de memórias.

Falar sobre o método, como e o porquê, causou-me embaraço. A distância do saber apreendido na época da minha graduação, no ano 2000, apagou da memória o que nunca foi claro e dominado por mim. Agora, no mestrado, 23 anos depois, os métodos são novos e o meu letramento sobre o assunto já não se encaixa aqui. Para a análise dos achados da pesquisa, eu optei por utilizar núcleos de significação e busquei desembaraço e luz em duas pesquisadoras sabidas: Rafaela dos Santos Alves Oliveira (2023) e Daniela Gobbo Donadon (2020), as quais apresentaram, em seus trabalhos de dissertação e tese, respectivamente, os ditos núcleos, e assim elas se tornaram minha bússola naquele momento.

4.1. O tempo da pesquisa: aporte teórico-metodológico

Eu começo esse quarto capítulo com o objetivo de traçar o caminho metodológico que compôs minha pesquisa assim, desenhada como qualitativa, de cunho biográfico e autobiográfico, valendo-se de uma entrevista semiestrutura como instrumento de coleta e, para a análise de dados, os Núcleos de Significação. Os autores que procurei apoiar meus estudos nesse caminho foram: Severino (2013), Flick (2009, 2013) e André (2013). Para instrumentalizar a apreensão dos sentidos produzidos nas narrativas, apoiei-me nos estudos de Aguiar, Soares e Machado (2015), Aguiar e Ozella (2006, 2013), que me trouxeram o clarão necessário para a interpretação e construção de conhecimento científico entre o método e seus procedimentos.

A partir desses autores comecei minha busca sobre como organizar e explicitar, neste capítulo, a escolha do método. E encontrei em professor Antônio Severino (2013), professor preocupado com a epistemologia da educação, uma descrição lógica sobre o assunto:

A ciência utiliza-se de um método que lhe é próprio, o método científico, elemento fundamental do processo do conhecimento realizado pela ciência para diferenciá-la não só do senso comum, mas também das demais modalidades de expressão da subjetividade humana, como a filosofia, a arte, a religião. Trata-se de um conjunto de procedimentos lógicos e de técnicas operacionais que permitem o acesso às relações causais constantes entre os fenômenos (Severino, 2013, p. 89).

Severino (2013) descreve o processo inicial do método de pesquisa, enfatizando a importância da observação de fatos. No entanto, a abordagem científica evolui quando a observação se torna mais sistemática, planejada e organizada, também é crucial garantir que os mesmos fatos sejam distribuídos, mesmo que em situações diferentes. Essa abordagem sistemática é fundamental para a análise científica e a obtenção de resultados substanciais.

O autor explica que existem diferenças notáveis na prática da pesquisa científica devido à diversidade de perspectivas epistemológicas disponíveis e aos enfoques variados que podem ser adotados para lidar com os objetos de pesquisa. Em outras palavras, a abordagem adotada deve ser consistente em termos de concepções de conhecimento, métodos e técnicas para garantir a eficácia e a validade do processo de investigação:

Mas, além da possível divisão entre Ciências Naturais e Ciências Humanas, ocorrem diferenças significativas no modo de se praticar a investigação científica, em decorrência da diversidade de perspectivas epistemológicas que se podem adotar e de enfoques diferenciados que se podem assumir no trato com os objetos pesquisados e eventuais aspectos que se queira destacar (Severino, 2013, p. 102).

Buscando apoio em Flick (2008), um pesquisador renomado em métodos qualitativos, encontrei que é importante não simplificar os objetos de estudo apenas como variáveis isoladas, enfatizando a necessidade de compreendê-los em sua totalidade e inseridos em seus contextos de vida habitual. Assim, para o autor, os campos de estudo não são construídos a partir de situações artificiais em laboratório, mas sim a partir das interações sociais, culturais e pessoais dos sujeitos na vida cotidiana:

O objeto em estudo é o fator determinante para a escolha de um método, e não o contrário. Os objetos não são reduzidos a simples variáveis, mas sim representados em sua totalidade, dentro de seus contextos cotidianos. Portanto, os campos de estudo não são situações artificiais criadas em laboratório, mas sim práticas e interações dos sujeitos na vida cotidiana (Flick, 2009, p. 24).

Partindo do ponto que meu campo de estudo não se trata de “situações criadas em laboratório”, como citado por Flick, a pesquisa qualitativa é a mais adequada a ser utilizada, pois busca compreender a complexidade e a profundidade das especificidades sociais, explorando significados, contextos e perspectivas dos participantes, além de trazer uma diversidade de abordagens (Flick, 2009).

Contudo, o autor destaca que na pesquisa qualitativa é necessário encontrar um caminho entre técnica e método, pois ela não se limita apenas ao uso de técnicas e habilidades nos métodos, mas, à priorização do tema, à orientação do processo de pesquisa e à postura que os pesquisadores devem adotar para atingir seus objetivos.

A pesquisa qualitativa não se refere apenas ao emprego de técnica e de habilidade aos métodos, mas inclui também uma atitude de pesquisa específica. Essa atitude está associada à primazia do tema sobre os métodos, à orientação do processo de pesquisa e à atitude com que os pesquisadores deverão alcançar seus “objetivos” (Flick, 2009, p. 36).

Na busca pelo caminho a ser percorrido para a produção dos achados, diante da pluralidade de instrumentos, métodos, técnicas e perspectivas epistemológicas, optei pela entrevista semiestruturada tendo em vista que minha intenção era que as participantes narrassem seu percurso de carreira docente. Sobre a entrevista semiestruturada, Severino (2013) utiliza-se do termo “entrevistas não diretivas” e explica que elas são utilizadas na forma de discurso livre com o participante, de forma descontraída, com escuta atenta:

Por meio delas, colhem-se informações dos sujeitos a partir do seu discurso livre. O entrevistador mantém-se em escuta atenta, registrando todas as informações e só intervindo discretamente para, eventualmente, estimular o depoente. De preferência,

deve praticar um diálogo descontraído, deixando o informante à vontade para expressar sem constrangimentos suas representações (Severino, 2013, p. 108).

Então, nesse caminho metodológico confuso e ainda em maturação para mim, encontrei mitigação nos estudos e teorias deixadas pelo legado de contribuições científicas da professora Marli André (2013), que sugere que há, na cultura acadêmica, especialmente para os estudantes de pós-graduação, uma conclusão de que é essencial e obrigatório nomear sua pesquisa. No entanto, salienta a autora, que nem sempre é possível categorizar a pesquisa numa classe específica ou tipologia:

O que parece estar presente na cultura acadêmica, pelo menos para o pós-graduando, é uma convicção de que é necessário e obrigatório dar um nome a sua pesquisa. Acontece que nem sempre existe uma classe – ou tipificação – em que se pode enquadrar a pesquisa! (André, 2013, p. 95-96).

Em outras palavras, há uma expectativa de rotular ou classificar a pesquisa, mas não obstante, pode haver uma categoria que não se encaixe perfeitamente, importando a complexidade e diversidade das investigações acadêmicas. A autora também destaca que, nas pesquisas qualitativas, está em jogo aspectos mais importantes, por exemplo: pormenorizar o caminho percorrido para alcançar os objetivos da pesquisa, o cuidado com a escolha dos participantes e a ética do pesquisador no momento de expor seu ponto de vista:

Na perspectiva das abordagens qualitativas, não é a atribuição de um nome que estabelece o rigor metodológico da pesquisa, mas a explicitação dos passos seguidos na realização da pesquisa, ou seja, a descrição clara e pormenorizada do caminho percorrido para alcançar os objetivos, com a justificativa de cada opção feita. Isso sim é importante, porque revela a preocupação com o rigor científico do trabalho, ou seja: se foram ou não tomadas as devidas cautelas na escolha dos sujeitos, dos procedimentos de coleta e análise de dados, na elaboração e validação dos instrumentos, no tratamento dos dados. Revela ainda a ética do pesquisador, que ao expor seus pontos de vista dá oportunidade ao leitor de julgar suas atitudes e valores (André, 2013, p. 96).

Dito isso e clarificada por Professora Marli André (2013), espero ter fundamentado, “a tipificação” da escolha do método e da técnica desta pesquisa, sem, contudo, deixar de cumprir as etapas da ética e do rigor, tratados, por essa interlocutora, em todo processo da pesquisa e da escrita.

Então, vamos ao caminho metodológico. O recorte das participantes da pesquisa perfaz o número de três mulheres docentes do ensino médio técnico, do Instituto Federal de Ciência e Tecnologia Goiano, acima de 55 anos, das áreas de Licenciatura. A confidencialidade e

anonimato das professoras foram preservados, tendo em vista o cumprimento da Resolução 510/16, do Conselho Nacional de Saúde.

Assim, recorto abaixo meu percurso de escolha e delineamento dos sujeitos de minha investigação, que é também o enredo da minha trama:

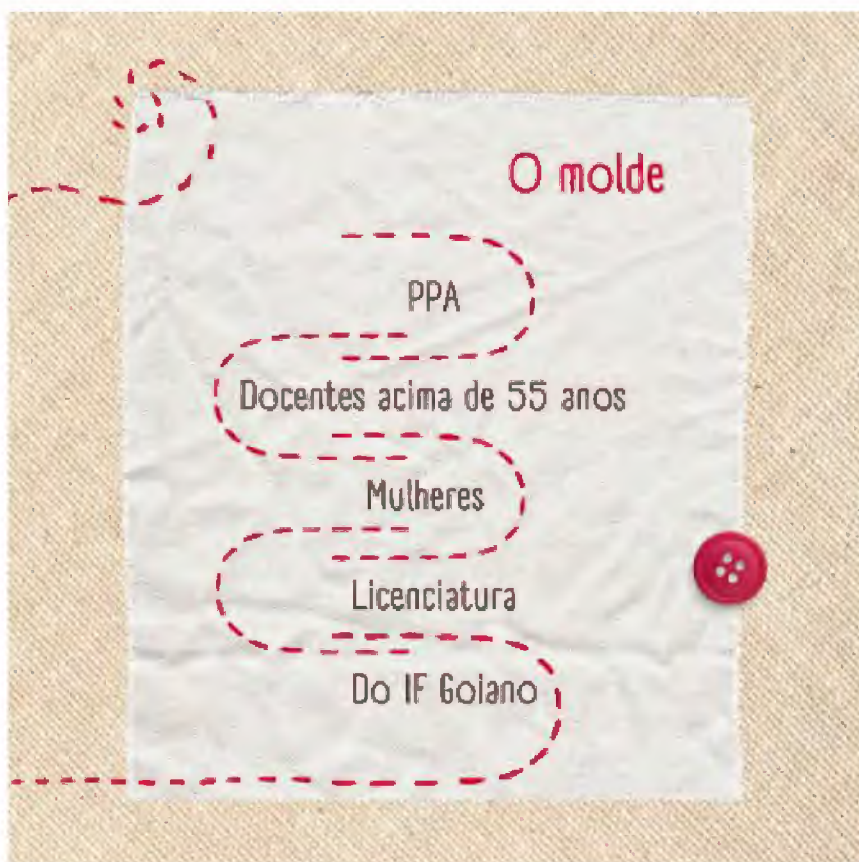


Figura 30 – Recorte dos sujeitos da pesquisa.
Fonte: Pespontado pela autora.

Para análise dos achados, sob o instrumento dos núcleos de significação, utilizei os conceitos de Aguiar, Soares e Machado (2015) e Aguiar e Ozella (2006, 2013), pois para os autores “[...] a compreensão do objeto investigado só ocorre quando o pesquisador se aproxima das determinações sociais e históricas desse objeto” (Aguiar, Soares e Machado, 2015, p. 58). Contudo, eles destacam que “[...] os elementos determinantes das formas de significação da realidade não estão ao alcance imediato do pesquisador. O real não se resume a sua aparência” (Aguiar, Soares e Machado, 2015, p. 60).

Nesse contexto, a proposta metodológica delineada pelos autores se fundamenta na abordagem sócio-histórica da pesquisa, visando compreender as significações que emergem da realidade vivida. Após a realização das entrevistas e transcrição de todo o conteúdo, realizei

várias vezes leituras flutuantes sobre a transcrição para conseguir identificar palavras que me lavariam, por meio dos sentidos e significados, às etapas de “levantamento dos pré-indicadores, sistematização de indicadores e construção dos núcleos de significação”, como descritos e explicado pelos autores:

A etapa referente ao levantamento de pré-indicadores consiste na identificação de palavras que já revelam indícios da forma de pensar, sentir e agir do sujeito, que, como ser mediado pela história, se apropria das características de sua cultura e as converte em funções psicológicas. Ao destacarmos a importância da palavra no levantamento de pré-indicadores, referimo-nos não a qualquer palavra, e sim, conforme pontua Vigotski (2001), à unidade do pensamento verbal e da fala intelectual, isto é, à palavra com significado (Aguiar, Soares e Machado, 2015, p. 61-62).

Os autores ainda pontuam nessa fase que a leitura flutuante possibilita ao pesquisador enxergar além da aparência das palavras (significados), mas permite-o entrar em sua dimensão concreta (sentidos). Isso significa que as palavras utilizadas refletem aspectos sobre a realidade da qual o sujeito faz parte. No entanto, é válido destacar que, ao utilizar pré-indicadores como ponto de partida, o pesquisador não está revelando o sujeito concreto (histórico), mas sim o sujeito empírico, por meio de declarações que precisam ser investigadas:

Por isso, compreendemos, ainda com base nos autores citados (Aguiar; Ozella, 2013), que esses instrumentos não são constituídos de palavras vazias, mas de palavras cujos significados carregam e expressam sempre a materialidade histórica do sujeito, isto é, aspectos afetivos e cognitivos da realidade da qual participa. Vale realçar, contudo, que, sendo o ponto de partida do pesquisador, os pré- -indicadores revelam não o sujeito concreto (histórico), mas, por meio de indícios que devem ser investigados, apenas o sujeito empírico. Esse é *apenas* um momento em que o pesquisador se dedica, por meio de leituras do material de pesquisa – registro de palavras –, ao primeiro inventário das *significações* constituídas pelo sujeito frente à realidade (Aguiar, Soares e Machado, 2015, p. 62, grifo do autor).

A partir do material transcrito e a leitura cuidadosa das palavras, fiquei no caos dos dados para encontrar quais palavras eu tomaria como pré-indicadores da compreensão dos sentidos e significados da minha investigação. Dentro dessa reflexão, os autores explicam que o caminho para identificar os indicadores requer também uma leitura complementar sobre as transcrições para aglutinar os temas, levando em consideração suas similaridades, complementariedades e/ou contraposições, que resultam nos indicadores. Posteriormente,

Uma segunda leitura permitirá um processo de aglutinação dos pré-indicadores, seja pela similaridade, pela complementaridade ou pela contraposição, de modo que nos levem a menor diversidade; já no caso dos indicadores, que nos permitam caminhar na direção dos possíveis núcleos de significação. Esses critérios para aglutinação não são necessariamente isolados entre si (Aguiar; Ozella, 2006, p. 230).

E por fim, a “construção dos núcleos de significação” (Aguilar, Soares e Machado, 2015) envolve a integração de diversos elementos captados nos indicadores, apoiada na teoria como uma ferramenta crucial nesse contexto, contribuindo para a compreensão mais profunda e abrangente desses núcleos de significação significado.

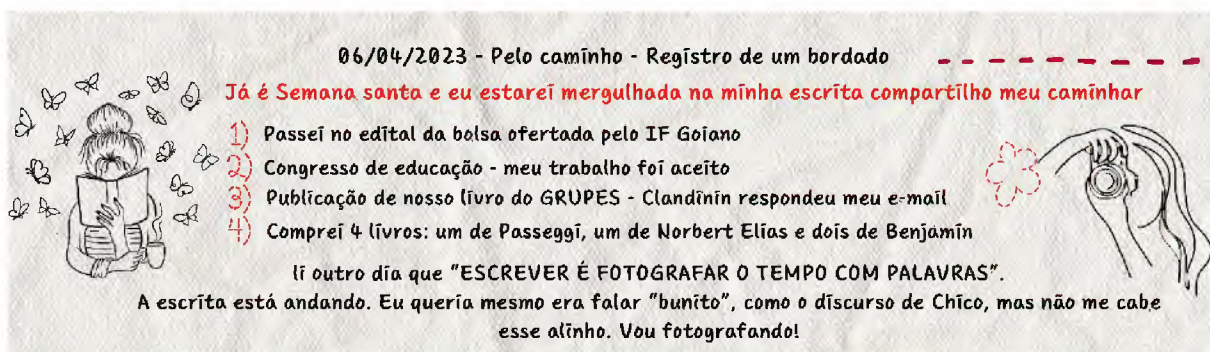


Figura 31 – Notas da autora. 06/04/2023. Pelo Caminho: semana santa e sonhos em andamento.
Fonte: Pespontado pela autora.

4.2. O tempo das narrativas

Agora, dou início ao tema das narrativas, pois serão elas que me darão o recorte para esta pesquisa. Apresento um pouco da história de vida do autor Walter Benjamin, que figurará como trama principal para esse tema.



Figura 32 – Filósofo Alemão Walter Benjamin.

Fonte da imagem: <https://cursoenemgratuito.com.br/walter-benjamin/>. Acesso em 12 jun. 2023.

Um acontecimento vivido é finito, ou pelo menos encerrado na esfera do vivido, ao passo que o acontecimento lembrado é sem limites, porque é apenas uma chave para tudo que veio antes e depois. Num outro sentido, é a reminiscência que prescreve, com rigor, o **modo de textura** (Benjamin, 1994, p. 37, grifo meu).

Nessa “textura”, Benjamin foi biografado por Bernd Witte, em 2017, que nos contou sobre sua infância e sua vida. Witte (2017) fala que Benjamin descreveu a si mesmo em notas autobiográficas da *Crônica berlinense* e *Criança burguesa bem-nascida*. Seus pais conquistaram fortuna, por um bom tempo, como sócios de uma casa de leilões. Depois, investiram e prosperaram em outros empreendimentos, o que lhes proporcionou uma vida de regalias europeias.

Babás francesas, entregadores de mantimentos, casa de verão em Potsdam, aulas particulares específicas para crianças de proeminência social, faziam parte da infância de Benjamin. Contudo, em certa hora de sua existência, Benjamin já não se assemelhava mais com esse ambiente. Mais tarde, 30 anos depois, ele descreve o “aparato de porcelana” de sua mãe como o assombro do materialismo histórico, dialogando, com asco e respeito, a tal coleção, evadindo de suas origens (Witter, 2017, p. 12).

Benjamin vivenciou as duas grandes guerras mundiais e escreveu sob a sombra dessas babáreis históricas. Perdeu amigos nas trincheiras e campos de batalha, outros cometeram suicídio por não suportar tamanha dor diante da guerra. Melancólico e descrito, assim, como “bem-nascido”, Benjamin sempre teve uma consciência social sobre sua existência. Em sua biografia, Witte fala que ele, ainda criança, tinha o hábito de andar a meio passo atrás de sua mãe, como se não se encaixasse naquela linha social. Deixou escritos e livros que protagonizam teses nos assuntos das ciências políticas, sociais, filosóficas, culturais e literárias nas academias. Foi capaz de falar sobre assuntos de várias áreas, mas sempre coerente com sua visão social e o contexto em que vivia. Perdeu os pais na guerra, ficou pobre, passou necessidades e morreu tentando escapar dos alemães.

Dentre vários textos deixados por Benjamin, *O narrador* (1987) anuncia coisas importantes para nós. Neste texto, ele descreve a narrativa como uma forma de vivenciar experiências que, nos dias de hoje, encontra-se em vias de extinção pelo consumo acelerado de informações, impulsionados pela lógica do capitalismo, que nos impede de “intercambiar experiências” (Benjamin, 1987, p. 198).

Para ele, o acelerado gerado no cotidiano faz com que os fatos sejam dispostos, acompanhados de sua explicação, privando-nos da capacidade de pensar e narrar de modo a nos alienar. Benjamin (1987) ainda fala que essa nova forma de comunicação, chamada de informação, é incompatível com a narrativa. Em outras palavras, a narrativa nos permite refletir e jamais esgota-se em si mesma, ela pode ser contada e recontada por muitas pessoas sob uma forma artesanal. Já as informações dadas instantaneamente no nosso cotidiano só têm validade

enquanto não surge outra imediatamente depois dela, a qual seja também mais interessante, de forma industrializada. Logo a outra será esquecida e encerrada.

Para Benjamin (1987), a experiência e a narrativa estão intrinsecamente conectadas, uma vez que a primeira fornece as fontes vividas necessárias para conferir sentido à segunda. Nesse contexto, o autor observou que os soldados retornavam da guerra em um estado de silêncio, tolhidos pela barbárie que testemunharam. Incapazes de expressar suas vivências, encontravam dificuldade em relatar as experiências devido à paisagem de guerra, que se resumia a um céu permeado por explosões e à vulnerabilidade de corpos humanos no meio do caos (Benjamin, 1987, p. 198).

Benjamin (1987) ainda reitera que a figura do narrador tem relação com o ouvinte pois este tem interesse em guardar o que foi narrado e também dar continuidade à história narrada, e gerar, com isso, a preservação das memórias populares, permitindo que circulem as raízes e a cultura de um povo por meio dessas narrativas. Ele lembra, ainda, que os narradores trazem na experiência narrada conselhos que ele chama de “sabedoria”, como nos contos de fadas, em que há sempre uma “moral da história”, um conselho a ser seguido:

Assim definido, o narrador figura entre os mestres e os sábios. Ele sabe dar conselhos: não para alguns casos, como o provérbio, mas para muitos casos, como o sábio. Pois pode recorrer ao acervo de toda uma vida (uma vida que não inclui apenas a própria experiência, mas em grande parte a experiência alheia. O narrador assimila à sua substância mais íntima aquilo que sabe por ouvir dizer). **Seu dom é poder contar sua vida; sua dignidade é contá-la inteira.** O narrador é o homem que poderia deixar a luz tênue de sua narração consumir completamente a mecha de sua vida. **O narrador é a figura na qual o justo se encontra consigo mesmo** (Benjamin, 1987, p. 221, grifo meu).

Além do texto *O Narrador*, Walter Benjamin escreveu sobre o tema da memória em várias de suas obras. Ele explorou o conceito de memória de maneiras diferentes, abordando sua relação com a história, a cultura e a experiência individual. Ao estudar e discutir o autor em nossos grupos de estudo, encontrei alguns traços em que ele discute a memória.

Em *As Passagens* (1927-1940), um extenso projeto inacabado, Benjamin examina a vida urbana e a experiência do *flâneur* nas cidades modernas. Ele investiga a relação entre a memória individual e coletiva, também destaca como os fragmentos da vida cotidiana podem evocar lembranças e conexões com o passado.

Já em *Teses Sobre o Conceito de História* (1940), outro texto famoso do autor, Benjamin propõe uma visão não linear e fragmentada da história. Ele discute a importância das pequenas histórias e das lembranças pessoais como formas de resistência ao progresso linear e à amnésia

histórica. É nesse texto em que o autor revela não haver um monumento de cultura dissociado de um monumento de barbárie, pois a história deve ser contada pelos vencidos e não pelos vencedores.

Seu texto *Infância em Berlim por volta de 1900* (1932-1938) é uma obra autobiográfica na qual ele faz um esforço para narrar em detalhes toda a sua infância, um verdadeiro resgate de memória que dá concretude aos objetos, cenas, personagens, cheiros e sabores, os quais nos dão uma perspectiva íntima de sua vida pessoal e das relações em sociedade.

Esses são apenas alguns exemplos dos textos em que Walter Benjamin aborda a memória. Sua obra é rica em reflexões sobre o papel da memória na construção do conhecimento, da identidade e da compreensão histórica.

Assim, nessa perspectiva de pesquisa centrada nas narrativas autobiográficas, as memórias e as experiências têm me permitido entender o percurso das professoras do IF Goiano. Aquelas que já estão perto de vislumbrar seu momento de aposentadoria narraram suas itinerâncias sobre as trajetórias de formação e aprendizagens construídas ao longo da vida.

Trazer a narrativa para a pesquisa tem-se tornado bastante relevante no campo das ciências sociais e também tem ganhado força com os estudos da formação docente de pesquisadores como Nóvoa (1993, 2000), Jean Clandinin (2015), Josso (2006), Passeggi (2010), entre outros.

A utilização contemporânea das abordagens (auto) biográficas é fruto da insatisfação das ciências sociais em relação ao tipo de saber produzido e da necessidade de uma renovação dos modos de conhecimento científico...a nova atenção concedida [para esse tipo de abordagem] no campo científico é a expressão de um movimento social mais amplo...encontramo-nos perante uma mutação cultural que, pouco a pouco, faz reaparecer os sujeitos face às estruturas e aos sistemas, a qualidade face à quantidade, a vivência face ao instituído (Nóvoa, 1993, p. 18).

As insatisfações relatadas acima pelo autor são apresentadas no livro da Clandinin e Conelly, que foi objeto de muito estudo para nós, alunas dos GRUPES e, portanto, me traz como marco educacional, importantíssimo, no meu percurso de imersão na pesquisa narrativa ou de narrativa:

O cenário emergente na pesquisa em Educação surgia no contexto de pesquisa de ciências sociais, com uma “reverência aos números”. O que começava a contar como pesquisa em ciência social estava nos levando a pesquisa como aquela discutida na sala de conferência em Manilla nos idos dos anos 80. Os testes e mecanismos estatísticos faziam aquela pesquisa realizada em Manilla possível e era um forte apelo para as agências governamentais, políticos e pesquisadores se engajarem nesse tipo de investigação. Experiência e vida tinham começado a ser estudadas daquela forma antes mesmo que os pesquisadores de estudos comparativos estudassem a

aprendizagem dos alunos, em países diferentes, pelos resultados dos testes de múltipla escolha. Esse era o cenário para a pesquisa em Educação, o cenário para muitas das pesquisas em ciências sociais, estabelecidas nos idos dos anos de 1900 (Clandinin e Connelly, 1995, p. 23).

Ler e entender todo o esforço de Clandinin e Connelly para que a história de vida de seus alunos e suas experiências entrassem nos estudos acadêmicos, fossem medidas em testes e instrumentos estatísticos pesquisáveis, levou-me a tatear um campo desconhecido para mim, até então. Os números trazidos nos livros de razão²² da contabilidade eram caixas que eu precisava fechar para dar espaço a um novo entendimento de pesquisa e trechos como esses, trazidos pelos autores teciam em mim uma nova experiência

Ao longo da construção de nossas carreiras no campo da pesquisa em Educação, fomos situados nesse caminho de distanciamento da experiência (embora não percebêssemos isso naquela época). Descobrimo-nos quantificando o que nos interessava, e é claro, à medida que quantificávamos a experiência, sua riqueza e expressão eram estripadas fora (Clandinin e Connelly, 1995, p. 26).

Ainda familiarizando você, leitora, leitor, com as indagações vividas pelos autores que os levaram a desbravar por esse campo de pesquisa ainda tão incipiente, eu trago mais um trecho do livro:

Para Jean, algo acontecia enquanto lia e relia as correlações estatísticas feitas. Ela conhecia aquelas crianças, sabia algo sobre suas histórias de acordo como as próprias crianças contavam e sabia algo sobre as histórias de seus professores e pais contadas por eles mesmos. Eles eram muito mais do que aqueles *scores*. Suas vidas eram permeadas por complexidades, esperanças, sonhos, desejos e intenções. Apesar da comunidade científica, com suas reverências aos números com foco nas correlações, Jean pensou sobre as vidas das crianças. Havia uma criança cujo *score* não funcionava da forma prevista. Ela era uma "aberração" nos testes. Para a pesquisa, ela era uma exceção, fora do nível padrão aceitável. Jean escreveu uma linha sobre o aluno em seu texto de pesquisa. Na vida, na escola, Jean passou muito mais horas tentando entender as complexidades de sua experiência (Clandinin e Connelly, 2015, p. 25, grifo do autor).

Assim eu me debruço sobre esses autores, visto que eles fundamentaram a base da pesquisa narrativa, e ainda abordaram os caminhos para a coleta de dados, para a composição dos textos de campo, para a composição dos sentidos e da pesquisa. Bem como a forma da narrativa, a procura da metáfora e as tensões vividas pelos pesquisadores narrativos.

²² Na contabilidade, o *Livro Razão* é um registro de escrituração que tem a finalidade de coletar dados cronológicos de todas as transações registradas no *Livro Diário* e organizá-las por contas individualizadas. Fonte: <https://contadores.contaazul.com/blog/livro-razao-contabilidade>.

Referenciando Jonh Dewey (2015), logo nos primeiros capítulos, eles dialogam com a experiência dos escritos de Dewey:

Experiência é um termo chave nessas diversas pesquisas. Para nós, Dewey transforma o termo comum, experiência, de nossa linguagem de educadores, em um termo de pesquisa e, assim, nos dá um termo que permite um melhor entendimento da vida no campo da Educação. Para Dewey, a experiência é pessoal e social. Tanto o pessoal quanto o social estão sempre presentes. As pessoas são indivíduos e precisam ser entendidos como tal, mas eles não podem ser entendidos somente como indivíduos. Eles estão sempre em interação, sempre em um contexto social (Clandinin e Connelly, 2015, p. 30).

Em Dewey (2023), ele defende que a experiência é contínua e se desenvolve a partir de outras experiências, movendo-se entre a introspecção e prospecção, o pessoal e o social, o passado, o presente e o futuro, em um espaço tridimensional.

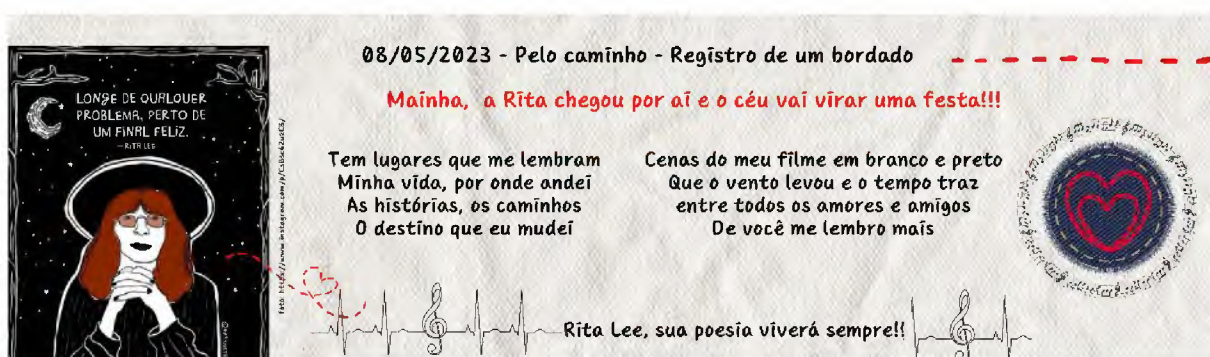


Figura 33 – Notas da autora. 08/05/2023. Pelo Caminho: Rita Lee.

Fonte: pespontado pela autora.

Nesse elo entre as experiências vividas no chão da escola e as histórias de vida contadas no meu setor de Gestão de Pessoas, a autobiografia me trouxe suporte metodológico para produzir reflexão crítica que vá além dos números, do tempo, das cifras de uma aposentadoria, no âmbito da formação docente. Uma crítica que nos faça refletir em que ponto podemos melhorar no processo de formação docente para que ao final de sua carreira a professora tenha conhecimento e (in)formação da prática de uma educação para aposentadoria.

Nóvoa e Finger (2014) defendem o método (auto)biográfico como instrumento de investigação/formação sob a perspectiva de que ele permite enxergar um leque de elementos formadores dentro das histórias de vida do indivíduo, possibilitando que sejam identificados fatores cruciais da formação, como a maneira que os marcadores sociais, políticos e culturais forjaram a história de vida de cada pessoa. Também permite perceber como isso se torna um importante princípio constitutivo de sua elaboração crítica-social.

Ferrarotti (2014) explica que o debate teórico e crescente sobre a biografia no campo científico é fruto de duas principais inquietações: a necessária busca por uma reformulação metodológica, tendo em vista a insatisfação com os instrumentos heurísticos dentro das ciências sociais e com a “intencionalidade nomotética”; e a compreensão antropológica que surge no capitalismo avançado. As pesquisas traziam categorias gerais, divididas em grades estruturas, dessa forma, não satisfaziam os interesses do receptor. Era preciso saber do cotidiano, das dificuldades e tensões dos problemas vividos.

Nóvoa (1995) corrobora com isso quando diz que essa abordagem (auto) biográfica seria um movimento socioeducativo a fim de um movimento social mais amplo, em que, pouco a pouco, mostram-se os sujeitos diante das “[...] estruturas e os sistemas, a qualidade face à quantidade, a vivência face ao instituído” (Nóvoa, 1995, p. 18). O autor alerta que a abordagem de histórias de vida no espaço educativo e de formação ainda é de difícil aplicação, porque necessitaria de pressupostos sólidos para conseguir quebrar os paradigmas científicos dominantes. E isso implica em críticas de várias correntes da psicologia e sociologia:

no primeiro caso, centradas na frágil consistência metodológica, na ausência de validade científica ou nas dimensões analíticas implícitas nas abordagens (auto) biográficas; no segundo caso, baseadas no esvaziamento das lógicas sociais, numa excessiva referência aos aspectos individuais e na incapacidade de apreender as dinâmicas colectivas de mudança social (Nóvoa, 1995, p. 19).

Partindo dessas dificuldades de aplicação encontradas no método biográfico e (auto) biográfico, centrado nas histórias de vidas, Nóvoa (1995) propõe uma categorização baseada nos “objetivos e dimensões” canalizadas em investigação-formação de pessoa (da professora), práticas (da professora) e profissão (da professora). Contudo, essas categorias não são excludentes, mas sim facilitadoras da compreensão de aspectos importantes.

Na percepção de Goodson (1992), ouvir a voz a professora nos ensina que o método (auto) biográfico é uma abordagem amplificada e pautada na voz da docente; a investigação também pode trabalhar os dados obtidos, descartando aqueles de cunho pessoal e considerando à confrontação os dados mais coletivos e generalizáveis.

O respeito pelo autobiográfico, pela “vida”, é apenas um aspecto duma relação que permita fazer ouvir a voz dos professores. Em certo sentido, tal como acontece com a antropologia, esta escola de investigação educacional qualitativa trata de ouvir o que o professor tem para dizer, e respeitar e tratar rigorosamente os dados que o professor introduz nas narrativas, o que vem alterar o equilíbrio comprovativo. Tradicionalmente, os dados que não servem os interesses do investigador e as incidências previstas são postos de lado. Neste modelo, os dados que o professor fornece são invioláveis e só são dispensados após prova rigorosa em relação à sua

irrelevância e redundância. Ouvir a voz do professor devia ensinar-nos que o autobiográfico, “a vida”, é de grande interesse quando os professores falam do seu trabalho. E, a um nível de senso comum, não considero este facto surpreendente. **O que considero surpreendente, se não francamente injusto, é que durante tanto tempo os investigadores tenham considerado as narrativas dos professores como dados irrelevantes** (Goodson, 1992, p. 71, grifo meu).

Semelhante à abordagem na antropologia, essa escola de pesquisa educacional qualitativa concentra-se em escutar o que os professores têm a dizer, dando especial atenção e respeito aos dados que eles incorporam em suas narrativas. Essa prática altera a dinâmica tradicional de pesquisa, na qual os dados que não atendem aos interesses do pesquisador são descartados, de modo a interferir no equilíbrio comprovativo. A partir dessa perspectiva de analisar as narrativas de vida das docentes do IF Goiano e ouvir as suas histórias de sala, de vida, de mãe, de carreira, Gancho (2002) destaca que o método da autobiografia reluz a contação de história.

Contar histórias é uma atividade praticada por muita gente: pais, filhos, professores, amigos, namorados, avós... Enfim, todos contam-escrevem ou ouvem-lêem toda espécie de narrativa: histórias de fadas, casos, piadas, mentiras, romances, contos, novelas... Assim, a maioria das pessoas é capaz de perceber que toda narrativa tem elementos fundamentais, sem os quais não pode existir; tais elementos de certa forma responderiam às seguintes questões: O que aconteceu? Quem viveu os fatos? Como? Onde? Por quê? Em outras palavras, a narrativa é estruturada sobre cinco elementos principais: Elementos da narrativa; Enredo; Personagens; Tempo; Espaço; Narrador (Gancho, 2002, p. 05).

O autor destaca a prática comum de contar histórias e a diversificada forma de narrar, a qual abrange histórias de fadas, casos, piadas, mentiras, romances, contos e até novelas. Sou contadora de formação, mas também de histórias. Histórias de vida, de cotidiano, de saberes, de jornais, de encontros, de desencontros. Quando conto, ouço também outras histórias. Eu compartilho das mesmas falas. “Pesquisadores narrativos são sempre fortemente autobiográficos. Nossos interesses de pesquisa provêm de nossas próprias histórias e dão forma o nosso enredo de investigação narrativa” (Clandinin e Connelly, 2015, p. 165). Para eles, a narrativa é o método de pesquisa que consiste em pesquisar e narrar ao mesmo tempo o fenômeno pesquisado. Pois a pesquisadora, ao deparar-se com os textos de campo (fontes da pesquisa), deve compreender esses como guardiões das narrativas/histórias/fatos/acontecimentos (Clandinin e Connelly, 2015).

Dito isso, eu vos apresento as “Coras” do IF Goiano. São elas: Cora Alice, Cora Berenice e Cora Coralice. Pseudônimos utilizados e acolhidos carinhosamente pelas docentes aqui narradas.

5)

O tempo de parar:

O que viver quando a porta da sala de aula fechar?

o matame: faz o acabamento do bordado

estas mãos

olha para estas mãos
de mulher roceira,
esforçadas mãos cavouqueiras.
pesadas, de falanges curtas,
sem trato e sem carinho.
ossudas e grosseiras.

cora coralina

(meu livro de cordel, 2012, pág. 52.)

5. O TEMPO DE PARAR: O QUE VIVER QUANDO A PORTA DA SALA DE AULA FECHAR? **• MATAME FAZ • ACABAMENTO DO BORDADO •**

Neste capítulo, apresento as narrativas do tempo de experiência docente utilizando a metodologia apresentada a fim de abordar minha questão-problema de pesquisa. Após as narrativas, teci comentários do percurso de formação como pesquisadora e também minhas experiências formativas no GRUPES. Por fim, apresento considerações não-finais acerca dos achados da pesquisa, de acordo com a teoria apresentada.

5.1. Procedimentos

Para iniciar meu percurso, precisei selecionar as professoras e, para isso, utilizei um relatório extraído do Sistema Integrado de Administração de Recursos Humanos (SIAPE), com filtro de idade (acima de 55 anos), sexo (mulheres) e área de atuação/formação (área de licenciatura do IF Goiano). Com esse relatório em mãos, apresentei-me para as participantes através de alguns servidores que trabalham no campus há anos e as conheciam mais de perto. Não foi de difícil o convencimento à participação, tendo em vista ser um tema que muito interessa à carreira docente. Feito este primeiro contato, enviei um e-mail formalizando a solicitação, anexando os Termos de Consentimento e Livre Esclarecimentos (TCLE) para assinatura, cópia do projeto e parecer aprovado da Plataforma Brasil.

Logo elas responderam aos e-mails e nós marcamos nossa entrevista mediante a utilização da plataforma *Microsoft Teams*, visto que a agenda sempre cheia das docentes não permitia me receber presencialmente. Dessa forma, as entrevistas foram agendadas conforme a disponibilidade de cada voluntária, e aconteceram em momentos síncronos, individuais, com duração média de uma a duas horas gravadas e, posteriormente, transcritas.

As entrevistas foram autorizadas por meio de um termo próprio, o qual contava com as justificativas, os objetivos e os procedimentos do estudo, bem como as garantias de esclarecimento, confidencialidade e liberdade de recusa. O conteúdo gravado e coletado foi desenvolvido em três etapas: pré-análise (com transcrição), edição e compilação das entrevistas; leitura e releitura cuidadosa da transcrição – utilizei marcações de cores diferentes para codificar temas significativos para minha pesquisa, o que resultou em um conjunto inicial de indicadores –; e a última etapa: os sentidos que me orientaram e levaram aos indicadores de categorias de significação.

Inicialmente, tracei um roteiro para estruturar melhor a entrevista, no entanto, nem sempre consegui seguir esse roteiro. À medida que elas iniciavam suas narrativas, permitia que seguissem o curso desejado. Suas vidas se desdobravam ali, através de palavras, gestos, risadas e emoções. Como se fosse um álbum de suas vidas, elas compartilharam os momentos mais significativos de suas trajetórias profissionais e pessoais.

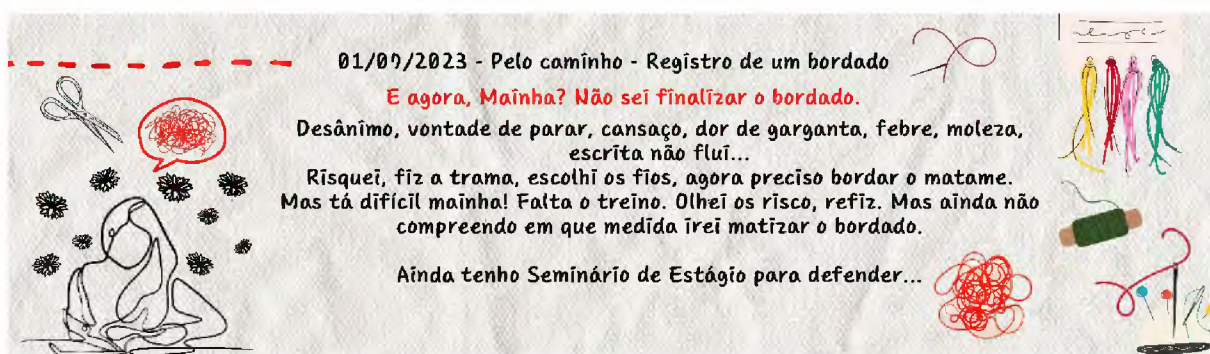


Figura 34 – Notas da autora. 01/07/2023. Pelo Caminho: dos achados.

Fonte: pespontado pela autora.

Esse roteiro foi categorizado por eixos temáticos. Eixo temático I: narrativas sobre a trajetória de formação; aspectos que delinearam a escolha da profissão. Eixo temático II: narrativas sobre tempo da experiência do trabalho; a respeito da trajetória da carreira docente; concurso, nomeação, posse, entrada, exercício da profissão e os desafios de conciliar carreira profissional e vida pessoal. Eixo temático III: narrativas sobre o tempo próximo à aposentadoria. O que viver quando a porta da sala de aula fechar? Ou seja, o que vai fazer quando estiver fora do seu ambiente de trabalho? Sonhos, vida pessoal e sentimentos.

Todas as perguntas foram abertas, subjetivas e pensadas sob o foco da dimensão e compreensão das realidades sociais, educacionais, culturais e organizacionais que se apresentam no contexto da docente, mulher, lançando luz às suas memórias iniciais da carreira, descartando qualquer tipo de interpretação heurística sobre as questões enfrentadas somente no final da carreira.

As professoras participantes nomeadas de Cora Alice, Cora Berenice e Cora Coralice, são professoras do IF Goiano e atuam no Ensino Básico, Técnico e Tecnológico, trabalham na Educação Básica e Superior sobre as quais apresento um panorama pessoal e profissional, com ênfase na formação e área de atuação, para melhor entendimento histórico-social das docentes. As referências foram extraídas do SIAPE e da Plataforma Lattes CNPQ. Apresento abaixo as nossas Cora(s):

Cora Alice: Solteira, 58 anos, sem filhos, possui Graduação em Pedagogia (1991) e Mestrado em Educação Brasileira pela Universidade Federal de Goiás (2002). Atualmente, é docente-efetivo do Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia Goiano. Tem experiência na área de Educação Básica e Superior, com ênfase em Políticas Públicas, Didática e Fundamentos e atua nos cursos de graduação e ensino médio técnico.

Cora Berenice: Divorciada do primeiro companheiro, atualmente casada, 61 anos, 3 filhos, possui Graduação em Letras (1997), Especialização em Linguística Textual e de Ensino (2000), Mestrado em Linguística e Língua Portuguesa (2003) e Doutorado em Letras e Linguística (2018). Atua principalmente nos cursos de Graduação nas disciplinas de Língua Portuguesa e Língua Inglesa no Instituto Federal Goiano.

Cora Coralice: Casada, 59 anos, 2 filhas, possui Graduação em Letras Modernas Português/Inglês (1987), Especialista em Língua Inglesa (1998), Mestrado em Letras e Linguística (2014) e Doutora em Letras e Linguística (2021). Atua nas disciplinas Língua Portuguesa no Instituto Federal Goiano, nos cursos de Graduação e Ensino Médio Técnico.

Após as transcrições das entrevistas, etapa fundamental para o entendimento assentado do dito e lido, iniciei meu percurso caótico com os achados. Confesso que, de tudo que narrei até aqui, os meses subsequentes à frente dos dados foram os mais delicados desse meu bordado.

Há de se considerar o quanto eu estava insegura nessa etapa, diante da responsabilidade de narrar as falas e captar delas os significados que trariam ou apontariam para minha pergunta questão: o tempo da experiência docente. A partir de fontes transcritas e organizadas, entrei na fase de leitura minuciosa, realizada mais de uma vez, para elaboração dos sentidos e significados das falas em categorias, também chamadas de eixos temáticos.

Por meio de muitas leituras criteriosas e atentas às entrevistas, alinhadas ao referencial teórico indicado pelos núcleos de significação, organizei os eixos nucleares identificados. Esses eixos são compostos por trechos captados das falas dos participantes, não pela repetição de palavras, mas pela consideração dos sentidos e significados dessas expressões em relação ao tema central de minha pesquisa e aos objetivos estabelecidos. Cheguei aos seguintes núcleos e subnúcleos:

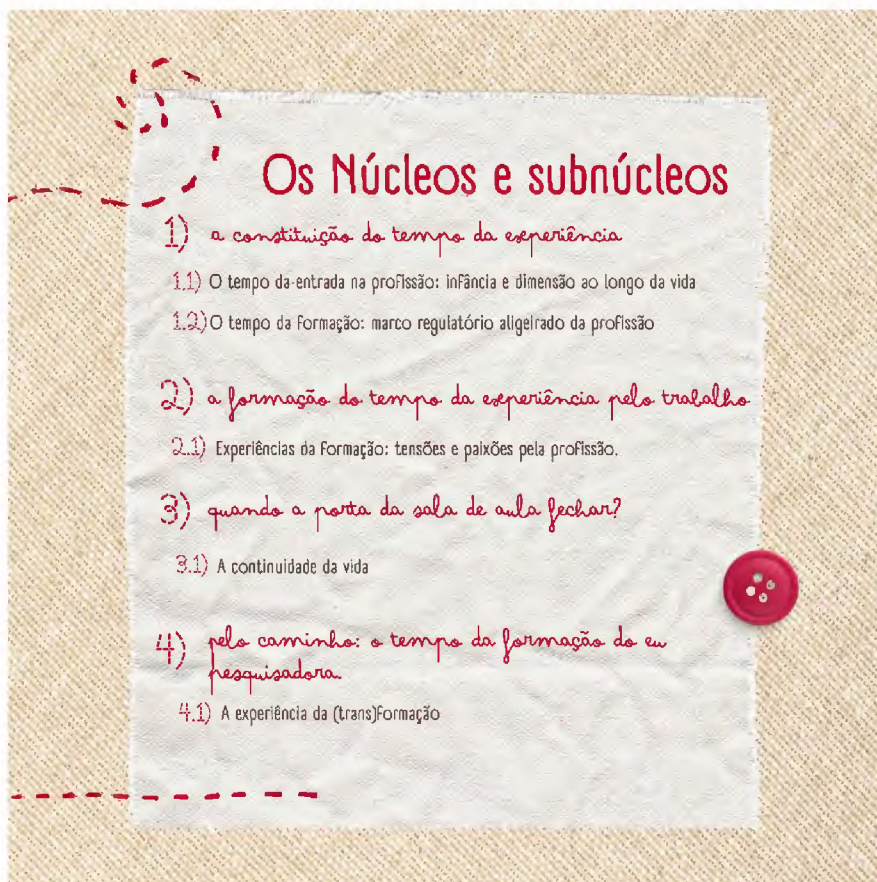


Figura 35 – Núcleos e Subnúcleos

Fonte: espontado pela autora.

5.1 A constituição do tempo da experiência

O primeiro núcleo tem como objetivo apresentar as narrativas, que demarcam o início do ciclo profissional docente, destacando o espaço-tempo em que essas experiências ocorreram. Nesse contexto, busquei revelar as representações e significados do tempo da experiência que permeiam a trajetória pessoal, social e profissional do percurso até chegar à docência como profissão.

5.1.1 O tempo da entrada na profissão: infância e dimensão ao longo da vida

Neste primeiro subnúcleo, pude observar como o tempo da experiência docente tem marcadores diferentes para as entrevistadas. Os indicativos de motivação na infância e as dificuldades para conseguir estudar esboçam uma trajetória de luta por uma profissão que inicia de maneira inesperada, mas se torna duradoura e significativa em suas vidas. Observei, nessas

narrativas, marcadores temporais de infância e de subjetividades, como incentivo de familiares e de amigos:

Cora Alice: *Eu acho que todo menino da minha geração brincou de ser professora, não é? A gente brincava disso...na verdade, nunca me passou assim pela cabeça, até eu me tornar professora, praticamente por acaso, né? Eu morava na cidade Porangatu. Naquelas coisas que a gente vai assim morar com os outros para estudar, né? Eu tive irmão que morava lá. Aí eu fui morar lá para estudar. No fim, eu tive que largar de estudar para trabalhar, fui trabalhar numa loja. E eu tinha uma tia freira que morava lá na cidade. Uma freira franciscana. E ela, foi ela que me avisou que tinha concursos da rede estadual. Na época, né? E eu peguei, fiz a inscrição, fiz a inscrição e fui aprovado. Passei no processo seletivo, fui aprovado lá, é que eu tinha só oitava série, eu não tinha ensino médio, não tinha magistério. E comecei a dar aula numa turma de pré-escola. Em agosto de 1984. Como a turminha para escola da rede estadual, que funcionava numa sala cedida pela Maçonaria, não era junto com a escola, era uma sala. O que era no outro bairro da sua escola, que ficou num bairro, essa sala ficou em outro. E eu atendia, ficava com esses alunos no período da tarde para escola, alunos dos 5, 6 anos. E foi aí que eu comecei e eu estou até hoje, né?*

Cora Berenice: Bom, eu tinha 10 anos de idade, eu já dava aula para minhas coleguinhas...tudo que eu aprendia a fazer eu arrumava uma turminha para eu ensinar, então eu começava a pintar pano de prato, chamava as meninas, minhas colegas e ensinava para elas. Eu aprendi fazer a unha, eu chamava as minhas colegas e ensinava para elas, entendeu? Eu me lembro disso ainda. Muito menina, muito novinha...E a primeira vez que alguém me identificou como professora, eu devia ter...talvez 15 anos, e eu já usava óculos e meu primo para me ofender, falou para mim: você tem cara de professora! E eu não me senti ofendida, sabe, muito pelo contrário, eu achei muito bom ele ter dito que eu tinha cara de professora. E eu acho que eu sempre fui assim, de gostar de estar conversando com as pessoas pensando...mostrando, argumentando, e aí foi quando eu fui fazer vestibular, ali, naquele momento, eu estava trabalhando num banco, tinha 15 anos, então ali eu falei ah não, não quero isso. Isso foi só um negócio de criança, tal. Eu quero outra coisa. Eu fiz vestibular para economia. Porque eu queria a filosofia, eu fiz vestibular lá na UFU, lá em Uberlândia e eu queria os pensadores e o único caminho que eu encontrei ali, naquele universo ali onde eu estava, era se eu entrasse na economia.

Cora Coralice: E segundo que eu não tive uma escolha, eu fui escolhida, né? Eu sempre morei em uma cidade com 20.000 habitantes. Teve uma fase da minha vida escolar, acho que sétimo, oitavo ano eu tinha certeza de que eu era burra. Não é que eu não tinha condições de aprender mesmo, reprovei, apanhei. E falei, não, eu não nasci para isso. Já no ensino médio...eu fui estudar com uma menina que ela toda a vida teve uma mãe, professora, que acompanhou muito. Ela falava assim, nossa, mas você é tão inteligente e tal. Aí eu comecei a acreditar naquilo e falei, eu devo ser mesmo a falar, nossa, ninguém te ensina, né? Bom, enfim, aí eu comecei a acreditar que eu poderia alguma coisa [...]. (APÊNDICE D)

No primeiro relato da entrevistada Cora Alice, os três trechos marcados mostram a ideia do tempo na experiência como um tempo subjetivo de sua geração, formado por uma cultura, pelas brincadeiras de infância: “Eu acho que todo menino da minha geração brincou de ser professora, não é?”. Mas o tempo também é apontado tal qual um marco cronológico de medidor social, como quando ela diz que começou a dar aulas em agosto de 1984, por exemplo.

E ao final de sua fala, ela revisita o passado a partir do presente, com marcadores subjetivos e cronológicos: “E foi aí que eu comecei e eu estou até hoje, né?”.

No relato de Cora Berenice, o trecho aponta para uma abordagem multifacetada do tempo na narrativa, entrelaçando elementos da experiência pessoal e do desenvolvimento educacional em um tecido temporal mais complexo. O tempo da narrativa é marcado pelo o tempo da vida, do ciclo da vida: “tinha 10 anos de idade”, “tinha 15 anos” – marcações cronológicas da idade. A segunda dimensão temporal é social e está relacionada à trajetória educacional da narradora. Ao mencionar “fui fazer vestibular” e “fiz vestibular na UFU”, a narrativa introduz eventos que não apenas refletem a passagem do tempo na esfera pessoal, mas também revelam a transição para uma fase educacional e social mais avançada. A decisão de fazer vestibular e a participação em um processo seletivo em uma universidade (no caso, a Universidade Federal de Uberlândia – UFU) são marcos que destacam a entrada em um novo capítulo de sua vida, notado pela busca ao ensino superior e por eventos que transcendem a esfera individual, conectando-se a um contexto social e educacional mais amplo.

No terceiro relato, de Cora Coralice, o enfoque no tempo da experiência aborda duas camadas distintas. A primeira é uma dimensão quantitativa relacionada ao tempo escolar, apontada pela referência aos anos específicos: “sétimo, oitavo ano”. Essa marcação temporal quantitativa destaca um período particular dentro do contexto educacional, apontando para os anos letivos específicos em que a narradora vivenciou determinadas experiências.

A segunda dimensão é subjetiva e ligada à identidade pessoal. A expressão “eu tinha certeza que era burra” revela a perspectiva emocional e subjetiva da narradora em relação a esse período. Ao associar esses anos específicos a uma persistente sensação de ser considerada “burra”, a narrativa ressalta como as experiências subjetivas e as interpretações pessoais moldam a percepção do tempo. Essa dimensão emocional acrescenta uma camada única ao entendimento do tempo, não apenas como uma medida objetiva, mas como uma construção que carrega significados e emoções específicas para a pessoa que vivencia esses momentos.

Dessa forma, o trecho destaca como a vivência escolar não é apenas uma sucessão de anos, mas também uma jornada permeada por interpretações individuais, emoções e percepções que conferem uma dimensão subjetiva e única à experiência temporal da narradora.

É possível notar que os três relatos apresentados mostram o tempo da experiência de maneira não apenas cronológica, temporal, quantitativa, como abordado por Norbert Elias (1998), mas um tempo marcado pela experiência larroseana, profundamente enraizado na

subjetividade das dimensões da vida em sua inteireza social e cultural, de passado e presente em continuidade.

Há também, nas narrativas apresentadas, um esforço de memória para encontrar no tempo suas construções identitárias profissionais. Como abordado por Nóvoa (1992), a construção identitária do professor exige um tempo complexo, pois envolve a dinâmica e a fluidez da formação e a apropriação do sentido da história pessoal e profissional de cada indivíduo. Isso destaca a importância de cada professor dar significado à sua própria jornada.

A identidade não é um dado adquirido, não é uma propriedade, não é um produto. A identidade é um lugar de lutas e de conflitos, é um espaço de construção de maneiras de ser e de estar na profissão. Por isso, é mais adequado falar em processo identitário, realçando a mescla dinâmica que caracteriza a maneira como cada um se sente e se diz professor. A construção de identidades passa sempre por um processo complexo graças ao qual cada um se apropria do sentido da sua história pessoal e profissional (Diamond, 1991). É um processo que necessita de tempo. Um tempo para refazer identidades, para acomodar inovações, para assimilar mudanças (Nóvoa, 1992, p. 16).

Analisando por uma perspectiva benjaminiana, como pesquisadora, posso dizer que, de minha experiência constituída com as narrativas apresentadas, consigo extrair aconselhamentos sobre a importância de reconhecer o tempo subjetivo e a diversidade de motivações e trajetórias de cada docente, sobretudo ao desenvolver um programa de preparação para aposentadoria. Acredito que considerar as diferentes origens e contextos pessoais pode enriquecer a abordagem e atender às necessidades específicas, considerando as singularidades de cada professora que está se preparando para a próxima fase de vida.

5.1.2. O tempo da formação: marco regulatório aligeirado da profissão

Neste segundo subnúcleo, Cora Alice compartilha uma experiência atípica de formação no magistério, destacando o apressamento e autodidatismo com que obteve os certificados e como esse momento peculiar deu início a sua trajetória na docência.

Cora Alice: Eu tinha só a oitava série. Foi o seguinte, eu fiz o magistério, que foi minha formação. Ninguém acredita que existiam, mas existiam. Eu lembro que a professora diretora da escola me avisou que tinha um supletivo de magistério que se chamava Projeto Lumen, que era um projeto de formação... Projeto de professores nível de magistério que dava o certificado de professor e de ensino médio. É, e aí ela mesmo escreveu. Ne? E eu fiz as provas. E aí era assim, era muita gente do município, né? Lá de Porangatu se inscreveu, a gente tinha os dias de ir fazer as provas também. A medida que você ia passando nas provas, aí ia eliminando, sabe? Você não tinha aula não. Era só a prova. Você estudava por sua conta e ia fazer a prova. Só prova. E aí, já inscrevia, qual a prova que você queria fazer? Aí era assim, no dia de fazer a

inscrição eu me inscrevi em todas as disciplinas. Eu falei que queria fazer todas as disciplinas da prova. Mas eu vou fazer tudo isso aí. Eu vejo o que é que eu tenho que estudar mais? E passei em todas da primeira vez... Então meu magistério e ensino médio foi feito em 1 dia. Existe tudo. Fiz as provas todas no mesmo dia. E aí depois eu peguei e eu recebi um certificado que tem um valor, né? De magistério... E de ensino médio, aí eu conto para os outros, com meu ensino médio foi feito em 1 dia e meu magistério também e aí ninguém acredita...tenho mesmo de mostrar. Não é? O meu certificado... então a minha, a minha formação na docência começou por aí. (APÊNDICE D)

Ao considerar o lado subjetivo do tempo representado nessa formação para a professora, percebo que a narrativa traz consigo uma carga emotiva de orgulho por ter lutado para se desafiar e fazer todas as provas no mesmo dia, pois sabia do seu potencial. A docente demonstra o valor do seu certificado diante das condições sociais, com poucas opções para estudo em uma cidade pequena. Contudo, ela enfrentou estigmas por ter iniciado sua carreira de maneira não convencional.

O trecho destaca uma mudança significativa no cenário educacional, especificamente no processo de formação de professores ao longo do tempo. No relato “Então meu magistério e ensino médio foi feito em 1 dia.”, percebemos uma referência ao tempo numérico, indicando que, em um passado distante, o processo de formação para o magistério e ensino médio era extremamente rápido, ocorrendo em apenas um dia. Tal fator aponta para um marco regulatório de formação aligeirado que, embora não desmereça a qualidade da professora em questão, revela uma prática educacional incompatível com os requisitos atuais para a prática docente. A narrativa contextualiza esse processo de formação rápida, relacionando-o ao período da ditadura militar no Brasil, mais especificamente em 1971. Nesse contexto, a formação em massa e aligeirada tinha como propósito suprir a demanda por trabalhadores destinados a trabalho mecanizado e repetitivo, como apertar botões nas fábricas. A referência à linguagem benjaminiana sugere uma reflexão sobre o aspecto sombrio dessa história, destacando a formação acelerada de profissionais para um propósito utilitarista e de produção em massa.

O texto contrasta essa realidade passada com as normativas atuais que indicam uma mudança significativa nas expectativas e regulamentações para a formação de professores. Hoje, há exigências de que a formação do professor ocorra em nível superior de licenciatura, recomendado e reconhecido pelo Ministério da Educação. Geralmente, esse processo exige um tempo mais extenso, em torno de quatro anos, destacando uma valorização crescente da formação acadêmica e na profissão docente.

Assim, o trecho ressalta não apenas a transformação no processo de formação, mas também a evolução das normas e expectativas ao longo do tempo, indicando uma mudança para uma abordagem mais acadêmica e criteriosa na preparação dos profissionais da educação.

5.2. Núcleo 2 – A formação do tempo da experiência pelo trabalho

Este segundo núcleo tem como objetivo extrair para o leitor as narrativas do tempo da experiência das docentes durante seu percurso profissional no IF Goiano. São narrativas que mostram as tensões da formação e do tempo relacional com os colegas de trabalho, assim como a paixão pela profissão adquirida ao longo dos anos.

5.2.1. Experiências da formação: tensões e paixões pela profissão

Nesse subnúcleo, foi possível algumas reflexões acerca do tempo paradoxal da formação, como: busca por acolhimento e atenção, sobrecarga de trabalho, acúmulo de funções, desvalorização profissional ao longo da carreira, dificuldade de adaptação, paixão e dedicação pessoal.

Cora Alice: Eu acho que esse professor velho dentro da instituição, ele precisaria de um acolhimento, de uma atenção. Outra coisa também é a relação do pessoal aqui da região, não sei se em todo IF, mas eles acham que pedagogo tem que fazer de tudo. Então você faz um concurso para uma área da educação, no caso pedagogia, e eles acham que você tem que dar aula de artes, que você tem que dar aula disso. Sobrou de Geografia, eles têm que dar para o pedagogo. Então a gente passa por isso. Tem muito isso. Esses dias mesmo, a diretora perguntou se eu, daria aula de artes: você não quer umas aulas de artes? Então, assim ela falando com um jeito, assim, sarcástico, sabe? [...] Há muitos professores da área específica, que não são licenciados, são bacharéis. Eles desmerecem as nossas disciplinas. Isso é uma questão muito séria aqui dentro do Campus. Porque aí você entra numa sala de aula, o aluno fica criticando a escola, criticando as coisas na disciplina. Critica a disciplina e fala que não gosta da parte da educação, que está lá só pela matemática, só pela química ou só pela biologia. É um embate difícil dentro do IF e a gente não tem uma instituição que defenda o professor nesse quesito.

Cora Berenice: No começo foi muito duro para mim. Então, o que tinha lá na minha cidade, nunca consegui aqui. Eu nunca tive aqui, por exemplo, a convivência que eu tinha com as pessoas lá. Aqui eu não consegui formar um grupo. Eu não consigo pertencer aqui a nada, sabe, eu faço parte de algumas comunidades assim, mas nada que eu possa dizer: nossa, se eu não for nesse negócio aí, vai ser duro, sabe? Eu saio, nem olho para trás, porque assim, não criou vínculos.

Cora Coralice: E eu gosto, sim, horrores, sou apaixonada e eu entro para sala de aula, depois que entro ali, eu posso ter o problema que tiver a hora que eu entro ali, tiro ele da minha vida, sabe? Gosto demais, então por isso que eu falei esse negócio de aposentadoria, eu não vou querer responder não (risadas). Até há pouco, há pouco

tempo, um colega que chegou de lá era da Paraíba. Aí vai daqui, vai dali... comissão, o povo fica socando a realizar as comissões de tudo. Aí ele falou um dia: você tem quanto tempo de IF? Eu falei assim: não sei se era 13, 14 anos. Ele falou: isso tudo e você ainda gosta de trabalhar? Falei: você está louco? Você acha que eu vou sair daqui quando eu tiver tantos anos de IF? Que não vou trabalhar mais? Sou apaixonada, não quero parar de trabalhar não, tá doido?

Os trechos da entrevista com Cora Alice fornecem *insights* que podem estar relacionados ao conceito de maxiciclos da carreira docente, destacando desafios como: a necessidade de acolhimento para professores mais velhos, a sobrecarga de funções atribuídas e desvalorização da profissão. Esses elementos evidenciam a complexidade das atribuições presentes ao longo da carreira docente, alinhando-se à temática de Huberman (1995) em sua análise dos ciclos da vida profissional dos educadores, nas fases que ele chama de experimentação e diversificação, entretanto, elas demonstram uma tendência de se impor a esses embates e se lançam contra o sistema.

A narrativa de Cora Berenice sobre os desafios na formação de grupos, na falta de vínculos e na sensação de não-pertencimento podem ser interpretadas à luz das ideias de Nóvoa (1995) sobre como a construção de uma identidade profissional está intrinsecamente ligada à integração e participação na comunidade acadêmica.

E, por último, a paixão encontrada na narrativa de Cora Coralice dialoga com o conceito de experiência na perspectiva benjaminiana, que valoriza a dimensão intensa e emocional da vivência. A ideia de paixão, no contexto do trabalho docente, reflete a conexão emocional e o envolvimento pessoal da professora com sua prática pedagógica. A experiência narrada tem uma carga emotiva de afetividade e subjetividade que a afasta dos problemas pessoais ao adentrar em sua sala de aula. A paixão de Cora Coralice pelo trabalho docente sugere que sua experiência vai além da simples transmissão de conhecimento, ela envolve um comprometimento emocional e uma entrega apaixonada ao ato de ensinar.

5.3. Núcleo 3 – Quando a porta da sala de aula fechar?

Neste terceiro núcleo, eu pretendi explorar as narrativas de como as docentes relatam o tempo final do ciclo profissional, depois de uma longa jornada de vida, entre aulas, reuniões, comissões e relações profissionais, como elas narram esse tempo, o tempo do descanso.

5.3.1. A continuidade do tempo da vida

Na parte final de minhas entrevistas, quando perguntei sobre o que elas pretendiam viver quando a porta da sala de aula se fechasse, foi possível observar as suas percepções sobre o usufruto de um direito adquirido a partir de muito trabalho, tempo e dedicação:

Cora Alice: Nossa, eu sonho. *Eu penso todo dia*, sabe? Eu penso nele, eu pensei nele ontem, eu pensei nele hoje, eu vou pensar nele amanhã e o meu plano de vida é morar na minha chácara, não é? É como um colega meu que ri, né? *Eu vou criar galinha?* Na verdade, é uma metáfora que a gente usa, né? De se afastar. Vou doar todos os meus livros, não quero guardar nada. Sabe, vou fazer doação de tudo. O papel que vai ficar na minha casa, é só uma documentação necessária para eu ler [...]. Nunca tive tempo de curtir em minha casa. Sabe, sabe aquele negócio assim de seu corpo está acostumado a não levantar cedo, a não acordar às 5 horas da manhã às 6 horas. É, a hora que eu quiser, né? Na hora que você precisa, por que o que eu vou fazer hoje? Já não sei. Não sei não? *Deixa a vida me levar*. Eu não me preocupo de achar que eu vou ficar à toa, porque tem gente que aposenta e adoece, porque não tem nada para fazer. Eu tenho que fazer assim, eu vou cuidar de uma planta, porque eu amo plantas, sabe, a minha chácara parece uma floresta. Mesmo assim eu ainda dou conta. Quando uma planta morre, eu sofro, porque foi eu não cuidei dela direito. Então eu acho que esse lado aí de não ter nada para fazer, eu não penso nisso. *Eu vou ter sim o que fazer, até ficar à toa. Eu acho que até ficar à toa é fazer alguma coisa. É um direito.*

Cora Berenice: Durante o período da pandemia eu me dediquei a aprender muita coisa sobre alimentação vegana, então eu fiz muita coisa, aprendi muita coisa. Eu já pensei em de repente, assim, criar alguma... eu *não consigo descolar do trem do professor, né?* *Eu tenho um grupo, sabe que se chama aprender a cerveja e a gente começar a criar um grupo de apoio físico, né?* Que a gente possa aprender receita, trocar de repente. Agora é por uns tempos, eu vou ter que ficar mais perto dos meus pais e de tudo. Mas, por exemplo, assim, se eu fosse morar perto da minha filha que mora lá em Bertiooga, eu tinha pensado até em montar uma barraquinha lá na praia, sabe? Não sei se você conhece Bertiooga, mas chegando lá no canal, *tem uma espécie da feirinha que serve para vender minhas camisetas com meus passarinhos. As canequinhas, sabe, com umas comidinhas vegana ali, umas coisas assim, eu penso isso.*

Cora Coralice: Eu tenho uma certa negação em relação a *velhice*. Eu tenho muita dificuldade em relação à limitação. Né? Mas eu sei que assim vai acontecer. Hoje eu não penso nessa possibilidade mesmo, sabe? *Eu não quero nem saber de aposentar.* Quero aposentar quando eu sinto que não estou mais conseguindo atender aos objetivos que minha aula, não teve boa, né? (APÊNDICE D)

Percebi, nas falas das docentes, alguns pontos que dialogam com os eixos pedagógicos dos Programas de Preparação para Aposentadoria. Há projetos de vida pós-aposentadoria como os relatados por Cora Alice, que expressa o desejo de viver em sua chácara, fazendo uma metáfora sobre se afastar do ambiente acadêmico, doar tudo que remeta a vida escolar para simplificar sua vida; e reconhece o descanso como um direito. Essa visão sugere uma abordagem positiva e libertadora em relação à aposentadoria, em que a inatividade não é necessariamente vista como ociosidade, mas como um direito conquistado e legítimo de gozo.

Cora Berenice considera explorar novos interesses, como a alimentação vegana e também pensa em vender produtos na praia, combinando suas paixões. Na narrativa de Cora

Berenice, observei também a abertura para o aprendizado contínuo, identificado por meio de atividades longe do ambiente acadêmico.

No viés do tempo de subjetividade da vida, foi possível inferir as preocupações e desafios em relação à velhice, presentes na narrativa de Cora Coralice, a qual revela uma negação em relação a sua idade e uma dificuldade em lidar com limitações. Apesar disso, ela está agendando a possibilidade de aposentadoria quando sentir que não será mais produtiva em suas aulas.

As perspectivas sobre o final do ciclo profissional apresentadas pelas três professoras nos trazem uma compreensão de saberes que nos ajudam a pensar nos programas de preparação para aposentadoria de diferentes maneiras. A narrativa de Cora Alice, por exemplo, mostra uma visão de uma vida mais tranquila, conectada com a natureza e focada em atividades que lhe tragam satisfação e podem ser exemplos de como os PPAs podem incentivar os participantes a explorar seus interesses pessoais, hobbies e aspirações não realizadas durante a vida ativa. Como sugestão, eu vejo que os programas podem ajudar a desenvolver habilidades de gestão do tempo, planejamento financeiro e ajuste de expectativas para uma vida mais relaxada e satisfatória após a aposentadoria. Já Cora Berenice, apresenta uma disposição para aprender novas habilidades e explorar oportunidades empreendedoras. Isso pode dar luz aos PPAs voltados ao incentivo de reinvenção profissional e de desenvolvimento de projetos pessoais significativos. Eles podem oferecer orientação sobre como explorar interesses, identificar oportunidades de negócios e adquirir as habilidades necessárias para uma transição bem-sucedida para a vida após a aposentadoria. E, por último, Cora Coralice se mostra resistente à ideia de envelhecer e se aposentar destacando a importância em abordar, nos programas de preparação para aposentadoria, as preocupações emocionais e psicológicas associadas à transição para a aposentadoria. Eles podem oferecer apoio emocional, ferramentas de enfrentamento e recursos para lidar com as mudanças de identidade, relacionamentos e rotina que podem surgir durante esse período de transição.

Larrosa (2002), em sua obra "Notas sobre a Experiência e o Saber de Experiência", discute a importância da experiência como forma de conhecimento. Ele argumenta que a experiência não é apenas um conjunto de eventos passados, mas sim um processo contínuo de construção do significado e da identidade pessoal. Nesse contexto, o programa de preparação para aposentadoria pode incentivar os participantes a refletir sobre suas próprias experiências ao longo da vida profissional e a explorar novas formas de viver e se relacionar com o tempo na aposentadoria. Como exemplo dessa abordagem eu cito envolver atividades de

autoconhecimento, reflexão e narração de histórias de vida, permitindo que os participantes reconheçam e valorizem a riqueza de suas experiências passadas e se preparem para viver de forma mais significativa no futuro.

Faço uma reflexão sobre isso a partir de Benjamin, em sua obra "Teses sobre o Conceito de História" de 1940. No texto ele discute o papel da memória na compreensão do tempo histórico e argumenta que a memória é fundamental para a compreensão do presente e do futuro, pois nos permite reconhecer e resgatar fragmentos do passado que são relevantes para o nosso entendimento do presente. Trazer o legado das experiências passadas pode se um caminho a ser construído nos PPAs, a partir das próprias vivências dos que estão próximo a aposentadoria e também dos que já estão aposentados.

5.4 Núcleo 4 – Pelo Caminho: o tempo da formação do eu pesquisadora

Pelo caminho, eu me formei. Volto à Clandinin (2015) para entender o espaço tridimensional da pesquisa narrativa, no qual a pesquisadora encontra-se sempre “caminhando por entre as histórias”; para entender que me tornei o entremeio de um conjunto de histórias tecidas e bordadas nas narrativas dessa pesquisa (Clandinin, Connelly, 2015, p. 99). **Pelo caminho**, no entremeio, eu assumi uma posição interdependente ou interconectada, indicando a compreensão de que eu estava enraizada na interação entre tempo, espaço, identidade pessoal e contexto social, pois “[...] as histórias que trazemos como pesquisadores também estão marcadas pelas instituições onde trabalhamos, pelas narrativas construídas no contexto social do qual fazemos parte e pela paisagem na qual vivemos” (Clandinin, Connelly, 2015, p. 100).

5.4.1. A experiência da (trans)formação

Vencendo prazos da pesquisa, encerrando semestre letivo na escola onde trabalho, acompanhando meus dois filhos nas provas do ENEM (Exame Nacional do Ensino Médio) e ainda narrando e analisando os achados, imersa nessa tridimensionalidade formativa, chego a esse subnúcleo que acredito ser importante registrar. Foi o meu trajeto formativo de pesquisadora narrativa, vivido, experienciado e bordado nessa pesquisa.

Era março de 2022, as chuvas se despediam do verão para dar lugar ao outono frio de Cristalina/GO e eu, no meu escritório improvisado durante a pandemia para *home office*, abria

minha câmera para o meu primeiro encontro no coletivo de estudantes GRUPES. Éramos seis ou sete naquela noite. Assustada e nervosa, entendi no mesmo dia a potência que era aquela sala de aula. Professoras, democratizando saberes para suas alunas. Ali, mais ouvinte do que participante, eu resolvi não deixar nada para trás. Perpassada pela atmosfera dos nossos encontros, comecei a registrar tudo sem saber que estava germinando nosso livro: *A pesquisa (que) conta: sentidos e significados construídos em um grupo de estudos* (2023).

O livro embrionava à medida que as estações do ano seguiam. “Ligue a câmera”; “Hoje tá frio”; “Vou chegar atrasada”; “Caiu um temporal”; “Quem vai fazer a estética cultural?”; “Seu microfone está desligado”; são recortes de falas daqueles dias, costuradas na minha memória, daquela sala de aula, daquelas mulheres.

Quinzenalmente, capítulo por capítulo, debruçávamo-nos na paisagem do conhecimento de Jean Clandinin e Michael Connelly, tentando aprender e pensar narrativamente. A professora Dra. Inês Ferreira de Souza Bragança, que generosamente aceitou prefaciá-lo, descreveu a produção textual trazida no livro como a importância da união de um coletivo de mulheres professoras pesquisadoras na busca por criar formas alternativas de ocupar os espaços formativos. O termo “força instituinte”, citado por ela, define a capacidade dessas mulheres de criarem e estabelecerem algo novo, desafiando as estruturas existentes. Essa força se torna mais poderosa quando essas mulheres estão unidas em coletivos docentes, pois a colaboração e a união são elementos-chave para impulsionar a transformação e a inovação nos contextos educacionais:

Mulheres professoras pesquisadoras que se unem como coletivo para tecer modos outros de habitar a Terra, a universidade, a escola! Este é um livro que fala da força instituinte que nos move e que se potencializa quando estamos juntas em coletivos docentes! (Bragança, 2023, p. 25).

A cada novo capítulo estudado, eu refletia sobre os meus limites e minhas tensões ao embarcar na pesquisa narrativa. Sem roteiro definido, seguia em uma confusão autoral de autoconhecimento no infinitivo verbal agonizante: negociar, pensar, narrar, contar e bordar. Assim me constituía pesquisadora e registrava, **pelo caminho**, minhas tensões entre narrar, pesquisar e pensar narrativamente. Era o “[...] entremeio de um espaço de pesquisa narrativa tridimensional e no entremeio de um fluído temporal, historiado [...]” (Clandinin, Connelly, 2015, p. 101). **Pelo caminho**, eu me relacionava com a pesquisa narrativa e com os aspectos sociais que me cercavam, ora retrospectivamente, ora prospectivamente, “[...] vivenciando a experiência e também sendo parte da minha própria experiência” (Clandinin, Connelly, 2015,

p. 120). Esse foi o momento no qual entendi que eu era também participante da minha pesquisa, pois já estava no meio das histórias quando cheguei ao campo da pesquisa.

E agora, na tentativa de compartilhar como foi fazer parte do roteiro e ser também um dos personagens, eu busquei apoio no capítulo cinco do livro de Clandinin (2015), *O pesquisador entrando no campo de pesquisa: caminhando por entre histórias*. Lá, compreendi que a construção da pesquisa se deu à medida que a pesquisadora vivenciava a experiência e se reconhecia e se reconectava com sua construção identitária formativa, ligando sua experiência a uma instância reflexiva. “Essas reflexões mostram a centralidade da experiência da pesquisadora – do viver, contar, recontar e reviver dessas experiências” (Clandinin e Connelly, 2015, p. 106).

Como pesquisadora e também como participante dessa gestação, eu entendo que as experiências individuais e coletivas estão imersas em narrativas mais amplas, contextualizadas em uma história que se desenrola ao longo do tempo. Isso sugere uma abordagem que vai além do imediato e busca entender como as experiências se encaixam em uma narrativa histórica mais ampla nas ciências sociais. Essa perspectiva reconhece a interconexão entre as vidas das pessoas, instituições e elementos do ambiente, situando todas essas experiências em um contexto mais amplo e contínuo.

Devo dizer que, estudar coletivamente em grupos de estudos coordenados a partir do que se pesquisa propicia a troca de experiência, enriquece a compreensão do pesquisador sobre as diferentes abordagens, desafios e estratégias utilizadas na pesquisa. Os grupos de estudos geralmente envolvem discussões teóricas sobre os fundamentos da pesquisa, o que ajuda os pesquisadores a aprofundar sua compreensão dos princípios subjacentes e a aplicá-los de forma mais eficaz em seus próprios projetos de pesquisa.

Durante as reuniões do GRUPES, nós, integrantes, pesquisadoras e pesquisadores, tivemos a oportunidade de apresentar nossos projetos de pesquisa para receber feedback construtivo dos colegas. Na oportunidade, ao apresentar a minha pesquisa, foi possível refinar os métodos de pesquisa, identificar lacunas na argumentação e visualizar novas direções para a investigação. Ao participar do GRUPES e do outro grupo de estudos (Orientandos), eu desenvolvi habilidades essenciais, como análise crítica, pensamento reflexivo, comunicação acadêmica e trabalho em equipe. O apoio mútuo recebido dentro das discussões me forneceu a motivação necessária para superar os desafios que enfrentava durante a pesquisa, e me encorajava para persistir diante das dificuldades.

Convido você a ler e refletir sobre o processo formativo vivenciado em um coletivo de estudos. O livro *A pesquisa (que) conta: sentidos e significados construídos em um grupo de estudos*²³ é uma viagem entre narrativas, vidas e experiências. Para mim, foi uma constituição como pesquisadora. Escavada em solo infértil e árido pelo tempo longe da academia, por entre trovoadas e sóis, o conhecimento ali compartilhado germinava flores e frutos, refazia-me e transformava a vida, a pesquisa e a pesquisadora, como as estações do ano.

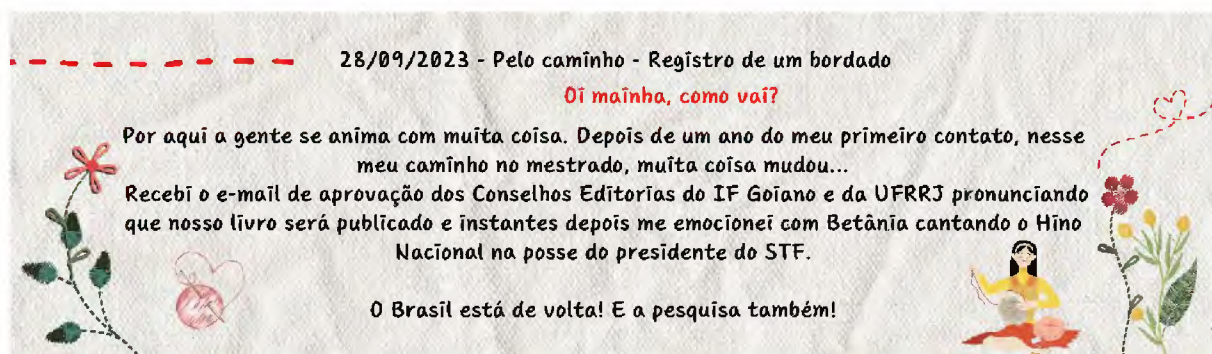


Figura 36 – Notas da autora. 28/09/2023. Pelo Caminho: registro de um bordado.
Fonte: pespontado pela autora.

6. O que aprendi sobre a tridimensionalidade do tempo da experiência como pesquisadora

A partir dos achados apresentados, busquei apresentar os sentidos e os significados que produziram conhecimento para meus objetivos de pesquisa: conhecer e analisar o tempo da experiência docente no final do ciclo profissional.

Em busca dos elos que dialogam entre a teoria apresentada e a produção dos achados, essa pesquisa procurou confirmar que a transição do tempo da experiência profissional para o tempo da experiência do descanso é, sob a ótica do poder público, para além de uma obrigação legal da instituição, um cuidado necessário e de grande relevância social, que deve ser esclarecido, pautado e reafirmado de forma contínua ao longo de toda vida funcional da docente, como uma educação para aposentadoria, e não somente de forma emergente no final do ciclo profissional.

Os núcleos apresentados possibilitaram enxergar conceitos acerca do tempo da experiência constituídos por trajetórias da vida, por marcadores sociais de habilitação, de entrada na profissão e por dimensões subjetivas. As narrativas me apresentaram o tempo da

²³ Será publicado em uma coedição entre o IF Goiano e a UFRRJ.

experiência marcado pela vida, pela relação com o outro, pelas narrativas do outro, como abordado por Benjamin (1987).

À luz das reflexões de Elias (1998), as narrativas das docentes revelam uma dinâmica temporal influenciada por marcadores civilizatórios. Durante a carreira a docente está presa em um tempo laboral e esse tempo precisa ser redimensionado após o aposento. As narrativas mostram que a transição para a aposentadoria é permeada por mudanças nas relações sociais, por uma interdependência entre o contexto histórico-cultural e pela ressignificação individual do tempo de experiência dedicado à profissão, que agora dá espaço a um novo tempo: o tempo de (re)formar. Ao observar os achados da pesquisa e os conceitos de Elias (1998), Benjamin (1987) e Krenak (2019), compreendo as percepções do tempo se entrelaçando com fatores socioculturais, históricos e individuais das vidas das professoras.

Sob o prisma do tempo da experiência, as tridimensionalidades pessoais, sociais e culturais das narrativas apresentadas destacam a diversidade de perspectivas em relação à aposentadoria, que começam por ideias de planejamento e desapego, até busca por novos interesses e ainda a resistência em aceitação das limitações associadas à idade. Cada professora encara a aposentadoria de maneira única, refletindo suas próprias experiências e expectativas em relação a essa fase da vida.

7. CONSIDERAÇÕES (NÃO) FINAIS

Na sociedade contemporânea, a aposentadoria representa uma conquista para a classe trabalhadora, e esse é um direito relativamente novo se considerarmos a trajetória histórica da humanidade. Ele pode ser visto como uma recompensa por anos dedicados ao trabalho, garantindo uma pausa merecida e remunerada, além da possibilidade de viver uma nova experiência de vida. No entanto, a transição para o aposento mostrou-se como um período de grandes mudanças e, muitas vezes, acompanhado por vários fatores de insegurança, como: aspectos financeiros, rede de relacionamentos, identidade profissional, rotina e dificuldade de adaptação, entre outros aspectos. Dessa forma, por demandas legislativas, as organizações têm procurado desenvolver programas de preparação para a aposentadoria a fim de ajudar nessa transição, com o objetivo de mostrar a abertura de caminhos para um novo roteiro de vida, um novo tempo.

O conceito de tempo surge como um elemento essencial nas narrativas analisadas neste estudo e figura como um cenário em que as experiências se desenrolam, se fragmentam e se categorizam, permitindo a distinção entre momentos positivos e negativos. Nesse contexto, algumas lembranças obscurecem enquanto outras se destacam, iluminando diferentes aspectos das vivências narradas. O tempo vivido e o tempo cronológico mantêm uma relação harmoniosa, mas também sobreposta, visto que evoca sentimentos, percepções e valores diversos sobre os eventos. Cada uma das professoras experimenta seu próprio tempo na carreira profissional, imersas em um cronograma que as obriga a lidar com o sentimento de desinvestimento, que vai do sereno ao amargo, como aborda Huberman (1995).

Quando chegam ao final dessa jornada, o tempo dedicado ao trabalho precisa ser desvinculado, (re)apropriado e redefinido, de modo a assumir uma nova forma, agora personalizada. Um tempo que anteriormente era dominado pela instituição e preenchia a maior parte do dia, transforma-se em um tempo, exclusivamente seu. Decidir o momento de se afastar quando o tempo cronológico aponta para o fim pode não ser uma decisão fácil e almejada para todas (os). É preciso um reordenamento e uma reavaliação das estratégias de vida pessoal para, talvez, vislumbrar a possibilidade de continuar ou de retornar ao campo profissional, seja na mesma área ou em outra.

Com base nisso, este estudo se propôs a examinar, por meio de narrativas, o encerramento do ciclo profissional dos docentes no IF Goiano. Minha análise concentrou-se no tempo da experiência e do trabalho, a destacar como esse tempo cronológico – que abarca o

tempo da infância, de formação, do início da profissão e até o fim do ciclo profissional – influencia no tempo subjetivo da vida. Foi notório que, durante as entrevistas, as professoras refletiram sobre suas próprias experiências e expectativas em relação à aposentadoria, o que promove o autoconhecimento e possibilita um planejamento pessoal mais consciente para essa fase da vida.

As narrativas apresentadas sugerem indicativos importantes para o desenvolvimento de políticas educacionais que promovam uma transição para a aposentadoria aliada à conscientização de que o momento final, para além de uma expectativa, requer também acolhimento e desaceleração das atividades múltiplas em favor da busca por ocupações que tragam realização e satisfação pessoal.

Deixo como sugestão para pesquisas futuras a possibilidade de explorar variáveis adicionais que influenciam a experiência docente, como o impacto da cultura organizacional, políticas institucionais e o papel do suporte social na preparação para a aposentadoria. Sugiro também investigar a experiência de docentes em diferentes contextos educacionais, como escolas públicas e privadas, ou em áreas urbanas e rurais. Creio que isso possa enriquecer ainda mais a compreensão dos fatores que moldam a trajetória profissional.

Finalizo sem a pretensão de esgotar o tema ou de encontrar uma proposta concreta para o programa de preparação para aposentadoria, baseada em moldes já pré-estabelecidos. No entanto, espero ter proporcionado enunciados significativos sobre a importância de compreender as experiências vividas pelas docentes, de tê-las como base para refletir e contribuir para uma abordagem mais holística de preparação para a aposentadoria.

É crucial reconhecer que cada indivíduo possui uma trajetória única e, portanto, as necessidades e desafios durante a transição para a aposentadoria podem variar significativamente. Nesse sentido, uma abordagem educacional para a aposentadoria ao longo do ciclo profissional dos docentes pode ser especialmente benéfica.

Pelo caminho, tracei o bordado das múltiplas facetas que compõem minha vida, entrelaçando os papéis de mulher, mãe, trabalhadora e pesquisadora. Ressoa em mim a essência de Manoel de Barros, cuja poesia enxerga beleza e sabedoria no simples ato de carregar água na peneira. Assim como o poeta transformou uma tarde acrescentando chuva, percebo que nós, como pesquisadoras, podemos enriquecer nossas jornadas ao adicionar novas perspectivas e entendimentos. **Pelo caminho**, atravessada pelo poeta eu encontro refúgio na perspectiva benjaminiana, me permitindo transmitir um conselho àquelas que seguem nessa jornada de conhecimento: não hesitem em carregar água na peneira ou acrescentar chuva a uma tarde.

Contudo, **pelo caminho**, encontrem significado e sabedoria nas experiências vividas e se permitam fazer “peraltagens com as palavras”²⁴.

²⁴ BARROS, Manoel de. O Menino que Carregava Água na Peneira. Disponível em: <http://www.poesiagalvaneana.com.br/2013/05/o-menino-que-carregava-agua-na-peneira.html#.VYDdlvIVikp>. Acesso em 24 de março de 2024.

6)

Referências

o linho: melhor escolha para o bordado

sequência

a vida se esvai
no atropelo das gerações,
na corrente dos anos,
na ânsia dos impossíveis:
removendo pedras,
cavando trincheiras,
construindo os caminhos do futuro.

cora coralina

(meu livro de cordel, 2012, pág 76.)



REFERÊNCIAS: O LINHO MELHOR ESCOLHA PARA O BORDADO

AGUIAR, Wanda Maria Junqueira; OZELLA, Sergio. Apreensão dos sentidos: aprimorando a proposta dos núcleos de significação. *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*, Brasília, v. 94, p. 299-322, 2013.

AGUIAR, Wanda Maria Junqueira; OZELLA, Sergio. Núcleos de significação como instrumento para a apreensão da constituição dos sentidos. *Psicologia: ciência e profissão*, v. 26, n. 2, p. 222-245, 2006.

AGUIAR, Wanda Maria Junqueira; SOARES, Júlio Ribeiro; MACHADO, Virgínia Campos. Núcleos de significação: uma proposta histórico-dialética de apreensão das significações. *Cadernos de Pesquisa*, v. 45, n. 155, p. 56-75, 2015.

ALLUCCI, Renata Rendelucci. Una aguja, una lámpara, un telar. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 27, n. 3, p. 01-14, 2019.

ANDRÉ, Marli. O que é um estudo de caso qualitativo em educação? *Revista da FAEEBA: Educação e Contemporaneidade*, Salvador, v. 22, n. 40, p. 95-103, 2013.

ANDRUETTO, Maria Teresa. *Por uma literatura sem acjetivos*. São Paulo: Editora Pulo do Gato, 2012.

ANTUNES, Marcos Henrique; SOARES, Dulce Helena Penna; SILVA, Narbal. Orientação para Aposentadoria nas Organizações: histórico, gestão de pessoas e indicadores para uma possível associação com a gestão do conhecimento. *Perspectivas em Gestão e Conhecimento*, [S. l.], v. 5, n. 1, p. 43-63, 2015. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/pgc/article/view/19114>. Acesso em: 19 nov. 2023.

ANZALDÚA, Glória. Falando em línguas: uma carta para as mulheres escritoras do terceiro mundo. *Estudos feministas*, v. 01, p. 229-236, 2000.

ARAÚJO, Laura Filomena Santos; DOLINA, Janderléia Valéria; PETEAN, Elen; MUSQUIM, Cleciene dos Anjos; BELLATO, Roseney; LUCIETTO, Grasielle Cristina. Diário de pesquisa e suas potencialidades na pesquisa qualitativa em saúde. *Revista Brasileira de Pesquisa em Saúde/Brazilian Journal of Health Research*, v. 15, n. 3, p. 53-61, 2013. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/rbps/article/view/6326/4660>. Acesso em: 4 nov. 2023.

ÁVILA, Roberta Serednicki; MAYNARDES, Ana Cláudia. Bordados e a autonomia das mulheres: uma análise de design feminista. *Revista Arcos Designer*, Rio de Janeiro, v. 16, n. 1, p. 353-374, 2023.

BAHIA, Bruno. *As Negociações Identitárias do Professor de Filosofia no Ensino Médio da Escola Pública no Rio De Janeiro: Tempo, Experiência e seu Lugar na Escola*. 2016. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2016. Disponível em: <https://ppge.educacao.ufrj.br/teses2016/TBrunobahia.pdf>. Acesso em: 15 ago. 2023.

BAHIA, Bruno; XAVIER, Libania Nacif; SILVA, Amanda Moreira. O fator tempo na organização e desenvolvimento do trabalho docente. *Vozes, Pretérito & Devir: Dossiê Temático História e Ensino*, Teresina, ano 5, v. 8, n. 1, p. 07-21, 2018. Disponível em: <http://revistavozes.uespi.br/index.php/revistavozes/article/view/175>. Acesso em: 15 ago. 2023.

BARROS, Manoel de. O Menino que Carregava Água na Peneira. Disponível em: <http://www.poesiagalvaneana.com.br/2013/05/o-menino-que-carregava-agua-na-peneira.html#.VYDdlvIKp>. Acesso em: 24 mar. 2024.

BENJAMIN, Walter. Experiência e Pobreza. In: BENJAMIN, Walter. *O Arjo da História*. Tradução João Barreto. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2022.

BENJAMIN, Walter. O Narrador: Considerações sobre a Obra de Nikolai Leskov. In: BENJAMIN, Walter. *Obras Escolhidas: Magia e técnica, arte e política*. Tradução Sérgio Paulo Rouanet. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, p. 197-221, 1987.

BENJAMIN, Walter. A imagem de Proust. In *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. São Paulo: Brasiliense, 1994.

BENJAMIN, Walter. Rua de Mão única. In: BENJAMIN, Walter. *Obras Escolhidas II*. 5. ed. São Paulo: Brasiliense, p. 11-60, 1995.

BRAGRANÇA, Inês Ferreira de Souza. A pesquisa (que) conta: sentidos e significados construídos em um grupo de estudos. Coedição UFRRJ/IF Goiano: Rio de Janeiro/Goiânia. 2023.

BRAGANÇA, Inês Ferreira de Souza; NETO, Itamar Zuqueto Serra e MOTTA, Thais da Costa. Caminhos de pesquisa formação: uma abordagem narrativa e (auto)biográfica. São Carlos, SP: Pedro & João Editores, 2023.

BRASIL. *Lei federal nº 10.741, de 01 de outubro de 2003*. Estatuto do idoso. Brasília, DF: Secretaria Especial dos Direitos Humanos, 2004.

BRASIL. *Lei federal nº 8.842, de 04 de janeiro de 1994*. Dispõe sobre a política nacional do idoso, cria o Conselho Nacional do Idoso e dá outras providências... Brasília, DF: Imprensa Nacional, 1994.

BRASIL. Ministério da Saúde. Conselho Nacional de Saúde. Resolução no 510, de 7 de abril de 2016. Trata sobre as diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisa em ciências humanas e sociais. *Diário Oficial da União*, Brasília, DF, 24 maio 2016.

BRASIL. Portaria nº 1.261, de 05 de maio de 2010. Institui os Princípios, Diretrizes e Ações em Saúde Mental que visam orientar os órgãos e entidades do Sistema de Pessoal Civil - SIPEC da Administração Pública Federal sobre a saúde mental dos servidores. *Diário Oficial da União*, Brasília, DF, 06 maio 2010.

BRASIL. Portaria nº 12, 14 de junho de 2018. Dispõe sobre o visto temporário e sobre a autorização de residência para reunião familiar. *Diário Oficial da União*, Brasília, DF, 14 de junho de 2018.

BRASIL. Portaria Normativa nº 03, 01 de fevereiro de 2013. Estabelece os procedimentos de aditamento de atos regulatórios para alteração no número de vagas de cursos de graduação de medicina ofertados por Instituições de Educação Superior - IES, integrantes do Sistema Federal de Ensino, e dá outras providências... *Diário Oficial da União*, Brasília, DF, 01 maio 2013.

BRITO, Thais Fernanda Salves de. *Bordados e bordadeiras. Um estudo etnográfico sobre a produção artesanal de bordados em Caicó-RN*. 2011. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8134/tde-15122011-175001/pt-br.php>. Acesso em: 11 abril 2023.

CLANDININ, D. Jean; CONNELLY, F. Michael. *Pesquisa narrativa: experiência e história em pesquisa qualitativa*. Tradução: Grupo de Pesquisa Narrativa e Educação de Professores ILEEI/UFU. 2 ed. Uberlândia: EDUFU, 2015.

CORALINA, Cora. *Meu livro de cordel*. 11 ed. São Paulo: Global Editora, 2009.

DEWEY, John. *Arte como experiência*. Tradução de Vera Ribeiro. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

DEWEY, John. *Experiência e educação*. Petrópolis, RJ: Editora Vozes Ltda, 2023.

DIAMOND, Patrick C. T. Teacher Education as Transformation. In: NÓVOA, António. (org.). *Vidas de professores*. 2. ed. Portugal: Porto Editora, 1995.

DONADON, Daniela Gobbo. *Afetividade e Subjetividade: a construção de sentidos na Educação de Jovens e Adultos*. 2020. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, São Paulo, 2020.

ELIAS, Norbert. *Norbert Elias por ele mesmo*. Rio de Janeiro: Jorge Zahad, 2001.

ELIAS, Norbert. *Sobre o tempo*. Rio de Janeiro: Jorge Zahad, 1998.

ENCONTRO DE ESTUDOS MULTIDISCIPLINARES EM CULTURA, XVII.; 2021 [Salvador, BA]. [Grupos de trabalhos]. *Piso e Repiso: Linguagem, oralidade e corporalidade na roda*. Salvador: UFBA, jul. 2021.

FERRAROTTI, Franco. Sobre a autonomia do método biográfico. In: NÓVOA, A.; FINGER, M. (Orgs.). *O método (auto)biográfico e a formação*. Natal: EDUFRN, p. 29-55, 2014.

FERREIRA, Lúcia Gracia. Professoras rurais: histórias que revelam a vida. In: PASSEGGI, M. C.; VICENTINI, P. P.; SOUZA, E. C. *Pesquisa (auto)biográfica: narrativas de si e formação*. Curitiba: Editora CRV, p. 247-260, 2013.

FLICK, Uwe. *Introdução a metodologia de pesquisa*. Porto Alegre: Penso, 2013.

FLICK, Uwe. *Introdução à pesquisa qualitativa*. 3. ed. Porto Alegre: Artemed, 2009.

FONSECA, Adailce das Graças. *Programas de Preparação para Aposentadoria: instrumentos efetivos de responsabilidade social nas universidades públicas federais de ensino superior*. 2019. Dissertação (Mestrado Profissional em Administração Pública) – Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Curitiba, 2016. Disponível em: https://repositorio.utfpr.edu.br/jspui/bitstream/1/4129/1/CT_PROFIAP_M_Fonseca%2C%20Adilce%20das%20Gra%C3%A7as_2019.pdf. Acesso em: 10 nov. 2023.

FRANÇA, Lúcia Helena de Freitas Pinho; SOARES, Dulce Helena Penna. Preparação para a Aposentadoria como parte da Educação ao Longo da Vida. *Psicologia Ciência e Prática*, Brasília, v. 29, n. 4, p. 738-751, 2009.

FRANÇA, Lúcia. *Repensando Aposentadoria com Qualidade: um manual para facilitadores de programas de educação para aposentadoria em comunidades*. Preparação para aposentadoria como parte da Educação ao Longo da Vida. Rio de Janeiro: CRDE UnATI UERJ, 2002.

FRAZÃO, Silva. Cora Coralina Poetisa Brasileira. *Ebiografia*. Disponível em: https://www.ebiografia.com/cora_coralina/. Acesso em: 15 ago. 2023.

FREIRE, Paulo. Considerações em torno do ato de estudar. In: *Ação cultural para a liberdade e outros escritos*. 6. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, p. 9-12, 1982.

FURNIEL, Ana. Com “Aninha e suas pedras”, Cora Coralina ilustra os Sextas de Poesia. *FioCruz Campus Virtual*. Disponível em: <https://campusvirtual.fiocruz.br/portal/?q=noticia/61860>. Acesso em: 04 nov. 2023.

GANCHÓ, Cândida Vilares. *Como analisar narrativas*. 9 ed. São Paulo: Editora Ática, 2002.

GOODSON, Ivon F. Dar voz ao professor: as histórias de vida dos professores e seu desenvolvimento profissional. In: NÓVOA, A. (org.). *Vidas de professores*. 2 ed. Portugal: Porto Editora, p. 63-7, 1992.

hooks, bell. *Ensinando a transgredir*. 2 ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2017.

HUBERMAN, Michael. O Ciclo de vida profissional dos professores. In: NÓVOA, António. (org.). *Vidas de professores*. 2. ed. Portugal: Porto Editora, p. 31-61, 1995.

JOSSO, Marie-Chistine. *Experiência de vida e formação*. São Paulo: Cortez, 2004.

KRENAK, Ailton. *A vida não é útil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

KRENAK, Ailton. *Ideias para adiar o fim do mundo*. São Paulo: Companhia Das Letras, 2019.

LARROSA, Jorge. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. *Revista Brasileira de Educação*, Rio de Janeiro, n. 19, p. 20-28, 2002.

LEANDRO-FRANÇA, Cristinei; MURTA, Sheila Giardini; IGLESIAS, Fabio. Planejamento da aposentadoria: uma escala de mudança de comportamento. *Revista Brasileira de Orientação Profissional*, São Paulo, v. 15, n. 1, p. 75-84, jun. 2014. Disponível em <http://influencia.unb.br/wp-content/uploads/2018/11/LeandroFranca-Murta-Iglesias-2014-Planejamento-da-Aposentadoria-Uma-Escala-de-Mudanc%CC%A7a-de-Comportamento.pdf>. Acesso em 19 nov. 2023.

MOITA, Maria da Conceição. Percurso de formação e de trans-formação. In: NÓVOA, António. (org.). *Vidas de professores*. 2 ed. Portugal: Porto Editora, p. 113-140, 1995.

NÓVOA, António (org.). *Vidas de Professores*. Porto: Porto Editora, 1995.

NÓVOA, António. Os professores e as histórias da sua vida. In: NÓVOA, António. (org.). *Vidas de professores*. 2. ed. Portugal: Porto Editora, p. 11-30, 1992.

NÓVOA, António; FINGER, Matthias (org.). *O método (auto)biográfico e a formação*. Natal: EDUFRRN, 2014.

OLIVEIRA, Fernanda Ferreira. *Experiência Estética Infância: arte, brincadeira e narrativas de resistências*. 2022. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Ciências Humanas, Universidade Metodista de Piracicaba, Piracicaba, 2022. Disponível em: https://iepapp.unimep.br/biblioteca_digital/pdfs/docs/19122022_143137_tese_fernandaferreraoliveira.pdf. Acesso em 15 ago. 2023.

OLIVEIRA, Rafaela dos Santos Alves. *Afetividade na Educação de Jovens e Adultos: a relação professor e aluno na construção de vínculo com os conhecimentos*. 2023. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2023.

PASSEGGI, Maria da Conceição; SOUZA, Elizeu. Prefácio: O método (auto)biográfico: pesquisa e formação. In: NÓVOA, A.; FINGER, M. (org.). *O método (auto)biográfico e a formação*. Natal: EDUFRRN, p. 29-55, 2014.

RICOEUR, Paul. Temps et récit. Paris: Éditions du Seuil. In: NÓVOA, António. (org.). *Vidas de professores*. 2 ed. Portugal: Porto Editora, 1985.

ROSA, J. G. (1994). *Grande sertão: Veredas*. 19 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

SANTOS, Boaventura de Sousa. *A crítica da razão indolente: contra o desperdício da experiência*. São Paulo: Cortez, 2000.

SOUZA, Elizeu Clementino de. *O Conhecimento de si: estágio e narrativas de formação de professores*. Rio de Janeiro: DP&A; Salvador: UNEB, 2006.

SEVERINO, Antônio Joaquim. *Metodologia do trabalho científico*. 24 ed. São Paulo: Cortez, 2013.

THOMPSON, Edward Palmer. Tempo, disciplina de trabalho e o capitalismo industrial. In: THOMPSON, Edward Palmer. *Costumes em comum*. São Paulo: Companhia das Letras, p. 267-304, 1998.

VICENTINI, Adriana Alves Fernandes. *Narrativa autobiográfica de professores formadores na Educação de Jovens e Adultos: Lugares reinventados em comunhão*. 2012. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2012. Disponível em: file:///C:/Users/dell/Downloads/Vicentini_AdrianaAlvesFernandes_D.pdf. Acesso em 15 ago. 2023.

WITTE, Bern. *Walter Benjamin: Uma Biografia*; Tradução de Romero Freitas. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.

ZANELLI, José Carlos. O programa de preparação para aposentadoria como um processo de intervenção ao final de uma carreira. *Revista de Ciências Humanas*, n. 5, edição especial temática, p. 157-176, 2000. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/revistacfh/article/view/25796/22594>. Acesso em 18 ago. 2023.

ZANELLI, José Carlos. Processos Psicossociais, Bem-Estar e Estresse na Aposentadoria. *Revista Psicologia: Organizações e Trabalho*, 12, n. 3, p. 329-340, 2012. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rpot/v12n3/v12n3a07.pdf>. Acesso em 04 jun. 2023.

ZANELLI, José Carlos; SILVA, Narbal; SOARES, Dulce Helena Penna. *Orientação para aposentadoria nas organizações de trabalho: Construção de projetos para o pós-carreira*. Porto Alegre: Artmed, 2010.

APÊNDICES

APÊNDICE A - Perguntas norteadora das narrativas

Eixo temático I: Narrativas sobre a trajetória de formação

1. Conte como foi seu trajeto de formação na carreira docente: aspectos que delinearam escolha da profissão, elementos que você considera importantes e que demonstram a sua percepção.

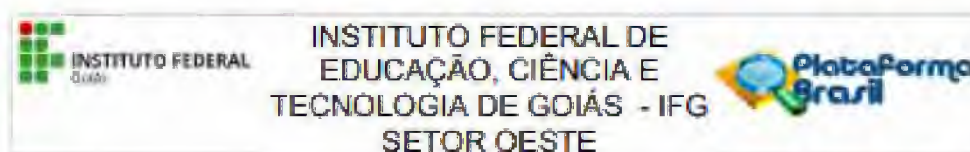
Eixo temático II: Narrativas sobre tempo da experiência do trabalho

1. Me fale qual foi o trajeto da sua carreira docente no IF Goiano. Como foi seu concurso, nomeação, posse, a entrada em exercício, os desafios de conciliar carreira profissional e vida pessoal.
2. Diante das mudanças de Legislação Previdenciária que são marcadas por aumento de tempo de trabalho e diminuição salarial, você se sente segura e preparada para se aposentar hoje?
3. Você acha importante que a instituição promova curso de formação continuada voltadas para uma Educação para Aposentadoria para seus servidores? Que temas você acha importante ser abordado?
4. Se no auge da sua carreira de vida pessoal e profissional, acontecesse algo que fizesse você parar de trabalhar e tivesse como única alternativa APOSENTAR, qual sentimento você teria? Estaria preparada para essa ruptura?
5. O que você sabe sobre os Programas de Preparação para Aposentadoria - PPA?

Eixo temático III: Narrativas sobre o que viver quando a porta da sala de aula fechar?

1. Pensando no seu ciclo de vida profissional, o que você vai fazer quando a porta da sala de aula fechar? Ou seja, o que vai fazer quando estiver fora do seu habitual cotidiano de sala de aula? E que sentimentos a aposentadoria provoca em você?
2. Como você se vê ou como imagina a sua vida longe da sala de aula?

APÊNDICE B - Parecer aprovado Plataforma Brasil



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: NARRATIVAS SOBRE O TEMPO DA EXPERIÊNCIA DOCENTE AO FINAL DE CICLO DE VIDA PROFISSIONAL NO IF GOIANO: O QUE FAZER QUANDO A PORTA DA SALA DE AULA FECHAR?

Pesquisador: MARIA DE FATIMA LUCIMARA SANTOS NOBREGA

Área Temática:

Versão: 2

CAAE: 63641022.0.0000.8082

Instituição Proponente: INSTITUTO FEDERAL DE EDUCACAO, CIENCIA E TECNOLOGIA GOIANO

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 5.767.502

Apresentação do Projeto:

Título da Pesquisa: NARRATIVAS SOBRE O TEMPO DA EXPERIÊNCIA DOCENTE AO FINAL DE CICLO DE VIDA PROFISSIONAL NO IF GOIANO: O QUE FAZER QUANDO A PORTA DA SALA DE AULA FECHAR? **Pesquisador Responsável:** MARIA DE FATIMA LUCIMARA SANTOS NOBREGA

Área Temática:

Versão: 2

CAAE: 63641022.0.0000.8082

Submetido em: 13/10/2022

Instituição Proponente: INSTITUTO FEDERAL DE EDUCACAO, CIENCIA E TECNOLOGIA GOIANO

Objetivo da Pesquisa:

Relata-se:

***Objetivos (geral e específicos):**

Geral

O objetivo principal da investigação será conhecer e analisar as narrativas sobre o tempo da experiência de professoras de licenciatura do IF Goiano. Já os objetivos específicos, serão:

Endereço: Rua C-198 Quadra 500

Bairro: SETOR OESTE

UF: GO

Município: GOIANIA

Telefone: (62)32237-1821

CEP: 74.270-040

E-mail: cep@ifg.edu.br

Página 1 de 16

Continuação do Parecer: 3.767/202

Ainda atendendo a Legislação vigente, serão adotadas medidas cabíveis, caso a participante, que tem idade entre 55 e 65 anos, tenha autonomia reduzida ou que esteja sujeita a relação de autoridade ou dependência que caracterize situação de limitação da autonomia, reconhecendo sua situação peculiar de vulnerabilidade, independentemente do nível de risco da pesquisa. Quanto a eventuais dúvidas será disponibilizado as participantes os contatos de e-mail e telefônico da pesquisadora e estimulado a ligação, inclusive a cobrar, para que as dúvidas sobre a pesquisa sejam dirimidas.

Benefícios:

As informações coletadas podem fornecer importantes subsídios para o conhecimento e melhoria acerca do atual Programa de Preparação para Aposentadoria - PPA; Ajudarão a identificar os elementos que compõem as narrativas do tempo da experiência docente, bem como produzir conhecimentos que possam colaborar com o entendimento dos trajetos de formação docente da carreira da Educação Básica Técnica e Tecnológica (EBTT) no IF Goiânia, e ainda colaborar com indicadores que contribuirão para um possível planejamento da Gestão do IF Goiânia no cumprimento de uma Educação para Aposentadoria.(projeto de pesquisa)

Parecer: atende à legislação.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Tema e Objeto da Pesquisa:

Relata-se:

"[...]quais são as narrativas do tempo da experiência das docentes de Licenciatura do IF Goiânia ao final do ciclo profissional docente? Dentro do público escolhido, meu critério de escolha será: mulheres, com idade entre 55 e 65 anos, da área de Licenciatura. A escolha por esse recorte está em dar vez e voz as mulheres." (projeto de pesquisa, p.8)

Relevância Social:

Relata-se:

"São elas que vivem e lutam diariamente e bravamente por seu lugar de igualdade com o homem. Igualdade salarial, igualdade de reconhecimento profissional, igualdade de voz. São elas, que

Endereço: Rua C-198 Quadra 500

Bairro: SETOR OESTE

UF: GO

Município: GOIÂNIA

Telefone: (62)3237-1821

CEP: 74.270-040

E-mail: oep@ifg.edu.br

desempenham múltiplos papéis sociais de mãe, filha, esposa, provedora, professoras e possivelmente, pesquisadoras. Já a área de licenciatura foi selecionada por ser o campo que está diretamente relacionada à formação do “ser” docente.” (projeto de pesquisa, p.8)

Metodologia, incluindo local, população e amostra, métodos de coleta:

Relata-se:

“Para a presente pesquisa qualitativa eu utilizarei o seguinte instrumento de produção de dados: a entrevista semiestruturada, de cunho (Auto)biográfico, que será vídeo-gravada, para um melhor aproveitamento do conteúdo e das narrativas. O instrumento de análise de dados será o **Núcleo de Significação**.” (projeto de pesquisa, p.8)

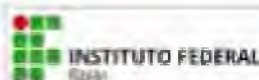
“A pesquisa será conduzida no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Goiano.” (projeto de pesquisa, p.9)

“A população deste estudo será composta por três docentes, mulheres, com idade entre 55 e 65 anos, da área de Licenciatura do Instituto Federal Goiano Campus. A participação será voluntária e estarão aptas a participar mediante concordância do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) (ANEXO 1). Salienta-se que esse número é uma estimativa, podendo variar para um maior quantitativo ou um número menor de aceite de participações.” (projeto de pesquisa, p.10)

“O instrumento utilizada para produção de dados será uma entrevista semiestruturada, de cunho (Auto)biográfico. Esse instrumento me permitirá conhecer a trajetória de vida pessoal e profissional e os entremeios mais significativos de suas relações com a vida e o trabalho docente. As pesquisas com narrativas de vida permitem compreender as mudanças sociais e culturais nas vidas dos respondentes que os colocam em contextos que podem significar suas ações e trajetórias percorridas ao longo da vida. Os materiais de recolha (Auto)biográfico, que acontecerão através de entrevista, narrativas orais e escritas, memoriais, diários temáticos, fotografias, documentários, relatórios entre outros materiais que possam juntos contar a história do respondente.” (projeto de pesquisa, p.12)

“A análise dos dados será feita seguindo a lógica do procedimento metodológico denominado

Endereço: Rua C-198 Quadra 500		CEP: 74.270-040
Bairro: SETOR OESTE		
UF: GO	Município: GOIANIA	
Telefone: (62)3237-1821	E-mail: cep@ifg.edu.br	



INSTITUTO FEDERAL DE
EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E
TECNOLOGIA DE GOIÁS - IFG
SETOR OESTE



Continuação do Parecer: 5.767.502

Núcleos de Significação (AGUIAR; OZELLA, 2006). A ideia de significação nessa escrita está entre o sentido e significados e constituídos pelo sujeito frente à realidade na qual atua." (projeto de pesquisa, p.12)

Parecer: atende à legislação

Avaliação do processo de obtenção do TCLE:

Relata-se:

"As participantes da pesquisa receberão em seu e-mail institucional um convite para participar da pesquisa. O e-mail será encaminhado de forma individual tendo apenas um remetente e um destinatário. Nesse email será explicado o teor da pesquisa, seus objetivos, a confidencialidade que envolve a participação, e a liberdade em participar ou não e anexado o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (ANEXO 1) e somente após concordar em participar a participante, será marcado o dia e a hora para realização da entrevista. Outrossim, será reforçado que apenas a pesquisadora terá acesso a gravação.

Todos os participantes preencherão voluntariamente os termos de consentimento livre e esclarecido e serão informados do anonimato das informações. As participantes poderão interromper ou desistir da pesquisa a qualquer momento, sem explicar os motivos para fazê-lo. Esta pesquisa contém o termo de consentimento livre e esclarecido (TCLE), O termo de Anuência de participação de instituição e Carta convite, disponível nos Anexos 1, 2 e 3, respectivamente." (projeto de pesquisa, p.10)

Parecer: atende à legislação.

Garantias Éticas aos Participantes da Pesquisa:

Relata-se:

"Buscando assegurar a eticidade na condução da pesquisa e a proteção dos participantes, será informado ao participante da pesquisa que ele é livre para recusar-se a participar, retirar seu consentimento ou interromper a participação a qualquer momento da pesquisa. A participação é voluntária e a recusa em participar não irá acarretar qualquer tipo de penalidade para o participante. A pesquisadora irá tratar os dados de forma sigilosa, e as participantes não serão

Endereço: Rua C-198 Quadra 500

Bairro: SETOR OESTE

CEP: 74.270-040

UF: GO

Município: GOIÂNIA

Telefone: (62)3237-1821

E-mail: cep@ifg.edu.br

Plataforma Brasil

Continuação do Parecer: 5.751.502

identificadas em nenhum momento da pesquisa, garantindo seu total anonimato.” (projeto de pesquisa, p.10)

Parecer: atende à legislação.

Critérios de Inclusão e Exclusão:

Relata-se:

“Serão incluídos no estudo servidores públicos ativos, lotados no Instituto Federal Goiano de Goiás, mulheres, com idade entre 55 e 65 anos.” (projeto de pesquisa, p.16)

“As participantes serão selecionadas por filtro de relatório SUAP, docentes, mulheres, da área de Licenciatura, com idade entre 55 e 65 anos fornecido pelo departamento de gestão de pessoas do IF goiano. O contato a ser realizado com os participantes seguirá os critérios éticos estabelecidos nas normativas da Comissão Nacional de Ética em Pesquisa - CONEP em especial no conteúdo descrito na legislação 510/2016 (BRASIL, 2016).” (projeto de pesquisa, p.12)

Parecer: atende à legislação.

Critérios de Encerramento ou Suspensão da Pesquisa:

Relata-se:

“A pesquisa será encerrada em caso de falecimento da pesquisadora.”

Resultados do Estudo:

Relata-se:

“Os resultados da pesquisa serão divulgados junto as participantes por meio de reuniões de divulgação dos resultados.” (projeto de pesquisa, p.18)

Parecer: atende à legislação.

Endereço: Rua C-198 Quadra 509

Bairro: SETOR OESTE

UF: GO

Município: GOIANIA

CEP: 74.270-040

Telefone: (62)3237-1821

E-mail: oep@ifg.edu.br



INSTITUTO FEDERAL DE
EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E
TECNOLOGIA DE GOIÁS - IFG
SETOR OESTE



Confirmação do Parecer: 5.757.502

Divulgação dos Resultados:

Relata-se:

"Posteriormente serão apresentados em eventos científicos por meio de artigos, pôsteres e outros."
(projeto de pesquisa, p.18)

Parecer: atende à legislação.

Cronograma

Parecer: Atende a legislação

Orçamento

Parecer: atende à legislação

Compatibilidade entre currículos dos pesquisadores e a pesquisa.

Parecer: atende à legislação

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Folha de rosto:

Parecer: atende à legislação.

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE):

Parecer: atende à legislação.

Termo de Compromisso:

Parecer: atende à legislação.

Termos de Anuência das Instituições Coparticipantes:

Parecer: atende à legislação.

Endereço: Rua C-198, Quadra 500

Bairro: SETOR OESTE

UF: GO

Município: GOIANIA

Telefone: (62)3237-1821

CEP: 74.270-040

E-mail: oep@ifg.edu.br

O projeto detalhado:

Parecer: devidamente preenchido.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Prezada pesquisadora, o CEP/IFG aprova seu projeto. Caso haja alguma modificação, solicitamos que seja inserida uma emenda para avaliação. Ao final da pesquisa, insira o relatório final na Plataforma".

Considerações Finais e critério do CEP:

Prezada pesquisadora, o CEP/IFG aprova seu projeto. Caso haja alguma modificação, solicitamos que seja inserida uma emenda para avaliação. Ao final da pesquisa, insira o relatório final na Plataforma".

É imprescindível que, ao final da pesquisa, seja submetido o relatório final via Plataforma. O envio de Relatórios Finais é obrigatório para todos os pesquisadores(as) que encerraram projetos que foram aprovados pelo CEP/IFG (Resolução 466/2012, XI.2.d e Resolução 510/16, Art. 28. V). Segundo Norma Operacional CNS nº 001/2013, o prazo para o envio do relatório final será de, no máximo, 80 dias após o término da pesquisa. Um modelo do relatório final está disponível no site do CEP IFG, para maiores informações acesse: <https://www.ifg.edu.br/comites/cep?showall=&start=6>.

Conforme preconizado pela Resolução CNS nº 466/2012 é preciso: "f) manter os dados da pesquisa em arquivo, físico ou digital, sob sua guarda e responsabilidade, por um período de 5 anos após o término da pesquisa".

Em caso de submissão de novos projetos de pesquisa, os documentos deverão ser submetidos via Plataforma Brasil e alguns modelos estão disponíveis no site do CEP/IFG: <https://www.ifg.edu.br/comites/cep>

Atenciosamente,

Comitê de Ética em Pesquisa/CEP – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás/IFG

Site: <https://www.ifg.edu.br/comites/cep>

Horário de Funcionamento: de 08h às 12h*

Endereço: Rua C-158 Quadra 500

Bairro: SETOR OESTE

UF: GO

Município: GOIÂNIA

Telefone: (62)3237-1921

CEP: 74.270-040

E-mail: cep@ifg.edu.br

Continuação do Parecer: 5.767.502

Telefone: (62) 3612-2239 *

E-mail: cep@ifg.edu.br

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PE_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_2013771.pdf	13/10/2022 10:33:43		Aceito
Outros	Resposta_as_Pendencias.docx	13/10/2022 10:31:44	MARIA DE FATIMA LUCIMARA SANTOS NOBREGA	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Projeto_Lucimara para plataforma brasil_a_posparecer.doc	13/10/2022 10:29:58	MARIA DE FATIMA LUCIMARA SANTOS NOBREGA	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE_Lucimara_aposparecer.doc	13/10/2022 09:49:23	MARIA DE FATIMA LUCIMARA SANTOS NOBREGA	Aceito
Folha de Rosto	folhaderostoassinada.pdf	12/10/2022 17:46:40	MARIA DE FATIMA LUCIMARA SANTOS NOBREGA	Aceito
Outros	Termodecompromisso.pdf	22/09/2022 09:39:26	MARIA DE FATIMA LUCIMARA SANTOS NOBREGA	Aceito
Outros	Lattes.pdf	22/09/2022 09:34:57	MARIA DE FATIMA LUCIMARA SANTOS NOBREGA	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Projeto_Lucimara para plataforma brasil.doc	22/09/2022 09:31:53	MARIA DE FATIMA LUCIMARA SANTOS NOBREGA	Aceito
Outros	Cartaconviteinstituicao.pdf	22/09/2022 09:31:35	MARIA DE FATIMA LUCIMARA SANTOS NOBREGA	Aceito
D Declaração de concordância	TermodeAnuenciãMariadeFatimaLucimara.pdf	22/09/2022 09:30:55	MARIA DE FATIMA LUCIMARA SANTOS NOBREGA	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE_Lucimara.doc	22/09/2022 09:27:09	MARIA DE FATIMA LUCIMARA SANTOS NOBREGA	Aceito

Endereço: Rua C-198, Quadra 500

Bairro: SETOR OESTE

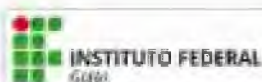
UF: GO

Município: GOIÂNIA

CEP: 74.279-040

Telefone: (62) 3237-1821

E-mail: cep@ifg.edu.br



**INSTITUTO FEDERAL DE
EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E
TECNOLOGIA DE GOIÁS - IFG
SETOR OESTE**



Continuação do Parecer: 5.767.502

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

GOIANIA, 21 de Novembro de 2022

Assinado por:

Simone Palção Araújo
(Coordenador(a))

Endereço: Rua C-198, Quadra 500

Bairro: SETOR OESTE

CEP: 74.270-040

UF: GO

Município: GOIANIA

Telefone: (62)3237-1821

E-mail: cep@ifg.edu.br

APÊNDICE C – Termo de Consentimento e Livre Esclarecimento

UFRRJ - UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO

INSTITUTO DE AGRONOMIA

PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO AGRÍCOLA

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)

Você está sendo convidada como voluntária a participar da pesquisa intitulada **“NARRATIVAS SOBRE O TEMPO DA EXPERIÊNCIA DOCENTE AO FINAL DE CICLO DE VIDA PROFISSIONAL NO IF GOIANO: O QUE FAZER QUANDO A PORTA DA SALA DE AULA FECHAR?”**.

Em caso de recusa em participar é importante lhe informar que você não terá nenhum tipo de penalização. Caso tenha alguma dúvida sobre a pesquisa, entre em contato com a pesquisadora responsável Maria de Fátima Lucimara Santos Nóbrega através do telefone: (61) 999974596 ou e-mail lucimara.nobrega@ifgoiano.edu.br. No caso de dúvida sobre a ética aplicada à pesquisa, contate com o Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) do Instituto Federal Goiano situado na Rua 88, nº 280, Setor Sul, CEP 74085-010, Goiânia, Goiás ou pelo e-mail: cep@ifgoiano.edu.br ou pelo telefone: (62) 3612-2239 ou o Comitê de Ética e Pesquisa do Instituto Federal de Goiás, situado na Rua C-198 Quadra 500, Jardim América, Goiânia – GO CEP: 74270-04 ou pelo telefone: (62) 3612-2239 ou pelo e-mail: cep@ifg.edu.br. O CEP é uma instância vinculada à Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP) que por sua vez é subordinado ao Ministério da Saúde (MS), sendo responsável por realizar a análise ética de projetos de pesquisa, sendo aprovado aquele que segue os princípios estabelecidos pelas resoluções, normativas e complementares.

Sobre a pesquisa é importante assinalar que:

1. Esta pesquisa compõe a minha dissertação de mestrado realizada no PPGEA/UFRRJ, sob orientação da Profa. Dra. Adriana Alves Fernandes Costa, e-mail: profa.adriana@xxxxxxxxx e tem como objetivo principal conhecer e analisar as narrativas sobre o tempo da experiência de professoras de licenciatura do Instituto Federal de Ciência e Tecnologia Goiano, com idade entre 55 e 65 anos, sobre o final da carreira: o que fazer quando a porta da sala de aula fechar? A base para meu estudo é o Programa de Preparação para Aposentadoria, ofertado pelo Programa Interinstitucional Bem Viver so IF Goiano, IFG e SIASS;
2. Sua participação consiste em responder a uma entrevista semiestruturada, de cunho autobiográfico, individual, audiogravada, em que a pesquisadora marcará um dia e hora para realizar a entrevista; Essa entrevista é composta por identificação simples,

para facilitar a análise dos achados como: nome fictício, idade, tempo de serviço e será estruturada em 3 eixos: Eixo temático I: Narrativas sobre a trajetória de formação (uma pergunta aberta), Eixo temático II: Narrativas sobre tempo da experiência do trabalho (5 perguntas abertas) e Eixo temático III: Narrativas sobre quando o tempo da porta da sala de aula fechar (2 perguntas abertas).

3. Toda pesquisa com seres humanos envolve riscos. Nesse sentido, na presente pesquisa existem riscos, graduados como mínimos, e que envolvem especialmente aspectos de constrangimento, desconforto, inibição, conflito pessoal, ansiedade, dúvidas, eventual cansaço por responder ao questionário, risco de identificação. Os desconfortos e a inibição podem ocorrer tendo em vista o tempo despendido para participar da entrevista e o receio de responder a uma entrevista com perguntas sobre aspectos do contexto da vida pessoal e de trabalho. Os constrangimentos, conflito pessoal e ansiedade podem ocorrer em virtude de alguma questão, as quais podem fazer ressurgir emoções ao reviver situações que foram ou são ainda muito carregadas de significado para as participantes e que podem ocorrer danos imateriais decorrentes, direta ou indiretamente da pesquisa. O cansaço físico pode ocorrer tendo em vista o tempo despendido para responder as perguntas que são abertas. Atento aos riscos que possam acarretar as participantes da pesquisa, conforme previsto na Resolução CNS nº 510/2026, serão adotadas medidas de precaução e proteção, afim de evitar danos ou atenuar seus efeitos a pesquisadora se dispõe a discutir com as participantes as providências cabíveis, que podem incluir o encerramento da pesquisa, informando imediatamente ao CEP/CONEP. Também com o objetivo de minimizar os riscos será informado as participantes que se preferir pode interromper sua participação a qualquer momento da pesquisa, pausar e retomar quando se sentir à vontade, pode optar por não responder perguntas que não tiver interesse, que responda somente às questões que sentir à vontade e que pode desistir de participar da pesquisa a qualquer momento e sendo garantido assistência médica e psicológica integral, imediata e gratuita. A participante da pesquisa que vier a sofrer qualquer dano resultante da pesquisa, previsto ou não no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE, tem direito a assistência e a busca de indenização, conforme Art.19, § 2º, da Resolução CNS nº 510/2016. Ainda atendendo a Legislação vigente, serão adotadas medidas cabíveis, caso a participante, que tem idade entre 55 e 65 anos, tenha autonomia reduzida ou que esteja sujeita a relação de autoridade ou dependência que caracterize situação de limitação da autonomia, reconhecendo sua situação peculiar de vulnerabilidade, independentemente do nível de risco da pesquisa. Quanto a eventuais dúvidas será disponibilizado as participantes os contatos de e-mail e telefônico da pesquisadora e estimulado a ligação, inclusive a cobrar, para que as dúvidas sobre a pesquisa sejam dirimidas.
4. As informações coletadas podem fornecer importantes subsídios para o conhecimento e melhoria acerca do atual Programa de Preparação para Aposentadoria - PPA; Ajudarão a identificar os elementos que compõem as narrativas do tempo da experiência docente,

bem como produzir conhecimentos que possam colaborar com o entendimento dos trajetos de formação docente da carreira da Educação Básica Técnico e Tecnológica (EBTT) no IF Goiano; e ainda colaborar com indicativos que contribuirão para um possível planejamento da Gestão do IF Goiano no cumprimento de uma Educação para Aposentadoria.

5. Fica garantida a assistência integral, imediata e gratuita, com atendimento médico e psicológico, se necessário, considerando as características da pesquisa autobiográfica, onde as emoções e sentimentos podem surgir.
6. Importante frisar que você participante é livre para recusar-se a participar, retirar seu consentimento ou interromper a participação a qualquer momento, sendo sua participação voluntária e a recusa em participar não irá acarretar qualquer penalidade. A pesquisadora tratará a identidade com padrões profissionais de sigilo e todos os dados coletados servirão apenas para fins de pesquisa.
7. Para participar deste estudo você não terá nenhum custo nem receberá qualquer vantagem financeira. Caso você, participante, sofra algum dano decorrente dessa pesquisa, você terá a garantia de pleitear indenização por todo e qualquer gasto ou prejuízo e será garantido o ressarcimento por quaisquer danos causados nesta pesquisa.
8. Este Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, será assinado pela pesquisadora e participante, sendo entregue uma via original a cada participante da pesquisa.

Ressaltamos que você poderá ter acesso ao registro do consentimento bastando solicitar pelo e-mail da pesquisadora responsável: lucimara.nobrega@xxxxxxxxx.

Qualquer dúvida não hesite em entrar em contato com a pesquisadora responsável, podendo a ligação ser a cobrar: (61) xxxx-xxxxx.

Nome: _____

Telefone: _____ e-mail: _____

Data e Assinatura do entrevistado

Data e assinatura da pesquisadora

APÊNDICE D – Transcrição das narrativas

Cora Alice: Solteira, 58 anos, sem filhos, possui Graduação em Pedagogia (1991) e Mestrado em Educação Brasileira pela Universidade Federal de Goiás (2002). Atualmente é docente-efetivo do Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia Goiano. Tem experiência na área de Educação Básica e Superior, com ênfase em Políticas Públicas, Didática e Fundamentos e acumula 27 anos de docência.

Entrevista concedida dia 12 de abril com duração de 1h55min.

Pesquisadora: Conte como foi seu trajeto de formação na carreira docente: aspectos que delinearam escolha da profissão, elementos que você considera importantes e que demonstram a sua percepção?

Cora Alice: Eu acho assim, Lucimara, que eu acho que todo menino da minha geração brincou de ser professora, não é? A gente brincava disso...na verdade, nunca me passou assim pela cabeça, até eu me tornar professora, praticamente por acaso, né? Eu morava na cidade Porangatu. Naquelas coisas que a gente vai assim morar com os outros para estudar, né? Eu tive irmão que morava lá. Aí eu fui morar lá para estudar. No fim, eu tive que largar de estudar para trabalhar, fui trabalhar numa loja. E eu tinha uma tia freira que morava lá na cidade. Uma freira franciscana. E ela, foi ela que me avisou que tinha concursos da rede estadual. Na época, né? E eu peguei, fiz a inscrição, fiz a inscrição e fui aprovado. Passei no processo seletivo, fui aprovado lá, é que eu tinha só oitava série, eu não tinha o ensino médio, não tinha magistério. E comecei uma aula numa turma de pré-escola. Em agosto de 1984. Como a turminha para escola da rede estadual, que funcionava numa sala cedida pela Maçonaria, não era junto com a escola, era uma sala. O que era no outro bairro da sua escola, que ficou num bairro, essa sala ficou em outro. E eu atendia, ficava com esses alunos no período da tarde para escola, alunos dos 5, 6 anos. E foi aí que eu comecei e eu estou até hoje, né?

Pesquisadora: Você tinha feito o magistério?

Cora Alice: Não, eu tinha só a oitava série. Foi o seguinte, eu fiz o magistério, que foi minha formação. Ninguém acredita que existiam, mas existiam. Eu lembro que a professora diretora da escola me avisou que tinha um supletivo de magistério que se chamava Projeto Lumen, que era um projeto de formação... Projeto de professores nível de magistério que você dava o certificado de professor e de ensino médio. É, e aí ela mesmo escreveu. Ne? E eu fiz as provas. E aí era assim, era muita gente do município, né? Lá de Porangatu se inscreveu, a gente tinha os dias de ir fazer as provas também. A medida que você ia passando nas provas, aí ia eliminando, sabe? Você não tinha aula não. Era só a prova. Você estudava por sua conta e ia fazer a prova. Só prova. E aí, já inscrevia, qual a prova que você queria fazer? Aí era assim, no dia de fazer a inscrição eu me inscrevi em todas as disciplinas. Eu falei que queria fazer todas as disciplinas da prova. Mas eu vou fazer tudo isso aí. Eu vejo o que é que eu tenho que estudar mais? E passei em todas da primeira vez... Então meu magistério e ensino médio foi feito em 1 dia. Existe tudo. Fiz as provas todas no mesmo dia. E aí depois eu peguei e eu recebi um certificado que tem um valor, né? De magistério... E de ensino médio, aí eu conto para os outros, com meu ensino médio foi feito em 1 dia e meu magistério também e aí ninguém acredita...tenho mesmo de mostrar. Não é? O meu certificado... então a minha, a minha

formação na docência começou por aí. Não é? Fiquei lá, fiquei em Porangatu, um ano e um pouco. Sim, aí eu voltei para a cidade de Orizona, que é minha cidade natal, fica perto daí de Cristalina, né aí sim. Porque eu consegui uma vaga na rede estadual na cidade, aí voltei para casa. Já como professora da rede estadual.

Pesquisadora: Sim.

Cora Alice: como técnica de magistério. Né aqui ó, porque teve uma vaga, e aí eu consegui, assim essa remoção, né? E fiquei em Orizona... trabalhei em Orizona, com a educação para essa escola, depois eu fui... não é para fazer, fui para uma escola que tinha o magistério, o curso de magistério dar aula no magistério. Sabe, fiquei lá até em Orizona até 88. Aí eu fui para Goiânia fazer pedagogia. Sabe, passei no vestibular na UFG. Eu queria fazer psicologia como meu sonho era ser psicóloga, mas aí não tinha psicologia na rede pública, eu não dava conta, né, de fazer na PUC... E fiz inscrição para pedagogia da UFG e Passei e cursei pedagogia lá em Goiânia. Morava na casa de parentes, né? Já era professora do estado. Consegui remoção para uma escola.

Pesquisadora: Aí você dava aula e estudava.

Cora Alice: Isso estudava, estudava de manhã e dava aula à tarde. Foi um período bom, mas foi muito difícil, porque era uma época que a gente ganhava muito pouco. Felizmente, a gente morava na casa de um tio, né, mais os primos. Esses dias até morreu uma senhora de oitenta e tantos anos. Eu inclusive fui no velório dela, lá em Goiânia e falei com a filha dela, falei: eu tinha que vir porque a sua mãe foi uma referência para gente. Quando eu tinha que ir a Goiânia para o médico, passava por lá. Todo mundo que ia estudar ficava na casa dela até arranjar um barraco para morar, isso era de uma generosidade que a gente não vê mais nos dias de hoje. E esse tio meu, dessa casa, que eu morei uns 4 anos, mas a filha dele e outro filho que eles já tinham formado, trabalhavam. Ele comprou uma casa em Goiânia para os filhos estudar e a gente e quase todos os primos passaram por lá. Passaram por essa casa. Era uma República. É, então assim, é a escola que eu trabalhava era perto dessa casa. A faculdade era longe. Mas era um longe perto que dava para ir e voltar. E assim foram 4 anos muito interessantes, sabe? É uma experiência e tanto, não é? E meus pais ficaram em Orizona. Ficaram em Orizona. Eram muitos irmãos. Nós somos 6 irmãos.

Pesquisadora: Eram 6 e só você foi estudar em Goiânia?

Cora Alice: É em Goiânia, foi. Dos meus 6 irmãos só eu e a minha irmã, outra que também é formada em pedagogia. Mas ela formou aqui em Pires do Rio. Já foi aqui em Pires do Rio, tem universidade estadual a UEG.

Pesquisadora: Sim, e como foi que foi sua entrada no if goiano?

Cora Alice: Foi assim...quando eu terminei a pedagogia em Goiânia, eu voltei para o Orizona. Voltei, fui trabalhar de novo com o magistério, não é? Eu voltei em 92. Fui trabalhar no magistério, no curso de magistério. E dava aula de história. Aí virou aquele negócio, né? A gente dava aula de... além de... como eu tinha 2 contratos no estado, porque teve um, eu acho que foi, não sei se em 98, eu fiz outro concurso no estado que a gente poderia fazer 2 vezes. Eu tinha 2 contratos no estado, né? A gente poderia acumular. Aí, além de estado, eu fui trabalhar com o magistério e ela coordenadora de escola, aí completei a carga.. É, além de trabalhar concurso magistério até ele acabar...antes dele acabar. Então dava aula história eu dava aula de

português...é aquele negócio... Professor da rede estadual pega o que sobra, né? Então, nesses meus... nesse antes de vir para o IF, eu já dei aula de arte, já dei aula de inglês sem saber inglês até de matemática, não é? Porque a gente para completar a carga horária e ganhar mais um pouquinho, né? A gente ficou nesse limbo, né, de pegar aula que passava perto da gente. E aí, 96. Eu comecei a trabalhar na UEG fiquei sabendo que tinha uma universidade, uma faculdade em Pires do Rio. Sim, e por acaso, peguei uma carona e vim em Pires do Rio e cheguei lá no mesmo, no outro dia eu comecei a dar aula porque estava louco procurando professor. Aí comecei a dar aula lá... e continuei em Orizona, então eu ia à noite, né? E foi por aí, né? Eu fiquei aí, eu fiquei trabalhando em Orizona, Pires do Rio muito tempo. Até 2010, né? Quando eu vim para o IF...Aí o IF eu soube do concurso... Não é em 2000 eeee... foi 2009. Acho que foi no concurso de 2009. Fiquei sabendo de um concurso com um colega que também iria fazer, aí fiz e fui aprovado em terceiro lugar. E fui chamado em 2010, eu entrei no if em julho de 2010 e tô aqui até hoje... do Estado eu tive que abrir mão, né? Eu tinha que pedir demissão. O estado não pode acumular, né? Eu não pude acumular... a do estado e da UEG.

Você já pensou nesse momento da aposentadoria, como é que ele vai ser?

Cora Alice: Sempre, Lucimara. Eu vou te dizer assim, a minha entrada no IF... Eu celebrei muito. Aqui sempre foi assim na escola. É uma escola de referência aqui da região, né? Então, mesmo antes de ser IF, ele era uma escola boa, né? Então assim, eu nunca pude vir, né. Estudar, então quando eu pude vir como funcionário, foi muito importante. Fui muito bem recebida, não é? A Posse não teve festa, não teve reitor, mas o diretor reuniu um grupo de outras pessoas. Tomaram posse mesmo dia que eu né? Eu acho que nós éramos umas 8 pessoas. Então, sim, fomos muito bem recebidos pelo diretor da época né? Mas em relação a essa questão que você fala aí de explicar a carreira, explicar plano e estágio probatório, eu não tive isso não, não é o que eu aprendi disso aí foi sozinho. E... por movimentos também de colegas, né? Eu entrei no cppd na época, então eu fui entendendo um pouco. Tem inclusive eu falei que entrei para poder aprender, para ver como é que funcionava. Mas por parte da instituição quando eu entrei, não tive? Ne? Isso eu senti muito. Fui, sim. Muito novinha, gente com 20 anos, 20 e poucos anos, né? Dos professores, que já chegou com doutorado e formado na USP, formado na UFG. Então, assim, isso é muito, muito meu. É pouca gente que faz essa leitura aproximada que eu falo isso para todo mundo. Então os professores mais antigos, mais velhos, que não tinham um doutorado. Às vezes não tinha nenhum mestrado. Então, parece sim, que desconsiderou muito né? O que essas pessoas faziam... e então, assim, o novo chegou, então é só um novo que vale, sabe? Então eu, eu sempre falei isso aqui e eu uns dias atrás eu estava conversando de novo com um colega, né? É e falando assim, gente: mas é, estou brincando assim, né? Quem entrou em 2010? Agora estou ficando velho e os que chegaram agora são as novinhas, né? Vamos ver como eles vão lidar, né, com esses... Esses antigos, né? Então, assim eu sempre olhei dentro do IF. Não é... porque a fulana da aula aqui, mas não tem mestrado, não tem doutorado aí. Nossa fica, né? Tratando aquele professor como um resíduo, né? Ali dentro. Eu acho que esse professor velho dentro da instituição, ele precisaria de um acolhimento, de uma atenção. Outra coisa também é a relação do pessoal aqui da região, não sei se em todo IF, mas eles acham que pedagogo tem que fazer de tudo. Então você faz um concurso para uma área da educação, no caso pedagogia, e eles acham que você tem que dar aula de artes, que você tem que dar aula disso. Sobrou de Geografia, eles têm que dar para o pedagogo. Então a gente passa por isso. Tem muito isso. Esses dias mesmo, a diretora perguntou se eu, daria aula de artes: você não quer umas aulas de artes? Então, assim ela falando com um jeito, assim, sarcástico, sabe? É

outra coisa que a gente sente muito eu mas os dois outros pedagogos daqui, a gente dá aula nos cursos de licenciatura, que são 3. É matemática, história e Biologia. Eles fazem reunião do curso, eles não convidam a gente. Sabe? Por exemplo, o núcleo da biologia...Eles têm as reuniões deles, eles vão fazer o ppc. E não convida a pedagogia? Para gente, não é marcado. Não consultaram os professores do núcleo comum? É, não, não, não... reformularam as disciplinas da área de educação que a gente nem sabia. Fiquei sabendo a hora que chega a distribuição de aula, então assim mudou um pouco, porque a gente começou a falar, sabe? Agora a gente já faz parte do NDE dos cursos... Aí, o que aí, o que acontece? A gente já teve o caso aqui...de uma professora que recebeu um convite via e-mail, com reunião do núcleo de um curso. Hum. Ne? Na reunião do curso dele, dos professores do curso de biologia, aí na hora que ela chegou lá, ele falou para ela que ela não tinha, que ela não era para participar da reunião. Que eram só os professores da área específica da biologia. Então, assim, isso repercute muito porque fica essa história, né? Há muitos professores da área específica, que não são licenciados, são bacharéis. Eles desmerecem as nossas disciplinas. Isso é uma questão muito séria aqui dentro do Campus. Porque aí você entra numa sala de aula, o aluno fica criticando a escola, criticando as coisas na disciplina. Critica a disciplina e fala que não gosta da parte da educação, que está lá só pela matemática, só pela química ou só pela biologia. É um embate difícil dentro do IF e a gente não tem uma instituição que defenda o professor nesse quesito.

Pesquisadora: Você se sente segura quanto ao momento da aposentadoria?

Cora Alice: O cenário fala que eu sou vítima das mudanças, não é eu, não tiveram aquela pequena mudança lá em 1994. Aquela primeira reforma do estado, né que teve? Acho que foi em 94 mesmo, né? Do governo Fernando Henrique eu estaria aposentada da rede estadual com 42. O que a gente faz, né? Mas aí eu entrei nisso, né? Então não deu certo. Aí quando você muda de órgão. Não, eu mudei de órgão, né? Da rede estadual para a rede federal. Pois é, aí eu entrei em 2000. Ei, só agora em janeiro que eu entrei com a minha certidão de tempo de serviço do estado. Porque eu recebi ela agora porque, como eu tinha trabalho no parcelado, eu tinha UEG, tinha estado. Eu tinha que comprovar de mais coisa, então toda vez ele me pedia um documento. Aí eu pedi a contagem de tempo, averbação do meu tempo, agora estou aguardando. Eu abri o processo em janeiro e até hoje não tive resposta ainda. Da contagem do meu tempo, de averbação, né. Então assim, estou na expectativa, né, da averbação de 16 anos, mais os 13 que eu já estou aqui, né? Faz agora em julho. Vai dar praticamente 29 anos, não é?

Pesquisadora: Quase 30 anos de sala de aula. Vou anotar aqui seu tempo de sala de aula da soma uns 30, 29 anos.

Cora Alice: é eu agora em julho faz 10, né, que estou aqui? E mais 16 e alguns meses, eu acho que tem 16 e 3 meses que eu vou ver se averba tudo, eu não sei como.

Pesquisadora: Então, dá 27 anos, vamos fechar em 27 anos. É isso, 27 anos de sala de aula, né? Isso que você está contando sala de aula com seus contratos do Estado, mas você entrou em sala de aula na oitava série, você como professora mesmo, se você for contar, você tem mais de 40 anos de sala de aula?

Cora Alice: E tem, né? É porque um pouco do tempo eu vou usar com INSS, sabe. Eu não sei se vou usar não. Por isso que eu vou esperando a contagem para ver como é que fica. Mas assim eu quero ver como é que fica, porque eu ainda tenho um tempo que eu posso averbar lá no INSS, né? Se compensarem, depois eu vou ter que arranjar uma consultoria, não é para ver para

mim como é que fica, mas em relação a isso, né, eu também acho que é uma injustiça, ainda mais é para quem já começou há muito tempo como eu, né, que já estou na educação há muitos anos. Mas assim eu vou ser sincera Lucimara. Se eu pudesse me aposentar amanhã, eu comemoraria, iria ficar feliz, sabe por quê? Porque eu sou de um outro tempo. Eu era uma professora que começava o ano, eu queria comparar livros novos para ler, para dar aula. Agora, a gente não tem tempo para isso. Você vê? Mesmo paradoxo mulher, porque o lugar que eu dou menos aulas é o lugar que eu tenho menos tempo para preparar uma aula. Você faz tanta coisa que não é da docência. Que não é da sala de aula, você pega meu RAD, a pontuação maior é da administração, do que do ensino de aula.

Pesquisadora: Você se sente desmotivada com isso?

Cora Alice: Demais da conta. Eu acho que isso é uma questão que eu não sei onde, que, que tem que rever isso, mas eu acho que a docência, ela está perdendo a sua característica daquela relação mesmo, de professor, aluno, conteúdo. Porque é um ritmo tão acelerado assim, ó, que você fica, e agora eu vou te falar mais uma coisa: Com a criação do SUAPE, do Q ACADEMICO para o SUAPE, eu que estou na coordenação da biologia agora, eu tenho 12 anos sem dar aulas, mas passa, né? São 3 turmas, mais a coordenação. Como coordenadora, não faço nada pedagógico para o curso, fico só na função administrativa do curso, que eu acho que não é função do coordenador. Então, assim como a migração do SUAPE, funções que eram da Secretaria passaram por coordenador. Que é o registro do ENADE, né? Que a secretaria faria o registro do ENADE do aluno e a finalização das atividades. Então, assim eu posso ser, eu ainda brinquei com uma colega minha, falei: olha o serviço de progresso não acaba. O serviço administrativo de coordenação. O coordenador de curso, ele é simplesmente um trabalhador administrativo, a parte pedagógica do curso de disso, ele não tem tempo. Ele não dá conta. Não dá conta. O meu caso aqui na biologia, o curso ficou assim: Coordenador abriu edital, ninguém candidatou, o diretor chamou e ofereceu a coordenação, não é por indicação, ninguém quis. Na área da biologia, porque eles nunca aceitaram que uma pessoa fora da biologia fosse candidata, que fosse do núcleo. Eu acho que até o edital fala disso. E aí me convidou, pedagoga, né? Que eu nunca pude participar de nada do curso, eu aceitei, ficou todo mundo assim olhando um para o outro, né? Engraçado, que agora ficam cobrando para eu fazer as coisas que eles não fizeram, sabe, coisas que eles não resolveram e ainda perguntam: você já resolveu isso? Esses dias eu falei para um ex-coordenador: isso aí você não resolveu, agora deixa eu resolver do meu tempo. Então, assim, é difícil. Aí eu ainda brinquei, como candidato, pedagogo não pode ser, mas como por indicação, pode. Tá, mas eu aceitei, assim, porque eu acredito muito na educação. Eu sou uma defensora dos projetos de formação de professores. Eu acho que é uma política pública de formação de professor e a gente tem que lutar por isso. Não é? Inclusive, esse ano a gente comprou uma briguinha feia aqui, porque queriam fechar os cursos de licenciatura, porque não tinha dado meus 50% das matrículas dos novatos. Então, assim, batemos o pé e conseguimos abrir, né? Mesmo com os 20 a 50%. Mas fizemos um trabalho, os coordenadores dos cursos de licenciatura, isso muito próximo com os alunos, sabe, de ligar para os candidatos. Sabe, então, biologia, que estava com 11, a gente foi, acho que para 23, química que estava com 15, com 5, a gente foi para 17. Então, assim, foi um trabalho que a gente fez, mas eu, eu acho que o IF, ele deixa muito a desejar em relação as licenciaturas que tem uma grande demanda aqui no Campus. Tá aí, a gente vê assim, ó... É uma preocupação muito com os cursos que têm grande demanda, igual agronomia, veterinária. Então, o olhar, a destinação de verba, sabe? Eu vejo muito por esse lado. Então, assim, a hora que o RH fizer minha contagem de tempo e eu vou

pedir, né? Como eu não sou da região. Eu gasto para vir. Eu acho que a medida que eu for perder de salário, eu...Se eu ficar aqui em casa, eu mesmo ganho menos, eu ganho. Sabe?

Pesquisadora: Você acha importante os programas de preparação para aposentadoria? Participou de algum?

Cora Alice: Não participei, não. A gente recebe um e-mail, mas eu nem leio, mas, nunca, nunca, participei de nada daquelas *lives*, por falta de tempo que a gente vai tendo. É, a gente vai tendo que abrir mão de alguma coisa, né? Então, assim, eu como coisa, eu abro meus e-mails aí se o assunto me interessa, eu leio isso, não. Sabe? Mas era de interesse, eu só não tenho tempo, não é? Eu vou fazer a que horas? Inclusive eu até acho que quem já está assim por perto de aposentar como eu, poderia ter já uma redução de carga horária. Nem sei se é possível isso. Eu estou fazendo 58.

Pesquisadora: Então, deixa eu fazer uma última pergunta. O que você vai fazer quando a porta da sala de aula fechar? No sentido quando você se aposentar, você sonha com esse momento? Você planeja esse momento?

Cora Alice: Nossa, eu sonho. Eu penso todo dia, sabe? Eu penso nele, eu pensei nele ontem, eu pensei nele hoje, eu vou pensar nele amanhã e o meu plano de vida é morar na minha chácara, não é? É como um colega meu que ri, né? Eu vou criar galinha? Na verdade, é uma metáfora que a gente usa, né? De se afastar. Vou doar todos os meus livros, não quero guardar nada. Sabe, vou fazer doação de tudo. O papel que vai ficar na minha casa, é só uma documentação necessária para eu ler.

Pesquisadora: Você tem alguma memória afetiva do tempo que foi bom ser professora em que você tinha, sei lá, que você tinha uns diários, que você pode se apegar a eles ou aquele livro que um ou até uns, bom, uma cartinha, que um aluno deu? Tem alguma memória afetiva que você faz: isso aqui era um tempo bom, era um tempo que eu gostava bastante da minha sala de aula.

Cora Alice: Eu tenho alguns livros que acho que vou guardar. Eu tenho um livro, que eu li muito. Eu usava muito na UEG, que é o Pedagogia do Oprimido, de Paulo Freire, eu tenho muito coisa de literatura. Eu gosto muito de literatura, romance, contos, inclusive, que de vez em quando, eu uso até nas minhas aulas, eu procuro literatura. Eu acho que esses vão ficar, mas assim, cartinhas, tenho algumas fotos e tudo mais. Cartinhas eu tenho de quando eu trabalhava com criança, eu tinha muito, mas eu não guardei, não. Sabe? Mas assim, eu tenho boas lembranças com os ex-alunos. Eu vejo colegas falando na hora que aposentar vou arrumar um trabalho que é a dele. Eu vou trabalhar. Eu falei, gente, eu não quero saber disso, não, eu quero é passear. Eu quero é levantar tarde. Eu não quero deitar pensando que amanhã eu tenho que preparar aula, eu quero isso, não. Sabe o que eu quero curtir minha casa. Nunca tive tempo de curtir em minha casa. Sabe, sabe aquele negócio assim de seu corpo está acostumado a não levantar cedo, a não acordar às 5 horas da manhã às 6 horas. É, a hora que eu quiser, né? Na hora que você precisa, por que o que eu vou fazer hoje? Já não sei. Não sei não? Deixa a vida me levar? Eu não me preocupo de achar que eu vou ficar à toa, porque tem gente que aposenta e adocece, porque não tem nada para fazer. Eu tenho que fazer assim, eu vou cuidar de uma planta, porque eu amo plantas, sabe, a minha chácara parece uma floresta. Mesmo assim eu ainda dou conta. Quando uma planta morre, eu sofro, porque foi eu não cuidei dela direito. Então eu acho que esse lado aí de não ter nada para fazer, eu não penso nisso. Eu vou ter sim o que fazer, até ficar à toa. Eu acho que até ficar à toa é fazer alguma coisa. É um direito. É, eu

falo que trabalhar à noite, por exemplo, desde 1993 que eu trabalho à noite. Eu não sei o que é um semestre sem trabalhar a noite, ter o direito de ficar em casa à noite. Tanto é que aqui, na minha cidade, o professor aqui vende aula, para não trabalhar à noite, né? Aí eu faço é rir. Eu falei, eu te entendo vocês perfeitamente, porque se eu pudesse, eu também não trabalharia à noite. Eu não sei o que é ter uma semana, um semestre, um ano, sem trabalhar à noite? E cansa, e os cursos noturnos têm outra dinâmica, é outro alunado. A demanda é muito diferente. É um aluno cansado, já chega querendo dar pancada, você tem que gastar seu tempo de aula para acalmar o aluno, para segurar o aluno. Então assim, eu depois que eu vim para o IF, eu não tinha nenhum semestre sem aula à noite. Sabe, então assim você vê colegas articulando, sabe, se organizando e fazendo acordos, né? Para mim, ir à noite mata muito aula à noite. Então assim, você vê colegas que dão aula durante o dia, aí a hora que tá chegando 7 da noite, manda um aviso que está gripado, que não vai dar aula, então ele fica no curso aí o noturno. Então assim, além de todo esse desgaste que você ver, né? Eu, eu, eu tenho 93/2003, né, são 30 e tantos anos de noite, então assim eu quero minha noite. Para quê? Deixa eu ver minha novela, deixa eu ver muito tempo minha série, deixa eu deitar cedo, no dia que eu posso deitar cedo para mim é uma benção. Sabe, as festas que eu que tenho que ir, que eu vou, nossa, eu falo assim: eu gosto de ser a última chegar e a primeira a ir embora. Se eu puder, eu sair paradinho, então, assim, amo deitar cedo. Amo deitar, ligar a televisão e dormir com a televisão ligada, minha televisão do quarto é programada para desligar. É, então assim, amo deitar cedo, se eu puder, o dia que eu posso, que eu estou em casa, que não tem nada, eu falo assim dá 8 da noite eu estou indo dormir. Porque para mim é uma benção dormir cedo, então, assim eu fico vendo o povo falar: eu vou me aposentar, e fazer o quê? Eu falei, gente, eu vou fazer é nada, nada vou fazer nada, é esse o direito que eu tenho, sabe?

Pesquisadora: você deixou de viver algumas coisas na sua vida pessoal por causa do trabalho.

Cora Alice: UE. Eu acho que sim. Sim, porque, como você trabalha em dois lugares e depois que vim para o IF, mesmo trabalhando num lugar só, o serviço era muito, é muito mais, né? Porque talvez eu tenha feito lá em outro lugar. Muita carga horária. E há uma exigência muito grande da presença da gente, estar nas coisas, sabe? Tudo, eu acho que eu deixei, eu nunca brinco no meio familiar que eu só agora que estou conseguindo ter a minha casa que eu sempre trabalhei, acho que sempre ganhei razoavelmente bem, e eu não tinha minha própria casa. Não tinha tempo. Não tinha carro. E agora, e agora eu estou finalizando minha casa e esses dias eu brinquei e falei, nossa gente, mas eu queria tanto terminar minha casa antes de me aposentar, eu não tenho tempo, está na fase do acabamento e eu não tenho tempo para encontrar os acabamentos. Aí fui lá em uma loja aqui perto e falaram: arranja um arquiteto. Eu falei não, eu quero escolher a cor do piso da minha casa, gente, será que eu não tenho esse direito. Então assim, eu acho que eu perdi alguma coisa nesse sentido de ter as minhas coisas. De poderia ter até tipo minha própria casa, mas tempo. Sabe, é, eu estou andando de carro velho, porque eu acho que é por falta de tempo. Eu precisava, no mínimo, uma semana para ir comparar os acabamentos da minha casa, estou desde janeiro procurando essa semana e não aparece. Sabe, e demorei quantos anos para reformar minha casa. Não é para construir, para arrumar as coisas da minha chácara. Por isso, e aí eu fui fazendo isso, nem férias, nem sábado, domingo, né? E aí aparece assim que eu acho que eu não sei, eu vou ser sincero, eu tenho muito dó de quem está entrando na docência agora, não pela relação de sala de aula, porque eu acho que vai ficar pior. Você sabe que todo dia é um relatório que você tem que fazer, todo dia, não é? É um negócio que me deixa preocupada hoje, com relação ao docente é isso, é você tirar o seu tempo da

docência que você deveria e poderia estar tendo uma pesquisa, lendo o que foi publicado, preparando, escrevendo um trabalho, aí você tem que ficar, por conta dessas burocracias e tudo que você faz está dentro do sistema(SUAP) para que você precise provar. Outra coisa que eu questionei aqui quando terminou aquele relatório do ensino remoto, por exemplo, vocês fizeram isso aí, toda semana eu tinha que fazer. Fui cobrada, aí eu fui fazer. Meu chefe falou que não ia continuar aqui, eu fui passar do tempo, aí eu não fiz. Ne? Aí eu falei assim, para que eu tenho que fazer aquilo? Eu tenho os planos de trabalho, os planos de aula estavam assinados. Que tanta carta de navegação? O moodle que eu dei aula. O moodle tá tudo lá, no moodle, tá tudo em todos os lugares. O meu trabalho foi registrado no Q-ACADÊMICO, no SUAP, porque eu tinha que fazer plano toda semana para o coordenador assinar, estava moodle, e eu ainda tinha que fazer uma quarta comprovação. Ne? Aqui tem uma turma que fala esse retrabalho e realmente era trabalho, era trabalho, retrabalho. Não sei nem se esse termo é certo. É, mas é um trabalho. Eu não dou nem dei muita atenção porque aquela turma que fala demais sabe? Fala com a turma das palestras, do discurso, tudo virou discurso, mas eles têm razão, porque eu trabalhei 2 anos na pandemia, na minha casa, com a minha internet, com meu computador de madrugada, de noite, atendendo alunos, sábado, domingo. Aí tem 3 comprovações que eu dei aula. O quê? A documentação está toda no SUAP, de plano, de tudo, o moodle e ainda tem que fazer um relatório semanal. Eu não vou fazer isso não. Se quiser me punir por isso, puna, eu não vou. Sabe, não fiz. É? Aí depois do que passou da hora, eu resolvi fazer, o menino do RH disse que eu podia fazer, aí eu fui falar com a minha chefe, ela falou que não assinava porque tinha passado da hora. Ele tá ótimo. Eu não falei que assim: quando a gente tem que ter a coragem de transgredir umas coisas, né? Porque para que eu tenho que provar 4 vezes que eu trabalhei no ensino remoto. Agora, outra coisa que eu acho difícil que está só piorando, é você receber um e-mail no horário de almoço. É do sábado, domingo. Ne?

Pesquisadora: É, se for email ainda, tá bom? Pior mensagem de WhatsApp, né?

Cora Alice: É, e o WhatsApp é, fala aí, acesse. Às vezes você critica uma pessoa, sai do e-mail e vai para o WhatsApp. Eu falo, gente, não me manda nada sábado, domingo, pelo amor de Deus. Se você é um homem que não tem por roupa na máquina, pensar na geladeira que levanta 10 horas da manhã e resolve trabalhar, o problema é seu. Ne? Eu falei isso para um professor esses dias falei, eu não vou resolver problemas. Eu sábado, domingo. Ne? Eu vou ficar aqui, eu estou, eu vou, eu faço minhas 8 horas de trabalho, como professor, como coordenador ou não, tem que bater ponto. Mas não me manda áudio, meio dia eu estou fazendo almoço, não marque reunião meio-dia. Eu estava numa conversando um trem lá na reitoria que as reuniões eram tudo meio-dia. Eu saí e falei, eu não vou ficar nesse não. Ne? Eu não vou ficar. Agora em agosto eu já era coordenadora, eu assumi a coordenação em julho, só para você ver o tanto que essa pessoa não tem noção, eu estava lá na chave num domingo de manhã, era 10 horas da manhã, o celular buzinou. Era um professor, que queria saber que horas que me pediram o calendário acadêmico. Eu olhei assim dessa gente, um professor que já é antigo da escola, aí eu não respondi, quando foi segunda-feira de manhã, eu falei: eu só respondi assim, bom dia, professor. O calendário está no site. Sabe, então, assim, é detalhe, né? Eu gosto mesmo de não participar desses projetos de para quem está perto de se aposentar. Eu não estou sofrendo não. Eu queria um negócio que você perguntasse para mim hoje, se você gostaria de se aposentar amanhã. Você fala sim? Eu não sou, por isso, não sou porque eu acho que não ter que fazer nada me seduz também. Não é porque comecei a trabalhar com 19 anos, nunca parei. Sempre trabalhei cedo, tarde, noite e sempre, né? Isso me seduz muito aposentadoria. A gente sofre muito por

isso. Sabe, está cada vez virando uma questão muito mecânica, muito técnica. Daqui uns dias eu acho que vai chegar a um ponto que eu tenho muito medo disso, mas eu, a gente recebeu uma aula pronta e falar, você vai lá só, né? É? Só isso.

Cora Berenice: Divorciada do primeiro companheiro, atualmente casada, 61 anos, 3 filhos, possui Graduação em Letras (1997), Especialização em Linguística Textual e de Ensino (2000), Mestrado em Linguística e Língua Portuguesa (2003) e Doutorado em Letras e Linguística (2018). Atua principalmente nos cursos de Graduação nas disciplinas de Língua Portuguesa e Língua Inglesa no Instituto Federal Goiano e acumula 32 anos de docência.

Entrevista realizada no dia 11 de abril com duração de 2h28min

Pesquisador: Eu queria saber como foi seu trajeto de formação na carreira docente? Assim, aspectos que delinearam sua escolha pela profissão, elementos que você considera importante, que demonstram a sua percepção. Pode ficar à vontade, e parta do momento que você quiser.

Cora Berenice: Como professora. Bom, eu tinha 10 anos de idade, eu já dava aula para minhas coleguinhas. Tudo que eu aprendia a fazer, eu arrumava uma turminha para eu ensinar, então eu começava a pintar pano de prato, chamava as meninas, minhas colegas e ensinava para elas. Eu aprendi fazer a unha, eu chamava as minhas colegas e ensinava para elas, entendeu? Eu me lembro disso ainda. Muito menina, muito novinha. E a primeira vez que alguém me identificou como professora, eu devia ter talvez 15 anos, e eu já usava óculos e meu primo para me ofender, falou para mim, você tem cara de professora! E eu não me senti ofendida, sabe, muito pelo contrário, eu achei muito bom ele ter dito que eu tinha cara de professora. E eu acho que eu sempre fui assim, esse chamado assim, né, de gostar de estar conversando com as pessoas pensando, mostrando, argumentando, e aí foi quando eu fui fazer vestibular, ali, naquele momento, eu estava trabalhando num banco, tinha 15 anos, então ali eu falei ah não, não quero isso. Isso foi só um negócio de criança, tal. Eu quero outra coisa. Eu fiz vestibular para economia. Porque eu queria a filosofia, eu fiz vestibular lá na UFU, lá em Uberlândia e eu queria os pensadores e o único caminho que eu encontrei ali, naquele universo, ali onde eu estava, era se eu entrasse na economia. E aí eu poder estudar os grandes pensadores, né? E dei com a cara no muro, porque eles estavam abrindo uma...uma...é, senão não me leve assim, eu estou com a memória muito ruim. Às vezes as palavras estão escapando, mas estava abrindo um núcleo industrial, sabe, um distrito industrial. E aí eles começaram a dar mais ênfase na parte de gestão, de administração, etc...E eu fiquei muito decepcionada, porque não era o que eu queria. Eu odiava as aulas de administração, odiava as aulas de contabilidade e amava as aulas de sociologia e queria as aulas de história, tudo. E eu fiquei ali, fiquei uns 2 anos e meio no curso ainda. E veio um período de intensas greves, e aí eu larguei o curso, casei e fui embora. Fui para o Rio de Janeiro. E lá eu sempre gostei de arte. Eu comecei a pintar, desenhar e tudo. E acabou aqui como a Cora Coralina... Fui cuidar da vida de mãe, né? E acabou que assim fui descolando dessa questão acadêmica, mas nunca deixei de estar ali. Eu tinha um amigo muito querido que fazia, na ocasião, ele fazia economia na federal do Rio de Janeiro e eu ia muito nas aulas dele. Eu tive aula com grandes nomes da economia no Brasil, assim, pegando rabeira dele ali, né? Eu assistia as aulas junto com ele. Alguns nomes que depois vieram a ser embaixadores aqui no Brasil. Mas assistindo a aula junto com ele, não me animei a entrar. Um não tinha certeza naquele momento, era isso que eu queria. Andei ensaiando entrar na arquitetura, mas também não fui, mas fiz parte de alguns atelieres de arte. Eu fiz, pinteí junto com o povo lá e tudo. E aí começou a deslocar minha vida de novo. Eu saí de lá do Rio de Janeiro, fui acompanhar o marido para Belo Horizonte, depois para Ribeirão Preto. E lá chegando, já com o terceiro filho a caminho eu fui, então, a faculdade de educação artística e fui voltando de novo para essa questão da docência, né? De voltar esse olhar ali. E aí também não rolou, porque o curso, enquanto eu tive o bebê, eu precisei ficar um tempo fora da faculdade, eu fui lá fazer as provas no final do ano, mas aí eu precisei ficar um tempo fora e nisso o curso encerrou. Sabe, eu não tinha para onde voltar. Que era curso educação artística. Então fiquei um tempo fora ali de novo. Passaram-se alguns anos e eu muito inquieta em relação à questão de como que tava pipocando escolinhas, pelos bairros, né? As pessoas faziam ali um curso muito meia boca ali de pedagogia, magistério, não é? já dava direito a ensinar. Não era fazer um monte. É, e aí? Contratávamos moças. Ele abriu uma escolinha.

E nisso a minha filha, a caçula foi para uma dessas escolinhas que era ali perto, no bairro. E acontecer umas coisas que eu fiquei apavorada de ver. Assim, a falta de preparo daquelas pessoas ali lidando com isso. E então eu pensei, falei, eu vou fazer o seguinte, eu vou entrar para o sistema, porque se eu estou achando que tem alguma coisa que pode ser feita, não é olhando de fora que eu vou conseguir. E aí o estabelecia ali um projeto. Eu pensei, falei, eu vou fazer uma faculdade, fiquei entre pedagogia e letras. Para poder pensar a educação, aí vai daqui, vai dali. Eu achei que a minha afinidade assim para pedagogia não era tão grande. Achava que talvez eu pudesse contribuir mais, já no ensino fundamental. E aí eu fiz. E para minha surpresa, eu fui passando, passando e tal e fui fazendo. E entrei nessa faculdade no primeiro mês, me ofereceram um emprego. E eu fui fazer, eu fui lá para substituir uma professora. Mas eu nem sabia exatamente o que estava me esperando. O coordenador falou, eu quero que você vá lá fazer essa substituição lá. Eu acho que você tem capacidade, não sei o que lá. E eu fiquei pensando que era no terceiro ano primário, lá dos piticos. Sim. Só que eu cheguei lá na frente da escola, uma escola estadual e tal, eu falei, não, aqui não é ensino básico, né? Aí eu conversei com diretora e ela falou assim para mim, ó, eu acho que você deve ser muito boa, porque eu tenho muito respeito pelo Samir. E ele te mandou aqui. Você acabou de entrar na faculdade. Mas se ele acha que você tem condições, então vamos lá, aí que eu percebi que era o terceiro ano do ensino médio. No primeiro mês da faculdade? E aí eu comecei. E fui me apaixonando por aquilo. E era um frio na barriga tão grande que parecia que eu nem sei dizer aquilo assim, eu sempre uso como exemplo. Assim a minha foto da carteirinha da faculdade era uma foto tão feliz que você olhava para ela, para você, a pessoa que tá muito feliz, sabe? E aí terminou aquele período em julho. Em junho, teve 11 reuniões lá, confraternização e tal. E eu fui, para, naquele momento, agradecer a diretora, a confiança que ela teve em mim e tudo. E fui lá abraçá-la e tal. Ela falou: não sem ver várias meu. Você está. Você não vai, não, eu tenho aqui para te oferecer todos os primeiros anos. Mas, todas as turmas do... Você acabou de falar do povo da pedagogia que faz o... É o magistério. Magistério primeiro, segundo, terceiro e quarto magistério, mas 2 segundos... E eu fiquei muito. Não era pouca coisa, não. Era muita. Não muita coisa, né? Eu nem sabia, se aquilo era possível, né? Imagina, eu estava. Eu não tinha terminado o primeiro semestre da faculdade ainda, só que minha pilha era tamanha que eu estudava. A menina estudava, estudava, estudava aquilo. Para mim era uma coisa tão deliciosa, tão ao mesmo tempo assim dava um... Eu me lembro que eu chegava, eu descia no ponto de ônibus, assim, parece que o meu estômago grudava na minhas costas. Sabe aquela emoção assim que eu senti quando eu descia lá... E aí, hora que eu chegava lá, eu tinha mais ou menos a cara igual do povo, que era meus alunos, sabe? Porque eles também, já nem todos eram na idade adequada ali, né? Sim, era um colégio estadual, tudo. E eu fiquei lá nesse colégio 2 anos, sabe? E era. Era um negócio indescritível. Sabe a paixão que aquilo ali foi me dando. Eu tive então, a partir dessa experiência, outros convites que outros colégios, aí já colégios particulares foram fazendo. A pessoa chegava lá e falava assim para mim, ó, eu te ofereço todos os primeiros anos, todas as turmas de redação, é coisa que eu não dava nem conta, sabe? Assim, de pegar. E aí, assim, a sensação que eu tinha era que se eu nem dormi, se eu podia fazer ficar o dia inteiro fazendo aquilo que eu achava que era bom demais, eu confio desde pequena em nossa senhora, mas é aquele negócio tinha um negócio que aqueles alunos, meu Deus, até hoje assim. Eu tenho eles no meu, na minha vida até hoje, sabe assim. Eles me escrevem até hoje, assim que eu sigo a vida. E dali a coisa foi, eu cheguei então, terminei a faculdade, comecei, aí me chamaram para dar aula numa faculdade. Eu não tinha terminado a faculdade ainda e me chamaram para dar aula numas outras faculdades, né? E eu comecei a dar aula na faculdade antes de terminar a minha faculdade, sabe? E aí eu comecei logo a fazer, já entrei nas pós. Também e daí das pós já. E eram outras faculdades, me chamavam tudo. E era assim, ó, eu não. Não me sentia assim, nenhum momento assim... É como é que vamos falar assim que estava demais, sabe, eu era uma professora completamente feliz assim, tanto que foi uma dificuldade para minha filha caçula quando ela precisou fazer vestibular, porque o meu filho mais velho, ele tinha essa relação que eu tinha com a minha carreira. Ele tinha com a dele, ele fez geologia, então a gente conversava assim, você via que a gente engatava ali, que cada um era mais apaixonado naquilo e tal. E de repente, a gente olha para a minha filha e ela fala meu, não sei o que fazer. Eu não gosto de nada desse jeito, ela começava a chorar desesperada que ela falou, não quero

fazer nada. Eu não quero fazer nada, porque eu não gosto de nada. Eu gosto, você gosta? Eu não gosto de nada. Eu, meu filho gosta, eu não quero estar nesses lugares igual vocês querem estar nesses lugares, né? É, eu me lembro, você fala um negócio interessante assim, deabalada a ser ao trabalho, né? Eu me lembro um dia no mestrado, um professor virou, falou assim, hã, eu queria saber qual é o hobby de vocês, né? E não adianta vir falar que o hobby é ler que eu não aceito. Eu falei, então isso. Eu não sei, eu. Eu desculpa, eu falei assim, você está gravando, Não...mas era cinema, era leitura, era conversa, palestra, né? Não tinha outro, era isso. Eu amava isso. E amo até hoje. E aí, à medida que as coisas foram, a vida vai também piorando em outros aspectos, né? Daí me separei porque tudo isso também tem consequências, né? Você começa a viver num mundo assim que começa tipo a prova, né? Com prioridade e, enfim, e daí? Meus filhos foram crescendo. Na medida do possível, a gente foi tentando melhorar a vida de todo mundo, mas passamos por dificuldades bem grandes de dinheiro, enfim, e aí eu saí de Ribeirão Preto já e vim trabalhar em Goiás. Cheguei lá, fui trabalhar numa universidade, fui coordenar o curso lá, tal, e aconteceram alguns tropeços. Fiquei lá 4 anos muito bons mas é uma instituição confessional. E num dado momento entrou um pastor na direção da instituição e mudou completamente o viés da instituição. Na época não foi ruim porque todos nós éramos 11, nós saímos todos os 11, sabe? E muitos de nós prestamos concurso. Foi por isso que eu fui IF, né? Se não, eu nunca teria saído. Eu teria ficado na iniciativa privada para sempre, porque eu achava uma vida muito boa daquele jeito. Ali não teria nunca atentado que existia outro tipo de estar no mundo, não é? E foi muito ruim ter acontecido aquilo. Assim, do ponto de vista humano, das amizades, e eu estava morando na cidadezinha onde minha mãe mora, então eu estava perto dela e tudo. Daí vim para cá. As coisas tomaram uma outra formação, e eu vim para cá sozinha. Meus filhos moravam todos em São Paulo. Então, eu vim sozinha para cá, uma cidade muito pequena, muito rural. Eu, né? Com o modo de ver a vida muito diferente do meu jeito de ver um patriarcado assim. Eu falava que eu morava no pântano de Shrek. Sabe porque o machismo um trem sim, sem nosso negócio? No começo foi muito duro para mim. Então, o que tinha lá na minha cidade, nunca consegui aqui. Eu nunca tive aqui, por exemplo, a convivência que eu tinha com as pessoas lá. Aqui eu não consegui formar um grupo. Eu não consigo pertencer aqui a nada, sabe, eu faço parte de algumas comunidades assim, mas nada que eu possa dizer: nossa, se eu não for nesse negócio aí, vai ser duro, sabe? Eu saio, nem olho para trás, porque assim, não criou vínculos. Às vezes o pessoal assim teve uma época que até tinha alguns colegas aqui. Que às vezes a gente ia comer no final da noite, assim, depois que saía da escola, mas mesmo assim imagino, se mede uma pessoa que tinha o meu modo de vida chegar aqui, então vamos enumerar. Eu não bebo, eu não como carne, eu odeio música Sertaneja. Eu estou escapando só por um, viu? Né? Eu estou escapando só pela carne aí, mas nem mesmo negócio de, então, é música Sertaneja. Não, e às vezes as pessoas falavam assim: ah, vem para cá. Eu também estou como a gente está aqui no lugar tal, falou, gente, é pagar para me torturar, não vou, sabe? É pagar para ser torturado, né? Tipo isso era visto com antipatia assim por parte das colegas, dos colegas, né? Com eles, acabaram criando uma imagem de mim assim que eu sou metida, não é? Mas eu só sou quieta, sabe? Eu só não tenho afinidade nenhuma com esse tipo de coisa, não. E detalhe, né? Não tenho e não quero ter, né? O duro é isso, né? Porque? Sim. Eu não quero esse. Então eu consegui por uns tempos, eu antigamente a gente tinha aqueles DVDs, né? Então eu fazia meu próprio cinema, que eu tinha. Eu sempre tive muita música em casa, sempre tive minha biblioteca, até isso. Às vezes as pessoas achavam que era como é que fala a palavra que era? Antipático da minha parte, por eu ter meus próprios livros, sabe? Sim, eu não dependia de uma biblioteca que não é. As pessoas não se tocam do que que eu desisti na vida para ter a biblioteca que eu tenho, né? Sim. E sincera, eu sinto que isso ainda hoje é considerado, assim como a arrogância da minha parte. E aí sim, acaba que eu vou embora. É sem pormenor, dor e te garanto que assim não, não vai ter despedida, não vai ter festa, não vai ter nada, sabe? Porque durante um bom tempo assim, eu sempre sou muito afetuosa com as pessoas. Tinha umas 2 ou 3 colegas, sempre chegava algum colega novo. A gente fazia um jantar. A gente chamava para conversar. A gente recebia gente. Mas com o passar do tempo eu ia vendo assim que isso não significava muito para as pessoas, era, às vezes, muito comumente confundido com outras coisas, sabe? É que eu achava muito pouco agradáveis, né? Tipo eu solteira, uma colega solteira, gente

chamando as pessoas para jantar na nossa casa. Isso tinha um peso que era muito. Porque a cidade era muito calma, a cidade ainda estava com uma visão muito restrita das coisas, não é? Exato, né? Eles não conseguiam ver que era só uma pessoa sendo simpática. Não era uma pessoa, não é? Então, a gente parou aí. Sim, duas dessas colegas também foram embora para outras cidades? E a gente foi vendo assim, desfazendo os grupos bons que tinham aqui assim que ainda tinha maior afinidade. Por isso se desfazendo, as pessoas foram deixando a cidade, foram indo embora. E vai ficando nada e entrou uma administração assim, muito preocupada com coisas e nenhuma preocupação com pessoas. Então se assiste um adoecimento muito grande dos colegas. Eu mesmo passei por momentos muito difíceis. Para se ter uma ideia, o que é o campus que trabalho? Eu estou desde outubro, eu estou afastada. Em outubro eu operei, fiz uma cirurgia. Depois eu tive dois AVCs e eu estou em tratamento. Eu te desafio a dizer quantas pessoas me ligaram ou vieram aqui. Nem as pessoas que eram consideradas minhas amigas, ninguém. O que foi diretor aqui, ele esteve aqui no campus, agora está com uns 2 ou 3 meses e ele ficou sabendo. Ele me ligou. Ou seja, as pessoas sabem que eu estou passando por isso, porque falaram para ele, ele me ligou, né? Aí outro dia a diretora conversando comigo, ela me ligou para me cobrar alguma coisa assim, e eu falei para ela, eu falei, eu acho engraçado vocês, né? Você nunca me ligou para saber como é que eu estou, eu acho. Como é que eu tô? Quer saber se eu vou voltar ou não, não sei, sabe? Professora eu não sei, um.

Pesquisador: Eu como gestão de pessoas, vou te perguntar nem da parte da gestão de pessoas você teve esse apoio?

Cora Berenice: Ninguém, ninguém, ninguém, ninguém. Eu tenho um colega que eu sou amiga da mulher dele, então ela sempre me pergunta assim, alguma coisa? Mas ela nem é minha colega lá viu, eles já vieram aqui em casa 2 vezes desde outubro, sabe? Um. Mais ninguém. Ninguém. A diretora se justificou dizendo que se ela me ligasse, eu ia achar ruim, porque eu ia achar que ela estava me cobrando alguma coisa. Enfim, não, não é que eu vou achar ruim achar que você vai me cobrar alguma coisa que eu tenho certeza que você só me ligaria para cobrar alguma coisa, que ela nunca me ligou para nada mais. Por isso? Né? E se ligasse para cobrar alguma coisa também eu ia responder, não ia ter o menor problema. Eu não tô fazendo nada errado.

Pesquisador: Muitos anos de IF você tem de professora?

Cora Berenice: 15 anos.

Pesquisador: E de docência, contando com o seu tempo lá de quando você começou na primeira escola.

Cora Berenice: 32 anos assim registrado, né, né? Desde que registrado, agora de sala de aula, de inglês fora sem ser registrado, aí eu já tenho quase 40.

Pesquisador: Então você perdeu um pouco a doçura daquela professora quando iniciou, quando você estava inclusive na iniciativa privada onde você não tinha tantas garantias do servidor público você tinha mais doçura e prazer de estar naquele lugar do que hoje, enquanto servidora pública, hoje você está num lugar onde você não se encontrou?

Cora Berenice: Não estou lá porque é muito ruim. O ambiente laboral é muito ruim. E 15 anos são 15 anos no mesmo campo, você nunca procurou. No mesmo campus, você tem uma ideia, eu já fui, é, eu já fui vítima de assédio moral. Eu tenho um processo que as meninas comprovaram que eu fui vítima de assédio moral, elas me ofereceram para eu ir embora daqui. Só que aí eu estava entrando no doutorado, aí eu pensei, há, vou ficar 2 anos fora, 2 anos as coisas mudam tal. As coisas se acalmam, né? Mudam as pessoas, vão embora ou mudam? Ou as pessoas vão me adorar sem, né? Não sei assim, porque é só a gestão mudar. Uma implicância boba, tipo, é só porque eu respiro, não tem. Sabe, elas quando elas vieram aqui em loco e vira implicância que era assim, ó...Sem motivo aparente falar assim há, né? A professora relapsa que não entrega as coisas que falta, não, nada disso. Eu sempre entreguei minhas coisas a tempo e a hora. Sempre estive presente. Nunca faltei assim, exceto em momentos que foram.

Eu venho da iniciativa privada, o povo da iniciativa privada não tem esse cliente ficar faltando. É outra dinâmica, não é? Nada. Não, não é. E aí quando? É quando a gente olha para isso tudo assim, sabe? Eu fui desencantando, fui, coisas assim tão mesquinhos. Fui desencantando completamente, sabe assim, esse ambiente assim, para você ter uma ideia, a última coisa que aconteceu. Nós fizemos um projeto muito bacana aqui, junto aos professores de todas as áreas e é uma docência compartilhada, então a gente trabalha um tema. Cada um na sua área, a gente conversa com os alunos num projeto integrador, né? Fizemos um projeto integrador. De várias disciplinas juntas, assim, interdisciplinares. Assim, não sei a dela é, né? Meio, né? Sim. Aí a gente fez esse projeto e o tema desse projeto é era as relações interpessoais. Depois da pandemia, os prejuízos, etc. E o meu tema especificamente era o amor como estratégia de estar no mundo. Uma estratégia filosófica, né? Então eu trouxe a Bell Hooks discutir com os alunos sobre essa questão maravilhosa...como que é para além de religião. Para além dessa pieguice do que “eu te amo”, não de como isso é efetivamente. Um projeto que pode modificar as relações interpessoais e trocar, por exemplo, as estruturas do patriarcado. Já estruturas abusivas, né? Estruturas é, por exemplo, racista, estruturais. Então nessa linha eu fiz a minha palestra e tal. As pessoas fizeram discutir lá. E aí, minhas palavras sinais, eu peguei e falei, olha, eu acredito que é o momento de a gente expandir a nossa capacidade de amar o outro. Para as nossas práticas, o que deve incluir todos os seres vivos, o nosso planeta, porque o nosso planeta não suporta mais o modelo de exploração que aí está. Nós estamos vivendo um momento que a Terra não tem mais de onde tirar. Se nós não mudarmos o nosso modo de vida, nós não vamos ter mais vida. Nós não vamos ter mais água limpa, nós não vamos ter mais ar para respirar. Então, eu falei, a gente precisa se conscientizar de que precisamos comer menos carne, precisamos ter mais compaixão com os animais, precisamos desmatar menos. E, nesse sentido, a propaganda, ela é altamente enganosa, porque o agro não é pop. Como desmata, o agro eficiente. Você não acredita, eles criaram um grupo de ódio. Para me atacar. Meu Deus. Você não acredita que colegas no dia da avaliação da CPA ao entrar na sala de aula, na sala de outro professor para falar assim, hoje é dia de avaliação. Lembre-se, zero de cima abaixo para “Cora Berenice”. Veja, entende? Esse é um ambiente que a gente vive aqui, sendo que colegas tinham falado a mesma coisa, mas eu sou mulher, então eles não me dão o direito de falar. E aí veio para cima de mim com tudo. Eu falei, não é só você me dá o argumento, onde foi que eu falei alguma coisa que está errada? O agro não existia e nem envenena, você pode continuar comendo a quantidade de carne que você come, é isso? Se você achar que está certo, traga seus argumentos. E aí, como eu não sou melhor nem nada, eles queriam fazer discussões assim com todos. Falei, naninha um por um. Quer conversar comigo? Vem um por um. Sabe, porque vocês no grupo C são burros porque vocês são, vão dizer se vocês são os escravos do agro, vocês não percebem que vocês são aqueles a quem o agro vai explorar? Porque confundem agricultura com agro e são coisas vocês diferentes. Sabe? Oh, quando eu cheguei aqui eu vivi a seguinte situação, aberto, eu até gosto do camarada que eu vou te contar, o que ele fez comigo? Ele era coordenador do curso. E eu estava dando aula no curso que coordenava, na ocasião, que era agronomia. Aí chegou, me abordou ali perto da minha sala e falou assim para mim, você vai me entregar as suas notas? Era dezembro. Ainda esse ano eu falei, claro, já entreguei, já publiquei, né? Jamais se faria um trem desse, deixar uma nota para o ano que vem. Ficou doido, mas eu falei, falei, não, já publiquei, já tá tudo certo. Aí ele falou assim para mim, ah, esta é que esse curso seu é fácil né? Esses cursos facinho, assim, do 6. Meu Deus do céu. Esses cursos de letras e pedagogia, sim, né? Aí passou. Passou, quando foi um tempo depois, assim não muito, eu fiz a inscrição lá na pesquisa. E tinha colocado um aluno como que ia ter bolsa e outro voluntário, sabe? E ele sumiu. Os documentos do voluntário. E eu fiquei muito brava, eu cheguei lá e falei para ele, falei meu, está prejudicando meu aluno, sabe? Ele não vai poder entrar nem como já perdeu prazo, ele não vai poder entrar na pesquisa. E isso eu acho que você devia fazer alguma coisa para reparar isso. Este é outro professor e outro aluno na sala. Eu estava trabalhando com os meninos do ensino médio que chega lá para nós. São meninos que vem do estado assim, muito prejudicado. Eles não sabem escrever, não sabem ler e tudo aí nós vamos fazer o projeto juntos. Aí eu fiz. Eu só dei, assim, uma ajudada no projeto assim para eles. E o manteve ir lá na pesquisa aí veio, veio lá sim. Ah, o projeto não atende porque está mal escrito, que não sei que lá falei, não, beleza? Eu peguei o projeto e com

certeza escrevi. Mandeí, o projeto não atende porque tá bem escrito demais, não foi? Mas aí eu falei, o que está, mas essa não é a nossa transcrição, ela não vai completa. Não vou pegar os recortes e dentro dos recortes eu vou fazer os pontos mais principais e não vai ser sua fala. Não vai ser totalmente descrito, não pode ficar à vontade. É, falei não para ficar com ela, não quero. Eu fiz uma pesquisa com os alunos. Você está preocupado? Exigências deles para conhecer o tema. Pronto. Tchau. Não, não submeta. O próprio coordenador veio e falou assim para mim, aí, eu senti que naquele momento a gente estava te perdendo. Falei tava mesmo porque eu não preciso disso para viver. Sabe, eu não. Não, não vou me submeter a esse modo. Sabe, completamente descolado da realidade, sabe? Você quer ensinar o menino a pesquisar se eu tenho ensinando ele escrever junto com a pesquisa, ele não, ele não dá, conta. O que você quer que eu faço para ele? Tá ruim? Se eu não faço, para eles também tá ruim? Então o que você quer? Eu tinha respeitado a escrita deles para gente crescer juntos, porque eu tenho alunos que cresceram, que hoje publicam e que são pesquisadores de ponta, sabe? Eu, eu sou uma velha professora. Sabe, eu não sou uma iniciante que não sabe onde que eu vou, eu sei onde que eu vou levar meu aluno. Então acho que vocês tinham que acompanhar, não respeitou. Pode ficar tranquilo, não quero, mas eu tenho como fazer pesquisa em outros lugares e aí eu faço pesquisa com um grupo da Universidade Estadual da Bahia, do Instituto Federal de Goiás, né? Eu tenho pesquisas em outros lugares. Onde você é bem recebido, não é? Bem. Exatamente que me respeita. Que andam junto comigo. Ninguém precisa me colocar num pedestal, só me tratar igual colega.

Pesquisador: Nesses 15 anos, dentro do IF, desde quando você tomou posse no IF Goiano, sempre você sentiu isso ou teve um momento ali? Quando você, a gente passa a entrar em exercício. É, aliás, avaliações de estágios probatórios. Você sente dificuldade de avaliação dos colegas e das chefias nesse processo inicial da carreira? Ou naquele momento ali era tudo bem, tudo bom.

Cora Berenice: Assim, por conta de uma birra pessoal comigo, nunca aconteceu, sabe? Como minhas avaliações? Até um certo ponto, eram ótimos, porque os alunos sempre gostam muito de mim, então eu sempre tinha 90% de bom junto com ótimo, sabe, aí chega um certo ponto que as avaliações começaram a cair. O colega me contou que o outro bateu a mão na porta da sala dele para falar isso. A CPPD virou um lugar de vingança. Me disseram, então saí fora. Eu falei, eu não vou fazer parte de um órgão que não existe. E aí eu fui conversar com outros colegas. Eles falavam que eles não estão nem aí para a avaliação docente, porque é exatamente isso que eles acham, que é um órgão de vingança. Que a hora da onça beber água, que é professor vingando aluno e aluno vingando professor, isso na minha cabeça não entra. Sabe, não é isso que eu penso de escolas de educação. Sabe, eu tenho uma história. Sabe uma preocupação assim de condução de onde eu quero levar essas pessoas? Não é um trem que eu vou fazer porque um coordenador aqui, que é isso, outra ele quer aqui. Não eu sei onde é que eu vou. Eu tenho formação para isso. Sabe, eu tenho uma experiência. Pensa bem, quando eu entrei para esse universo, os meus primeiros anos, eu dei aula. Da quinta série até o quarto ano de letras. Porque eu queria saber como é que funcionava a cadeia inteira. Como é que uma coisa se encaixava na outra? Por que um professor lá no curso de letras estava aprendendo isso, sendo que o aluno lá na quinta série, não estava ligado? Não estava sendo conectado nessa realidade. Eu fiquei um pouco tempo, fiquei só, e foi um ano. Só que eu entrei numa quinta, sexta, sétima, e oitava, série. Para eu ver como é que funcionava e poder trazer isso para minha experiência, para o meu fazer, para minha prática, para minha reflexão, para as minhas leituras. Eu trabalhei anos na formação de professores, no curso de letras, na parte de estágio, na parte de discussão das políticas públicas, do que era que a gente podia esperar do aluno, mas também o que era na nossa formação ali, que podia impactar a vida desse aluno? Sabe, eu tive vários projetos assim, dos quais eu me orgulho imensamente, com o estágio para a sala de aula. Para uma escola estadual, e daí? Professoras, minhas alunas ficaram com os alunos fazendo poesia e eu lá, numa outra sala com outros colegas, a gente trabalhando com a vó, com a mãe, com a tia, fazendo poesia, com esse povo lá. Enquanto esperava o filho, o neto, o sobrinho lá na outra sala e a gente criando um mundo assim tão diverso, tão cheio de esperança para chegar aqui e encontrar esse bando de macho escroto aqui na minha frente.

Pesquisador: Porque você dá aula para vários, vamos entrar no contexto aí do campus que você trabalha, você dá aula para os cursos técnicos?

Cora Berenice: É? Nós somos do núcleo comum, né? Então a gente dá aula no núcleo comum, técnicos e a gente dá aula também no superior.

Pesquisador: Agora você me disse a palavra certa no núcleo comum que você está inserido. Tem quantas professoras mulheres? Quantos homens você sabe?

Cora Berenice: Há, não. Não sei mais não, nem conhecer o povo novo que entrou. Mas são poucas mulheres. Oh, eu até criei um grupo, deixa eu até te falar, mas eu criei esse. Depois eu coloquei no grupo de letras só para reunir as pessoas que davam aula nas línguas, né? Vamos pôr assim. Mas nunca ninguém acrescentou nada lá, não é? Eu te falo quantas pessoas eu coloquei lá, são as que estão lá porque eu pus. Alguns aí aqui, oh hum, tem um menino e o resto é mulher, 6 e outras por birra não entra, sabe? Picuinha ah nem mais é mais homem. É nesse núcleo comum. Não é mais mulher aqui, até as mulheres são machistas.

Pesquisador: Você me falou no começo que não vê a hora desse momento chegar. A porta da sala de aula fechar. Você já parou? Você já analisou tudo.

Cora Berenice: É, tem a ver, claro, mas tem outras coisas, é isso que eu acho que se eu fosse bancária, ia chegar no mesmo lugar. Eu penso isso, tendente a carreira. Eu acho que sim, no caso, eu acho que a porta da sala de aula, ela começa a fechar para mim. É aqui sabe? Nos primeiros anos a gente ainda se divertiu bastante porque, por exemplo, assim, não tinha tanta regrinha, tanto edital, não sei que lá, por exemplo, assim, eu estava aqui sozinha na cidade que moro. E até uma era uma professora de sociologia, e ela também veio sozinha para cá. Muitos colegas fizeram concurso para cá. Mas eles não tinham intenção de permanecer aqui, então eles fizeram concurso e já tiraram um mês de licença para ele mexer os pauzinhos que eles pretendem transferir para algum outro lugar. E era muito comum, eu e a outra professora ficávamos com os alunos a semana inteira. A gente estava lá mesmo e o aluno estava com aula vaga e a gente fazia uns lanches. Aquilo que era uma delícia, sabe? Assim eu tenho hoje colegas nossos que passaram no concurso lá. Que foi aluno nessa época, um dia até foi muito engraçado, porque eles resolveram comemorar com os professores quando fez 10 anos do curso de matemática e eu fui, mas eu te juro por Deus que não tava nem lembrando disso. E aí o colega? Que é hoje o professor lá, e ele virou, falou que queria um agradecimento especial para mim e para minha outra colega professora, que a gente chegava a dar comida para ele. Ele numa dureza danada e a gente escondida, deixava ele ficar na nossa sala e levava sanduíche e era umas aulas assim. Cumpridas, que não era obrigado a assistir, mas ninguém arredava o pé. A gente ficava lá com eles, né? Foi super bonito isso. Fiquei bem emocionada, porque nem me lembrei mais disso. Para mim era tão tranquilo, nunca falei ou ninguém está me pagando para fazer isso aqui, sabe, era tão assim, era um prazer tão grande, aquilo ali que, assim, entra uma administração ali que começa a exigir que você conte horinhas. Meu, falei não apela, eu passei um ano aqui dando todas as aulas à noite. Agora eu não posso tirar 2 dias para o casamento do meu filho? Desculpa aí, mas eu vou me deixar fazer o que você quer, amor, estou indo. Você entendeu? É isso. A gente começa a mergulhar nesse mundo assim de uma formalização assim, de uma, como é que fala assim de excesso de documentos? É uma burocracia completamente ruim, sabe? Eu cansei de falar: vocês estão matando um negócio aqui que é muito bom. Serviço, estão matando a excitação das pessoas de estarem aqui por conta de, sabem, ficar contando. Umas coisas que fazem sentido, ninguém vai cobrar nada disso se eu não fizer. É isso, então foi isso que aconteceu. Eu penso que talvez, nos 5 primeiros anos eu ainda tenha tido momentos bem legais aqui no IF, sabe tanto, que são os alunos dessa época que eu sigo até hoje que me seguem até hoje, que eu acompanhei a vida familiar. Depois desses 5 anos, eu não sei nem mais o nome dos alunos. Então, já se vão uns 10 anos aí, mais ou menos de cada vez mais de insatisfação, seria isso?

Pesquisador: Se você teve que mudar de campus e começar do zero, você acha que isso ia reavivar em você ou você acha que a carreira docente já deu, você quer partir mesmo, aposentar.

Cora Berenice: Dizer assim, eu quero hoje aposentar e fazer o que eu quero da minha vida. Eu já pensei em todos os jeitos, sabe? Tá com uns 2 anos mais ou menos. Eu fiz contato com vários Campus, tentando uma vaga para fazer uma transmutação daqui. Uma usei a palavra, enfim, fazer uma troca de eu ir para o campus, né? Ou permuta. Uma pergunta, porque eu sinceramente, se eu encontrasse um ambiente menos tóxico que aqui, eu queria continuar, porque eu adoro o que eu faço, sabe? Eu acho que cheguei num ponto assim que eu tenho uma deficiência muito grande com os meios eletrônicos. Eu não sei usar esse meet aí. Não sei usar uma linguagem, essa ou aquela outra e tal, mas o que eu aprendi a pensar? As estruturas de como organizar o pensamento, de como estudar com isso eu poderia contribuir demais. Ainda com os alunos, sabe? Eu não sei se ainda consigo conversar com os do ensino médio. Eu acho que tem que ter esse discernimento. Eu tinha que ir para as turmas. Eu tinha que ir para turmas, por exemplo, criar cursos para trabalhar com metodologia científica, pesquisa. Eu acho que se eu tive essa oportunidade, eu acho que eu tinha muito a contribuir, sabe? E que seja bom para eles, e bom para mim. Mas nessa burocracia, nesse estado de coisas, sabe? Não vai lá e dá 24 aulas para meninas que não quer nem saber, só acho que isso é uma velha pelancosa. Obrigado. Aí eu agradeço. Aí eu sinceramente tenho mais o que fazer na vida e tenho, viu? Eu tenho 8 netos, eu tenho 3 gatos. Então, sabe, é porque existe essa cultura da exploração do outro. Fica exploração da exploração que tanto é falado, não é? E é um negócio que eu acho que é inadmissível, porque nós deveríamos ser todos os colegas, né? Você vê ali umas borra-botas ali, querendo bancar você? São opressores para cima do colega, ou se você não sabe o que eu já passei naquele mar ali com qual é a junta médica? A junta médica também foi mal. Foi mal trabalhado. Sabe nosso outro dia a gente estava lá na sala e os colegas contando o que eles já passaram. Precisa ter uma ideia, no ano de 2000, o que não deveria, né? A junta está para ajudar o servidor. E diz: é no ano de 2018, 19. Não sei, eu participei de uma perícia lá e eu tinha tido no meio do meu doutorado, eu tive um problema seríssimo de pânico, ansiedade, nossa, e eu estava me sentindo muito mal e aí eu fui lá na perícia. A hora que eu cheguei, a minha pressão subiu muito, sabe a hora que auferiu a minha pressão estava 15 por 10, um negócio assim. E a médica vem me dar uma bronca, sabe? Virou e falou assim para mim: Você é só se chegar aqui que a sua pressão sobe, eu apertei, falei, será porque né? Será por que é só chegar aqui que a minha pressão sobe? Você é meu colega. Isso não está acima de mim. Você não é meu chefe, você não é a dona, vocês são apenas funcionários e tratam seus colegas desse jeito. A impressão que eu tenho é que vocês não têm mãe, porque não respeitam uma pessoa que tem cabelo branco. Que a vida inteira trabalhei educando o filho dos outros e eu tenho que chegar no final da minha carreira, enquanto a 3 mauricinho aqui, que não deram para ser médico lá fora e vem aqui bater de bacana para cima de quem está aqui doente precisando. Você entendeu? O psiquiatra me contou que saiu lá desse grupo, o cara que era paciente dele e tentou se matar e eles estavam acionando, eles legalmente. Por causa disso, porque o grau do tratamento, um colega nosso, ele tentou se matar aqui. Aí ele foi para a perícia, chegou ao perito, ver com ele. Você está pensando que você estava fazendo, você acredita? As instituições que são para cuidar do servidor, ela não acolhe no momento que a gente está pior, né? Porque é, ninguém queria estar lá, ninguém queria estar parando por uma perícia médica. O servidor está muito sobrecarregado, sabe? Apesar da fama de que a gente não faz nada, né? É quando eu trabalhava na iniciativa privada, eu dava aula. E quando eu era coordenadora, eu tinha uma carga muito pequena e eu ganhava muito bem para ser coordenadora. Entendido, então. A gente não se é obrigado a fazer de tal, se obriga. Enfim, né? Toda essa parte aí que a gente, essa burocracia infinita. Ne? E muitas vezes o seu superior te cobra que você faz um negócio. Impresso, e on-line, né? Fazer os 2, tá? Esse é um ponto que eu acho que é um desvio de função. Eu não sou. É, eu não fiz concurso para isso. Eu fiz concurso para dar aula. Isso é obrigado a fazer todas. Pensa, quantas comissões? Quantas? Como está? Né, que dá um trabalho danado. Quando eu parei lá atrás eram reuniões infinitas, comissões infinitas, relatórios infinitos, né? Lá atrás, quando eu dava aula na iniciativa privada, eu sempre relatava sobre os meus alunos. Imagina se eu tinha que fazer relatório sobre algum funcionamento de escola? Sabe, imagina se eu tinha que preencher alguma coisa que a Secretaria preencha e nós somos obrigados

a fazer tudo isso. Esse é um dado. Isso vai criar uma rispidez nas relações, porque todo mundo está muito sobrecarregado e todo mundo já vai ficar puto ali com o que vai sobrando ali, que não é do seu, do seu fazer isso. É um problema que é, lembra quando eu falei ali atrás que é uma questão de concepção, de administração? Ne? Do trabalho que explora, explora ao máximo. Não é sobrecarga de trabalho, desvio de função. Então, nesse ponto, e aí eu me lembrei agora que no ano de 2013 eu sofri uma fratura na vértebra. Eu caí sentada no banheiro aqui de casa. E aí eu estava, era no mês de maio. Se eu parasse, o médico deu atestado de 3 meses, mas se eu parasse os alunos nenhum terminariam. E muitos deles estavam dependendo daquela disciplina para se formar. Eu ia para escola num grau de dor, você não pode imaginar que aquilo era aquilo que eu estava de atestado. Só que eu não entreguei o atestado para eu poder terminar com eles, terminar de chegar ali eu me senti compromissada com eles, que era minha relação com aqueles alunos. Mas eu estava lembrando aqui enquanto estava falando do quanto a administração me tratou mal, do quanto eles abriram sindicâncias falando que eu não estava em condições laborais ou não estava mesmo, estava de atestado. Se eu simplesmente entregar o atestado, eu não ia estar nem aí, eu tinha que simplesmente parar igual todo mundo faz isso aqui. Aconteceu passou, né? Aquele ano ali, tal no final do ano, um colega me contou que ele estava concorrendo a um cargo lá, e ele me contou assim que rola, vai nas conversas quando estava com o povo do RH, contava com os colegas lá que eu era uma pessoa preguiçosa. Que eu fazia tudo para fugir do serviço. Eu te confesso que fiquei tão magoada com isso. Sabe que aí foi quando aconteceu aquilo que eu te falei que era o assédio moral, começou. E anos depois, a pessoa que desencadeou tudo isso, ela veio, me pediu desculpa, sabe, porque ela teve de falou assim para mim, É uma maldade mesmo. que ela reconhecia tal, mas aí é igual você jogar ***** no ventilador, sabe? E aí você perde, sabe? Eu vou te mostrar, eu vou te falar daí, se você quiser, você olha lá no instagram, tem um perfil lá que se chama lápis e quero tinta, você vai ver meus desenhos lá. Muito e ponto 30. Eu ia te perguntar isso, você tem alguma coisa, memória fotografias ou desenhos, ou diários de aula do tempo que você sentiu a docência que você amou, essa docência, ou que talvez você vai aposentar e vai dizer esse que eu vou guardar para sempre. Eu tenho os relatos, os meus alunos, essa semana mesmo eu compartilhei com uma menina. Ela foi minha aluna quando ela estava na oitava série. Ela é uma doula, sabe o que é uma doula, né? Ela é uma enfermeira obstétrica, uma mulher maravilhosa, uma figura incrível, tudo eu sigo ela e ela me segue sempre, desde sempre. Aí essa semana eu ouvi uma palestra sobre o você conhece a nova acrópole? Aí é uma, eu vou te mandar, é uma escola de filosofia. Eu amo uma filosofia. Minha tese foi filosofia. Aí a nova cópia acrópole fazem palestras em torno de alguns postulados filosóficos e essa era sobre o modo de ver a vida de Giordano Bruno. Aquele que foi queimado pelas suas ideias de teologia, né? Eu até pensei falar, escrevi lá assim, falei, eu ouvi isso aqui, lembrei de você. Mas não se sinta obrigada a assistir a palestra. Assistir é se você quiser é só isso eu lembrei de você. Aí ela pega, aí eu peguei e falei assim, eu estava ouvindo a palestra me lembrei de você, me lembrei de algumas coisas da nossa vida e de um momento em que eu dava palpite nas coisas para você ler. Ela fez um print, colocou lá no instagram dela falando aqui, essa foi a mulher que me ensinou a ler isso, lei isso, leis. Eu choro de ver. Sabe, então eu tenho esses que igual a esse outro, faz um livro de poesias, ele dedica para mim. Serve que foi meu aluno e quando eu estava na oitava, outro, sabe, estava no primeiro ano. São memórias que você tem diferença na vida dos seus alunos, né? Exato. Ele sempre fala isso lá, seguiu comigo as coisas que chegaram. Agora o Luizinho, ele, ele é médico hoje, né? E ele está com 2 bebês, um de 41, de 2 anos e aí ele a ele, como que eu faço? Preciso menino ler aí, que bonitinho. Sabe, aí a gente conversa e daí, sabe, nossa? Eu tinha uma relação com esses meninos.

Pesquisador: Têm até hoje?

Cora Berenice: sim. Sabe que não. Não está propriamente escrito porque esses negócios da rede social vão sumindo. Antigamente eu tinha uma caixa lotada de bilhetezinho, de coisa, de cartinha. Tinha uma que era boa demais. Meu Deus. Achava assim dando meu livro, sabe, aí o menino escreveu assim: É dia 23 de abril, será o meu inteiro. Por que vai ser o dia da prova? E eu vou tirar zero? Deus. Quando é disgrama estudantes, mas eu fazia isso perdendo meu livro, sabe aí, mas era. Eu vivia morrendo de rir

com esses meninos, tinha umas coisas que a gente, por exemplo, assim olha que são memórias que não estão escritas em nenhum lugar, mas, por exemplo, assim, lá em Ribeirão Preto tinha um café, que começaram a ter esses cafés que serviam café e tinham livro, né? E eu ia para lá com meus filhos à noite, né? Eles estavam ali naquela faixa de 2, 14 anos e apetite a Luiza com 89. A gente ia para lá e ficar um, fazia um lanche ficar lá com um café conversando. Aí passou um aluno com os pais. O pai despeja, vai lá. Aí passou outro menino aqui, você via assim lá para umas 9 da noite, já tinham 40 meninos lá, sabe? No café, as paredes do café cheinho de foto dos meus alunos comigo nessas paredes. Que delícia, que lindo. Aí, às vezes a gente falava assim, lá em Ribeirão tinha uma sessão de cinema na madrugada, sabe? Era meia-noite que começava aí, às vezes o Flávio, gente, vamos no cinema na sessão de meia-noite, aí ligavam para os pais, né? E os pais que toleravam a gente ia tudo cinema e um dia um filme mais tosco, que era um cachorro com Arnold Schwarzenegger, que era o sétimo dia, algo assim que ele lutava contra o demônio, sabe? E era bem tosco, porque ele usava uma arma para lutar contra o demônio, aparecia na igreja tal e aí então, de repente, né? Tá lá a sessão de cinema estava só a gente lá, devia ter umas 30 pessoas, mas tudo aluno meu ali, de várias séries diferentes, meus filhos juntos. E eles eram menores de idade, mas estavam comigo. Pai, autorizava. Então a gente entrava todo mundo aí de repente não é. Começa a estralar assim, dentro da igreja e um grito lá do fundo, assim Satanás. E você, o que é uma fala do chaves? Aí o outro grita lá do começo, não? Outro gato pensa quase morri de rir. Poxa. Porque além de tudo, né? Era uma coisa de quem assistir o chaves. Sim, sim. Ne? Que a gente compartilha essas bobeiças? Quer dizer, não está escrito em nenhum lugar, mas era. É só a gente encontrar aqueles que ficam puxando essas histórias. Puxou as conversas e vem as memórias, não é? É, sabe, quando eu mudei de Ribeirão Preto, quando eu chegava lá assim, aí eu falava, pô, eu falava para o outro e a gente saiu para comer e chegar a leste. Chega, menino, chega menino, né? Aí entrava aquela de repente. Tinha sim, 12, 14 ali, né? Eu falei assim ah não, gente, eu queria comer, nem lembrar o que é que eu falei que eu queria comer? O aluno de lá fala assim, ela tá achando que ela tá na Holanda, aí o outro grito de lá assim é daqui a um pouco vai querer ofender um turista. O outro grita lá da ponta ou faz um aborto e o outro grita lá...É, é sinal de quem lia de quem compartilhava texto se sabe disso Ai. Ei. Era maravilhoso. Isso é bom demais. É isso, louro um por é verdade, escrito mesmo.

Pesquisador: Porque eu quero te perguntar agora, a gente já caminhou um pouco aí, sobretudo as mudanças de legislação. Tem uma coisa aqui nessa minha estrutura que eu tinha feito mais ou menos. Se você pensa nessa parte, quando você pensa na aposentadoria, você pensa também, você já parou para pensar nas mudanças? Legislação, em qual você vai se encaixar, você se preocupa com isso?

Cora Berenice: Eu estou marcando com um advogado agora, até olhei aqui, chegou uma mensagem dele, lembra que eu te perguntei do estatuto do idoso e tem algumas coisas que, por conta da doença, eu acho que eu tenho direito. Eu ouvi de algumas fontes que eu tenho condições de me aposentar e receber o meu salário total, sabe? É por conta da doença e por conta das sequelas que eu tô, sabe? E eu estou com muita esperança que isso possa acontecer, então, eu estou nesse momento mesmo é investigando, me virando aqui para ver se eu consigo isso. Eu ouvi dizer, inclusive, que sua casa quitada sabe que tem algumas possibilidades aí, não é porque são poucos os direitos que nós já participamos, mas a gente precisa fazer valer os poucos que a gente já conseguiu, né?

Pesquisador: O que você vai fazer quando a porta da sala de aula fechar-se? Pensando nisso, você planeja esse momento hoje? Você vem planejando esse tempo?

Cora Berenice: Venho. Durante o período da pandemia eu me dediquei a aprender muita coisa sobre alimentação vegana, então eu fiz muita coisa, aprendi muita coisa. Eu já pensei em de repente, assim, criar alguma eu não consigo descolar do trem do professor, né? Eu tenho um grupo, sabe que se chama aprender a cerveja e a gente começar a criar um grupo de apoio físico, né? Que a gente possa aprender receita, trocar de repente. Agora é por uns tempos, eu vou ter que ficar mais perto dos meus pais e de tudo. Mas, por exemplo, assim, se eu fosse morar perto da minha filha que mora lá em Bertioga, eu tinha pensado até em montar uma barraquinha lá na praia, sabe? Não sei se você conhece Bertioga, mas

chegando lá no canal, tem uma espécie da feirinha que serve para vender minhas camisetas com meus passarinhos. As canequinhas, sabe, com umas comidinhas vegana ali, umas coisas assim, eu penso isso. Agora eu vou precisar de continuar, não sei como é que vai ser esse negócio do rendimento. Eu tenho uma despesa muito alta de farmácia, né? De plano de saúde. E eu já fiz muito e gosto bastante. Eu sou muito boa nisso que as de fazer revisões, sabe? Mas eu perdi a minha freguesia e eu tenho que construir outra, né? Assim, à medida que o tempo passa, as pessoas vão conseguir fazer isso sem precisar de um revisor, mas, por exemplo, assim, o preparador de texto, ele ainda é necessário.

Pesquisador: Até de tradução, também.

Cora Berenice: É o negócio da tradução. Hoje eles barra no seguinte, o meu filho e a minha nora são pesquisadores de ponta. Meu filho é da Unicamp. Ele publica em revistas de alto prestígio e tudo. Quando eles vão publicar, ele vai passar por uma tradução. Mas depois tem que passar por uma tradução de um nativo, que fica é uma Fortuna, é um carro popular, porque é cobrado em dólar. Um artigo, por páginas mesmo é que haja por letras. É também medido por página, por letras, né? É o artigo, por exemplo, um artigo ali de 15 páginas, ali, mais ou menos, vai ser ali 1000 reais sabe? E tem que ser um falante nativo, por mais não é igual a que eu aqui posso fazer para os meus colegas. Mas tem um marido, uma colega minha que nasceu lá, por mais que ele não tenha a esperteza da ciência, da pesquisa e tudo, ele nasceu lá, entendeu? Então assim, eu não tenho muitas ilusões assim de crescer muito, assim, nesse campo, sabe? Aí houve um tempo que eu fazia outro salário, só com revisão, sabe? Também tinha mais ânimo, né? Minha filha trabalhava a noite inteira e era pouco, né? Agora me dou conta. Então é isso. Eu estou trabalhando, assim espero, para esse campo aí. Eu acho que essa questão da alimentação, da saúde, é um campo bastante novo e eu acho que muito explorador.

Pesquisador: Você mora sozinha em Pires do Rio?

Cora Berenice: Meu marido e meus filhos moram todos em São Paulo. É o Bernardo, mora em Campinas, o Fernando mora em São Caetano do Sul, que é ali colado com São Paulo, né? Ali na. Não ABC, tudo. Para descer? É, a Luiza mora em Bertioga. São Caetano do Sul foi uma surpresa assim para mim, porque é o segundo IDH do país. Eu não sabia, menina, você tem que ver a qualidade das escolas públicas, do hospital público, da vida lá. Impressionante. Que legal. Serviço olha a escolinha dos meus netos, parece que tá numa escola particular de primeiro mundo aqui em Goiânia. E é público. Escola é pública. Nossa, acho que aí a gente vê como é que quando as políticas públicas, quando são bem empregadas, não é? É, não será que eu falei para eles esses dias? Porque eu estou muito endividada com aqueles consignados tudo, né? E ainda com essa possibilidade de ter uma queda bastante proeminência e no meu salário e tudo, eu falei para eles, foi isso é que eu vou fazer, eu vou vender minha casa e vou morar 10 dias na casa de cada um de vocês. Viver viajando aqui, vou viajar ali e aí dá tempo de você se esquecer de mim. É porque a gente não eu disse aqui a meu filho: eu vou fazer iguais esses artistas, sabe? Porque a moda dos atores é que não vai deixar nada para os filhos. Eles que lutem. Se você está pensando... a semana passada, eu conversei com eles, eles tinham seguro, sabe que eu paguei a vida inteira para eles. Aí falei, ó, eu vou cancelar o seguro, esse dinheiro tá me fazendo falta que não é pouco dinheiro que eu pagava. Vocês não precisam mais de mim. Se eu morrer hoje, vocês conseguem se virar, todo mundo é adulto, todo mundo tem carreira, família e parará. Então eu estou parando. Eles não beleza, mas pode cortar! Cortei. Não. Aí eu consegui o máximo. Disse que Bill Gates vai doar 99%, só vai ficar 1%, 1% dele para os filhos. Deve ser muito dinheiro também, né? Aí o lema é o seguinte: você tem que deixar o que der para seus filhos, o que der para eles fazerem alguma coisa e não para eles não fazerem nada. Eu digo de fato, por que a gente vai morrer? Trabalhar para deixar alguma coisa para não lutarem, não é? Eu comentei com a minha médica, eu diria que falei para ela esse negócio do seguro, né? Ela falou, nossa ótima ideia porque, diz ela, que ela paga um seguro caríssimo também, sabe? E ela falou, não, eu vou cancelar também, porque ela já está com 70 e poucos anos. Então os familiares que vêm para baixo dela não precisam mais. Ela pode usar esse dinheiro para outra coisa né? Eu acho que é por aí mesmo.

Pesquisador: Vou te perguntar se você sabe, que existem os programas de preparação para Aposentadoria? Participou então de algumas das que foram feitas.

Cora Berenice: Participei uma parte de previdência sim, é que tem muita coisa que às vezes a gente desanima, porque vai nos palestrantes. Então a gente já teve essa experiência sim, sim, sim. Poderia ser assim, de ficar a pessoa chegar lá e ficar com aquelas frases de internet, sabe? De motivação ... aí a gente sempre ocupada, sempre. Sim. Eu até comecei a assistir. Mas eu não consegui mais assistir, desanimei assim nos primeiros 15 minutos.

Cora Coralice: Casada, 59 anos, 2 filhas, possui Graduação em Letras Modernas Português/Inglês (1987), Especialista em Língua Inglesa (1998), Mestrado em Letras e Linguística (2014) e Doutora em Letras e Linguística (2021). Atua na disciplina de Português no Instituto Federal Goiano, nos cursos de Graduação e Ensino Médio Técnico e acumula 23 anos de docência.

Entrevista realizada dia 12 de maio com duração de 1h47min

Pesquisador: Conte como foi seu trajeto de formação na carreira docente: aspectos que delinearam escolha da profissão, elementos que você considera importantes e que demonstram a sua percepção.

Cora Coralice: É, na verdade, estou achando que você vai se decepcionar um pouco com as minhas respostas, com a minha entrevista. Primeiro, que eu não cogito a possibilidade de aposentadoria hoje. Se eu tiver do jeito que estou hoje, a gente vai falar disso depois. Deus me livre, quero nem saber. E segundo que eu não tive uma escolha, eu fui escolhida, né? Eu sempre morei em uma cidade com 20.000 habitantes. Teve uma fase da minha vida escolar, acho que sétimo, oitavo ano, eu tinha certeza de que eu era burra. Não é que eu não tinha condições de aprender mesmo, reprovei, apanhei. E falei: não, eu não nasci para isso. Já no ensino médio. Aí eu fui estudar com uma menina que ela é toda a vida teve uma mãe professora que a acompanhou muito. Ela falava assim: nossa, mas você é tão inteligente e tal. Aí ela: Eu comecei a acreditar naquilo e falei, eu devo ser mesmo a falar, nossa, ninguém te ensina, né? Bom, enfim, aí eu comecei a acreditar que eu poderia alguma coisa, e quando eu terminei o ensino médio, fiquei um ano sem estudar. E a minha mãe era semianalfabeta, meu pai também, né? Eles escreveram muito pouco, mas eram muito espertos, né? Assim, não é porque são meus pais, mas eles eram muito inteligentes. Minha mãe era de uma vivacidade impressionante. Aí ela falou assim: você vai fazer uma faculdade? Ela sempre forçou muito a barra para a gente estudar, né? Meu pai não queria e dizia: não vou ficar na roça sozinho. Ela falou: enquanto um filho meu quiser estudar, vai estudar. E quem fez aqui em casa foi só eu. Nós somos 7. Só eu e outro fizemos. Aí quando terminar lá, você vai fazer uma faculdade. Eu falei: eu não quero fazer essa faculdade aqui, eu quero ser veterinária, eu gosto de mexer com bicho. Ela falou: vai fazer sim, é melhor do que ficar à toa. Ela nem sabia o que era uma faculdade. Aí eu era manicure na época. Na época, eu tinha terminado o ensino médio, fiquei um ano à toa. Não lembro o que eu fiz durante esse um ano. Aí quando fui fazer, uma amiga minha falou: eu vou fazer uma faculdade aqui mesmo. Aqui em Ceres tem. Eu falei: então eu vou também. Aí ela falou assim: você vai fazer também e vamos fazer juntas, a inscrição, vamos. Aí ela falou assim: você vai fazer para letras ou pedagogia? Eu fui, não sei, estava indo a caminho, caminhando para inscrição. Não sei, ela falou assim: eu vou fazer para letras porque gosto de inglês. Eu falei, nossa, eu também adoro inglês. Eu tinha mania de ouvir as músicas e copiar, sabe? Ficar copiando. Aí eu falei, nossa, eu também adoro inglês, então eu também vou fazer para letras e fui. Fiz uma inscrição na época, fui muito bem classificada, né? Sai bem demais na prova, fui bem classificada e, enfim, comecei a faculdade. E daí, na mesma época mais ou menos eu fiz um concurso para saúde, para assistente administrativo, passei em primeiro lugar e fui chamada. Aí quando terminou a faculdade, eu já estava trabalhando nesse órgão da saúde como assistente administrativo e depois peguei um cargo de Gerente Administrativo. Acho que fiquei mais de 15 anos nesse cargo. Eu mexia com a parte financeira, com funcionário, trabalhando no RH e parte administrativa de compra de material e terminando a faculdade, passado mais ou menos 3 anos, surgiu um concurso para professora do estado. Aí minha mãe falou, você vai fazer? Falei, não vou fazer. Mãe, eu não vou fazer porque todo mundo fala que é política. Na época tinha muito isso, né? Sim, o concurso, não é? Que é indicação política. Não adianta fazer que eles colocam o que eles quiserem, mãe: não, mas você faz por experiência. Aí fiz o concurso. Na época, tinha uma vaga para professor de português, passei em quarto lugar. Só que os 2 primeiros eram os melhores da cidade, né? Até hoje. Um já morreu mais velho, a filha dele ainda atua, eles são de família de gente muito inteligente. Falei: ah mais um quarto lugar, não tem como ser chamado não. Aí eu lembro que fui passear em São Luís. Minha irmã morava em São Luís, no Maranhão, todas férias eu ia para lá passear. Aí eu estava na casa da minha

irmã e me chamaram porque eu tinha que vir porque eu tinha passado, ia ter minha vaga. Aí eu falei, aí eu pensei, se eu vou interromper minhas férias por causa disso, não vou não. Aí inventei para a diretora da escola que eu tinha machucado o pé, não ia conseguia vir. Não sei como isso funcionava. Na época, eu só sei que eu cheguei, a vaga estava me esperando. Aí eu fui colocada para trabalhar numa zona rural onde a gente ia numa kombi velha, que quebrava quase todo dia. Nesse episódio da zona rural foi meio traumático, porque era muito ruim de chegar. E umas situações que eu era muito infantil, muito novinha, um menino passou a caneta no nariz, falou que era sangue. Eu saí correndo com esse menino e era tinta de caneta, fez eu de palhaço. Aí, depois fechou essa escola da zona rural, eu fiquei trabalhando na escola chamada João XXIII de professora de português, não? Aí eu era apaixonada em inglês. Nunca tinha nem pensado em dar aula de português. E aí, com isso, eu me identifiquei com sala de aula. Já comecei a gostar, enfrentei muito problema porque eu era nova. Eu era quase a idade de muitos alunos, inclusive o meu primeiro namoradinho, foi dessa turma. Eu gostava, tinha muita dificuldade, mas eu me esforcei muito, estudava sozinha para dar aula. Fiquei nessa escola durante um período, só que na época a gente recebia assim, quando era líquido, eu pegava a carga horária mínima porque eu já tinha outro emprego do estado. Então eu já tinha. É como eu tinha carga horária mínima, eu participava um pouco de reuniões assim, negócio e tinha poucas aulas e recebia menos de um salário mínimo. Como no outro emprego na época, era bem valorizado funcionário do estado da saúde, vamos supor, devia ser uns 5 salários mínimos mais ou menos. Aí teve um tal de PDV que chama Programa de Demissão Voluntária. Eu pensei: gente, eu vou pegar esse dinheiro, eu vou pedir as contas, eu vou comprar uma moto. Aí eu pedi demissão do estado, né? Já sabia que é que eu estava fazendo assim, não sei se sabia. Na verdade, eu acho que estou pulando uma parte. Eu estava no estado e na saúde. Aí, uma diretora, eu tinha conseguido na época, fui para o intercâmbio nos Estados Unidos, pelo Rotary Club. intercâmbio de 90 dias. E eu amadureci muito nesse intercâmbio, principalmente na questão do inglês, da fluência. Assim, aí interior, imagina cidade do interior há 30 anos atrás, quem ia para os Estados Unidos é porque sabia falar inglês, né? E todo mundo queria que eu desse aula e eu já gostava muito de dar aula. Aí, a diretora da faculdade de Ceres me chamou para dar aula de inglês na faculdade. Tinha umas idosas lá que o pessoal já estava sendo ultrapassado, os alunos reclamando demais. Na faculdade, eu dava aula para o curso de letras, só tinha de graduação em que as coisas eram diferentes. Aí nesse período que eu estava nos 3 empregos. Na faculdade, na saúde e no João XXIII dando aula para o 7º e 8º ano. A faculdade tinha um colégio. A faculdade tinha a sede em Anápolis. Aí a diretora falou que estava gostando demais de mim na faculdade e tal, e me chamou para dar aula no colégio também, porque estava precisando de professor de português para sétimo e oitavo ano. Aí eu pensei, gente, não foi à toa que eu fui para o João XXIII, então agora aprendi dar aula, né? Eu vou conseguir dar aula para o colégio Álvaro de Melo. Aí fiquei com 4 empregos. Aí a diretora da faculdade incentivava a gente a fazer especialização. “Vocês têm que fazer porque precisa.” Na faculdade, começou a falar que seria importante, né? E tal. Aí eu não queria de jeito nenhum. Eu tinha muita preguiça de sair quando era coisa de trabalho. Eu gostaria de viajar só para passear, né? Aí uma colega minha que era muito amiga, falou assim, não, eu vou fazer se você não fosse, vai ficar para trás. E eu só. Para não ficar para trás, eu falei, então eu vou. Nós fomos parar na especialização na PUC de Belo Horizonte. A gente ia de ônibus, quase morri de tanto passar frio e pensa em julho? Aí eu casei em novembro, quando foi em janeiro teve o PDV. Aí eu pedi demissão do estado porque o salário do colégio e da faculdade era muito bom. E eu já tinha o da saúde que era bom, era estabilidade, né? Aí eu pedi demissão da educação saí do estado, larguei meu salário do estado, todo mundo disse: ah você é doida. Eu falei: não, eu tenho que tomar uma decisão. A saúde que eu gosto, né? Gostava do ambiente e tal, já estava, tinha estabilidade, então eu tinha um instável. Tinha particular, que não tinha estabilidade, né? Aí eu fiquei na saúde, no colégio Álvaro de Melo e na faculdade. Aí fiz uma especialização em Belo Horizonte. Na época, o pessoal falando por e-mail, a gente não sabia nem o que era isso. Nem que era professora, mandou fazer um trabalho que tinha que colocar a referência, não sabe nem do que se tratou, mas fiz feito, né? Enfim, conseguimos passar por essa especialização, especialização em inglês. Aí continuei na faculdade, nesse colégio Álvaro de Melo, aí no colégio eu fui pulando, mudei. Eu falo para a sétima, depois fui para o estado, depois passear. Depois eu fiquei dando

aula só para terceiro ano. Eu fiquei no ensino médio do colégio Álvaro de Melo, que era da associação evangélica aqui na faculdade da unievangélica. Aí, depois de alguns anos, a faculdade o curso letras foi saturando e fechou, encerrou. Eu fui coordenadora do curso letras durante uns 4, 5 anos. O salário era excelente, muito bom. Aí a faculdade fechou. Na época, eu recebi uma bolada, foi boa demais. Quase deu para construir minha casa. E eu fiquei, fiquei no colégio e na saúde nesse meio tempo eu e essa minha amiga que me chamou pra fazer especialização, abrimos um curso de inglês. Então, quer dizer, eu já era casada e já tinha filho, mas o que eu gostava mesmo era de dar aula. A gente abriu um curso de inglês, passou um tempo. Teve concurso para o IF. Aí eu estava na saúde, no Álvaro de Melo, tinha um curso de inglês e fiz concurso para o IF. Aí na época, essa minha amiga, que era a minha sócia, que tinha me incentivado a ir para Belo Horizonte, fez o concurso também. Nós preparamos uma aula juntas. Nunca vi isso, né? Para nós, sentamos juntas a noite inteira preparando aulas juntas, ela passou em primeiro lugar, com 9,7. Eu passei em segundo com 9,4. Eu nunca tive tanta raiva dela igual dessa vez. Aí eu fiquei a noite toda chateada por causa de 0,3. Meu sonho era esse IF. Aí meu marido falou assim de manhã, falou assim: nossa, mas ela é tão sua amiga. Estava numa escola particular que ela não tava aguentando mais. Você tem um emprego bom, você tem um emprego fixo, né? Como que você pode? Aí eu fui na casa dela e pedi perdão, que eu tinha esse sentimento horrível e resolvi no outro dia, eu tava pensando a mesma coisa de novo, que raio de 0,3? Fiquei lá. Essa fila lá do IF, né? Aí fiquei em segundo lugar, só tinha uma vaga. Só que o IF já era grande, né? Pensa 15 anos atrás já era grande e não tinha nenhum professor. Ela entrou e entrou, pegou todas as aulas de inglês e tinha uma professora de português. Eu fiquei nessa luta, aí passei 2 anos que ela esteve lá, quase 2 anos, perto de vencer o edital eles me chamaram para o IF. Aí eu era louca por essa escola de inglês, mas a gente gostava das aulas. Só que a escola não cresceu porque a gente não era empreendedora, não usava TikTok, não tinha Instagram, né? 15 anos atrás, não tinha essa mídia grátis. Então a escola não cresceu, era assim, um aluno indicava os irmãos, que indicava os primos e ficava nisso. Não é? Aí quando ela foi, quando eu fui chamado para a o IF, eu fechei a escola também, né? Que ela já estava meio afastada da minha sócia. E pedi demissão da saúde. Aí meu marido falou assim, nunca vi falar que alguém pede demissão para ganhar menos. Eu falei, eu estou ganhando menos agora, aí eu já tinha consciência, né, que era menos por enquanto. Sim. Aí fui para lá, eu nunca nem tinha cogitado a possibilidade de mestrado, porque na época, pelo menos há 15 anos, quem estava na rede particular não tem interesse nisso, né? Até hoje, porque assim... O retorno, né? Quase que não tem retorno. É? Aí quando eu entrei na escola, todo mundo falando, mestrado, doutorado e tal... Já entrei para dar aula de português e Inglês eu dava aula das duas. Eu pensei assim, meu Deus, como Deus, foi bom comigo. Se eu não tivesse tido essa experiência de português nos 2 colégios, como que eu ia dar aula de português agora para IF ensino médio? Aí eu peguei, aí eu peguei primeiro, segundo, terceiro, lá não me lembro mais porque hoje temos anos, já que só com o terceiro. Eu fiquei dando aula de inglês, de português, inglês, português, inglês, português. Aí fiquei só com o emprego de lá. Então, assim para mim foi vida, porque se eu não tinha vida, né, eu estava grávida. Eu Trabalhei cedo, à tarde, à noite. Eu não tinha um tempo para fazer uma caminhada, academia, nada. Por isso que hoje assim eu fico muito indignada com quem fala mal, assim, aí, mas como que a gente vai trabalhar? Você usa meu próprio notebook? Eu fico assim escandalizada, porque eu já sei o que é. Passei por outras dificuldades. Eu acho que a gente precisa entender. Tem dificuldade, mas somos muito privilegiados, né? Aí eu entrei no IF. E fiquei lá dando aula nesses níveis e tal, aí todo mundo mestrado, doutorado aí o rapaz que é diretor hoje era bem novinho, acabou de chegar na escola e o pessoal falou, olha o doutor mais novo do IF. Olhei para aquele menino, ele tinha 27 anos, falei: caramba, esse cara está com 27 anos, eu tenho 40 anos e eu não sei, não sei, nem sei o que é mestrado. Aí eu submetia um projeto de mestrado para a Rural do Rio de Janeiro. Eu fiz um projeto falando sobre o EJA. O Proeja. Meu projeto ficou faltando pouca coisa para ser aprovado. E nessa segunda vez, o projeto da minha amiga foi aprovado. Ela submeteu o projeto dela junto com o meu. Ela passou, e eu fiquei. Ela já tinha experiência, já conhecia, né, né? Eu chorei pra caramba. Aí depois passou mais ou menos um tempo. Uma outra amiga minha voltou, ela falou, não, eu vou te apresentar para a minha orientadora de mestrado na UFG. Ela é maravilhosa. Aí eu me inscrevi e tal. Ela me aceitou. Ela me

aceitou e eu comecei a fazer aula como aluno especial. Aí você pensa assim, né, passou, não passei. Aí não passei, fiz um semestre de aula especial, um semestre não, tinham uns 3 semestres de aula especial. Eu ia para a aula, eu pensei, meu Deus, aí alguém falou assim, não, isso aí. Quem falou Foucault, não. Quem falou Bakhtin, eu falei, pô, ficou...louco né? Como que ele sabe quem falou o quê? Aí eu não passei na primeira prova, chorei demais. Aí uma pessoa da minha região de Itapuranga. Ela é inteligentíssima, me deu apoio e falou: não, na próxima você passa aí. Realmente no próximo mestrado eu passei. E aí, mais uma vez, eu entendi os propósitos de Deus, porque se eu sou da área de línguas. Esse mestrado que eu fiz, o doutorado que eu fiz, tem muito mais relação com a minha área do que o que eu farei no Rio de Janeiro, mas incomparavelmente. E aí eu fiz o mestrado, primeiro artigo que eu fiz foi um escândalo, né? Orientadora, ela é muito brava. Ela rabiscou meu artigo, tudo. E fiz de novo, né? Não tirei a nota abaixo da média, fiz de novo. Aí está, é bom, enfim. Aí defendi o mestrado. E continuei na sala de aula e no mestrado. Eu acho que foi um divisor de águas na minha vida, muito mais que o doutorado. Para mim como profissional, como professora, foi realmente um divisor de águas. Eu me transformei como profissional e como pessoa. É assim que de autoestima e tudo. E aí, no mestrado eu mudei muita qualidade das minhas aulas, aí eu apaixonei pelo português porque meu mestrado era de português. Aí eu não estava querendo mais dar aula de inglês, né? Eu estava querendo deixar esse lado inglês e fui escorregando daqui. Eu fui ficando com o português. Aí, um ano depois, eu terminei o mestrado, todo mundo lá, você vai entrar direto. Enfim, não quis. Aí, acho que eu descansei um ano, dois. Aí fiz o projeto de doutorado, minha última turma, que teve prova escrita para o doutorado na UFG foi a mim. Hoje em dia é só projeto. Aí eu fui, é, passei no doutorado, terminei o doutorado, tem 2 anos e hoje estou em sala de aula. Eu estou no terceiro ano do ensino médio, só com português. Aí fique uma apaixonada, né? Com os resultados no ENEM dos meninos, até o pessoal falar: não pode ficar só com a mesma turma. Mas na nossa área, a gente tem a distribuição de aula bacana, que atende quem tá na área. Fulano gosta mais disso, fica com isso, a nosso próprio representante de área nos divide, sabe? E eu gosto, sim, horrores, sou apaixonada e eu entro para sala de aula, depois que entro ali, eu posso ter o problema que tiver a hora que eu entro ali, tiro ele da minha vida, sabe? Gosto demais, então por isso que eu falei esse negócio de aposentadoria, eu não vou querer responder não (risadas). Até há pouco, há pouco tempo, um colega que chegou de lá era da Paraíba. Aí vai daqui, vai dali, comissão, o povo fica socando a realizar as comissões de tudo. Aí ele falou um dia: você tem quanto tempo de IF? Eu falei assim: não sei se era 13, 14 anos. Ele falou: isso tudo e você ainda gosta de trabalhar? Falei: você está louco? Você acha que eu vou sair daqui quando eu tiver tantos anos de IF? Que não vou trabalhar mais? Sou apaixonada, não quero parar de trabalhar não, tá doido? Aí decidi. E eu sim, diferente do que você falou também. Eu até anotei aqui quando você falou assim, às vezes a gente tem que se preparar porque perde a vida social, né? Senão, fica mais restrito. Aquilo ali também, não é meu caso, sabe assim? Eu sou igual hoje. Até que tive que fazer um exame de mamás. Hoje eu vou apreensiva porque penso assim: um resultado negativo acabou na vida da gente, não é? Então eu tenho muito medo assim. Eu já tive suspeito 2 vezes, não deu nada, mas enfim, eu tenho a vida social, assim, eu não vou me vangloriando. Eu gosto muito de viver, adoro sair, meu marido até estressa falando assim: tudo você quer ir, eu falo: eu quero ir a tudo, tudo. As minhas meninas moram fora, então, assim, a gente... Ó...

Pesquisador: Você pensa na aposentadoria?

Cora Coralice: Eu não costumo, assim, me vislumbrar. É por isso que eu, nem quando falam alguma coisa, vai ter reunião sobre não sei o quê de aposentadoria, eu delete, sabe? Assim eu criei um casulo aqui, tipo assim, aqui eu entrei daqui ninguém me tira e eu falo, eu brinco com as meninas, eu falo: gente, quando eu fiquei no mestrado eu fiquei 2 anos sem dar aula. Eu saí aqui, eu ia na escola, na rua, em algum lugar que eu não via nenhum aluno me gritando onde ir. Assim, isso me faz uma falta tremenda. Porque assim, eu me sinto assim. Eu me sinto assim, se eu sinto que tenho um relacionamento de amor assim, de carinho, muito recíproco entre os alunos e eu, sabe assim, eu brinco, dou pitaco na vida deles, quando vejo que tem um fumando cigarro eu vou lá e falo que não é bom, não vai fazer bem. Posso ter um relacionamento bacana e mostro e falo para eles, assim, deixa claro que se vai faltar na

aula e vou passar o nome de vocês na coordenação já aviso no primeiro dia, porque se fosse minha filha, eu queria que fizesse isso, então, eu também vou fazer isso com vocês. Eu não, não sou amigo, eu só gosto dos meninos, eles gostam de mim, mas eles sabem que eu, se tiver de reprovar, se tiver que ficar de recuperação, se precisar na sala, eu vou levar a sério.

Pesquisador: Se no auge da sua carreira de vida pessoal e profissional, acontecesse algo que fizesse você parar de trabalhar e tivesse como única alternativa APOSENTAR, qual sentimento você teria? Estaria preparada para essa ruptura?

Cora Coralice: É, eu já ouvi algumas coisas sobre esse tipo de aposentadoria por invalidez ou pensão, que teve perdas, né? Irreparáveis eu acho.

Pesquisadora: O que você sabe sobre os Programas de Preparação para Aposentadoria - PPA?

Cora Coralice: Aqui no campus já teve alguns encontros. Eu já vi o pessoal divulgando. É importante. Pesquisador: Eu acho que o diretor daí ele fez agora em março um encontro aí? Ceres tem bastante gente. Eu acho que já tem tempo, idade. Ele disse que principalmente, dos técnicos administrativos, acho que da classe A, B, e C, ele diz que tem bastante e que eles nem sabem assim as regras, como é que aposenta. O valor que vai ficar a aposentadoria.

Cora Coralice: Nossa, eu lembro quando eu pedi demissão da saúde "Quando eu saí da rede particular, o pessoal tentando, não dá para você conciliar e tal. Na saúde, eu tinha um cargo assim, muita responsabilidade. Eu era ativa e nem perguntar porque simplesmente eu mandei o requerimento, eles deferiram e pronto. É nesse caso, eu acredito muito assim na direção de Deus, porque a minha mãe praticamente me forçou, né? E hoje? Pensa?

Pesquisadora: Você sabia que existiam os programas de preparação para Aposentadoria?

Cora Coralice: Sim. Eu sabia. É porque tem tempo, porque o pessoal posta no grupo do WhatsApp, manda e-mail, né? Já tiveram reuniões aqui.

Pesquisadora: Que bom, agora eu vou fazer uma pergunta para a gente finalizar, tá? O que fazer quando a porta da sala de aula fechar? Você pensa nisso?

Entrevistado: Fechar a porta na sala de aula no sentido de encerrar o ciclo docente? Eu não penso. É, igual você falou: minha mãe um dia disse você vai fazer o quê quando se aposentar? Eu falei: nem quer saber disso não. Mas assim, hoje agora você falando, eu também pensei eu sei que eu preciso pensar, porque um dia até a psicóloga da minha filha falou para mim, ela falou: ei, você está animado, tem que começar a pensar na época. De repente, assim o corpo não vai acompanhando a mente mais e eu, ferro na academia e o filho, como se isso fosse possível. Eu tenho uma certa negação em relação a velhice. Eu tenho muita dificuldade em relação à limitação. Né? Mas eu sei que assim vai acontecer. Hoje eu não penso nessa possibilidade mesmo, sabe? Eu não quero nem saber de aposentar. Quero aposentar quando eu sinto que não estou mais conseguindo atender aos objetivos que minha aula, não teve boa, né? Ela falou assim, pode deixar que eu vou me encarregar de te avisar, falar assim, oh, os alunos nem vão parar de elogiar, tudo bem, mas quando ele começa a falar. Ele parou de elogiar, tudo bem, mas quando ele começar a falar mal, eu vou te falar onde nós chegarmos. Não é, mas assim, hoje eu não penso. Mesmo assim, eu sei que eu tenho que me preocupar com essa questão, tanto a financeira. Eu falo para o meu marido quando me aposentar, eu vou ser voluntária. Tá fazendo trabalho voluntário na creche ou dar aulas, ele fala: ah, não pelo amor de Deus. Você deve ser doida. Mas eu penso isso sim, não agora, né? Mas quando eu vislumbro, lá no cantinho da minha mente, eu penso que talvez pode ser que eu nem queira, mas eu penso que eu quero fazer um trabalho de produção textual com criança em fase inicial. Eu gosto muito de criança, né? Isso aí, assim, alguma coisa voluntária mesmo. Eu, por exemplo, o RH, deve ter falado para mim, devo ter um ano e meio mais ou menos que ele falou que daqui a 3 anos e meio, você aposenta com menos perdas, né? Você não pode, poderia aposentar agora

se quisesse, porque eu fiz uma averbação. Pois é, mas eu averbei, aí o pessoal falou que eu era melhor se eu tivesse continuado pagando o INSS para ter outra aposentadoria? Só que eu até 2, né? Mas eu, sabe o que eu pensei? Eu pensei assim, gente, eu vou pagar, pegar do meu salário hoje, que eu estou apertada, tem 2 filhas estudando fora e vou pagar uma aposentadoria que eu nem sei se vou estar vivo para usufruir. Vou não. Mas o meu salário, o meu salário da Uni Evangélica, ele é bem alto. Você ter uma ideia em 97 que eu casei, 15 anos atrás, quando eu saí do IF, eu saí da uni evangélica. Foram 12 anos de trabalho. Na época eu cheguei quase 40.000 reais de acerto. Era tipo assim, eu ganhava como fosse hoje eu devia ganhasse uns 8.000. Eu fiquei sendo coordenadora do curso de letras durante muitos anos. Eu pedi na época, eu já tinha passado quase 3 anos que eu devo ter pedido. Sim, gente. Aí eu recebi 20 e poucos mil, e ainda tem mais de 20 mil para receber porque era do ano anterior. Não consegui receber. É pagamento retroativo, né? Eu gosto mais de viajar. E quando você fala, por exemplo, da aposentadoria, também, aí eu sim, eu me recuso, né? Eu sou daquelas mulheres que não gosto de falar minha idade. Eu fico caladinha e eu cuido muito da saúde física, não porque eu gosto, não é igual. Falo, falei por pessoal na academia essa semana. Ele falou assim, Cora Coralice esse é o exercício que você gosta, né? Eu falei não meu filho, nessa academia eu não gosto nem de você. Não gosto de nada, eu só gosto porque eu saio daqui com a missão cumprida e eu me sinto bem fisicamente, mas assim eu sou super disciplinada, coisa que eu não era antigamente, sabe? Então eu tenho muita essa preocupação e hoje assim eu, né? Eu acho que é importante falar isso. Eu estou com muitos outros propósitos. Eu sinto assim, gosto muito do ensino médio. Aí cheguei num ponto que eu senti assim, eu fico tão focada nas meninas do médio, e eu envolvo consumindo a formatura e no com o Enem, com simulado. Aí eu fico muito ali naquele meio, né? Eu falei, agora eu quero abrir mais, eu quero. Você me chama para qualquer atividade que não seja remunerada porque uma atividade remunerada, as pessoas estão crescendo. Olhe para uma forma que você só assume um cargo que você já tem. Aí eu falo assim, só de você assumir um cargo assim que eu tenho para ser relacionamento bacana e parece que a pessoa já te olha assim, como se fosse um inimigo, né? Eu nunca quis. Aí do ano passado pra cá, eu acho que talvez isso seja uma meio que uma fuga, né? Com medo da idade, aí eu falei, não quero fazer coisa diferente. Aí o ano passado, eles me deixaram responsável pela feira de ciências, aí eu peguei feira, abertura da feira. Aí eu fiz a abertura da feira com os meus alunos, tudo só falando do Centenário da semana de Arte Moderna. Foi super legal, gostei. Depois teve um evento da mulher. Nesse ano eu participo como redatora da carta aberta. Gostei também. Aí comecei a me envolver com a Semana do Meio Ambiente. Eu quero assim expandir, né? Porque assim em todo mundo eu sei que o médio é importante. Vou deixar meus meninos, mas já foram propostos mais projetos. Pibic, sabe, eu estou, estou mais envolvida com outras atividades assim e eu tenho, né? Eu me sinto bem relacionada com esses projetos paralelos, né? É, eu estou assim, gostando de, sabe, inclusive, esse ano eu peguei a presidência no NAIF.

Pesquisadora: Para finalizar, você tem quantos filhos?

Cora Coralice: Eu tenho 2, tenho uma de 18, uma de 22. E aí todos 2 são fora de Ceres. É uma mora em Rio Verde, faz medicina, a outra mora em Uberlândia, faz física médica.

ANEXOS

ANEXO A – Recorte do livro *Pesquisa (que) conta: sentidos e significados construídos em um grupo de estudo*.

GRUPES/UFRRJ

Grupo de Pesquisa Espaço de Saberes

Organizado por:

Maria de Fátima Lucimara Santos Nóbrega

A Pesquisa (Que) conta :

Sentidos e significados construídos em
um grupo de estudos



Mensagens ao Mar

Brasil, inverno de 2023

Estimada Jean Clandinin e estimado Connelly,

Espero que esta mensagem chegue até vocês e os encontre bem e com saúde

Não nos conhecemos, mas minha admiração por vocês ultrapassa as razões e os continentes e faz pouso nessa mensagem

Escrevo para dar boas notícias do mundo de cá

De cá, estamos no final do inverno, os ipês fazem florada nos nossos caminhos. De cá o Brasil volta a ter olhos para a pesquisa acadêmica e isso nos anima a seguir com nossos estudos e projetos.

De cá, o livro de vocês 'PESQUISA NARRATIVA: EXPERIÊNCIA E HISTÓRIA EM PESQUISA QUALITATIVA' foi adubo em uma terra árida que outrora era escavada pelas professoras Adriana Alves, Luiza Alves e Juaciara Barrozo, que são coordenadoras do Grupo de Pesquisa Espaço de Saberes (GRUPES) da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, a UFRRJ.

Nós - permito-me ser a remetente em nome do coletivo -, estudantes de vários lugares deste Brasil tão continental, queremos dizer a vocês que o adubo, sob o sol latino, fez germinar no GRUPES uma linda árvore - um livro. Ele se chama: 'A PESQUISA QUE CONTA SENTIDOS E SIGNIFICADOS CONSTRUÍDOS EM UM GRUPO DE ESTUDOS'.

Tão logo o vento arraste essa mensagem pelo oceano e cruze as Américas, suas raízes estacarão os solos das bibliotecas acadêmicas das instituições editoriais. Será publicado em parceria com duas instituições de ensino: a Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ) e o Instituto Federal de Ciência e Tecnologia Goiano (IF Goiano).

Antes de finalizar, gostaria de pedir, perdoe -me a ousadia e considerem o afeto e o respeito que temos a vocês, que permitam-nos publicar, na página de abertura do novo livro, uma pequena mensagem, escrita por vocês, para os leitores que porventura alimentem a curiosidade de ler e conhecer sobre como foi estudar o livro que vocês escreveram. Essa mensagem seria direcionada aos que, como nós, tenham interesse em estudar a pesquisa narrativa como fonte de pesquisa qualitativa.


Por fim, gostaria de que soubessem que tudo valeu a pena. Todos os esforços empreendidos por vocês, desde o Congresso nas Filipinas, onde tudo começou, atravessaram continentes e enraizaram saberes na pesquisa social, especialmente em educação.

Sei que estou a pedir muito, mas vejam o que podem fazer.

Com carinho, admiração e respeito.

Ass. Lucimara Santos Nobrega
Organizadora, Mestranda e porta-voz do GRUPES.



 FONTE DA IMAGEM:
UDESC (Universidade do Estado de Santa Catarina)

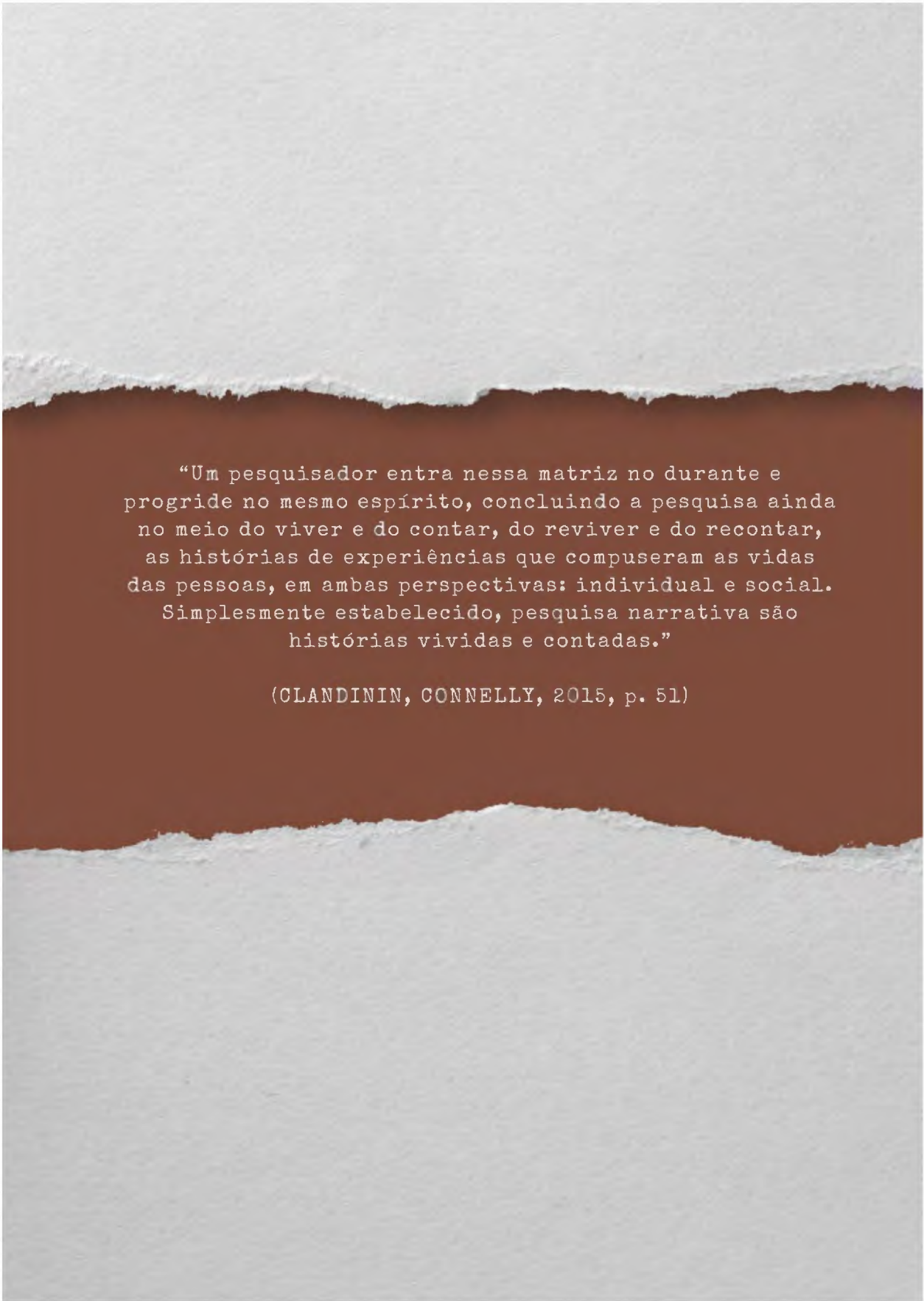


**Aprender?
Certamente, mas,
primeiro, viver e
aprender pela
vida, na vida.**

John Dewey



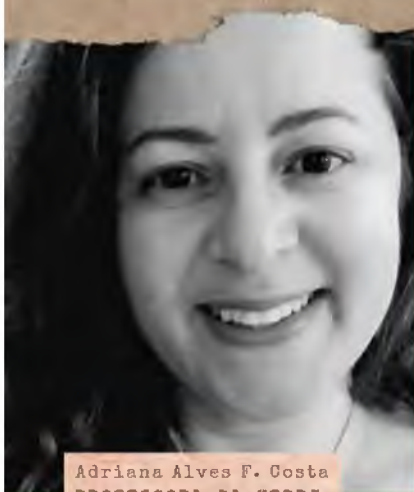
Fonte:
<https://ensinareeducar.com.br/2020/09/11/john-dewey/> acessado em 11 de junho de 2023.



“Um pesquisador entra nessa matriz no durante e progride no mesmo espírito, concluindo a pesquisa ainda no meio do viver e do contar, do reviver e do recontar, as histórias de experiências que compuseram as vidas das pessoas, em ambas perspectivas: individual e social. Simplesmente estabelecido, pesquisa narrativa são histórias vividas e contadas.”

(CLANDININ, CONNELLY, 2015, p. 51)

Por elas Entre páginas e linhas, escritoras!



Adriana Alves F. Costa
PROFESSORA DA UFRJ



Juaciara Barrozo Gomes
PROFESSORA DA UFRJ



Luiza Alves de Oliveira
PROFESSORA DA UFRJ

Histórias estão reunidas no livro

A docência que conta: narrativas de isolamento social

POR MICHELLE CARNEIRO, CCS/UFRJ.



Nos meses iniciais da pandemia de Covid-19, professores de diversas instituições de ensino superior foram convidados a escreverem sobre suas experiências pessoais e profissionais naquele período. O convite veio das professoras do

Departamento de Teoria e Planejamento de Ensino do Instituto de Educação da UFRJ, Luiza Alves de Oliveira, Juaciara Barrozo Gomes e Adriana Alves Fernandes Costa, que fazem pesquisa narrativa e integram o Grupo de Pesquisa Espaço de Saberes (GRUPES). O resultado é o livro “A docência (que) conta: narrativas de isolamento social”, organizado pelas docentes e lançado pela Pedro & João Editores.

A publicação, que está disponível para download gratuito no site da editora, aproxima os leitores do ofício docente e dos homens e mulheres que o exercem. “Pretendemos compartilhar com os leitores uma outra conformação de exercer a docência, de maneira que, através da singularidade de cada narrativa, se possa perceber a forma como esses professores se colocam no mundo e diante dele. É isso que revelam os textos que compõem a obra: uma docência muito mais bela, estética e humana”, explicam as organizadoras, em entrevista concedida por e-mail.

Atualmente, as organizadoras trabalham em outros dois livros: um com narrativa de crianças e outro, com docentes da Educação Básica [aqui](#)

Para ler:

“A docência (que) conta: narrativas de isolamento social” [clique aqui](#)

Fonte:

<https://coronavirus.ufrj.br/professoras-universitarias-compartilham-suas-vivencias-na-pandemia/>

Apresentação

Mais do que "estórias"...narrativas.

Este caderno me veio como principal instrumento de registro, captação e experiência no Grupo de Estudo Espaço de Saberes – GRUPES. O GRUPES é formado por estudantes, de vários níveis de formação e Programas de Pós-Graduação, ligados a Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro– UFRRJ, e coordenado pelas professoras Adriana Alves F. Costa, Juaciara Barrozo Gomes e Luíza Alves de Oliveira, que guiam nossos pensamentos e nos ajudam a construir e reconstruir novas paisagens de saberes.

Em Nossos encontros, ecoaram nossas vozes, na presença de ilustres visitas como: John Dewey, Lulu Santos, Jorge Larrossa, Paulo Freire, Fagner, Walter Benjamin, Elza Soares, Conceição Evaristo são alguns deles. E claro, a Jean Clandinin e o Michael Connelly, os desbravadores da Pesquisa Narrativa.

Você pode perguntar: por que narrativas? Eu diria que a pesquisa narrativa permite que pesquisadores explorem e compreendam as experiências humanas de uma maneira mais profunda e rica. Ela se concentra em histórias pessoais e relatos de vida, fornecendo uma visão holística das experiências individuais e coletivas. Para Dewey, a experiência narrada nos guia para pensarmos "além da caixa preta", (CLANDININ, CONNELLY. 2015, pág 85) numa construção e reconstrução de experiências. É justamente sobre isso que estudamos nos relatos que se seguem.

Antes que me perguntem, eu sou Maria de Fátima Lucimara Santos Nóbrega. Nordestina, filha de mãe bordadeira e pai vendedor, irmã de mais 4 mulheres de garra e nomes com prefixos iguais: as "Luci's". Cultura nordestina. Hoje, uma estudante de mestrado que, aos 47 anos, volta à sala de aula para aprender em coletividade. Tarde? Oxente, nunca! Sou filha de Seu Elias Norberto. Não o do tempo, o nobre filósofo "Norbert Elias", mas o que se impôs a ele (o tempo). Voltou à sala de aula aos 70 anos, após se aposentar, para terminar seus estudos no EJA e fazer ENEM. E fez.

"Apois", cá estou, em tempo, e a fim de assuntar melhor todo o conteúdo vivido nessa experiência, catei cada registro das narrativas, das fotos, das vozes, das apresentações do que foi vivido e bordei neste caderno. Que possamos revisitá-lo, e quiçá, nos (re)encontrar em memórias afetivas à pesquisa narrativa, em qualquer tempo.

Boa leitura e boas memórias!

Maria de Fátima Lucimara Santos Nóbrega



O prefácio

**Profa. Dr^a Inês Ferreira de
Souza Bragança**

Professora da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp).

imagem: <https://www.researchgate.net/profile/Ines-Braganca-2>



MARÇO DE 2022

O Prefácio: uma carta

Por: Prof.^a Dra. Inês Ferreira de Souza Bragança

Campinas, 07 de setembro de 2023.

Queridas autoras e organizadora,
Queridas/os leitoras/es,

Que alegria receber o convite para fazer este prefácio! Tenho tido a felicidade de viver momentos formativos com as queridas professoras Adriana Alves, Juaciara Gomes e Luiza Oliveira, algumas bancas de trabalhos acadêmicos, a escrita de uma narrativa que compõe o livro "A docência (que) conta: narrativas de isolamento social", organizado por elas durante a pandemia e, agora, "A pesquisa (que) conta" nos aproxima ainda mais. Me sinto parte do Grupo de Pesquisa Espaço de Saberes - GRUPES!

Embalada pela leitura das narrativas, imagens e cores da presente obra, senti o desejo de escrever uma carta e, assim, seguir em conversa, pois o livro generosamente me colocou em uma roda com mulheres que partilham a vida em seus movimentos de (trans)formação. A leitura mobilizou pensamentos, palavras, sentimentos...

Que gostoso conhecer a história de constituição de um grupo de pesquisa da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro! Fui tomada por boas recordações e esperança! Lembro do Campus da UFRRJ, lindo, muito grande, muito verde, imagens tecidas há cerca de 30 anos atrás que ficaram marcadas e reaparecem para compor o cenário do espaço tempo onde trabalham. Mulheres professoras pesquisadoras que se unem como coletivo para tecer modos outros de habitar a Terra, a universidade, a escola! Este é um livro que fala da força instituinte que nos move e que se potencializa quando estamos juntas em coletivos docentes!

O Prefácio: uma carta

Por: Prof.^a Dra. Inês Ferreira de Souza Bragança

O tempo foi o mais difícil de nossas vidas, os anos de pandemia e isolamento social, o lugar, naquele momento ainda pouco conhecido, um espaço virtual que foi sendo pouco a pouco conhecido, ocupado, (re)territorializado a favor do encontro em tempos (im)pensáveis. O tema muito caro a todas nós - a pesquisa narrativa, especialmente por meio das contribuições de Jean Clandinin e Michael Connelly. Clássico entre nós, a obra Pesquisa Narrativa: experiência e história em pesquisa qualitativa (2015) marca um momento importante de chegada ao Brasil de uma literatura estrangeira que, dialogando com o que já fazíamos por aqui, foi abrindo brechas para a narrativa como possibilidade teórica, metodológica e estética da pesquisa em educação. Juntamente com obras organizadas pelo professor Antonio Nóvoa como O método (auto)biográfico e Histórias de vida e formação de professores tivemos uma alquimia boa e intensa de abordagens narrativas e (auto)biográficas, fertilizando pesquisa e formação humana.

As autoras da presente obra dividem conosco uma preciosidade de reflexões sobre, ou melhor, com a referida obra de Clandinin e Connelly e nos ajudam a refletir, tematizar modos de viver narrar pesquisar formar em partilha. Nos presenteiam com palavras delas enredadas com textos literários, com lampejos de suas histórias de vida, de autores estudados, de discussões e questões sobre a obra em uma roda de conversa que nos chama, nos convida a sentar e narrar também.

Da minha experiência de leitura ficaram lições e desejos. Com esse trabalho, vocês reafirmam a importância da documentação do que fazemos, que as autoras e autores que estudamos são companheirxs de viagem que se colocam em roda conosco e que a escrita pode ser encantadora e profunda, dizendo em sua forma conteúdo de outras possibilidades de escrita acadêmica, borrando fronteiras entre textos, imagens, entre o científico e o literário.

O Prefácio: uma carta

Por: Prof.^a Dra. Inês Ferreira de Souza Bragança

Fica o desejo de aprender mais com vocês, vamos fazer um encontro coletivo entre o GRUPES e o Grupo Interinstitucional de Pesquisa Formação Polifonia? Que tal apresentarem para nós os movimentos de tessitura desta obra? Para você leitora fica o convite/desejo que a leitura desperte vontade de também sentar à roda conosco para partilhar histórias e ainda outras lições sempre abertas e polifônicas.

Um abraço fraterno,

Inês Ferreira de Souza Bragança